

ESPIRITISMO EXPERIMENTAL

O LIVRO DOS MÉDIUNS

OU

GUIA DOS MÉDIUNS E DOS EVOCADORES

CONTENDO

O ENSINO ESPECIAL DOS ESPÍRITOS SOBRE A TEORIA DE TODOS OS TIPOS DE MANIFESTAÇÕES, OS MEIOS DE COMUNICAR COM O MUNDO INVISÍVEL, O DESENVOLVIMENTO DA MEDIUNIDADE, AS DIFICULDADES E OS PROBLEMAS QUE SE PODEM ENCONTRAR NA PRÁTICA DO ESPIRITISMO, PARA DAR SEQUÊNCIA A

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

POR

ALLAN KARDEC.

Croyez-vous en Dieu ?
Croyez-vous avoir une âme ?
Croyez-vous à la survivance de l'âme après la mort ?

Crê você em Deus?
Crê você possuir uma alma?
Crê você na sobrevivência da alma após a morte?

Tradução de
WLADIMIR OLIVIER

INTRODUÇÃO

A experiência nos confirma todos os dias a opinião de que as dificuldades e decepções que a gente encontra na prática espírita têm sua origem na ignorância dos princípios desta ciência, e nós nos sentimos felizes de estar em condições de avaliar que o trabalho que realizamos para premunir os adeptos quanto aos problemas de um noviciado trouxe seus frutos, e que muitos deveram à leitura desta obra o terem podido evitá-los.

Um desejo bem natural das pessoas que se ocupam de espiritismo é o de poderem entrar elas mesmas em comunicação com os Espíritos; é para lhes aplainar o caminho que esta obra se destina, ao fazer que tirem proveito do fruto de nossos longos e laboriosos estudos, pois se faria uma ideia muito errada, caso se pensasse que, para ser experto nesta matéria, fosse suficiente saber colocar os dedos sobre u'a mesa para fazê-la girar, ou pegar um lápis para escrever.

A gente se enganaria igualmente caso acreditasse achar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Se bem que cada um encerre em si a semente das qualidades necessárias para tornar-se médium, essas qualidades só existem em níveis muito diferentes, e seu desenvolvimento procede de causas que não depende de ninguém fazer nascer à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não produzem nem poetas, nem pintores, nem músicos dentre os que não possuem o gênio: elas guiam no uso das faculdades naturais. Dá-se o mesmo com nosso trabalho; seu objetivo é o de indicar os meios de desenvolver a faculdade medianímica tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e sobretudo de lhe dirigir o emprego de um modo útil, quando a faculdade existe. Mas esse não constitui em absoluto o único objetivo a que nos propusemos.

Ao lado dos médiuns propriamente ditos, existe a multidão, que cresce todos os dias, de pessoas que se ocupam de manifestações espíritas; guiá-las em suas observações, assinalar-lhes os problemas que elas podem e devem necessariamente encontrar em uma coisa nova, iniciá-las na maneira de conversar com os Espíritos, indicar-lhes os meios de obter boas comunicações, tal é o círculo que nós devemos abarcar sob pena de realizar uma coisa incompleta. Portanto, não será surpreendente em absoluto encontrar em nosso trabalho ensinamentos que, de início, poderão parecer alheios a ele; a experiência lhes demonstrará a utilidade. Após havê-lo estudado com atenção, a gente compreenderá melhor os fatos de que será testemunha; a linguagem de certos Espíritos parecerá menos estranha. Como instrução prática, ele não se endereça, pois, exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que estão em condições de perceber e de observar os fenômenos espíritas.

Algumas pessoas gostariam que nós publicássemos um manual prático bem sucinto, contendo, em poucas palavras, a indicação dos procedimentos a seguir para entrar em comunicação com os Espíritos; elas imaginam que, podendo um livro dessa natureza, através da modicidade de seu preço, ser espalhado com profusão, seria um poderoso meio de propaganda, ao multiplicar os médiuns; quanto a nós, olharíamos uma tal obra como mais nociva que útil, ao menos no momento. A prática do espiritismo se cerca de muitas dificuldades, e nem sempre está isenta de inconvenientes que só um estudo sério e completo pode prevenir. Logo, seria de temer que uma

indicação por demais sucinta provocasse experiências realizadas com leviandade e que poderiam causar arrependimento; essas são coisas com as quais não é nem *conveniente*, nem prudente brincar, e nós acreditaríamos prestar um mau serviço ao colocá-las à disposição do primeiro aturdido que achasse engraçado conversar com os mortos. Nós nos endereçamos às pessoas que percebem no espiritismo um fim sério, que lhe compreendem toda a gravidade, e não transformam em distração as comunicações com o mundo invisível.

Nós publicamos uma *Instrução Prática* com o fito de guiar os médiuns; tal obra se acha hoje esgotada e, embora ela possuísse um objetivo eminentemente grave e sério, nós não a reimprimiremos, porque não mais consideramos completa para esclarecer todas as dificuldades que se podem encontrar. Nós a substituímos por esta, em que reunimos todos os elementos que uma longa experiência e um estudo consciencioso nos puseram em condições de adquirir. Ela contribuirá, nós o esperamos no mínimo, para outorgar ao espiritismo o caráter sério, que é sua essência, e para afastar que se veja nele um motivo para ocupação frívola e para diversão.

A estas considerações nós juntaremos uma bastante importante; trata-se da má impressão que produz sobre as pessoas novatas ou mal preparadas a vista de experiências feitas levemente e sem conhecimento de causa; elas apresentam o inconveniente de fornecer do mundo dos Espíritos uma ideia muito falsa, e de oferecer-se como alvo à zombaria e a uma crítica amiúde bem fundada; eis porque os incrédulos saem dessas reuniões raramente convertidos e pouco dispostos a perceber um lado sério no espiritismo. A ignorância e a leviandade de certos médiuns causaram maior estrago que se imagina na opinião de muita gente.

O espiritismo fez grandes progressos em poucos anos, mas foram imensos sobretudo desde que entrou no caminho filosófico, porque foi avaliado por pessoas esclarecidas. Hoje não é mais um espetáculo: trata-se de uma doutrina de que não riem mais os que mofavam das mesas girantes. Ao realizar nossos esforços por trazê-lo e mantê-lo nesse terreno, nós temos a convicção de lhe conquistar mais partidários úteis do que ao provocar, a torto e a direito, manifestações de que se poderia abusar. Nós temos todos os dias a comprovação disso através do número de adeptos que promoveu a simples leitura de *O Livro dos Espíritos*.

Após haver exposto em *O Livro dos Espíritos* a parte filosófica da ciência espírita, nós oferecemos nesta obra a parte prática, para uso daqueles que desejam ocupar-se com as manifestações, seja por si mesmos, seja para compreenderem os fenômenos que eles podem ser chamados a presenciar. Eles verão aqui os problemas que poderão encontrar e conseguirão um meio de evitá-los. Essas duas obras, conquanto deem sequência uma à outra, são, até um certo ponto, independentes uma da outra; mas para quem quiser ocupar-se seriamente da coisa, nós diremos para ler primeiro *O Livro dos Espíritos*, porque contém os princípios fundamentais, sem os quais certas partes deste seriam talvez de difícil compreensão.

Melhorias importantes foram trazidas à segunda edição, muito mais completa que a primeira. Ela foi corrigida com um cuidado todo particular pelos Espíritos, que lhe juntaram um número bastante grande de observações e de mensagens do mais alto interesse. Como eles revisaram tudo, aprovaram ou modificaram à vontade, pode-se dizer que ela é, em grande parte, obra sua; pois sua intervenção não se limitou a alguns artigos assinados; nós indicamos os nomes apenas quando isso nos pareceu necessário para caracterizar certas citações um pouco extensas, como emanadas deles textualmente, caso contrário, teríamos de citá-los em quase todas as páginas, notadamente em todas as respostas às questões propostas, o que não nos pareceu útil. Os nomes, como se sabe, importam pouco em uma tal matéria; o essencial é que o conjunto do trabalho corresponde aos objetivos a que nós nos havíamos proposto. A acolhida dada à primeira edição, apesar de imperfeita, nos faz esperar que esta não seja tratada com menor consideração.

Como nós juntamos muitas coisas e vários capítulos inteiros, nós suprimimos alguns artigos que se repetiam, entre outros a *Escala espírita*, que já se acha em *O Livro dos Espíritos*. Nós

suprimimos igualmente do *Vocabulário* o que não se enquadrava especialmente nesta obra, e que se acha substituído de modo útil por coisas mais práticas. Esse vocabulário, aliás, não está em absoluto completo; nós o publicaremos mais tarde, separadamente, na forma de um pequeno dicionário da filosofia espírita; nós só conservamos aqui as palavras novas ou específicas, relativas ao tema de que nos ocupamos.

O LIVRO DOS MÉDIUNS

PRIMEIRA PARTE

NOÇÕES PRELIMINARES

CAPÍTULO PRIMEIRO

EXISTEM ESPÍRITOS?

1. A dúvida concernente à existência dos Espíritos tem por causa primária a ignorância de sua verdadeira natureza. Eles são representados geralmente como seres à parte na criação, e cuja necessidade não fica demonstrada. Muitos os conhecem apenas através dos contos fantásticos com os quais foram embalados, pouco mais ou menos como se conhece a história através dos romances; sem procurar saber se esses contos, livres dos acessórios ridículos, repousam sobre um fundo de verdade, unicamente o lado absurdo os choca; não se dando ao trabalho de remover a casca amarga para encontrar a amêndoa, eles rejeitam o todo, como fazem, na religião, os que, chocados com certos abusos, confundem tudo na mesma condenação.

Qualquer que seja a ideia que se faça dos Espíritos, essa crença se acha necessariamente fundada na existência de um princípio inteligente fora da matéria; ela é incompatível com a negação absoluta desse princípio. Nós tomamos, portanto, como nosso ponto de partida, a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, cuja demonstração teórica e dogmática cabe ao *espiritualismo*, e a demonstração de realidade, ao *espiritismo*. Façamos, por um instante, abstração das manifestações propriamente ditas, e raciocinemos por indução; vejamos a quais conseqüências nós chegaremos.

2. A partir do momento em que se admite a existência da alma e sua individualidade após a morte, é preciso admitir também: 1.º) Que ela possui uma natureza diferente da do corpo, porque, uma vez separada, ela não mantém as propriedades dele; 2.º) Que ela desfruta a consciência de si mesma, uma vez que se lhe atribuem a alegria ou o sofrimento, caso contrário, ela seria um ser inerte, e tanto faria para nós tê-la ou não. Em admitindo isso, essa alma vai a algum lugar; em que se transforma e para onde vai? Conforme a crença comum, vai ao céu ou ao inferno; mas onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu se achava no alto e o inferno, embaixo; mas que constitui o alto e o baixo no universo, desde que se conhece a esfericidade da Terra, o movimento dos astros, que faz que o que se acha no alto, em um dado momento, se torna o baixo em doze horas; e o infinito do espaço, no qual o olhar mergulha a distâncias incomensuráveis? É verdade que por lugares baixos entendem-se também as profundezas da terra; mas em que se tornaram essas profundezas, depois que foram exploradas pela geologia? Em que se tornaram igualmente essas esferas concêntricas chamadas de céu de fogo, céu de estrelas, depois que se sabe que a Terra não é o centro dos mundos, que nosso próprio Sol não passa de um dos milhões de sóis que brilham no espaço, e que cada um constitui o centro de um turbilhão planetário? Em que se tornou a importância da Terra perdida nessa imensidade? Por qual privilégio injustificável este grão de areia imperceptível, que não se distingue nem por seu volume, nem por sua posição, nem por um papel particular, seria só ele povoado de seres racionais? A razão se recusa a admitir essa inutilidade do infinito, e tudo nos afirma que esses mundos são habitados. Caso sejam povoados, eles fornecem, portanto, seu contingente para o mundo das almas; mas, ainda uma vez, em que se tornam essas almas, uma vez que a astronomia e a geologia destruíram as moradas que lhes estavam assinaladas, e sobretudo depois que a teoria tão racional da pluralidade dos mundos os multiplicou ao infinito? Não tendo como concordar a doutrina da localização das almas com os

dados da ciência, uma outra doutrina mais lógica lhes assinala por domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas o espaço universal: é todo um mundo invisível no meio do qual nós vivemos, que nos cerca e nos acotovela sem cessar. Existe nisso uma impossibilidade, qualquer coisa que repugna à razão? Absolutamente; tudo nos afirma, ao contrário, que não pode ser de outro modo. Mas em que se tornam os castigos e as recompensas futuras, se vocês lhes retiram os sítios especiais? Observem que a incredulidade quanto ao lugar desses castigos e recompensas é em geral provocada porque são apresentados em condições inadmissíveis; mas digam, em lugar disso, que as almas haurem sua felicidade ou sua infelicidade em si mesmas; que seu destino se subordina a seu estado moral; que a reunião das almas simpáticas e boas é uma fonte de felicidade; que, segundo seu nível de pureza, elas perpassam e divisam as coisas que se apagam diante das almas grosseiras, e todo o mundo o compreenderá sem esforço; digam ainda que as almas só chegam ao nível supremo através dos esforços que fazem para se melhorarem, e após uma série de provações que servem à sua purificação; que os anjos são as almas que chegaram ao último nível, que todos podem atingir com boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução de seus desígnios em todo o universo, que eles ficam felizes com essas missões gloriosas, e vocês outorgam à felicidade deles um objetivo mais útil e mais atraente que o de uma contemplação perpétua, que outra coisa não seria senão uma inutilidade perpétua; digam, enfim, que os demônios são apenas as almas dos maus não ainda purificadas, mas que podem progredir como as outras, e isso parecerá mais conforme à justiça e à bondade de Deus do que a doutrina dos seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal. Ainda uma vez, eis aqui o que a razão mais severa, a lógica mais rigorosa, o bom senso, em suma, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o espaço constituem precisamente o que se denomina de *Espíritos*; os *Espíritos* não são, pois, outra coisa senão as almas dos homens desprovidas de seu invólucro corpóreo. Se os *Espíritos* fossem seres à parte, sua existência seria mais hipotética; mas, caso se admita que existem almas, é bem preciso também admitir os *Espíritos*, que outros não são senão as almas; caso se admita que as almas estão por toda a parte, é preciso admitir igualmente que os *Espíritos* estão por toda a parte. Logo, não se poderia negar a existência dos *Espíritos* sem negar a das almas.

3. Isto constitui, é verdade, apenas uma teoria mais racional do que a outra; mas é muito já que uma teoria, que não contradizem nem a razão nem a ciência, caso, além do mais, seja corroborada através dos fatos, tenha por si a sanção do raciocínio e da experiência. Esses fatos, nós os encontramos no fenômeno de manifestações espíritas, que constituem também a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Mas, para muitas pessoas, ali para a crença; elas admitem a existência das almas, e, por conseguinte, a dos *Espíritos*, mas negam a possibilidade de comunicação com eles, pela razão, como afirmam, de que seres imateriais não têm como atuar na matéria. Essa dúvida se fundamenta na ignorância da verdadeira natureza dos *Espíritos*, da qual se faz geralmente uma ideia bastante falsa, pois eles são imaginados erroneamente como seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não acontece.

Representemos, primeiro, o *Espírito* em sua união com o corpo; o *Espírito* é o ser principal, uma vez que constitui o ser *pensante e sobrevivente*; o corpo não passa de um *acessório* do *Espírito*, um invólucro, uma veste que ele deixa quando estiver usada. Além desse invólucro material, o *Espírito* possui um segundo, semimaterial, que o une ao primeiro; quando da morte, o *Espírito* se despoja deste, mas não do segundo, ao qual damos o nome de *perispírito*. Esse invólucro semimaterial, que assume a forma humana, constitui para ele um corpo fluídico, vaporoso, mas que, nem por ser invisível para nós em seu estado normal deixa de apresentar algumas propriedades da matéria. Portanto, o *Espírito* não é um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual falta apenas ser visível e palpável para se parecer com os seres humanos. Por

que não atuaria ele sobre a matéria? É porque seu corpo é fluídico? Mas não é entre os fluidos mais rarefeitos, os que mesmo se consideram como imponderáveis, a eletricidade, por exemplo, que o homem acha seus mais poderosos motores?! Não exerce a luz imponderável uma ação química sobre a matéria ponderável? Nós não conhecemos a natureza íntima do perispírito; mas imaginemo-lo formado de matéria elétrica, ou outra também sutil; por que não apresentaria a mesma propriedade ao ser dirigido por uma vontade?

4. Sendo a existência da alma e a de Deus, que constituem a consequência uma da outra, a base de todo o edifício, antes de entabular alguma discussão espírita, importa que nos asseguremos se o interlocutor admite essa base. Caso às questões:

Crê você em Deus?

Crê você possuir uma alma?

Crê você na sobrevivência da alma após a morte?, ele responda negativamente, ou mesmo se disser simplesmente: *Eu não sei; eu gostaria que fosse assim, mas eu não estou seguro disso*, o que o mais das vezes equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos rude para evitar de chocar demasiado bruscamente o que ele denomina de preconceitos respeitáveis, seria do mesmo jeito inútil ir em frente como tentar demonstrar as propriedades da luz ao cego que não admitisse a luz; pois, definitivamente, as manifestações espíritas outra coisa não são que os efeitos das propriedades da alma; com esse aí, é preciso seguir uma ordem de ideias bem diferente, caso não se deseje perder tempo.

Se a base for admitida, não a título de *probabilidade*, mas como uma coisa aferida, incontestável, a existência dos Espíritos decorre de todo naturalmente.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o homem, quer dizer, se ele pode trocar pensamentos com ele. Mas por que não? Que é o homem, se não um Espírito aprisionado em um corpo? Por que o Espírito livre não poderia comunicar-se com o Espírito cativo, como o homem livre com o que está na cadeia? Desde que vocês admitem a sobrevivência da alma, é racional não admitir a sobrevivência das afeições? Uma vez que as almas estão por toda a parte, não é natural pensar que a de um ser que nos amou durante sua vida se acerque de nós, que deseje comunicar-se conosco e que se sirva para isso dos meios que estão à sua disposição? Durante sua vida, não atuava sobre a matéria de seu corpo? Não era quem lhe dirigia os movimentos? Por que, pois, após sua morte, de acordo com um outro Espírito ligado a um corpo, não tomaria emprestado esse corpo vivo para manifestar seu pensamento, como um mudo pode servir-se de um falante para se dar a compreender?

6. Façamos por um instante abstração dos fatos que, para nós, tornam a coisa incontestável; admitamo-la a título de simples hipótese; nós pedimos que os incrédulos nos comprovem, não através de uma simples negação, pois sua opinião pessoal não tem como constituir lei, mas através de razões peremptórias, que isso não é possível. Nós nos situamos em seu terreno e, uma vez que eles desejam avaliar os fatos espíritas com a ajuda das leis da matéria, que eles saquem, portanto, desse arsenal alguma demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica, e comprovem por *a* mais *b*, sempre partindo do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1.º) Que o ser que pensa em nós durante a vida não deve mais pensar após a morte;

2.º) Que, se ele pensa, não deve mais pensar nos que amou;

3.º) Que, se pensa nos que amou, não deve mais desejar comunicar-se com eles;

4.º) Que, se pode estar por toda a parte, não pode estar ao nosso lado;

5.º) Que, se está ao nosso lado, não pode comunicar-se conosco;

6.º) Que, através de seu invólucro fluídico, não pode atuar sobre a matéria inerte;

7.º) Que, se pode atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8.º) Que, se pode atuar sobre um ser animado, não pode dirigir sua mão para fazê-lo escrever;

9.º) Que, podendo fazê-lo escrever, não pode responder às suas questões e transmitir-lhe seu pensamento.

Quando os adversários do espiritismo nos houverem demonstrado que isso não é possível, através de razões tão patentes como aquelas através das quais Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então nós poderemos dizer que suas dúvidas são fundadas; infelizmente até agora toda sua argumentação se resume nestas palavras: *Eu não creio, portanto, isso é impossível*. Eles nos afirmarão, sem dúvida, que compete a nós comprovar a realidade das manifestações; nós a comprovamos a eles através dos fatos e do raciocínio; se eles não admitem nem um nem outros, se negam mesmo o que estão vendo, cabe a eles comprovar que nosso raciocínio é falso e que os fatos são impossíveis.

CAPÍTULO II

O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

7. Caso a crença nos Espíritos e em suas manifestações fosse uma concepção isolada, o produto de um sistema, poderia, com alguma aparência de razão, ser acusada de quimérica; mas resta ainda que nos expliquem por que se acha tão vivaz em todos os povos antigos e modernos, nos livros sagrados de todas as religiões conhecidas. Isso se dá, afirmam alguns críticos, porque, desde sempre, o homem amou o maravilhoso. — Que é o maravilhoso para vocês? — O sobrenatural. — Que entendem por sobrenatural? — O que é contrário às leis da natureza. — Conhecem vocês, portanto, tão bem essas leis que lhes é possível assinalar um limite ao poder de Deus? Muito bem! Então, provem que a existência dos Espíritos e suas manifestações contrariam as leis da natureza; que não constituem e não podem constituir uma dessas leis. Perlustrem a doutrina espírita e vejam se esse encadeamento não possui todos os caracteres de uma admirável lei, que resolve tudo o que as leis filosóficas não puderam resolver até hoje. O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade de atuar na matéria, de impressionar nossos sentidos, e, por conseguinte, de transmitir seu pensamento, resulta, se podemos exprimir-nos assim, de sua constituição fisiológica; logo, não existe nesse fato nada de sobrenatural, nada de maravilhoso. Que um homem morto, e bem morto, reviva corporeamente, que seus membros dispersos se reúnam para recompor seu corpo, eis aí o maravilhoso, o sobrenatural, o fantástico; essa seria uma verdadeira derrogação que Deus não teria como realizar senão através de um milagre, mas não existe nada de semelhante na doutrina espírita.

8. Entretanto, dir-se-á, vocês admitem que um Espírito possa erguer u'a mesa e mantê-la no espaço sem ponto de apoio; não se trata de uma derrogação da lei de gravidade? — Sim, da lei conhecida; mas terá dito a natureza sua última palavra? Antes que se houvesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem teria afirmado que uma pesada máquina,

levando muitos homens, fosse capaz de triunfar sobre a força de atração? Aos olhos do vulgo, isso não devia parecer maravilhoso, diabólico? Quem se tivesse proposto, há um século, a transmitir um despacho a quinhentas léguas e receber-lhe a resposta em alguns minutos teria passado por louco; caso o tivesse feito, teriam acreditado que ele tinha o diabo a suas ordens, pois, então, tão só o diabo era capaz de ir tão depressa. Por que um fluido desconhecido não teria a propriedade, em determinadas circunstâncias, de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogênio contrabalança o peso do balão? Isto, observemo-lo de passagem, é uma comparação, mas não uma identificação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o fato não é fisicamente impossível. Ora, foi precisamente quando os cientistas, na observação destes tipos de fenômenos, desejaram proceder por meio de identificação que se perderam. De resto, o fato aí está; todas as negativas não poderão fazer que não esteja, pois negar não é comprovar; para nós, ele não apresenta nada de sobrenatural; eis tudo o que podemos dizer a respeito no momento.

9. Se o fato se acha constatado, dir-se-á, nós o aceitamos; nós aceitamos mesmo a causa que você acaba de assinalar, a de um fluido desconhecido; mas quem comprova a intervenção dos Espíritos? Aí se situa o maravilhoso, o sobrenatural.

Precisaria, neste ponto, de toda uma demonstração, que não estaria em seu devido lugar e que pecaria, aliás, por duplicidade, pois ressaí de todas as outras partes do ensino. Todavia, para resumi-la em poucas palavras, nós afirmaremos que ela se acha fundamentada, em teoria, sobre este princípio: todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente; na prática, sobre a observação: os fenômenos ditos espíritas, tendo dado provas de inteligência, deviam ter sua causa fora da matéria; não sendo essa inteligência a dos presentes — este é um resultado da experiência —, devia estar fora deles; uma vez que não se via o ser atuando, é que se tratava, assim, de um ser invisível. Foi então que, de observação em observação, se chegou a reconhecer que esse ser invisível, ao qual se deu o nome de Espírito, não é outro senão a alma dos que viveram corporeamente, e de cujo grosseiro invólucro invisível a morte despojou, deixando-lhes tão somente um invólucro etéreo, invisível em seu estado normal. Eis aí, portanto, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos a sua mais simples expressão. Uma vez constatada a existência de seres invisíveis, sua ação sobre a matéria advém da natureza de seu invólucro fluídico; tal ação é inteligente, porque, ao morrerem, eles só perderam seu corpo, mas conservaram a inteligência, que é sua essência; eis aqui a chave de todos esses fenômenos reputados de forma errônea como sobrenaturais. A existência dos Espíritos não constitui em absoluto, portanto, um sistema preconcebido, uma hipótese imaginada para explicar os fatos; trata-se do resultado de observações, e da consequência natural da existência da alma; negar esta causa é negar a alma e seus atributos. Que os que pensariam poder oferecer a esses efeitos inteligentes uma solução mais racional, sendo capazes sobretudo de definir a razão de *todos os fatos*, estejam dispostos a fazê-lo, e então se poderá discutir o mérito de cada uma.

10. Aos olhos dos que veem a matéria como a única força da natureza, *tudo o que não pode ser explicado através das leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*; e, para eles, *maravilhoso* é sinônimo de *superstição*. A esse título, a religião, fundamentada na existência de um princípio imaterial, seria um enredo de superstições; eles não ousam dizer muito alto, mas o dizem bem baixo, e creem salvar as aparências ao concederem que se precisa de uma religião para o povo e para fazer que as crianças fiquem ajuizadas; ora, de duas, uma: ou o princípio religioso é verdadeiro ou é falso; caso seja verdadeiro, aplica-se a todo o mundo; caso seja falso, não é melhor para os ignorantes que para as pessoas esclarecidas.

11. Os que atacam o espiritismo em nome do maravilhoso se apoiam, pois, geralmente, no princípio materialista, uma vez que, ao negarem todo efeito extramaterial, eles negam, *ipso facto*, a

existência da alma; sondem o fundo de seu pensamento, perscrutem bem o sentido de suas palavras e vocês perceberão, quase sempre, esse princípio, caso ele esteja categoricamente formulado, despontar para fora de uma pretensa filosofia racional com que o cobrem. Ao rejeitarem, pondo na conta do maravilhoso tudo o que redundava da existência da alma, eles são consequentes consigo mesmos; ao não admitirem a causa, eles não têm como admitir o efeito; daí, entre eles, uma opinião preconcebida que os torna inadequados para julgar com discernimento o espiritismo, porque partem do princípio da negação de tudo o que não é material. Quanto a nós, visto admitirmos os efeitos consequentes da existência da alma, seguir-se-ia que aceitávamos todos os fatos qualificados de maravilhosos; que seríamos os paladinos de todos os sonhadores, os adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Precisaria conhecer bem pouco o espiritismo para pensar assim; mas nossos adversários não examinam a coisa tão de perto; a necessidade de conhecer o de que eles falam é a menor de suas preocupações. Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o espiritismo se apoia em fatos maravilhosos; logo, o espiritismo é absurdo: este é para eles um julgamento sem apelação. Eles creem opor um argumento sem réplica, quando, após terem realizado pesquisas eruditas a respeito dos convulsionários de Saint-Médard, dos *camisolões* das Cévennes ou das religiosas de Loudun, chegam a descobrir fatos patentes de mistificação que ninguém contesta; mas constituem essas histórias o evangelho do espiritismo? Teriam seus partidários negado que o charlatanismo tenha explorado certos fatos em seu proveito; que a imaginação os tenha criado; que o fanatismo os tenha exagerado muitíssimo? Ele não se solidariza com as extravagâncias que se possam cometer em seu nome mais do que a verdadeira ciência, com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião, com os excessos do fanatismo. Muitos críticos julgam o espiritismo apenas através dos contos de fadas e das lendas populares, que constituem suas ficções; equivaleria isso a julgar a história pelos romances históricos ou as tragédias.

12. Em lógica elementar, para discutir uma coisa, precisa conhecê-la, pois a opinião de um crítico tem valor apenas quando ele fala com perfeito conhecimento de causa; somente então seu parecer, embora errôneo, pode ser tomado em consideração; mas que peso pode ter em matéria que não conhece? A verdadeira crítica tem de comprovar, não somente erudição, mas um conhecimento profundo a respeito do objeto de que trata, um juízo correto e uma imparcialidade a toda prova, caso contrário, o primeiro rabequeiro poderia arrogar-se o direito de julgar Rossini, e um borra-tintas, o de censurar Rafael.

13. O espiritismo não aceita, portanto, em absoluto, todos os fatos reputados maravilhosos ou sobrenaturais; longe disso, ele demonstra a impossibilidade de um grande número e o ridículo de certas crenças que constituem, propriamente falando, a superstição. É verdade que, dentre os fatos que admite, existem coisas que, para os incrédulos, pertencem ao maravilhoso mais puro, isto é, à superstição; seja; mas, ao menos, discutam apenas esses pontos, pois sobre os outros ele não tem nada para dizer e vocês pregarão a convertidos. Ao atacarem o que ele mesmo refuta, vocês comprovam sua ignorância a respeito, e seus argumentos caem no vazio. Mas, onde para a crença do espiritismo?, perguntar-se-á. Leiam e observem, e vocês o saberão. Toda ciência só se adquire com o tempo e o estudo; ora, o espiritismo, que toca nas questões mais graves da filosofia, em todos os ramos da ordem social, que abarca de uma só vez o homem físico e o homem moral, é, ele mesmo, toda uma ciência, toda uma filosofia, que não tem como ser apreendida em algumas horas, como toda e qualquer ciência; existiria tanta puerilidade em ver todo o espiritismo em u'ra mesa girante, quanto em ver toda a física em certos brinquedos de criança. Para quem não deseja quedar na superfície, não são horas, mas meses e anos que são necessários para lhe sondar todos os arcanos. Que se julgue por aí o nível do saber e o valor da opinião dos que se arrogam o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, o mais das vezes como distração ou passatempo.

Eles afirmarão, sem dúvida, que não possuem folga para dedicar todo o tempo necessário a esse estudo; seja; nada os força a isso; mas, então, quando não se tem tempo para conhecer uma coisa, que não se atreva a falar dela, e ainda menos a julgá-la, caso não se deseje ser acusado de leviandade; ora, mais a gente ocupe uma posição elevada na ciência, menos se é desculpável por tratar levemente de um assunto que não se conhece.

14. Eis o nosso resumo nos tópicos seguintes:

1.º) Todos os fenômenos espíritas têm por princípio a existência da alma, sua sobrevivência ao corpo e suas manifestações;

2.º) Achando-se fundamentados esses fenômenos em uma lei da natureza, eles não apresentam nada de *maravilhoso* nem de *sobrenatural*, no sentido coloquial dessas palavras;

3.º) Muitos fatos são reputados sobrenaturais apenas porque não se conhece sua causa; ao lhes assinalar uma causa, o espiritismo os recoloca no domínio dos fenômenos naturais;

4.º) Entre os fatos qualificados de sobrenaturais, existem muitos cuja impossibilidade o espiritismo demonstra e que ele situa entre as crenças supersticiosas;

5.º) Se bem que o espiritismo reconheça em muitas crenças populares um fundo de verdade, ele não aceita de forma alguma a interdependência de todas as histórias fantásticas criadas pela imaginação;

6.º) Julgar o espiritismo a partir dos fatos que ele não admite é dar prova de ignorância, e suprimir de todo o valor da própria opinião;

7.º) A explicação dos fatos admitidos pelo espiritismo, suas causas e suas consequências morais constituem toda uma ciência e toda uma filosofia, que requerem um estudo sério, perseverante e aprofundado;

8.º) O espiritismo não pode considerar como crítico sério senão aquele que tivesse tudo visto, tudo estudado, tudo aprofundado, com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que soubesse tanto desse assunto quanto o adepto mais esclarecido; que houvesse, por conseguinte, haurido seus conhecimentos alhures e não nos romances científicos; a quem não se pudesse opor *nenhum fato* de que não tivesse conhecimento, nenhum argumento sobre que não tivesse meditado; que refutasse, não através de negativas, mas por outros argumentos mais peremptórios; que pudesse, enfim, assinalar uma causa mais lógica para os fatos atestados. Esse crítico está ainda para ser encontrado.

15. Nós pronunciamos há pouco a palavra *milagre*; uma curta observação a respeito desse assunto não ficará deslocada em um capítulo sobre o maravilhoso.

Em sua acepção primitiva e por sua etimologia, a palavra milagre significa *coisa extraordinária, coisa admirável de ver*; mas essa palavra, como tantas outras, se afastou do sentido original, e hoje em dia se diz (segundo a Academia) *de um ato do poder divino contrário às leis comuns da natureza*. Tal é, de fato, sua acepção usual, e não é senão através de comparação ou de metáfora que se aplica às coisas corriqueiras que nos surpreendem e cuja causa é desconhecida. Não entra em absoluto em nossos planos examinar se Deus pôde considerar útil, em certas circunstâncias, derrogar as leis estabelecidas por ele mesmo; nossa meta é unicamente demonstrar que os fenômenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, não derrogam em absoluto essas leis e não possuem nenhum caráter miraculoso, além de não serem maravilhosos ou sobrenaturais. O milagre não se explica; os fenômenos espíritas, ao contrário, se explicam do modo mais racional; logo, não constituem milagres, mas simples efeitos que encontram sua razão de ser nas leis gerais. O milagre possui ainda um outro caráter: o de ser insólito e isolado. Ora, desde o momento em que um fato se reproduz, por assim dizer, à vontade, e por diversas pessoas, isso não pode ser um milagre.

A ciência faz todos os dias milagres aos olhos dos ignorantes; eis aí porque outrora os que sabiam mais do que o populacho passavam por feiticeiros; e, como se acreditava que toda ciência sobre-humana provinha do diabo, a gente os queimava. Hoje em dia, quando somos muito mais civilizados, a gente se contenta em enviá-los aos manicômios.

Que um homem realmente morto, como dissemos no começo, seja chamado à vida através de uma intervenção divina, trata-se de um verdadeiro milagre, porque isso contraria as leis na natureza. Mas, caso esse homem não apresente senão as aparências da morte, caso exista nele ainda um resto de *vitalidade latente* e caso a ciência, ou uma ação magnética, contribua para reanimá-lo, para as pessoas esclarecidas trata-se de um fenômeno natural; mas, aos olhos do povo ignorante, o fato passará por miraculoso, e o autor será perseguido a pedradas ou será venerado, conforme o caráter dos indivíduos. Que, no centro de determinados terrenos, um físico solte uma pipa elétrica e faça cair o raio sobre uma árvore, esse novo Prometeu será com certeza visto como armado de um poder diabólico; e, seja dito de passagem, Prometeu nos parece simplesmente haver antecedido Franklin; mas Josué, suspendendo o movimento do Sol, ou antes, da Terra, eis aí o verdadeiro milagre, pois nós não conhecemos nenhum magnetizador dotado de uma tão grande força para operar um tal prodígio. De todos os fenômenos espíritas, um dos mais extraordinários é, sem controvérsia, o da escrita direta, um dos que demonstram da maneira mais patente a ação de inteligências ocultas; mas, do fato de ser produzido por seres ocultos, ele não é mais miraculoso que todos os outros fenômenos que se devem a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços constituem uma das forças da natureza, força cuja ação é incessante sobre o mundo material, da mesma forma que sobre o mundo moral.

Ao esclarecer-nos a respeito dessa força, o espiritismo nos fornece a chave de uma grande quantidade de coisas não explicadas e inexplicáveis através de qualquer outro meio, e que puderam, em tempos recuados, passar por prodígios; ele revela, assim como o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, ao menos mal compreendida; ou melhor, cujos efeitos se conheciam, pois se produziram em todos os tempos, sem que a lei fosse conhecida, e foi a ignorância da lei que engendrou a superstição. Uma vez conhecida essa lei, o maravilhoso desaparece, e os fenômenos retornam à ordem das coisas naturais. Eis aí porque os espíritas não executam milagres ao fazerem girar u'a mesa ou escreverem os falecidos, não mais que o médico ao fazer reviver um moribundo ou o físico, ao fazer cair o raio. Quem pretendesse, com a ajuda desta ciência, *executar milagres*, seria ou um ignorante da coisa ou um fabricante de otários.

16. Os fenômenos espíritas, assim como os fenômenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, tiveram de passar por prodígios; ora, como os céticos, os cérebros fortes, quer dizer, os que possuem o privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não creem em que uma coisa seja possível, a partir do momento em que eles não a compreendem; eis aí porque todos os fatos reputados prodigiosos constituem motivo para seus sarcasmos; e como a religião contém um grande número de fatos desse tipo, eles não creem na religião, e daí à incredulidade absoluta não existe mais que um passo. O espiritismo, ao explicar a maior parte desses fatos, lhes fornece uma razão de ser. Logo, ele vem em ajuda da religião, ao demonstrar a possibilidade de certos fatos que, por não possuírem mais o caráter de miraculosos, não são por isso menos extraordinários, e Deus não é nem menor, nem menos poderoso, por não haver derogado suas leis. De quantas caçoadas não foram motivo as levitações de São Cupertino! Ora, a suspensão etérea dos corpos pesados é um fato explicado através da lei espírita; nós fomos dele *pessoalmente testemunha ocular*, e o Senhor Home, além de outras pessoas de nosso relacionamento, renovaram, por diversas vezes, o fenômeno produzido por São Cupertino. Logo, esse fenômeno pertence à ordem das coisas naturais.

17. No número dos fatos desse tipo, é preciso colocar, na primeira linha, as aparições, porque são os mais frequentes. A da Salette, que divide até mesmo o clero, não apresenta para nós nada de insólito. Seguramente, nós não podemos afirmar que tal fato aconteceu, porque não temos sua comprovação material; mas, para nós, ele é possível, tendo em vista os milhares de fatos análogos *recentes* que conhecemos; nós cremos neles, não somente porque sua realidade foi atestada por nós, mas sobretudo porque nós conhecemos perfeitamente a maneira pela qual se produzem. Que se concorde em se buscar a teoria que nós fornecemos mais adiante sobre as aparições, e se verá que esse fenômeno se torna tão simples e tão plausível quanto uma infinidade de fenômenos físicos que são prodigiosos apenas por falta de se possuir a chave deles. Quanto à personagem que se apresentou na Salette, constitui uma outra questão; sua identidade não nos foi demonstrada de forma alguma; nós constatamos simplesmente que uma aparição pode ter acontecido; o resto não é de nossa competência; cada um pode a respeito manter suas convicções; o espiritismo não tem de se ocupar disso; nós afirmamos somente que os fatos produzidos pelo espiritismo nos revelam novas leis e nos fornecem a chave de uma grande quantidade de coisas que pareciam sobrenaturais; se alguns dos que passam por miraculosos encontram aí uma explicação lógica, isso constitui um motivo para ninguém se apressar em negar o que não compreende.

Os fenômenos espíritos são contestados por certas pessoas precisamente porque parecem sair da lei comum e porque não alcançam explicação. Ofereçam-lhes uma base racional, e a dúvida acaba. A explicação, neste século em que a gente não se contenta com palavras, é, assim, um poderoso motivo de convicção; por isso, nós vemos todos os dias pessoas que não testemunharam nenhum fato, que não viram sequer u'a mesa girar, nem um médium escrever, e que ficaram tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Caso se devesse crer apenas no que se viu com seus olhos, nossas convicções se reduziriam a bem pouca coisa.

CAPÍTULO III

MÉTODO

18. O desejo bastante natural e bastante louvável de todo adepto, desejo que não se poderia encorajar mais, é o de fazer prosélitos. É com o fito de facilitar sua tarefa que nós nos propomos a examinar aqui o caminho mais seguro, segundo nós, de alcançar esse alvo, a fim de lhes poupar esforços inúteis.

Nós dissemos que o espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia; quem deseja seriamente conhecê-lo tem, como primeira condição, de se obrigar a um estudo sério e de se persuadir de que, não mais que qualquer outra ciência, ele não pode ser assimilado brincando. O espiritismo, como dissemos, toca em todas as questões de interesse da humanidade; seu campo é imenso, e é sobretudo no que concerne a suas consequências que convém encará-lo. A crença nos Espíritos lhe forma sem dúvida a base, porém, ela não é suficiente para produzir um espírito

esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para produzir um teólogo. Vejamos, pois, de que modo convém proceder nesse ensino para trazer mais seguramente a convicção.

Que os adeptos não se assustem de forma alguma com essa palavra ensino; não existe apenas o ensino ministrado do alto da cátedra ou da tribuna; existe também o da simples conversação. Toda pessoa que busca persuadir uma outra, seja por via de explicações, seja por via de experiências, pratica o ensino; o que nós desejamos é que esse trabalho traga frutos; eis porque nós cremos dever dar alguns conselhos, de que poderão igualmente tirar proveito os que desejam instruir-se por si mesmos; eles aqui encontrarão o meio de chegar mais seguramente e mais prontamente ao objetivo.

19. A gente crê geralmente que, para convencer, seja suficiente demonstrar os fatos; esse parece com efeito o caminho mais lógico, entretanto, a experiência demonstra que nem sempre esse é o melhor caminho, pois a gente encontra muitas vezes pessoas que os fatos mais patentes não convencem de forma alguma. Qual a importância disso? É o que nós vamos tentar demonstrar.

No espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consequente; ela não constitui o ponto de partida, e aí precisamente se acha o erro em que a gente cai e que promove o malogro diante de certas pessoas. Não sendo os Espíritos nada além que as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é, portanto, a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que os seres vivem fora do mundo material, quando ele se crê a si mesmo apenas material? Como pode crer em Espíritos ao redor, quando ele não crê possuir um em si? Em vão, a gente acumulará a seus olhos as provas mais palpáveis; ele as contestará a todas, porque não admite o princípio. Todo ensino metódico deve proceder do conhecido para o desconhecido: para o materialista, o conhecido é a matéria; partam, pois, da matéria e tratem, antes de tudo, ao fazer que ele a observe, de convencê-lo de que existe nele algo que escapa às leis da matéria; em suma: *antes de torná-lo ESPÍRITA, empenhem-se em torná-lo ESPIRITUALISTA*; mas, para isso, precisa de toda uma outra ordem de fatos, um ensino todo especial, para o qual se tem de proceder através de outros meios; falar-lhe de Espíritos, antes que esteja convencido de possuir uma alma, é começar por onde se deveria terminar, pois ele não tem como admitir a conclusão, caso não admita as premissas. Antes, portanto, de empreender a conversão de um incrédulo, mesmo através dos fatos, convém assegurar-se de sua opinião quanto à alma, quer dizer, se ele crê em sua existência, em sua sobrevivência ao corpo, em sua individualidade após a morte; caso sua resposta seja negativa, será esforço perdido falar-lhe de Espíritos. Eis aqui a regra; nós não afirmamos que ela não tenha exceção, mas ocorre que, nesse caso, existe provavelmente uma outra causa que o deixa menos refratário.

20. Entre os materialistas, é preciso distinguir duas classes: na primeira nós colocaremos os que o são *por sistema*; para eles, não existe em absoluto a dúvida; existe a negação absoluta, raciocinada a sua maneira; a seus olhos, o homem constitui apenas u'a máquina que funciona enquanto está montada, que quebra e da qual, após a morte, resta apenas a carcaça. Seu número é felizmente muito restrito e não constitui, em lugar algum, uma escola altamente considerada. Nós não temos necessidade de insistir sobre os deploráveis efeitos que resultariam para a ordem social com a vulgarização de uma tal doutrina; nós nos estendemos suficientemente sobre este assunto em *O Livro dos Espíritos* (n.º 147 e Conclusão, § III).

Quando nós dissemos que a dúvida cessa entre os incrédulos na presença de uma explicação racional, é preciso, apesar de tudo, excetuar os materialistas, os que negam todo poder e todo princípio inteligente fora da matéria; a maior parte deles se obstina em sua opinião por orgulho, e crê seu amor-próprio comprometido em persistir nela; eles, então, persistem, apesar de todas as provas contrárias, porquanto não desejam ser rebaixados. Com tal gente, não se tem o que fazer; não se deve mesmo deixar-se prender pelo falso semblante de sinceridade dos que dizem:

façam-me ver e eu acreditarei. Existem os que são mais francos e dizem sem rodeios: ainda que eu estivesse vendo, eu não acreditaria.

21. A segunda classe de materialistas, e muito mais numerosa, pois o verdadeiro materialismo constitui um sentimento antinatural, compreende os que o são por indiferença e, pode-se dizer, *por falta de coisa melhor*; eles não o são por deliberação proposital e não querem outra coisa senão crer, pois a incerteza lhes constitui um tormento. Existe neles uma vaga aspiração rumo ao futuro; mas esse futuro lhes foi apresentado sob cores que sua razão não consegue aceitar; daí a dúvida, e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Entre eles, a incredulidade não constitui, portanto, absolutamente, um sistema; por isso, apresentem-lhes algo racional, e eles o aceitam com entusiasmo; são esses que podem compreender-nos, pois se acham mais perto de nós do que nem eles mesmos sem dúvida imaginam. Com o primeiro, não falem nem de revelação, nem de anjos, nem do paraíso: ele não os compreenderia; mas, ao se colocarem em seu terreno, comprovem-lhe, primeiro, que as leis da fisiologia são incapazes de justificar tudo: o mais virá em seguida. É totalmente o contrário quando a incredulidade não é preconcebida, pois, então, a crença não se acha absolutamente aniquilada; constitui uma semente oculta, abafada por ervas daninhas, mas que um lampejo é capaz de reanimar; é o cego a quem se devolve a visão, e que fica feliz por rever a luz; é o naufrago a quem se deita uma tábua de salvação.

22. Ao lado dos materialistas propriamente ditos, existe uma terceira classe de incrédulos que, conquanto espiritualistas, ao menos no nome, não deixam de ser muito refratários: são os *incrédulos de má vontade*. Esses ficariam contrariados com o fato de crer, porque isso lhes perturbaria a tranquilidade dos prazeres materiais; ele têm medo de ver aí a condenação de sua ambição, de seu egoísmo e das vanglórias humanas com que se deliciam; eles fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não escutar. A gente só pode lastimá-los.

23. Nós falaremos apenas para registro de uma quarta categoria que chamaremos a dos *incrédulos interesseiros ou de má-fé*. São os que sabem muito bem o que opinar sobre o espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Deles não existe nada que dizer, como não existe nada que fazer com eles. Se o materialista puro se engana, ele tem ao menos para desculpá-lo a boa-fé; a gente pode trazê-lo de volta, ao lhe comprovar seu erro; aqui, trata-se de uma prevenção contra a qual todos os argumentos vêm rebentar; o tempo se encarregará de lhes abrir os olhos e de lhes demonstrar, talvez às próprias custas, onde se achavam seus verdadeiros interesses, pois, não podendo impedir a verdade de se expandir, eles serão arrastados pela torrente, e com eles os interesses que acreditavam salvar.

24. Além dessas diversas categorias de opositores, existe uma infinidade de nuances dentre as quais se podem contar os *incrédulos por pusilanimidade*: a coragem lhes chegará quando virem que os outros não se estão queimando; os *incrédulos por escrúpulos religiosos*: um estudo esclarecido lhes ensinará que o espiritismo se apoia nas bases fundamentais da religião e que respeita todas as crenças; que um de seus efeitos é o de fornecer sentimentos religiosos aos que não os possuem, e de fortalecê-los junto aos que são vacilantes; a seguir, vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por indolência, por leviandade etc. etc.

25. Nós não podemos omitir uma categoria que chamaremos a dos *incrédulos por decepções*. Ela compreende as pessoas que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, porque experimentaram contratempos; então, desencorajados, elas tudo abandonaram, tudo rejeitaram. Elas se acham no caso de quem negasse a boa-fé, porque foi enganado. Trata-se ainda do resultado de um estudo incompleto do espiritismo e de uma falta de experiência. Quem é mistificado pelos Espíritos geralmente o é porque lhes pergunta o que eles não devem ou não

podem dizer, ou porque não se acha assaz esclarecido sobre o tema para distinguir a verdade da impostura. Muitos, aliás, veem no espiritismo apenas um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos lá estão para ler a sorte; ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem vaza para se divertirem às suas custas: eis como eles anunciarão maridos às mocinhas; ao ambicioso, as honrarias, as heranças, os tesouros escondidos etc.: daí, com frequência, as decepções desagradáveis, mas de que o homem sério e prudente pode sempre preservar-se.

26. Uma classe muito numerosa, a mais numerosa mesmo de todas, mas que não poderia ser alinhada entre as dos opositores, é a dos que *não têm certeza*; eles são geralmente *espiritualistas por princípio*; para a maior parte deles, existe uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de algo que não são capazes de definir; só falta a seus pensamentos ser coordenados e formulados; o espiritismo constitui para eles como uma chispa de luz: é o clarão que dissipa a bruma; por isso, eles o acolhem com avidez, porque ele os livra das angústias da incerteza.

27. Caso lançarmos daqui um olhar sobre as diversas categorias de *crentes*, nós acharemos primeiro *os espíritas sem que o saibam*; constituem, propriamente dita, uma variedade ou uma nuance da classe precedente. Sem terem jamais ouvido falar da doutrina espírita, eles possuem o sentimento inato dos grandes princípios que decorrem dele, e esse sentimento se reflete em certas passagens de seus escritos e de seus discursos, a tal ponto que, ao ouvi-los, se crê acharem-se completamente iniciados. A gente encontra numerosos exemplos disso nos escritores sacros e profanos, nos poetas, nos oradores, nos moralistas, nos filósofos antigos e modernos.

28. Entre os que um estudo direto convenceu podem-se distinguir:

1.º) Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. O espiritismo constitui para eles uma simples ciência de observação, uma série de fenômenos mais ou menos curiosos; nós os chamaremos *espíritas experimentadores*.

2.º) Os que não veem no espiritismo outra coisa senão os fenômenos; eles compreendem a parte filosófica; eles admiram a moral que dela decorre, mas eles não a praticam. Sua influência sobre seu caráter é insignificante ou nula; eles não mudam nada em seus hábitos e não se privam de um único prazer; o avaro permanece sempre sovina, o orgulhoso sempre cheio de si mesmo, o invejoso e o ciumento sempre hostis; para eles, a caridade cristã não é mais que uma bela máxima; constituem esses *os espíritas imperfeitos*.

3.º) Os que não se contentam em admirar a moral espírita, mas que a praticam e lhe aceitam todas as consequências. Convencidos de que a existência terrestre é uma prova passageira, eles se empenham em tirar proveito desses breves instantes para caminhar na estrada do progresso, única que é capaz de elevá-los na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se em praticar o bem e em reprimir seus pendores ruins; suas relações são sempre seguras, pois sua convicção os aparta de todo pensamento do mal. A caridade é, em todas as coisas, a regra de sua conduta; constituem esses *os verdadeiros espíritas*, ou melhor, *os espíritas cristãos*.

4.º) Existem, enfim, os *espíritas exaltados*. A espécie humana seria perfeita, caso se apegasse apenas ao lado bom das coisas. A exageração em tudo é nociva; no espiritismo, ela proporciona uma confiança demasiado cega e com frequência pueril nas coisas do mundo invisível, e faz aceitar assaz facilmente e sem controle aquilo cujo absurdo ou cuja impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam; mas o entusiasmo não reflexiona: ele deslumbra. Este tipo de adeptos é mais nocivo que útil à causa do espiritismo; eles são os menos adequados a convencer, porque a gente desconfia, com razão, de seu juízo; eles são logrados com muito boa-fé, seja por Espíritos mistificadores, seja por homens que buscam explorar sua credulidade. Caso devessem sofrer sozinhos as consequências, não haveria senão um mal pela metade; o pior é que eles fornecem, sem querer, armas aos incrédulos que procuram, antes de tudo, tais ocasiões mais para zombar do

que para se convencer, e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Isso, não há dúvida, não é nem justo nem racional, mas, a gente sabe, os adversários do espiritismo reconhecem apenas sua razão como sendo de bom quilate, e conhecer a fundo o de que falam é o menor de seus cuidados.

29. Os meios de convicção variam extremamente, conforme os indivíduos; o que persuade a uns não comove em nada a outros; um tal é convencido através de certas manifestações materiais, tal outro através de comunicações inteligentes, o maior número através de argumentos racionais. Nós podemos mesmo dizer que, para a maioria dos que não se predispõem através do raciocínio, os fenômenos materiais apresentam pouco peso; mais esses fenômenos são extraordinários e se apartam das leis conhecidas, mais encontram oposição, e isso por uma razão muito simples: ocorre que a gente é naturalmente levada a duvidar de uma coisa que não possua uma sanção racional; cada um a encara de seu ponto de vista e a explica a sua maneira: o materialista percebe ali uma causa puramente física ou uma trama; o ignorante e o supersticioso, uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia tem por efeito eliminar as ideias preconcebidas e demonstrar, se não a realidade, ao menos a possibilidade da coisa; assim, a gente a compreende antes de ter visto; ora, do momento em que se reconhece tal possibilidade, a convicção está três quartas partes completada.

30. É útil procurar convencer um incrédulo obstinado? Nós dissemos que isso depende das causas e da natureza de sua incredulidade; amiúde, a insistência que se põe em persuadi-lo faz que ele creia em sua importância pessoal, e essa é uma razão para se obstinar ainda mais. Quem não se convence nem através do raciocínio, nem dos fatos, é que tem ainda de sofrer a provação da incredulidade; é preciso deixar à Providência o cuidado de trazer-lhe circunstâncias mais favoráveis; muitas pessoas pedem para receber a luz para que se perca tempo com as que a rejeitam; dirijam-se, portanto, aos homens de boa vontade, cujo número é maior do que se imagina, e seu exemplo, ao se multiplicar, vencerá mais resistências que as palavras. O verdadeiro espírito não ficará jamais sem o bem para praticar; sem corações aflitos para aliviar, sem consolações para oferecer, sem desesperos para acalmar, sem reformas morais para efetuar; ali se acha sua missão; ali também ele encontrará sua verdadeira satisfação. O espiritismo está no ar; ele se expande através da força das coisas e porque torna felizes os que o professam. Quando seus adversários sistemáticos o ouvirem ressoar em torno de si, entre seus amigos mesmo, compreenderão seu isolamento e serão forçados a calar ou a render-se.

31. Para proceder, no ensino do espiritismo, como se faria com as ciências ordinárias, precisaria passar em revista toda a série dos fenômenos que se podem produzir, a começar dos mais simples e chegar, sucessivamente, aos mais complicados; ora, é justamente isso que não se consegue, pois seria impossível realizar um curso de espiritismo experimental, como se realiza um curso de física e de química. Nas ciências naturais, trabalha-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade, e se está quase sempre certo de poder regular-lhe os efeitos; no espiritismo, lida-se com inteligências que possuem sua liberdade e que nos comprovam, a cada instante, que não se submetem a nossos caprichos; é preciso, portanto, observar, aguardar os resultados, colhê-los de passagem; por isso nós afirmamos, em bom som, que *quem se vangloriasse de obtê-los à vontade só pode ser um ignorante ou um impostor*; eis porque o espiritismo VERDADEIRO não se porá jamais como espetáculo e não subirá jamais nos tabladados. Existe mesmo algo de ilógico em supor que os Espíritos venham realizar exposições e se submeter à investigação como objetos de curiosidade. Os fenômenos podem, pois, ou não ocorrer, quando se tem necessidade deles, ou apresentar-se de modo de todo diferente do que se desejava. Juntemos ainda que, para obtê-los, se precisa de pessoas dotadas de faculdades especiais, e que tais faculdades variam ao infinito,

conforme a aptidão dos indivíduos; ora, como é extremamente raro que a mesma pessoa possua todas as aptidões, constitui uma dificuldade a mais, pois precisaria sempre ter à mão uma verdadeira coleção de médiuns, o que é bem pouco possível.

O meio de prevenir esse inconveniente é muito simples; é o de começar através da teoria; ali todos os fenômenos são passados em revista; eles são explicados e a gente é capaz de apreendê-los, compreendendo sua possibilidade e conhecendo as condições nas quais conseguem produzir-se e os obstáculos com que podem defrontar-se; qualquer que seja a situação para a qual são trazidos pelas circunstâncias, eles não possuem nada que possa surpreender. Esta caminhada oferece ainda uma outra vantagem: a de prevenir uma infinidade de decepções a quem deseja trabalhar; premunido contra as dificuldades, a pessoa pode precaver-se e evitar de adquirir a experiência às suas custas.

Desde que nós nos ocupamos de espiritismo, seria difícil de dizer o número das pessoas que se aproximaram de nós e, dentre elas, quantas vimos que permaneceram indiferentes ou incrédulas perante os fatos mais patentes, e que se convenceram apenas mais tarde através de uma explicação raciocinada; quantas outras se predispuseram à convicção através do raciocínio; quantas, enfim, se persuadiram sem terem visto nada, mas unicamente porque haviam compreendido. Logo, é com experiência que nós falamos, e eis também porque nós dizemos que o melhor método de ensino espírita é o de se dirigir à razão antes de se dirigir aos olhos. É o que nós seguimos em nossas lições, e nós não temos senão que nos aplaudir por isso¹.

32. O estudo prévio da teoria apresenta uma outra vantagem; é a de demonstrar imediatamente a grandeza da finalidade e o alcance desta ciência; quem começa vendo uma mesa girar ou bater é mais suscetível ao sarcasmo, porque é difícil conceber que de u'a mesa possa surgir uma doutrina regeneradora da humanidade. Nós temos sempre insistido em que os que creem antes de terem visto, mas porque leram e compreenderam, longe de serem superficiais, são, ao contrário, os que mais meditam; apegando-se mais ao fundo que à forma, para eles a parte filosófica constitui o principal e os fenômenos propriamente ditos, o acessório, e eles afirmam que, mesmo que esses fenômenos não existissem, não deixaria de sobejar uma filosofia, a única que resolve certos problemas insolúveis até agora; a única que fornece do passado do homem e de seu futuro a teoria mais racional; ora, eles preferem uma doutrina que explica às que não explicam ou que explicam mal. Qualquer um que reflita compreende muito bem que se poderia fazer abstração das manifestações, e que nem por isso a doutrina deixaria de subsistir; as manifestações concorrem para corroborá-la, para confirmá-la, porém, elas não constituem sua base essencial; o observador sério não as rejeita, ao contrário, mas ele aguarda as circunstâncias favoráveis que lhe permitirão testemunhá-las. A prova disto que nós antecipamos se encontra no fato de que, antes de ouvirem falar das manifestações, uma grande quantidade de pessoas tiveram a intuição desta doutrina, que apenas ofereceu um corpo, um conjunto a suas ideias.

33. De resto, não seria correto dizer que os que começam pela teoria carecem de temas relativos às observações práticas; eles os possuem, ao contrário, e devem apresentar a seus olhos uma importância até mesmo maior que os que pudessem produzir-se diante deles, ou seja, os fatos numerosos resultantes de *manifestações espontâneas*, de que nós falaremos nos capítulos seguintes. Existem poucas pessoas que não têm conhecimento deles, ao menos por ouvir dizer; muitas são as que os obtiveram por si mesmas, sem lhes prestar senão uma atenção medíocre. A teoria tem por efeito oferecer-lhes a explicação deles; e nós afirmamos que esses fatos têm grande importância, uma vez que se apoiam em testemunhos irrecusáveis, porquanto não se podem pressupor nem arranjos nem conivência. Caso os fenômenos provocados não existissem, nem por

¹ Nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito.

isso os fenômenos espontâneos deixariam de subsistir, e o espiritismo de ter como resultado o fornecimento de uma solução racional, o que já seria muito. Assim, a maior parte dos que leem antecipadamente relacionam suas lembranças a esses fatos, que constituem para eles uma confirmação da teoria.

34. A gente se enganaria estranhamente a respeito de nossa maneira de ver, caso supusesse que nós aconselhamos negligenciar os fatos; foi através dos fatos que nós chegamos à teoria; é verdade que nos foi preciso, para tanto, um trabalho assíduo de muitos anos e de milhares de observações; mas, uma vez que os fatos nos serviram e nos têm servido todos os dias, nós seríamos inconsequentes com nós mesmos ao lhes contestar a importância, agora sobretudo que estamos elaborando um livro destinado a dá-los a conhecer. Nós afirmamos somente que, sem o raciocínio, eles não são suficientes para determinar a convicção; que uma explicação prévia, destruindo as prevenções e demonstrando que eles não são contrários à razão, *predispõe* a aceitá-los. Isso é tão verdadeiro que, de dez pessoas completamente bisonhas que assistirem a uma sessão de experimentação, seja ela das mais satisfatórias do ponto de vista dos adeptos, haverá nove que sairão sem estar convencidas, e várias mais incrédulas que antes, porque as experiências não terão correspondido à sua expectativa. Sucederá exatamente o contrário com as que puderem tomar ciência deles através de um conhecimento teórico antecipado; para elas, trata-se de um meio de controle, mas nada as surpreende, nem mesmo o insucesso, uma vez que sabem em que condições os fatos se produzem, e que só se deve pedir-lhes o que eles podem fornecer. A inteligência prévia dos fatos coloca-as diretamente, portanto, em condição de tomar ciência de todas as anomalias, mas, por outro lado, ela lhes permite dominar uma série de detalhes, de nuances amiúde bastante delicadas, que constituem para elas meios de convicção, e que escapam ao observador ignorante. Tais são os motivos que nos forçam a não admitir em nossas sessões experimentais senão pessoas que possuam noções preparatórias suficientes para compreender o que aí se faz, persuadidos que estamos de que as outras perderiam aí seu tempo ou nos fariam perder o nosso.

35. Os que desejarem adquirir esses conhecimentos preliminares através da leitura de nossas obras, eis aqui a ordem que nós lhes aconselhamos:

1.º) *O que é o espiritismo?* Esta brochura, de uma centena de páginas somente, constitui uma exposição sumária dos princípios da doutrina espírita, um passar de olhos geral que permite abarcar o conjunto sob um quadro restrito. Em poucas palavras, a gente percebe seu alvo e é capaz de julgar seu alcance. Encontra-se aí, além disso, a resposta às principais questões ou objeções que os novatos se acham naturalmente dispostos a realizar. Essa primeira leitura, que demanda pouco tempo, constitui uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2.º) *O Livro dos Espíritos*; contém a doutrina completa ditada pelos Espíritos, eles mesmos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais; constitui o destino do homem revelado e a iniciação à natureza dos Espíritos e aos mistérios da vida de além-túmulo. Lendo-o, compreende-se que o espiritismo possui uma finalidade séria, e não se trata de um passatempo frívolo.

3.º) *O Livro dos Médiuns*; está destinado a nortear a prática das manifestações, através do conhecimento dos meios mais adequados à comunicação com os Espíritos; constitui um guia seja para os médiuns, seja para os evocadores, e o complemento de *O Livro dos Espíritos*.

4.º) *A Revista Espírita*; trata-se de uma coleção variada de fatos, de explicações teóricas e de trechos destacados que completam o que se acha dito nas duas obras precedentes, e de que constitui, de certa forma, a aplicação. Tal leitura pode ser feita ao mesmo tempo, mas será de maior proveito e de maior compreensão sobretudo após a de *O Livro dos Espíritos*.

Eis aí o que concerne a nós. Os que desejam tudo conhecer a respeito de uma ciência devem necessariamente ler tudo o que se escreveu sobre a matéria, ou, ao menos, as coisas principais, e não se limitar a um só autor; devem mesmo ler o pró e o contra, as críticas tanto quanto as apologias, e iniciar-se nos diferentes sistemas a fim de poder julgar através da comparação. Neste aspecto, nós não preconizamos nem criticamos nenhuma obra, não desejando influir em nada sobre a opinião que se possa formar a respeito: trazendo nossa pedra ao edifício, nós nos posicionamos: não nos compete ser juiz e parte, nem temos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz; compete ao leitor distinguir o que é bom e o que é mau, o que é verdadeiro e o que é falso.

CAPÍTULO IV

SISTEMAS

36. Quando os fenômenos estranhos do espiritismo começaram a produzir-se, quer dizer, a renovar-se nestes últimos tempos, o primeiro sentimento que eles excitaram foi o da dúvida a respeito de sua própria realidade e ainda mais a respeito de sua causa. Assim que foram atestados por testemunhos irrecusáveis e por experiências que cada qual pôde realizar, ocorreu que cada um os interpretou a sua maneira, conforme suas ideias pessoais, suas crenças e suas prevenções; daí os numerosos sistemas que uma observação mais atenta devia reduzir a sua devida proporção.

Os adversários do espiritismo acreditaram encontrar um argumento nessa divergência de opiniões, dizendo que os espíritas mesmos não estão de acordo entre si. Tratava-se de uma bem pobre razão, se a gente refletir que os passos de toda ciência nascente são necessariamente trôpegos, até que o tempo haja permitido reunir e coordenar os fatos que possam assentar a opinião; à medida que os fatos vão completando-se e vão sendo melhor observados, as ideias prematuras se apagam e a unidade se estabelece, ao menos quanto aos pontos fundamentais, caso isso não se dê em todos os detalhes. Foi o que ocorreu com o espiritismo; ele não podia fugir à lei comum, e devia mesmo, por sua natureza, prestar-se mais que qualquer outra coisa à diversidade das interpretações. Pode-se mesmo dizer que, nesse aspecto, ele avançou mais rápido que outras ciências mais velhas, a medicina, por exemplo, que divide ainda os maiores sábios.

37. Pelo princípio metódico, para seguir a marcha progressiva das ideias, convém colocar no alto os que se podem chamar *sistemas da negação*, quer dizer, os dos adversários do espiritismo. Nós refutamos suas objeções na introdução e na conclusão de *O Livro dos Espíritos*, assim como na pequena obra intitulada: *O que é o espiritismo?* Seria supérfluo voltar ao tema aqui; nós nos limitaremos a recordar, em duas palavras, os motivos sobre que eles se fundamentam.

Os fenômenos espíritas são de dois tipos: os efeitos físicos e os efeitos inteligentes. Não admitindo a existência dos Espíritos, pela razão de não admitirem nada fora da matéria, concebe-se que eles neguem os efeitos inteligentes. Quanto aos efeitos físicos, eles os comentam de seu ponto de vista, e seus argumentos podem ser resumidos nos quatro sistemas seguintes.

38. *Sistema de charlatanismo.* Entre os antagonistas, muitos atribuem os efeitos físicos à trapaça, pela razão de que alguns puderam ser imitados. Tal suposição transformaria todos os espíritas em tolos e todos os médiuns em fazedores de tolos, sem considerar a posição, o caráter, o saber e a honorabilidade das pessoas. Caso merecesse uma resposta, nós diríamos que certos fenômenos da física são também imitados pelos prestidigitadores, e que isso não prova nada contra a verdadeira ciência. Existem, aliás, pessoas cujo caráter afasta toda suspeita de fraude, e precisaria ser desprovido de toda civilidade e de toda urbanidade para ousar vir dizer-lhes face a face que são cúmplices de charlatanismo. Em um salão muito respeitável, tendo-se um senhor que se declarava bem-educado permitido uma reflexão dessa natureza, a dona da casa lhe disse: “Senhor, uma vez que não está contente, a gente lhe devolverá seu dinheiro à porta”, e com um gesto fez que compreendesse o que tinha de melhor a fazer. Deve-se afirmar, à vista disso, que jamais existiram abusos? Precisaria, para crê-lo, admitir que os homens sejam perfeitos. Abusa-se de tudo, mesmo das coisas mais santas; por que não se abusaria do espiritismo? Mas o mau uso que se pode fazer de uma coisa não pode levar a presumir nada contra a coisa em si mesma; a vigilância que se pode exercer no tocante à boa-fé das pessoas está em sua motivação. Onde não existe especulação, o charlatanismo não tem nada que fazer.

39. *Sistema da loucura.* Algumas pessoas, por condescendência, desejam afastar a suspeita de trapaça e pretendem que os que não fazem tolos sejam tolos eles mesmos: isso equivale a dizer que são imbecis. Quando os incrédulos são menos formais, eles dizem bem simplesmente que se é louco, atribuindo-se assim sem cerimônia o privilégio do bom senso. Eis aí o grande argumento dos que não possuem uma boa razão a opor. De resto, esse modo de ataque tornou-se ridículo de tanta banalidade e não merece que se perca tempo em refutá-lo. Os espíritas, aliás, não se comovem de jeito nenhum com isso; eles tomam bravamente seu partido, e se consolam pensando que têm por companheiros de infortúnio muitas pessoas cujo mérito não poderia ser contestado. É preciso, com efeito, convir que essa loucura, caso loucura exista, possui um caráter bem singular: sucede que ela ataca de preferência a classe esclarecida, na qual o espiritismo conta até o presente a imensa maioria de seus adeptos. Caso nesse número se achem algumas excentricidades, elas não depõem contra esta doutrina mais do que os loucos religiosos depõem contra a religião; os loucos melômanos contra a música; os loucos matemáticos contra as matemáticas. Todas as ideias encontraram fanáticos exagerados, e seria preciso estar dotado de um juízo bem obtuso para confundir a exageração de uma coisa com a coisa em si mesma. Nós remetemos, para mais amplas explicações sobre este assunto, à nossa brochura: *O que é o espiritismo?* e a *O Livro dos Espíritos* (Introdução, § 15).

40. *Sistema da alucinação.* Uma outra opinião, menos ofensiva já que apresenta um pequeno colorido científico, consiste em pôr os fenômenos na conta da ilusão dos sentidos; assim, o observador seria de muito boa-fé; somente ele creia ver o que não vê. Quando vê u’a mesa erguer-se e manter-se no espaço sem ponto de apoio, a mesa não teria saído do lugar; ele a vê no ar por uma espécie de miragem ou por um efeito de refração, como o que faz ver um astro ou um objeto na água fora de sua posição real. Isso seria possível a rigor; mas os que testemunharam esse fenômeno puderam constatar a o isolamento passando sob a mesa suspensa, o que parece difícil se ela não houvesse deixado o solo. Por outro lado, aconteceu muitas vezes que a mesa se quebrou ao cair: dir-se-á também que se trata apenas de uma ilusão de ótica?

Uma causa fisiológica bem conhecida pode, sem dúvida, fazer que se creia ver girar uma coisa que não se mexe, ou que se creia girar a si mesmo, quando se está imóvel; mas quando diversas pessoas em torno de u’a mesa são arrastadas por um movimento tão rápido que elas se esforçam para seguir, que algumas são às vezes jogadas por terra, dir-se-á que todas estão presas de vertigem, como o bêbado que crê ver passar sua casa a sua frente?

41. *Sistema do músculo estalador.* Caso fosse assim quanto à vista, não poderia ser diferente quanto ao ouvido, e, quando as batidas se ouvem por toda uma assembleia, não se pode racionalmente atribuí-las a uma ilusão. Nós afastamos, bem entendido, toda ideia de fraude, e nós supomos que uma observação atenta averiguou que elas não se devem a nenhuma causa fortuita ou material.

É verdade que um sábio médico forneceu uma explicação peremptória a respeito; segundo ele²: “A causa se acha, diz ele, nas contrações voluntárias ou involuntárias do tendão do músculo do pequeno perônio.” Ele adentra nesse tema até os detalhes anatômicos mais completos para demonstrar através de qual mecanismo esse tendão é capaz de produzir esses ruídos, imitar as batidas do tambor e mesmo executar árias ritmadas: donde ele conclui que os que creem ouvir batidas em u’a mesa são enganados ou por u’a mistificação ou por uma ilusão. O fato não é novo em si mesmo; infelizmente para o autor dessa pretensa descoberta, sua teoria não tem como ratificar todos os casos. Digamos, primeiro, que os que gozam da singular faculdade de fazer estalar à vontade seu músculo do pequeno perônio, ou qualquer outro, e de executar árias musicais através desse meio, são sujeitos excepcionais, ao passo que a de fazer as mesas baterem é muito comum, e os que a possuem estão muito longe de usufruírem a primeira. Em segundo lugar, o sábio doutor se esqueceu de explicar como o estalido muscular de uma pessoa imóvel e isolada da mesa consegue nela produzir vibrações sensíveis ao tato; como esse ruído consegue repercutir, à vontade dos presentes, nas diferentes partes da mesa, nos outros móveis, contra as paredes, no teto etc.; como, enfim, a ação desse músculo consegue alcançar u’a mesa que não se toca e fazê-la mover. Tal explicação, de resto, caso exista aí uma, não invalidaria senão o fenômeno das batidas, porém, não consegue reportar-se a todos os outros modos de comunicação. Concluamos que ele julgou sem ter visto, ou sem ter visto tudo e bem visto. É sempre lastimável que os homens de ciência se apressem em oferecer sobre o que não conhecem explicações que os fatos podem desmentir. Seu saber mesmo deveria fazê-los tanto mais circunspectos em seus julgamentos, quanto ele alarga para eles os limites do desconhecido.

42. *Sistema das causas físicas.* Aqui nós saímos do sistema de negação absoluta. Estando aferida a realidade dos fenômenos, o primeiro pensamento que naturalmente veio à mente dos que os reconheceram foi de atribuir os movimentos ao magnetismo, à eletricidade ou à ação de um fluido qualquer, em suma, a uma causa de todo física, material. Essa opinião não apresentava nada de irracional e ela teria prevalecido caso o fenômeno estivesse limitado a efeitos puramente mecânicos. Uma circunstância mesma parecia corroborá-la: tratava-se, em certos casos, do acréscimo da força em razão do número de pessoas; cada uma delas podia assim ser considerada como um dos elementos de uma pilha elétrica humana. O que caracteriza uma teoria verdadeira, como dissemos, é o fato de poder tudo elucidar; mas, se um único fato a contradisser, é que ela é falsa, incompleta ou por demais absoluta. Ora, foi o que não tardou a ocorrer aqui. Esses movimentos e essas batidas forneceram sinais inteligentes, ao obedecerem à vontade e ao responderem ao pensamento; eles tinham, portanto, de possuir uma causa inteligente. Uma vez que o efeito cessava de ser puramente físico, a causa, *ipso facto*, devia ter outra origem; por isso, o sistema de ação *exclusiva* de um agente material foi abandonado e não se encontra senão entre os que julgam *a priori e sem ter visto*. Logo, o ponto capital está em constatar a ação inteligente, e é aquele com o qual se pode convencer a quem queira ter o trabalho de observar.

² Senhor Jobert (de Lamballe). Para ser justo, é preciso dizer que tal descoberta se deve ao Senhor Schiff; o Senhor Jobert desenvolveu-lhe as consequências diante da Academia dos médicos para dar o golpe de misericórdia nos Espíritos batedores. Acham-se todos os detalhes na *Revista Espírita* do mês de junho de 1859.

43. *Sistema do reflexo*. Uma vez reconhecida a ação inteligente, restava saber qual era a origem dessa inteligência. Pensou-se que poderia ser do médium ou dos presentes, que se refletiria como a luz ou as ondas sonoras. Isso era possível: apenas a experiência podia dizer sua última palavra. Mas, primeiro, assinalemos que esse sistema se afasta já completamente da ideia puramente materialista: para que a inteligência dos presentes pudesse reproduzir-se por via indireta, precisaria admitir no homem outro princípio além do organismo.

Caso o pensamento expresso houvesse sido sempre o dos presentes, a teoria da reflexão teria sido confirmada; ora, mesmo reduzido a essa proporção, não era o fenômeno do mais alto interesse? Repercutindo o pensamento em um corpo inerte e traduzindo-se no movimento e no ruído, não se tratava de algo notável? Não havia ali com que espicaçar a curiosidade dos sábios? Por que, pois, eles o desdenharam, eles que se afadigam na busca de uma fibra nervosa?

Unicamente a experiência, dizemos nós, podia denotar a falsidade ou a correção dessa teoria, e a experiência lhe denotou a falsidade, pois ela demonstra a cada instante, e através dos fatos mais positivos, que o pensamento expresso pode ser não somente estranho ao dos presentes, mas que muitas vezes ele é inteiramente contrário; que ele vem contradizer todas as ideias preconcebidas, frustrar todas as previsões; com efeito, quando eu penso branco e ele me responde negro, me é difícil crer que a resposta provenha de mim mesmo. Há quem se apoie em alguns casos de identidade entre o pensamento expresso e o dos presentes, mas que comprova isso, se não que os presentes podem pensar como a inteligência que se comunica? Não está escrito que eles devam ser sempre de opinião oposta. Quando, na conversação, o interlocutor emite um pensamento análogo ao seu, vocês dirão, por causa disso, que ele provém de vocês? São suficientes alguns exemplos contrários bem investigados para comprovar que essa teoria não tem como ser absoluta. Como, aliás, explicar através da reflexão do pensamento a escrita produzida por pessoas que não sabem escrever, as respostas do mais alto alcance filosófico obtidas através de pessoas iletradas, as que são fornecidas às questões mentais ou em uma língua desconhecida do médium, e mil outros fatos que não podem deixar dúvida a respeito da independência da inteligência que se manifesta? A opinião contrária não pode ser senão o resultado de um defeito de observação.

Se a presença de uma inteligência estranha é comprovada moralmente através da natureza das respostas, ela o é materialmente através do fenômeno da escrita direta, quer dizer, da escrita obtida espontaneamente, sem pena nem lápis, sem contato, e não obstante todas as precauções tomadas para se garantir de qualquer subterfúgio. O caráter inteligente do fenômeno não poderia ser revogado pela dúvida; portanto, existe algo mais que uma ação fluídica. Depois, a espontaneidade do pensamento expresso além de qualquer expectativa, de qualquer questão proposta, não permite ver aí um reflexo do pensamento dos presentes.

O sistema do reflexo é assaz descortês em certos casos; quando, em uma reunião de pessoas honestas, sobrevém inopinadamente uma dessas comunicações revoltantes de grosseria, seria proceder a um péssimo cumprimento aos presentes pretender que ela provenha de um deles, e é provável que cada um se apressasse em repudiá-la. (Ver *O Livro dos Espíritos*, Introdução, § 16.)

44. *Sistema da alma coletiva*. É uma variante do precedente. Segundo este sistema, unicamente a alma do médium se manifesta, porém, ela se identifica com a de vários outros viventes, presentes ou ausentes, e forma um *todo coletivo*, reunindo as aptidões, a inteligência e os conhecimentos de cada um. Conquanto a brochura onde tal teoria está exposta se intitule *A Luz*³, ela nos pareceu de um estilo muito obscuro; nós confessamos tê-la pouco compreendido, e a citamos apenas como registro. Trata-se, aliás, como muitas outras, de uma opinião individual que fez poucos prosélitos. O nome de *Emah Tirpsé* é o que toma o autor para designar o ser coletivo

³ Comunhão. A luz do fenômeno do Espírito. Mesas falantes, sonâmbulos, médiuns, milagres. Magnetismo espiritual: poder da prática da fé. Por *Emah Tirpsé*, uma alma coletiva escrevendo por intermédio de uma prancheta. Bruxelas, 1858, Casa Devroye.

que ele representa. Ele coloca como epígrafe: *Não existe nada escondido que não deva ser conhecido*. Esta proposição é evidentemente falsa, pois existe uma grande quantidade de coisas que o homem não pode e não deve saber; bem presunçoso seria quem pretendesse penetrar todos os segredos de Deus.

45. *Sistema sonambólico*. Este sistema possuiu mais partidários, e conta mesmo ainda com alguns. Como o precedente, ele admite que todas as comunicações inteligentes têm sua origem na alma ou no Espírito do médium; mas, para explicar a aptidão dele para tratar de assuntos fora de seu conhecimento, em lugar de supor-lhe uma alma múltipla, ele atribui essa aptidão a uma superexcitação temporária das faculdades mentais, a um tipo de estado sonambólico ou extático, que exalta e amplia sua inteligência. Não se tem como negar, em certos casos, a influência dessa causa; mas basta ter visto operar a maior parte dos médiuns para se convencer de que ela não consegue resolver todos os fatos, e que constitui a exceção e não a regra. Poder-se-ia crer que acontecesse desse modo, caso o médium tivesse sempre o ar de um inspirado ou de um extático, aparência que ele poderia, aliás, perfeitamente simular, se desejasse representar a comédia; mas como crer na inspiração, quando o médium escreve como u'a máquina, sem apresentar a menor consciência do que obtém, sem a menor emoção, sem se ocupar com aquilo que está fazendo, a olhar somente alhures, rindo e conversando de uma coisa e outra? Concebe-se a superexcitação das ideias, mas não se compreende que possa fazer escrever quem não saiba escrever, e ainda menos quando as comunicações são transmitidas através de batidas, ou com a ajuda de uma prancheta ou de uma cesta. Nós veremos, na sequência desta obra, a parte que se deve imputar à influência das ideias do médium; mas os fatos em que a inteligência estranha se revela através de sinais incontestáveis são tão numerosos e tão evidentes que eles não podem deixar dúvida quanto a este aspecto. A falha da maioria dos sistemas eclodidos na origem do espiritismo consistiu em extrair conclusões gerais de alguns fatos isolados.

46. *Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco*. Aqui nós adentramos uma outra ordem de ideias. Tendo sido constatada a intervenção de uma inteligência estranha, tratava-se de saber qual era a natureza dessa inteligência. O meio mais simples era, sem dúvida, perguntar a ela, mas certas pessoas não encontraram aí uma garantia suficiente, e não quiseram ver em todas as manifestações senão uma obra diabólica; segundo elas, apenas o diabo ou os demônios conseguem comunicar-se. Conquanto este sistema encontre pouco eco hoje em dia, não deixou de gozar, por um instante, de algum crédito, tendo em vista o caráter mesmo dos que procuraram fazê-lo prevalecer. Nós temos, todavia, de registrar que os partidários do sistema demoníaco não devem em absoluto ser alinhados entre os adversários do espiritismo; bem ao contrário. Que os seres que se comunicam sejam demônios ou anjos, são sempre seres incorpóreos; por isso, admitir a manifestação de demônios é sempre admitir a possibilidade de comunicar-se com o mundo invisível, ou, ao menos, com uma parte desse mundo.

A crença na comunicação exclusiva dos demônios, seja, embora, irracional, podia não parecer impossível quando se consideravam os Espíritos como seres criados independentemente da humanidade; mas, depois que se soube que os Espíritos outra coisa não são que as almas dos que viveram, ela perdeu todo seu prestígio, e se pode dizer toda verossimilhança, uma vez que se seguiria que todas essas almas sejam demônios, fossem as de um pai, de um filho ou de um amigo, e que nós mesmos, ao morrer, nos tornamos demônios, doutrina pouco lisonjeira e pouco consoladora para muitas pessoas. Será bem difícil persuadir u'a mãe de que a criança querida que ela perdeu, e que lhe vem oferecer após sua morte provas de sua afeição e de sua identidade, seja um ser endiabrado. É verdade que, entre os Espíritos, existem os muito maus que não valem mais que os que a gente chama de *demônios*, por uma razão bem simples: ocorre que existem homens muito maus que a morte não faz imediatamente melhores; a questão é de saber se são os únicos

que conseguem comunicar-se. Aos que pensam desse modo, nós endereçamos as questões seguintes:

1.^a) Existem bons e maus Espíritos?

2.^a) É Deus mais poderoso que os maus Espíritos ou que os demônios, se vocês preferem chamá-los assim?

3.^a) Afirmar que apenas os maus se comunicam significa dizer que os bons não são capazes disso; se for assim, de duas, uma: isso ocorre pela vontade ou contra a vontade de Deus. Se é contra sua vontade, é que os maus Espíritos são mais poderosos que ele; se é por sua vontade, por que, em sua bondade, não permitiria ele o mesmo aos bons para contrabalançar a influência dos outros?

4.^a) Qual prova poderiam vocês fornecer da incapacidade dos bons Espíritos de se comunicarem?

5.^a) Quando se opõe a vocês a sabedoria de certas comunicações, vocês respondem que o demônio coloca todas as máscaras para melhor seduzir. Nós sabemos, com efeito, que existem Espíritos hipócritas que dão à sua linguagem um falso verniz de sabedoria; mas admitem vocês que a ignorância se possa contrapor ao verdadeiro saber, e uma perversa natureza se contrapor à verdadeira virtude, sem deixar nada transparecer que possa denunciar a fraude?

6.^a) Se apenas o demônio se comunica, uma vez que é o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda ele orar a Deus, submeter-se a sua vontade, sofrer sem murmurar contra as tribulações da vida, não ambicionar nem honras nem riquezas, praticar a caridade e todas as máximas do Cristo; em suma, fazer tudo o que é necessário para destruir seu império? Se é o demônio quem oferece tais conselhos, é preciso convir que, por mais manhoso seja, é bem desastrado ao proporcionar armas contra si mesmo.⁴

7.^a) Uma vez que os Espíritos se comunicam, é que Deus o permite; ao ver as boas e as más comunicações, não é mais lógico pensar que Deus permite umas para nos experimentar, e as outras para nos aconselhar o bem?

8.^a) Que pensariam vocês de um pai que deixasse seu filho à mercê dos exemplos e dos conselhos perniciosos, e que afastasse dele, que o proibisse de ver as pessoas que pudessem desviá-lo do mal? O que um bom pai não faria, deve-se pensar que Deus, que constitui a bondade por excelência, fizesse menos do que faria um homem?

9.^a) A Igreja reconhece como autênticas certas manifestações da Virgem e de outros santos, nas aparições, visões, comunicações orais etc.; não se acha essa crença em contradição com a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios?

Nós cremos que certas pessoas professaram essa teoria de boa-fé; mas cremos também que várias o fizeram unicamente tendo em vista furtar-se a essa ocupação, por causa das más comunicações que se está exposto a receber; ao dizerem que apenas o diabo se manifesta, eles pretenderam assustar, mais ou menos como quando se diz a uma criança: não toque nisso, porque isso queima. A intenção pode ser louvável, mas falhou a finalidade, pois a proibição apenas excita a curiosidade e o medo do diabo segura bem pouca gente; deseja-se vê-lo, o que ocorreria apenas no intuito de ver como ele é feito, e se espantam totalmente por não o acharem tão feio quanto o pintavam.

Não se poderia perceber uma outra razão para esta teoria exclusiva do diabo? Existem pessoas que acham que todos os que não são de seu parecer estão errados; por isso, não estariam os que pretendem que todas as comunicações são obra do demônio sendo movidos pelo medo de

⁴ Esta questão se acha tratada em *O Livro dos Espíritos* (n.ºs 128 e seguintes); mas nós recomendamos para o assunto, como para tudo quanto toque a parte religiosa, a brochura intitulada: *Carta de um Católico sobre o Espiritismo*, pelo Senhor Doutor Grand, antigo cônsul da França (Casa Ledoyen. In-18; preço: 1 franco), assim como a que iremos publicar com o título de *Os Contraditores do Espiritismo*, sob o ponto de vista da religião, da ciência e do materialismo.

não encontrar os Espíritos de acordo consigo em todos os pontos, nos que tocam aos interesses deste mundo ainda mais do que aos do outro? Não podendo negar os fatos, eles desejaram apresentá-los de um modo apavorante; mas esse meio não surtiu mais efeito que os outros. Onde o medo do ridículo é impotente, é preciso resignar-se a deixar as coisas correrem.

O muçulmano que ouvisse um Espírito falar contra certas leis do Corão pensaria com certeza que se tratava de um mau Espírito; dar-se-ia o mesmo com um judeu quanto ao que concerne a certas práticas da lei de Moisés. Quanto aos católicos, nós ouvimos um afirmar que o Espírito que se comunicava não podia ser senão o *diabo*, porque se havia permitido pensar diferentemente dele a respeito do poder temporal, se bem que não tenha, de resto, pregado senão a caridade, a tolerância, o amor do próximo, a abnegação das coisas deste mundo, máximas todas ensinadas pelo Cristo.

Não sendo os Espíritos nada além que as almas dos homens, e não sendo os homens perfeitos, resulta que existem Espíritos igualmente imperfeitos, e cujo caráter se reflete em suas comunicações. É um fato incontestável que existem maus, astuciosos, profundamente hipócritas, e contra os quais é preciso estar alerta; mas, porque a gente encontra no mundo homens perversos, constitui isso uma razão para fugir de toda a sociedade? Deus nos concedeu a razão e o juízo para avaliar os Espíritos tão bem quanto os homens. O melhor meio de se premunir contra os inconvenientes que a prática do espiritismo pode apresentar não é o de interdita-la, mas de dá-la a compreender. Um medo imaginário impressiona apenas um instante e não afeta todo o mundo; a realidade claramente demonstrada é compreendida por todos.

47. *Sistema otimista.* Ao lado dos sistemas que enxergam nesses fenômenos apenas a ação dos demônios, existem outros que enxergam apenas a dos bons Espíritos; eles supuseram que, estando a alma separada da matéria, nenhum véu existia mais para ela e que ela devia obter a suprema ciência e a suprema sabedoria. Sua confiança cega na superioridade absoluta dos seres do mundo invisível foi, para muitos, a fonte de muitas decepções; eles aprenderam às suas custas a desconfiar de certos Espíritos, da mesmíssima forma que de certos homens.

48. *Sistema uniespírita ou monoespírita.* Uma variedade do sistema otimista consiste na crença de que só um Espírito se comunica com os homens, e que esse Espírito é o *Cristo*, que é o protetor da Terra. Quando se veem comunicações da mais baixa trivialidade, de uma grosseria revoltante, impregnadas de malevolência e de maldade, haveria profanação e impiedade em supor que elas possam emanar do Espírito do bem por excelência. Ainda se os que creem nisso não houvessem jamais obtido senão comunicações irrepreensíveis, a gente entenderia sua ilusão; mas a maioria concorda em terem obtido muitas comunicações ruins, o que eles explicam dizendo tratar-se de uma provação que o bom Espírito faz que sofram ao lhes ditar coisas absurdas; assim, enquanto uns atribuem todas as comunicações ao diabo, que pode dizer boas coisas para atrair, outros pensam que só Jesus se manifesta, e que ele pode dizer coisas ruins para experimentar. Entre essas duas opiniões totalmente inversas, quem se pronunciará? O bom senso e a experiência. Nós dizemos a experiência, porque é impossível que os que professam ideias tão exclusivistas tenham tudo visto e tudo bem visto.

Quando a gente lhes objeta com as ocorrências de identidade que atestam a presença de parentes, amigos ou conhecidos através das comunicações escritas, visuais ou outras, eles respondem que é sempre o mesmo Espírito: o diabo, segundo uns, o Cristo, segundo os outros, o qual assume todas as formas; mas eles não nos dizem por que os outros Espíritos não conseguem comunicar-se, nem com que objetivo o Espírito por excelência nos viria enganar apresentando-se sob falsas aparências, viria abusar de uma pobre mãe, fazendo que creia, através de u'a mentira, que ele é o filho por quem ela chora. A razão se recusa a admitir que o Espírito perfeito em tudo se submeta a representar uma tal comédia. Aliás, negar a possibilidade de qualquer outra

comunicação não significa sacar do espiritismo o que ele tem de mais delicado: a consolação dos aflitos? Afirmamos muito simplesmente que um tal sistema é irracional e não tem como sustentar um exame sério.

49. *Sistema multiespírita ou poliespírita.* Todos os sistemas que nós passamos em revista, sem excetuar os que apresentam sentido negativo, repousam em algumas observações, mas incompletas ou mal interpretadas. Se uma casa é vermelha de um lado e branca de outro, quem a tiver visto de um só lado afirmará que ela é vermelha; um outro, que ela é branca: ambos estarão errados e certos; mas quem tiver visto a casa de todos os lados dirá que ela é vermelha e branca, e apenas ele estará com a verdade. Sucede o mesmo no que tange à opinião que se tem do espiritismo: ela pode ser verdadeira em certos aspectos e falsa caso se generalize o que é parcial, caso se tome como a regra o que não passa da exceção, pelo todo o que é apenas a parte. Eis porque nós dizemos que qualquer um que deseje estudar seriamente esta ciência deve observar muito e por bastante tempo; somente o tempo lhe permitirá apreender os detalhes, anotar as nuances delicadas, observar uma grande quantidade de fatos característicos que constituirão para ele centelhas de luz; mas se parar na superfície, ele se expõe a realizar um julgamento prematuro e, por conseguinte, errôneo. Eis aqui as consequências gerais que se deduziram de uma observação completa, e que formam agora a crença, pode-se dizê-lo, da totalidade dos espíritas, pois os sistemas restritivos não são mais que opiniões isoladas:

1.º) Os fenômenos espíritas são produzidos por inteligências extracorpóreas, dito de outro modo, por Espíritos.

2.º) Os Espíritos constituem o mundo invisível; eles estão por toda a parte; os espaços se acham povoados por eles até ao infinito; eles se acham constantemente em torno de nós e com eles permanecemos em contato.

3.º) Os Espíritos atuam incessantemente sobre o mundo físico e sobre o mundo moral, e constituem uma das forças da natureza.

4.º) Os Espíritos não são seres à parte na criação: são as almas dos que viveram na Terra ou em outros mundos, e que se despojaram de seu invólucro corpóreo; donde se segue que as almas dos homens são Espíritos encarnados e que, ao morrerem, nós nos tornamos Espíritos.

5.º) Existem Espíritos de todos os níveis de bondade e de malícia, de saber e de ignorância.

6.º) Eles estão sujeitos à lei do progresso e podem todos chegar à perfeição; mas como possuem seu livre-arbítrio, eles ali chegam em um tempo mais ou menos longo, conforme seus esforços e sua vontade.

7.º) Eles são felizes ou infelizes, segundo o bem ou o mal que praticaram durante sua vida e o nível de adiantamento que alcançaram. A felicidade perfeita e sem mescla só é partilhada pelos Espíritos que chegaram ao supremo nível de perfeição.

8.º) Todos os Espíritos, em determinadas circunstâncias, são capazes de se manifestarem aos homens; o número dos que conseguem comunicar-se é indefinido.

9.º) Os Espíritos se comunicam através da intermediação de médiuns, os quais lhes servem de instrumentos e de intérpretes.

10.º) Reconhecem-se a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos através de sua linguagem; os bons aconselham apenas o bem e dizem tão só coisas boas: tudo neles atesta elevação; os maus enganam e todas as suas palavras trazem o timbre da imperfeição e da ignorância.

Os diversos níveis que percorrem os Espíritos se acham indicados na *Escala espírita* (*O Livro dos Espíritos*, livro II, cap. I, n.º 100). O estudo dessa classificação é indispensável para se apreciar a natureza dos Espíritos que se manifestam, suas boas e más qualidades.

50. *Sistema da alma material.* Este sistema consiste unicamente de uma opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo essa opinião, a alma e o perispírito não constituiriam em absoluto duas coisas distintas, melhor dizendo, o perispírito não seria senão a própria alma purificando-se gradualmente através das diversas transmigrações, como o álcool se purifica através das diversas destilações, ao passo que a doutrina espírita considera o perispírito apenas como o invólucro fluídico da alma ou Espírito. Sendo o perispírito formado de matéria, conquanto muito etérea, a alma seria também de uma natureza material, mais ou menos essencial, conforme o nível de sua purificação.

Este sistema não anula nenhum dos princípios fundamentais da doutrina espírita, pois ele não muda nada quanto à destinação da alma; as condições de sua felicidade futura são sempre as mesmas; a alma e o perispírito formam um todo, sob o nome de Espírito, como a semente e o perisperma formam um todo sob o nome de fruto; toda a questão se reduz em considerar o todo como homogêneo, em lugar de ser formado de duas partes distintas.

Como se vê, isso não leva a nenhuma consequência e nós não teríamos falado a respeito, se não tivéssemos encontrado pessoas propensas a ver uma nova escola no que não passa, em definitivo, de uma simples interpretação de palavras. Essa opinião, muito restrita mesmo, ainda que fosse mais genérica, não constituiria uma cisão entre os espíritas, não mais que a provocada por duas teorias da emissão ou das ondulações da luz entre os físicos. Os que desejassem constituir uma igreja à parte por uma demanda tão pueril comprovariam, com isso, apenas que eles dão mais importância ao acessório que à coisa principal, e que se acham incitados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, pois os bons Espíritos não insuflam jamais o azedume e a cizânia; eis porque nós estimulamos todos os verdadeiros espíritas a se porem em guarda contra semelhantes sugestões, e a não darem a certos detalhes mais importância do que merecem; o essencial é o fundo.

Nós cremos, não obstante, dever dizer, em algumas palavras, em que se apoia a opinião dos que consideram a alma e o perispírito como duas coisas distintas. Ela se fundamenta no ensino dos Espíritos, que não discrepam jamais a esse respeito; nós falamos dos Espíritos esclarecidos, pois, entre eles, existem os que não sabem mais ou sabem até mesmo menos que os homens, ao passo que a teoria contrária é uma concepção humana. Nós nem inventamos nem presumimos o perispírito para explicar os fenômenos; sua existência nos foi revelada pelos Espíritos, e a observação nos confirmou isso (*O Livro dos Espíritos*, n.º 93). Ela se apoia ainda no estudo das sensações dos Espíritos (*O Livro dos Espíritos*, n.º 257), e, sobretudo, no fenômeno das aparições tangíveis, que implicaria, segundo outra opinião, a solidificação e a desagregação das partes constitutivas da alma, e, por conseguinte, sua desorganização. Precisaríamos, além do mais, admitir que essa matéria, que pode impressionar os nossos sentidos, seja o próprio princípio inteligente, o que não é mais racional que confundir o corpo com a alma ou a veste com o corpo. Quanto à natureza íntima da alma, ela nos é desconhecida. Quando se diz que ela é *imaterial*, é preciso entender isso em sentido relativo e não absoluto, pois a imaterialidade absoluta seria o nada; ora, a alma ou Espírito é qualquer coisa; o que significa que sua essência é de tão superior que não possui nenhuma analogia com o que chamamos de matéria, e que, assim sendo, para nós, ela é imaterial (*O Livro dos Espíritos*, n.ºs 23 e 82).

51. Eis aqui a resposta fornecida sobre este assunto por um Espírito:

“O que uns denominam de *perispírito* outra coisa não é do que os outros chamam de invólucro material fluídico. Eu direi, para me fazer compreender, de um modo mais lógico, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das ideias; eu falo aqui dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; logo, trata-se de matéria, como vocês percebem; daqui, os sofrimentos da fome, do frio etc.,

sofrimentos que não têm como alcançar os Espíritos superiores, considerando que os fluidos terrestres se purificaram em torno do pensamento, quer dizer, da alma. A alma, para seu progresso, tem sempre necessidade de um agente; a alma, sem agente, não é nada para vocês, dizendo melhor, não tem como ser concebida por vocês. O perispírito, para nós outros, Espíritos errantes, é o agente através do qual nós nos comunicamos com vocês, seja indiretamente através de seu corpo ou seu perispírito, seja diretamente em sua alma; daqui, as infinitas nuances de médiuns e de comunicações. Agora resta o ponto de vista científico, quer dizer, a essência mesma do perispírito; este é um outro problema. Compreendam primeiro seu sentido moral; não resta mais que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, a qual é inexplicável no momento; a ciência não sabe o suficiente, mas lá chegará, caso a ciência queira caminhar junto com o espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito; a alma é o pensamento: ela não muda de natureza; sob este aspecto, vocês não vão mais longe; trata-se de um ponto que não pode ser explicado. Creem que eu não busco como vocês? Quanto a vocês, vocês buscam o perispírito; quanto a nós outros agora, nós buscamos a alma. Aguardem, portanto.”

LAMENNAIS.

Assim, os Espíritos que se podem considerar como adiantados não puderam ainda sondar a natureza da alma; como poderíamos nós mesmos fazê-lo? Logo, constitui perda de tempo desejar perscrutar o princípio das coisas que, como se disse n’*O Livro dos Espíritos* (n.ºs 17 e 49), permanece nos segredos de Deus. Pretender fuçar, com a ajuda do espiritismo, o que ainda não é da competência da humanidade, é afastá-lo de sua verdadeira finalidade; é fazer como a criança que desejasse saber tanto quanto o ancião. Que o homem faça o espiritismo voltar-se para sua melhoria moral; isto é o essencial; o supérfluo não passa de uma curiosidade estéril e, muitas vezes, orgulhosa, cuja satisfação não lhe facultará nenhum passo adiante; o único meio de avançar é tornar-se melhor. Os Espíritos que ditaram o livro que traz seu nome comprovaram sua sabedoria restringindo-se, quanto ao que concerne ao princípio das coisas, aos limites que Deus nos proíbe de ultrapassar, deixando aos Espíritos sistemáticos e presunçosos a responsabilidade das teorias precoces e errôneas, mais sedutoras que sólidas, e que cairão um dia diante da razão, como tantas outras saídas dos cérebros humanos. Eles disseram apenas justamente o que era preciso para fazer que o homem compreenda o futuro que o espera, e, através disso, encorajá-lo para o bem. (Ver, adiante, 2.ª parte, cap. I: *Ação dos Espíritos sobre a matéria.*)

SEGUNDA PARTE

DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

CAPÍTULO PRIMEIRO

AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

52. Estando descartada a opinião materialista, condenada ao mesmo tempo pela razão e pelos fatos, tudo se resume em saber se a alma, após a morte, é capaz de se manifestar para os vivos. A questão, reduzida assim à sua mais simples expressão, fica extraordinariamente desobstruída. A gente poderia, de início, perguntar por que os seres inteligentes, que vivem de algum modo em nosso meio, apesar de invisíveis por sua natureza, não poderiam atestar sua presença de um jeito qualquer. Basta pensar um pouco para entender que isso não apresenta nada de absolutamente impossível, o que constitui já alguma coisa. Essa crença conta, aliás, com o assentimento de todos os povos, pois se encontra por toda a parte e em todas as épocas; ora, uma intuição não poderia ser tão geral, nem sobreviver através dos tempos, sem repousar sobre alguma coisa. Ela é, de mais a mais, sancionada pelo testemunho dos livros sagrados e dos Pais da Igreja, e foi preciso o ceticismo e o materialismo de nosso século para relegá-la entre as ideias supersticiosas; se incidimos em erro, essas autoridades incidem igualmente.

Mas essas não passam de considerações de caráter moral. Uma causa, sobretudo, contribuiu para fortalecer a dúvida, em uma época tão positiva quanto a nossa, em que se pretende dar-se conta de tudo, em que se deseja saber o porquê e o como de cada coisa; trata-se da ignorância da natureza dos Espíritos e dos meios através dos quais eles conseguem manifestar-se. Adquirido esse conhecimento, o fenômeno das manifestações não apresenta mais nada de surpreendente e entra na ordem dos fenômenos naturais.

53. A ideia que se tem dos Espíritos transforma, à primeira vista, o fenômeno em manifestações incompreensíveis. Tais manifestações só podem acontecer através da ação do Espírito sobre a matéria; eis porque os que creem que o Espírito se acha desprovido de qualquer matéria perguntam, aparentemente com alguma razão, como pode ele atuar de modo material. Ora, é aí que está o erro; pois o Espírito não é uma abstração, é um ser definido, limitado e circunscrito. O Espírito encarnado no corpo constitui a alma; quando ele o deixa com a morte, não sai despojado totalmente de invólucro. Todos nos afirmam que conservam a forma humana, e, com efeito, quando nos aparecem, é desse jeito que nós os conhecemos.

Observemo-los atentamente no momento em que acabam de abandonar a vida; eles estão em um estado de perturbação; tudo está confuso em torno deles; veem seu corpo inteiro ou mutilado, conforme o tipo de morte; doutro lado, se veem e sentem que vivem; algo lhes diz que aquele corpo era seu, e não compreendem que estejam separados dele. Eles continuam a ver-se sob sua forma primitiva, e essa visão produz em alguns, durante um certo tempo, uma singular ilusão: a de se crerem ainda vivos; eles necessitam da experiência nesse novo estado para se convencerem da realidade. Dissipado esse primeiro momento de perturbação, o corpo se torna para eles uma velha vestimenta de que se despiram e que não lamentam mais; eles se sentem mais leves, e como desembaraçados de um fardo; não sentem mais as dores físicas e ficam muito felizes por poderem elevar-se, franquear o espaço, do mesmo modo que, quando vivos, o faziam tantas vezes em seus sonhos.⁵ Entretanto, malgrado a ausência do corpo, eles constataam sua

⁵ Caso se queira reportar-se a tudo o que dissemos em *O Livro dos Espíritos* a respeito dos sonhos e do estado do Espírito durante o sono (n.ºs 400 a 418), entender-se-á que esses sonhos, que quase todo o mundo tem, nos quais a gente se vê a transportar-se através do espaço e como que voando, não constituem outra coisa senão a lembrança da sensação experimentada pelo Espírito, quando, durante o sono, ele deixou temporariamente seu corpo material, levando consigo apenas seu corpo fluídico, aquele que ele conservará após a morte. Esses sonhos podem, portanto, fornecer-nos uma ideia do estado do Espírito quando ele estiver desembaraçado dos entraves que o retêm no solo.

personalidade; possuem uma forma, mas uma forma que não os incomoda nem os constrange; têm, enfim, a consciência de seu *eu*, e de sua individualidade. Que devemos concluir disso? Que a alma não abandona tudo no caixão e que ela leva algo consigo.

54. Numerosas observações e fatos irrecusáveis de que falaremos mais tarde conduziram a esta consequência, de que existem no homem de três coisas: 1.^a) a alma ou Espírito, princípio inteligente em que reside o senso moral; 2.^a) o corpo, invólucro grosseiro, material, com que ele se reveste temporariamente para o cumprimento de certos projetos providenciais; 3.^a) o perispírito, invólucro fluídico, semimaterial, que serve de liame entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do invólucro grosseiro que a alma abandona; o outro se desprende e segue com a alma, que, dessa maneira, possui sempre um invólucro; este último, se bem que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado normal, não pertence menos à matéria, conquanto, até agora, nós não tenhamos podido agarrá-lo e submetê-lo à análise.

Esse segundo invólucro da alma ou *perispírito* existe, pois, durante a vida corpórea; constitui o elemento intermediário de todas as sensações que percebe o Espírito, aquele através do qual o Espírito transmite sua vontade ao exterior, e atua sobre os órgãos. Para nos servirmos de uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve para a recepção e para a transmissão do pensamento; é, enfim, esse agente misterioso, imperceptível, designado sob o nome de fluido nervoso, que representa um tão grande papel na harmonia dos órgãos e cujo desempenho para os fenômenos fisiológicos e patológicos ainda não se tem na devida conta. A medicina, considerando tão só o elemento material ponderável, se priva, na avaliação dos fatos, de uma causa incessante de ação. Mas não é este o lugar de examinar essa questão; nós iremos somente assinalar que o conhecimento do perispírito é a chave de uma grande quantidade de problemas até hoje sem explicação.

O perispírito não é absolutamente uma dessas hipóteses às quais se tem recorrido na ciência para a explicação de um fato; sua existência não foi somente revelada pelos Espíritos; trata-se de um resultado de observações, como teremos ocasião de demonstrá-lo. No momento, e para não antecipar os fatos que iremos de relatar, nós nos limitaremos a afirmar que, seja durante sua união com o corpo, seja após sua separação, a alma não se separa jamais de seu perispírito.

55. Já se disse que o Espírito é uma flama, uma centelha; isso deve entender-se quanto ao Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, e ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas, em qualquer nível em que se encontre, ele se acha sempre revestido de um invólucro ou perispírito, cuja natureza vai eterizando-se à medida que ele vai purificando-se e elevando-se na hierarquia; de sorte que, para nós, a ideia de forma é inseparável da de Espírito, e que não concebemos uma sem a outra. Logo, o perispírito é parte integrante do Espírito, como o corpo é parte integrante do homem; mas o perispírito sozinho não é o Espírito, como o corpo sozinho não é o homem, pois o perispírito não pensa; ele está para o Espírito como o corpo está para o homem: é o agente ou instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana, e, quando ele nos aparece, é geralmente sob a forma como nós tínhamos conhecido o Espírito em vida. A gente poderia crer, depois disso, que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se molda de algum jeito sobre ele e lhe conserva a impressão; mas não parece que seja assim. A forma humana, com algumas poucas nuances de detalhes, e salvo as modificações orgânicas requeridas pelo meio no qual ele é chamado a viver, se encontra nos habitantes de todos os globos; é, pelo menos, o que afirmam os Espíritos; é igualmente a forma de todos os Espíritos não encarnados, que possuem apenas o perispírito; é aquela sob a qual sempre se representaram os anjos ou puros Espíritos; donde nós devemos

concluir que a forma humana é a forma típica de todos os seres humanos, em qualquer nível em que se encontrem. Mas a matéria sutil do perispírito não possui em absoluto a constância nem a rigidez da matéria compacta do corpo; ela é, se nós podemos exprimir-nos assim, flexível e expansiva; eis porque a forma que ela toma, se bem que decalcada sobre a do corpo, não é absoluta; ela se dobra à vontade do Espírito, que pode fornecer-lhe esta ou aquela aparência a seu critério, ao passo que o invólucro sólido lhe oferece uma resistência intransponível. Desembaraçado desse entrave que o comprimia, o perispírito se expande ou se retrai, se transforma; em suma, se presta a todas as metamorfoses, segundo a vontade que atua sobre ele. É em consequência dessa propriedade de seu invólucro fluídico que o Espírito que deseja fazer-se reconhecer pode, quando isso é necessário, tomar a exata aparência que tinha quando vivo, até mesmo a dos aleijões corpóreos que possam constituir-se em marcas de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são, pois, seres semelhantes a nós, formando em torno de nós toda uma população invisível no estado normal; nós afirmamos no estado normal, porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Retornemos à natureza do perispírito, pois isso é essencial para a explicação que iremos dar. Nós afirmamos que, conquanto fluídico, ele não passa de um tipo de matéria, e isso se deduz do fenômeno de aparições tangíveis, aos quais retornaremos. Viram-se, sob a influência de certos médiuns, mãos aparecerem, apresentando todas as propriedades de mãos vivas, possuindo calor, deixando-se apalpar, oferecendo a resistência de um corpo sólido, agarrando os presentes, e, de repente, esvaindo-se como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos, que obedecem evidentemente a uma vontade, ao executarem certos movimentos, ao tocar mesmo umas árias em um instrumento, comprova que elas constituem a parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura, em suma, a impressão que produzem nos sentidos, uma vez que se viu que deixavam sinais na pele, que davam pancadas dolorosas, que acariciavam delicadamente, comprovam que se constituem de u'a matéria qualquer. Sua desaparecimento instantânea comprova, por outro lado, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como algumas substâncias que podem, alternadamente, passar do estado sólido ao estado fluídico e reciprocamente.

58. A natureza íntima do Espírito propriamente dito, quer dizer, do ser pensante, nos é inteiramente desconhecida; ele só se revela a nós através de seus atos, e esses atos não conseguem ferir nossos sentidos materiais a não ser através de um meio material. Logo, o Espírito tem necessidade de matéria para atuar na matéria. Ele possui como instrumento direto seu perispírito, como o homem possui seu corpo; ora, seu perispírito constitui-se de matéria, como nós acabamos de ver. Além disso, ele apresenta como agente intermediário o fluido universal, espécie de veículo sobre o qual atua, como nós atuamos no ar para produzir certos efeitos com a ajuda da dilatação, da compressão, da propulsão ou das vibrações.

Encarada dessa maneira, a ação do Espírito na matéria se concebe facilmente; a gente compreende desde logo que todos os efeitos dela resultantes entram na ordem dos fatos naturais e não possuem nada de maravilhosos. Eles pareceram sobrenaturais apenas porque não se lhes conhecia a causa; conhecida a causa, o maravilhoso desaparece, situando-se essa causa por inteiro nas propriedades semimateriais do perispírito. Constitui isso uma nova ordem de fatos, que uma nova lei vem explicar e de que a gente não se admirará mais em breve, como não se admira hoje de se corresponder a distância através da eletricidade, em poucos minutos.

59. Perguntar-se-á, talvez, como o Espírito, com a ajuda de u'a matéria tão sutil, consegue atuar sobre corpos pesados e compactos, levantar mesas etc. Com certeza, não seria um cientista que poderia fazer uma tal objeção; pois, sem falar das propriedades desconhecidas que esse novo agente pode apresentar, não temos nós sob nossos olhos exemplos análogos? Não é nos gases mais

rarefeitos, nos fluidos imponderáveis, que a indústria encontra seus mais poderosos motores? Quando a gente vê o ar derrubar edifícios, o vapor arrastar massas enormes, a pólvora gaseificada arrebeitar rochedos, a eletricidade despedaçar árvores e atravessar muralhas, que existe de tão estranho em se admitir que o Espírito, com a ajuda de seu perispírito, possa levantar u'a mesa, sobretudo quando se sabe que esse perispírito é capaz de se tornar visível, tangível e de se comportar como um corpo sólido?

CAPÍTULO II

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS MESAS GIRANTES

60. Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem através de efeitos sensórios, como os ruídos, o movimento e a deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, quer dizer, independentes de toda vontade; outras podem ser provocadas. Primeiro nós falaremos apenas destas últimas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular impresso em u'a mesa. Esse efeito se produz igualmente em todos os outros objetos; mas, tendo sido a mesa aquele sobre o qual foi mais exercido, porque era o mais cômodo, o nome de *mesas girantes* prevaleceu para a designação deste tipo de fenômeno.

Quando nós afirmamos que este efeito é um dos primeiros que foram observados, nós desejamos afirmar nestes últimos tempos, pois está bem estabelecido que todos os tipos de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais recuados, e isso não tem como ser diferente; uma vez que se trata de efeitos naturais, eles tinham de produzir-se em todas as épocas. Tertuliano fala em termos explícitos de mesas girantes e falantes.

Este fenômeno alimentou, durante algum tempo, a curiosidade dos salões, depois a gente se cansou para passar a outras distrações, porque não se tratava senão de um objeto de distração. Duas causas contribuíram para o abandono das mesas girantes; a moda, para as pessoas frívolas, que raramente consagram dois invernos ao mesmo entretenimento, e que, coisa prodigiosa para eles, concederam três ou quatro a este! Para as pessoas graves e observadoras, dele saiu algo de sério que prevaleceu; se elas negligenciaram as mesas girantes foi porque se ocuparam de outras consequências bastante importantes em seus resultados: elas trocaram o alfabeto pela ciência; eis aqui todo o segredo desse abandono aparente, de que fazem tanto alarde os escarnecedores.

Como quer que seja, as mesas girantes não deixam de ser o ponto de partida para a doutrina espírita e, a este título, nós lhes devemos alguns desenvolvimentos, tanto mais que, apresentando os fenômenos em sua maior simplicidade, o estudo de suas causas será mais fácil e, uma vez estabelecida, a teoria nos fornecerá a chave dos efeitos mais complicados.

61. Para a produção do fenômeno, é necessária a participação de uma ou de diversas pessoas dotadas de uma aptidão especial, e que se designam pelo nome de *médiuns*. O número dos cooperadores é indiferente, a não ser que, entre eles, possam achar-se alguns médiuns

desconhecidos. Quanto àqueles cuja mediunidade é nula, sua presença não resulta em nada, e é até mais nociva que útil pela disposição de ânimo que trazem para aí amiúde.

Os médiuns usufruem, sob este aspecto, de um poder maior ou menor, e produzem, por conseguinte, efeitos mais ou menos relevantes. Muitas vezes, um só, sendo médium poderoso, produzirá muito mais que vinte outros reunidos; basta-lhe pousar as mãos sobre a mesa para que, no mesmo instante, ela se mova, se erga, se revire, dê saltos ou gire com violência.

62. Não existe nenhum indício para a faculdade mediúnica; tão só a experiência pode dá-la a conhecer. Quando, em um grupo, se deseja treinar, é preciso muito simplesmente sentar-se em torno de u'a mesa e pousar a palma das mãos sobre ela, sem pressão nem tensão muscular. No princípio, como se ignoravam as causas do fenômeno, recomendavam-se numerosas precauções, reconhecidas agora como absolutamente inúteis; assim era, por exemplo, a alternância de sexos; assim também o contato dos mindinhos das diferentes pessoas, de modo a formar uma cadeia ininterrupta. Esta última precaução parecia necessária quando se acreditava na ação de um tipo de corrente elétrica; depois a experiência demonstrou sua inutilidade. A única prescrição que é rigorosamente obrigatória é o recolhimento, um silêncio absoluto e, sobretudo, a paciência, caso o efeito se faça esperar. Pode ser que se produza em alguns minutos, como pode tardar u'a meia hora ou uma hora; isso depende da força medianímica dos co-participantes.

63. Afirmemos ainda que a forma da mesa, a substância de que é feita, a presença de metais, da seda nas roupas dos presentes, os dias, as horas, a obscuridade ou a luz etc., são tão indiferentes quanto a chuva ou o bom tempo. Apenas o volume da mesa pode significar algo, mas no caso somente em que a força medianímica seja insuficiente para vencer a resistência; no caso contrário, uma só pessoa, uma criança mesmo, consegue fazer que se levante u'a mesa de cem quilos, quando, em condições menos favoráveis, doze pessoas não fariam mover-se a menor mesa de pé único.

Achando-se as coisas nesse estado, quando o efeito começa a se manifestar, ouve-se quase sempre um estalido na mesa; sente-se como um frêmito que constitui o prelúdio do movimento; parece que ela se esforça para se desamarrar; depois, o movimento de rotação se articula; e se acelera a ponto de adquirir uma rapidez tal que os presentes fazem todo o sacrifício do mundo para seguir. Uma vez estabelecido o movimento, pode-se mesmo afastar-se da mesa, que continua a se mover em diversos sentidos sem contato.

Em outras circunstâncias, a mesa se ergue e se endireita, ora sobre um só pé, ora sobre um outro; depois retoma suavemente sua posição natural. Doutras vezes, ela balança imitando o movimento de proa a popa ou de um lado a outro do navio. Doutras vezes, enfim, mas para isso precisa de uma força medianímica considerável, ela se destaca inteiramente do solo e se mantém em equilíbrio no espaço, sem ponto de apoio, elevando-se mesmo às vezes até o teto, de forma que se possa passar por baixo; depois, ela desce lentamente, balançando como faria uma folha de papel, ou bem cai violentamente e se quebra, o que comprova, de maneira patente, que não se foi vítima de uma ilusão de ótica.

64. Um outro fenômeno que se produz muitíssimas vezes, de acordo com a natureza do médium, é o das batidas no âmago da madeira, sem nenhum movimento da mesa; tais batidas, às vezes muito fracas, outras vezes muito fortes, se fazem igualmente ouvir em outros móveis do aposento, contra as portas, as paredes e o teto. Nós retornaremos a isto em um instante. Quando eles ocorrem na mesa, produzem aí uma vibração bem perceptível pelos dedos e sobretudo bem clara quando se encosta nela o ouvido.

CAPÍTULO III

MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

65. Nisso que nós acabamos de ver, nada com certeza revela a intervenção de uma força oculta, e esses efeitos poderiam perfeitamente explicar-se através da ação de uma corrente magnética ou elétrica ou de um fluido qualquer. Tal foi, de fato, a primeira solução fornecida a esses fenômenos, e que podia com razão passar por bastante lógica. Ela teria, sem controvérsia, prevalecido, caso outros fatos não tivessem vindo demonstrar sua insuficiência; tais fatos são as provas de inteligência que deram; ora, como todo efeito inteligente deve possuir uma causa inteligente, ficou evidente que, admitindo-se mesmo que a eletricidade ou qualquer outro fluido desempenhasse ali um papel, se mesclava ali uma outra causa. Qual era ela? Qual era essa inteligência? Foi o que a sequência das observações deu a conhecer.

66. Para que uma manifestação seja inteligente, não é necessário que seja eloquente, espiritual ou sábia; é suficiente que comprove um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção ou respondendo a um pensamento. Seguramente, quando se vê um cata-vento rodando por causa da ventania, a gente está bem certa de que ele não obedece senão a uma impulsão mecânica, mas, caso se reconheça nos movimentos do cata-vento sinais de intenção, caso rodasse para a direita ou para a esquerda, rápido ou lento sob comando, a gente seria bem forçada a admitir, não que o cata-vento seja inteligente, mas que obedece a uma inteligência. Foi o que ocorreu relativamente à mesa.

67. Nós vimos a mesa mover-se, elevar-se, bater, sob a influência de um ou de diversos médiuns. O primeiro efeito inteligente que se observou deu-se ao ver esses movimentos obedecerem ao comando; assim, sem mudar de lugar, a mesa se erguia alternadamente sobre o pé designado; depois, abaixando-se, dava um número determinado de batidas respondendo a uma questão. Doutras vezes, a mesa, sem o contato de ninguém, passeava totalmente só pelo recinto, indo à direita ou à esquerda, para a frente ou para trás, executando diversos movimentos sob a ordem dos presentes. Está bem claro que nós afastamos toda suposição de fraude; que nós admitimos a perfeita honestidade dos presentes, atestada por sua honorabilidade e seu completo desinteresse. Nós falaremos mais tarde das tramoias contra as quais é prudente estar resguardado.

68. Por meio de batidas e, sobretudo, através dos estalos internos de que nós acabamos de falar, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como a imitação dos diversos toques do tambor, da manobra militar com fogos de fila ou de pelotão, salvas de tiros de canhão; depois, o rangido do serrote, as pancadas do martelo, o ritmo de diferentes árias etc. Trata-se, como se vê, de um vasto campo aberto à exploração. Afirmou-se que, uma vez que existia ali uma inteligência oculta, ela podia responder às questões, e ela respondeu de fato, através de um sim ou de um não, por meio de um número de batidas combinado. Essas respostas eram bem insignificantes; eis porque surgiu a ideia de mandar indicar as letras do alfabeto e de compor, assim, palavras e frases.

69. Tais fatos, renovados à vontade por milhares de pessoas, em todos os países, não podiam deixar dúvida sobre a natureza inteligente das manifestações. Foi, então, que surgiu um novo sistema, segundo o qual essa inteligência seria a do médium, do interrogador ou mesmo dos presentes. A dificuldade se achava em explicar como essa inteligência podia refletir-se na mesa e traduzir-se através de batidas; desde que se verificou que essas batidas não se davam através do médium, deviam dar-se através do pensamento; ora, o pensamento dando batidas era um fenômeno mais prodigioso ainda que todos os que se haviam testemunhado. A experiência não tardou a demonstrar a inadmissibilidade dessa opinião. Com efeito, as respostas se encontravam muitíssimas vezes em oposição formal ao pensamento dos presentes, fora do alcance intelectual do médium, e mesmo em línguas ignoradas por ele ou relatando fatos desconhecidos de todos. Os exemplos são tão numerosos que é quase impossível que qualquer um que se tenha ocupado um pouco de comunicações espíritas não haja sido muitas vezes testemunha delas. Nós não citaremos mais que um caso que nos foi narrado por uma testemunha ocular.

70. Em um navio da marinha imperial francesa, atracado em mares da China, toda a equipagem, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupava em fazer falar as mesas. Tiveram a ideia de evocar o Espírito de um lugar-tenente desse mesmo navio, morto há dois anos. Ele veio e, após diversas comunicações que encheram todo o mundo de espanto, disse o que segue, através de batidas: “Eu lhes peço instantemente que façam pagar ao capitão a quantia de... (ele indicava a cifra), que eu lhe devo e que lamento não ter podido reembolsá-lo antes de minha morte”. Ninguém conhecia o fato; mesmo o capitão se havia esquecido desse débito, assaz mínimo, de resto; mas, procurando em suas contas, ele encontrou a menção da dívida do lugar-tenente, cuja cifra indicada estava perfeitamente exata. Nós perguntamos do pensamento de quem tal indicação podia ser o reflexo.

71. Aperfeiçoou-se a arte de comunicar através das batidas alfabéticas, mas o meio era sempre muito lento; contudo, obtiveram-se algumas de uma certa extensão, assim como interessantes revelações sobre o mundo dos Espíritos. Estes indicaram outros meios e é a eles que se deve o sistema de comunicações escritas.

As primeiras comunicações desse tipo ocorreram quando se adaptou um lápis ao pé de u’a mesa leve pousada sobre uma folha de papel. A mesa, colocada em movimento através da influência de um médium, se pôs a traçar caracteres, depois palavras e frases. Simplificou-se sucessivamente esse meio servindo-se de mesinhas grandes como a mão, feitas especialmente; depois de cestas, de caixas de papelão e, enfim, de simples tabuinhas. A escrita era tão corrente, tão rápida e tão fácil quanto com a mão, mas se reconheceu, mais tarde, que todos esses objetos não constituíam, em definitivo, senão apêndices, verdadeiros porta-lápis, de que se podia prescindir, segurando por si mesmo o lápis; a mão, arrastada através de um movimento involuntário, escrevia sob a impulsão impressa pelo Espírito, e sem o concurso da vontade ou do pensamento do médium. A partir daí, as comunicações de além-túmulo não tiveram limites, não mais que a correspondência usual entre os vivos. Nós retornaremos aos diferentes processos, os quais explicaremos minuciosamente; nós os esboçamos rapidamente aqui para mostrar a sucessão dos fatos que levaram a constatar, nesses fenômenos, a intervenção de inteligências ocultas, melhor dizendo, dos Espíritos.

CAPÍTULO IV

TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Movimentos e elevações. — Ruídos. — Aumento e diminuição do peso dos corpos.

72. Estando demonstrada a existência dos Espíritos através do raciocínio e dos fatos, assim como a possibilidade de eles atuarem na matéria, vamos conhecer agora como se realiza essa ação e como eles procedem para fazer mover as mesas e os outros corpos inertes.

Um pensamento surge de todo naturalmente, e foi esse o que nós tivemos; como ele foi rebatido pelos Espíritos, que nos forneceram uma outra explicação bem diferente, que nós estávamos longe de esperar, trata-se de uma prova evidente de que sua teoria não constituía nossa opinião. Ora, aquela primeira ideia cada um poderia tê-la como nós; quanto à teoria dos Espíritos, nós não cremos que tenha jamais vindo à ideia de ninguém. A gente reconhecerá sem esforço quanto é ela superior à nossa, posto que menos simples porque fornece a solução de uma infinidade de outros fatos que não encontravam uma explicação satisfatória.

73. A partir do momento em que se conhece a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que ele pode ter na matéria, em que, nos fenômenos de aparição, se viram mãos fluídicas e mesmo tangíveis agarrarem objetos e transportá-los, era natural crer que o Espírito se servisse muito simplesmente de suas mãos para fazer girar a mesa, e que a erguesse no espaço com a força dos braços. Mas então, nesse caso, qual a necessidade de haver um médium? O Espírito não pode agir sozinho? O médium, que pousa o mais das vezes suas mãos em sentido contrário do movimento, ou mesmo que não as pousa absolutamente, não pode evidentemente auxiliar o Espírito através de uma ação muscular. Deixemos, primeiro, falar os Espíritos que nós interrogamos sobre o assunto.

74. As respostas seguintes nos foram fornecidas pelo Espírito de São Luís; elas foram depois confirmadas por muitos outros:

1. Constitui o fluido universal uma emanção da divindade?

“Não.”

2. Constitui uma criação da divindade?

“Tudo foi criado, exceto Deus.”

3. É o fluido universal, ao mesmo tempo, o elemento universal?

“Sim, é o princípio elementar de todas as coisas.”

4. Apresenta ele alguma relação com o fluido elétrico, cujos efeitos nós conhecemos?

“Constitui seu elemento.”

5. Em que estado o fluido universal se apresenta a nós em sua maior simplicidade?

“Para encontrá-lo em sua simplicidade absoluta, precisaria remontar até aos puros Espíritos; em seu mundo, ele se acha sempre mais ou menos modificado para formar a matéria compacta que os envolve; contudo, o senhor pode afirmar que o estado que mais se aproxima dessa simplicidade é o do fluido que o senhor chama de *fluido magnético animal*.”

6. Afirmou-se que o fluido universal constitui a fonte da vida; constitui ele, ao mesmo tempo, a fonte da inteligência?

“Não; esse fluido anima apenas a matéria.”

7. Uma vez que é esse fluido que compõe o perispírito, parece achar-se aí em uma espécie de estado de condensação que o aproxima, até um certo ponto, da matéria propriamente dita. É isso?

“Até um certo ponto, como o senhor diz, pois ele não tem todas as propriedades; ele se acha mais ou menos condensado conforme os mundos.”

8. Como consegue um Espírito realizar o movimento de um corpo sólido?

“Ele combina uma parte do fluido universal com o fluido que desprende o médium próprio para esse efeito.”

9. Levantam os Espíritos a mesa com a ajuda de seus membros de alguma forma solidificados?

“Esta resposta não trará ainda o que o senhor deseja. Quando uma mesa se move sob suas mãos, o Espírito evocado vai haurir no fluido universal o que animar essa mesa de uma vida factícia. Assim preparada a mesa, o Espírito a atrai e a move sob a influência de seu próprio fluido desprendido através de sua vontade. Quando a massa que ele deseja pôr em movimento é demasiado pesada para ele, ele chama para ajudá-lo outros Espíritos que se encontram nas mesmas condições que ele. Em razão de sua natureza etérea, o Espírito propriamente dito não pode atuar na matéria densa sem intermediário, quer dizer, sem o liame que o une à matéria; esse liame, que constitui o que o senhor chama de perispírito, lhe fornece a chave de todos os fenômenos espíritas materiais. Eu creio ter-me explicado assaz claramente para me fazer compreender.”

Observação. Nós chamamos a atenção sobre esta primeira frase: *Esta resposta não trará AINDA o que o senhor deseja.* O Espírito havia perfeitamente compreendido que todas as questões precedentes foram feitas apenas com o fito de chegar a esta, e ele fez alusão a nosso pensamento que aguardava, de fato, uma outra resposta, quer dizer, a confirmação de nossa ideia sobre a maneira como o Espírito faz as mesas movimentarem-se.

10. São os Espíritos que ele chama em sua ajuda inferiores a ele? Acham-se eles sob suas ordens?

“Iguais, quase sempre; muitas vezes eles vêm por si mesmos.”

11. Estão todos os Espíritos aptos a produzir os fenômenos desse tipo?

“Os Espíritos que produzem esses tipos de efeitos são sempre Espíritos inferiores, que não se acham ainda inteiramente libertos de toda influência material.”

12. Nós compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupem das coisas que se encontram abaixo deles; mas nós perguntamos se, em razão do fato de serem mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, caso tivessem essa vontade.

“Eles possuem a força moral, como os outros possuem a força física; quando eles têm necessidade desta força, eles se servem dos que a possuem. Não lhe disseram que eles se servem de Espíritos inferiores como o senhor de carregadores?”

Observação. Alguém afirmou que a densidade do perispírito, caso se possa exprimir-se assim, varia conforme o estado dos mundos; parece que ela varia também no mesmo mundo, conforme os indivíduos. Nos Espíritos adiantados *moralmente*, ele é mais sutil e se aproxima do dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, ele se aproxima da matéria e é o que faz que esses Espíritos de baixa condição conservem por tanto tempo as ilusões da vida terrestre; eles pensam e agem como se estivessem ainda vivos; possuem os mesmos desejos e se poderia quase dizer a mesma sensualidade. Atribuindo-lhe essa densidade do perispírito mais *afinidade* com a matéria, ela torna os Espíritos inferiores mais adequados para as

manifestações físicas. É por essa mesma razão que um homem distinto, habituado aos trabalhos intelectuais, cujo corpo é frágil e delicado, não consegue erguer um pesado fardo como um carregador. A matéria para ele é de algum modo menos compacta, os órgãos, menos resistentes; ele possui menos fluido nervoso. Sendo o perispírito para o Espírito o que o corpo é para o homem e estando sua densidade na proporção da inferioridade do Espírito, ela substitui nele a força muscular, quer dizer, ela lhe fornece, sobre os fluidos necessários às manifestações, um poder maior que àqueles cuja natureza é mais etérea. Caso um Espírito elevado deseje produzir tais efeitos, ele procede como procedem entre nós as pessoas delicadas: ele manda que faça isso um *Espírito do ramo*.

13. Se nós bem compreendemos o que o senhor disse, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito haure nesse fluido o invólucro semimaterial que constitui seu perispírito; é por meio desse fluido que ele atua na matéria inerte. É isso o que acontece?

“Sim; quer dizer que ele anima a matéria de uma espécie de vida factícia: a matéria se anima de vida animal. A mesa que se move sob suas mãos vive como o animal; ela obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este que a carrega como o homem faz com um fardo; quando a mesa se ergue, não é o Espírito que a levanta com a força dos braços; é a mesa animada que obedece à impulsão dada pelo Espírito.”

14. Qual é o papel do médium nesse fenômeno?

“Eu já disse isso: o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal acumulado pelo Espírito; precisa-se da união desses dois fluidos, quer dizer, do fluido animalizado com o fluido universal, para fornecer a vida à mesa. Mas observe bem que essa vida é tão só temporária; ela se extingue com a ação e, amiúde, antes do fim da ação, quando a quantidade de fluido não é mais suficiente para animá-la.”

15. Consegue o Espírito agir sem o concurso de um médium?

“Ele consegue agir à revelia do médium; isso significa que muitas pessoas servem de coadjuvantes para os Espíritos em certos fenômenos, sem que desconfiem disso. O Espírito haure nelas, como em uma fonte, o fluido animalizado de que necessita. É assim que o concurso de um médium, como o senhor o entende, nem sempre é necessário, o que sucede sobretudo nos fenômenos espontâneos.”

16. Age com inteligência a mesa animada? Ela pensa?

“Ela não pensa mais que o bastão com que o senhor faz um sinal inteligente, mas a vitalidade de que se acha animada lhe permite obedecer à impulsão de uma inteligência. Fique sabendo, pois, que a mesa que se move não se torna *Espírito*, e de que ela não possui, por si mesma, nem pensamento, nem vontade.”

Observação. A gente se serve muitas vezes de uma expressão análoga na linguagem coloquial; a gente diz de uma roda que gira com velocidade que ela se acha *animada* por um movimento rápido.

17. Qual é a causa preponderante na produção desse fenômeno: o Espírito ou o fluido?

“O Espírito é a causa, o fluido é o instrumento; as duas coisas são necessárias.”

18. Que papel desempenha a vontade do médium nesse caso?

“Chamar os Espíritos e auxiliá-los na impulsão dada ao fluido.”

— É sempre indispensável a ação da vontade?

“Ela aumenta a força, mas nem sempre é necessária, uma vez que o movimento pode ocorrer contra e malgrado essa vontade; aí está uma prova de que existe uma causa independente do médium.”

Observação. O contato das mãos nem sempre é necessário para fazer mover um objeto. Ele serve, o mais das vezes, para dar a primeira impulsão, mas, uma vez que o objeto está animado, ele pode obedecer à vontade sem contato material; isso depende seja da força do médium, seja da natureza dos Espíritos. Nem

mesmo um primeiro contato é sempre indispensável: tem-se a prova disso nos movimentos e deslocamentos espontâneos que não se imaginou provocar.

19. Por que nem todo o mundo consegue produzir o mesmo efeito, e por que não possuem todos os médiuns a mesma força?

“Isso depende do organismo e da maior ou menor facilidade com a qual a combinação dos fluidos é capaz de operar; depois, o Espírito do médium se afeiçoa mais ou menos com os Espíritos estranhos que encontram nele a força fluídica necessária. Sucede com essa força como com a dos magnetizadores, que é maior ou menor. Sob este aspecto, existem pessoas que são totalmente refratárias, outras nas quais a combinação se realiza apenas através de um esforço de sua vontade; outras, enfim, para as quais ela ocorre tão naturalmente e tão facilmente que elas não se apercebem disso e servem de instrumento à revelia, como nós já dissemos.” (Ver, logo após, o capítulo das manifestações espontâneas.)

Observação. O magnetismo constitui, sem nenhuma dúvida, o princípio desses fenômenos, mas não como se entende geralmente; a prova reside no fato de que existem poderosíssimos magnetizadores que não fariam mover-se u’a mesinha e de pessoas que não conseguem magnetizar, crianças mesmo, a quem é suficiente pousar os dedos sobre uma pesada mesa para fazê-la agitar-se; portanto, se a força medianímica não se acha em correlação com a força magnética, é que ela possui outra causa.

20. Podem as pessoas ditas elétricas ser consideradas médiuns?

“Essas pessoas haurem em si mesmas o fluido necessário para a produção do fenômeno e conseguem agir sem o concurso de Espíritos estranhos. Elas não são médiuns no sentido que se atribui a essa palavra; mas é possível também que um Espírito as assista e tire proveito de suas disposições naturais.”

Observação. Seriam essas pessoas como os sonâmbulos, que podem agir com ou sem o concurso de um Espírito estranho. (Ver, no capítulo dos médiuns, o artigo relativo aos médiuns sonâmbulos.)

21. Entranha-se o Espírito que atua sobre os corpos sólidos para movê-los na substância mesma dos corpos ou bem mantém-se fora dessa substância?

“Um e outro; nós dissemos que a matéria não é em absoluto um obstáculo para os Espíritos; eles penetram em tudo; uma porção do perispírito se identifica, por assim dizer, com o objeto em que penetra.”

22. Como o Espírito faz para bater? Ele se serve de um objeto material?

“Não mais que de seus braços para levantar a mesa. O senhor bem sabe que ele não tem um martelo a sua disposição. Seu martelo é o fluido combinado posto em ação por sua vontade para mover ou para bater. Quando ele move, a luz leva ao senhor a visão dos movimentos; quando ele bate, o ar leva o som.”

23. Nós concebemos isso quando ele bate sobre um corpo duro; mas como consegue ele fazer ouvir ruídos ou sons articulados no bulício do ar?

“Uma vez que ele atua sobre a matéria, ele é capaz de agir no ar tão bem quanto na mesa. Quanto aos sons articulados, ele é capaz de imitá-los como a todos os outros ruídos.”

24. O senhor afirma que o Espírito não se serve de suas mãos para sacudir a mesa; entretanto, a gente tem visto, em certas manifestações, aparecerem mãos cujos dedos passeiam sobre um teclado, mexem as teclas e fazem ouvir sons. Não pareceria que aqui o movimento das teclas é produzido pela pressão dos dedos? Não é essa pressão também direta e real, quando ela se faz sentir em nós mesmos, quando essas mãos deixam marcas sobre a pele?

“O senhor é capaz tão somente de compreender a natureza dos Espíritos e sua maneira de agir através de comparações, as quais não lhe fornecem senão uma ideia incompleta, e é um erro sempre querer cotejar os procedimentos deles aos seus. Os procedimentos deles têm de se achar

em relação com o organismo deles. Eu não lhe afirmei que o fluido do perispírito penetra na matéria e se identifica com ela, que ele a anima com uma vida factícia? Muito bem! Quando o Espírito pousa os dedos sobre as teclas, ele os pousa realmente e até mesmo ele as desloca; mas não é através da força muscular que pressiona a tecla; ele anima a tecla, como anima a mesa, e a tecla, que obedece à sua vontade, se desloca e bate na corda. Acontece também aqui uma coisa que o senhor irá compreender a custo: é que certos Espíritos são tão pouco adiantados e de tal modo materiais, comparativamente aos Espíritos elevados, que eles possuem ainda as ilusões da vida terrestre e creem agir como quando tinham seus corpos; não se dão conta da verdadeira causa dos efeitos que produzem, não mais do que um campônio não se dá conta da teoria dos sons que articula; pergunte-lhes como tocam o piano e lhe dirão que batem com seus dedos, porque creem bater; o efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam como, e isso, no entanto, através de sua vontade. Quando dão a ouvir palavras, é a mesma coisa.”

Observação. Resulta dessas explicações que os Espíritos são capazes de produzir todos os efeitos que produzimos nós mesmos, mas através de meios adequados a seu organismo; certas forças que lhes são próprias substituem os músculos que nos são necessários para agir, do mesmo jeito que o gesto substitui, para os mudos, a palavra que lhes falta.

25. Entre os fenômenos que são citados como comprovações da atividade de uma força oculta, existem os que são claramente contrários a todas as leis conhecidas da natureza; não parece que a dúvida, então, se justifica?

“É que o homem está longe de conhecer todas as leis da natureza; caso ele as conhecesse a todas, seria um Espírito superior. Cada dia, contudo, proporciona um desmentido aos que, imaginando tudo saber, pretendem impor limites à natureza, e nem por isso deixam de ser orgulhosos. Ao desvelar incessantemente novos mistérios, Deus avisa o homem para desconfiar de suas próprias luzes, pois um dia virá em que *a ciência do mais sábio será confundida*. O senhor não tem todos os dias exemplos de corpos animados de um movimento capaz de vencer a força de gravitação? O projétil, lançado ao ar, não ultrapassa temporariamente essa força? Pobres homens que creem ser muito sábios, e cuja tola vaidade é a cada instante desnortada, compenetrem-se, assim, de que vocês são ainda muito pequenos.”

75. Essas explicações são claras, categóricas e sem ambiguidade; ressalta delas como ponto capital que o fluido universal, no qual reside o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, e que tal agente recebe sua impulsão do Espírito, esteja encarnado ou errante. Esse fluido condensado constitui o perispírito ou invólucro semimaterial do Espírito. Estando o Espírito encarnado, o perispírito se une à matéria do corpo; estando na erraticidade, ele fica livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito permanece mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, caso se possa exprimir-se assim. Em certas pessoas, existe uma espécie de emanção desse fluido, como consequência de sua organização, e é isso, propriamente falando, que constitui os médiuns de influências físicas. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, sua combinação mais ou menos fácil; daí os médiuns mais ou menos fortes; porém, ela não é em absoluto permanente, o que explica a intermitência da força.

76. Registremos uma comparação. Quando se tem a vontade de atuar materialmente sobre um ponto qualquer colocado a distância, é o pensamento que deseja, mas o pensamento sozinho não irá tocar esse ponto; ele precisa de um utensílio que aciona: um bastão, um projétil, uma corrente de ar etc. Observem mesmo que o pensamento não atua diretamente sobre o bastão, pois, caso a gente não o toque, ele não agirá sozinho. O pensamento, que outra coisa não é senão o Espírito encarnado em nós, está unido ao corpo através do perispírito; ora, ele não pode atuar sobre o corpo sem o perispírito, não mais que sobre o bastão sem o corpo; o pensamento atua

sobre o perispírito, porque este contém a substância com a qual tem mais afinidade; o perispírito atua sobre os músculos, os músculos agarram o bastão e o bastão alcança o alvo. Quando o Espírito não se acha encarnado, precisa de um utensílio estranho; esse utensílio é o fluido com a ajuda do qual ele prepara o objeto para cumprir o impulso de sua vontade.

77. Assim, quando um objeto é posto em movimento, levantado ou lançado no ar, não é em absoluto o Espírito que o agarra, o impulsiona e o levanta como nós o faríamos com a mão; ele o *satura*, por assim dizer, com seu fluido combinado com o do médium e o objeto, dessa forma temporariamente vivificado, age como o faria um ser vivo, com a diferença de que, não tendo vontade própria, ele segue o impulso da vontade do Espírito.

Uma vez que o fluido vital, impulsionado de algum modo pelo Espírito, fornece uma vida factícia e temporária aos corpos inertes, que o perispírito outra coisa não é que esse mesmo fluido vital, segue-se que, quando o Espírito se acha encarnado, é ele que proporciona a vida a seu corpo, por intermédio de seu perispírito; ele permanece unido enquanto o organismo o permite; quando ele se retira, o corpo morre. Agora, caso, em lugar de u'a mesa, a gente talhe a madeira em forma de estátua, e aja sobre essa estátua como sobre a mesa, a gente terá uma estátua que se mexerá, que baterá, que responderá através de seus movimentos e através de pancadas; a gente terá, em suma, uma estátua temporariamente animada por uma vida artificial; disseram mesas falantes; também se poderia dizer estátuas falantes. Quanta luz não lança esta teoria sobre uma grande quantidade de fenômenos até agora sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos não vem explicar!

78. Os incrédulos, apesar disso, objetam que o fenômeno do levantamento das mesas sem ponto de apoio é impossível, porque contraria a lei de gravitação. Nós lhes responderemos, primeiro, que sua negação não constitui uma prova; em segundo lugar, que, caso o fato exista, inutilmente ele seria contrário a todas as leis conhecidas, o que comprovaria apenas uma coisa: que ele repousa em uma lei desconhecida, e que os contestadores não podem ter a pretensão de conhecer todas as leis da natureza. Nós acabamos de explicar essa lei, mas essa não é uma razão para que seja aceita por eles, precisamente porque foi fornecida por Espíritos que deixaram sua roupa terrestre, em lugar de sê-lo pelos Espíritos que a possuem ainda e que se sentam na Academia. Dessa forma, caso o Espírito de Arago vivo houvesse fornecido essa lei, eles a teriam aceitado de olhos fechados; mas fornecida pelo Espírito de Arago morto, trata-se de uma utopia. E por que isso? Porque eles acreditam que, estando Arago morto, tudo morreu nele. Nós não temos a pretensão de dissuadi-los disso; entretanto, como essa objeção poderia embaraçar certas pessoas, nós vamos tentar responder a ela, colocando-nos segundo seu ponto de vista, quer dizer, fazendo abstração por um instante da teoria da animação factícia."

79. Quando se cria o vácuo sob a redoma da máquina pneumática, essa redoma adere com uma tal força que é impossível levantá-la por causa da pressão da coluna de ar que pesa sobre ela. Que se deixe entrar o ar, e a campânula é erguida com a maior facilidade, porque o ar de baixo determina o contrapeso do ar de cima; todavia, abandonada a si mesma, ela permanecerá sobre o prato em virtude da lei de gravitação. Agora, que o ar de baixo seja comprimido, a ponto de apresentar uma densidade maior que o de cima, a redoma se erguerá, malgrado a gravitação; caso a corrente de ar seja rápida e violenta, ela poderá sustentar-se no espaço sem nenhum apoio *visível*, à maneira desses homenzinhos que se faz voltejar sobre um jato de água. Por que, pois, o fluido universal, que é *o elemento de toda a natureza*, acumulando-se em torno da mesa, não possuiria a propriedade de diminuir-lhe ou de aumentar-lhe o peso específico relativo, como o ar faz com a redoma da máquina pneumática, como o gás hidrogênio faz com os balões, sem que para isso se derroguem as leis da gravitação? Conhecem vocês todas as propriedades e toda a força

desse fluido? Não; muito bem! Não neguem, pois, um fato porque vocês não são capazes de explicá-lo.

80. Retornemos à teoria do movimento da mesa. Se, pelo método indicado, o Espírito é capaz de levantar u'a mesa, é capaz de levantar qualquer outra coisa: uma poltrona, por exemplo. Se é capaz de levantar uma poltrona, é capaz também, com uma força suficiente, de levantá-la ao mesmo tempo com uma pessoa sentada em cima. Eis aqui a explicação desse fenômeno, que o Senhor Home produziu cem vezes para si e para outras pessoas; ele repetiu-o durante uma viagem a Londres, e, a fim de comprovar que os espectadores não estavam sendo joguetes de uma ilusão de ótica, deixou no forro u'a marca com um lápis e a gente passou por baixo dele. Sabe-se que o Senhor Home é um poderoso médium de efeitos físicos: ele era, nesse caso, a causa eficiente e o objeto.

81. Nós falamos há pouco do aumento do peso; trata-se de um fenômeno que se produz às vezes e não apresenta nada de anormal, não mais que a prodigiosa resistência da redoma sob a pressão da coluna atmosférica. Viram-se, sob a influência de certos médiuns, objetos muito leves oferecerem a mesma resistência, cedendo, depois, subitamente, a um mínimo esforço. Na experiência acima, a redoma não pesa, na realidade, nem mais nem menos que ela própria, mas parece mais pesada pelo efeito da causa externa que atua sobre ela; provavelmente, é o que se passa aqui. A mesa apresenta sempre o mesmo peso intrínseco, pois sua massa não foi aumentada, mas uma força estranha se opõe a seu movimento, e esta pode pertencer aos fluidos ambientes que a penetram, como a força que aumenta ou diminui o peso aparente da redoma se acha no ar. Façam a experiência da redoma pneumática diante de campônio ignorante; não compreendendo que é o ar, que ele não vê, que age, não será difícil de persuadi-lo de que se trata do diabo.

Dir-se-á, talvez, que sendo esse fluido imponderável, sua acumulação não pode aumentar o peso de um objeto: de acordo; mas observem que, se nós nos servimos da palavra *acumulação*, é por comparação e não por identificação absoluta com o ar; o fluido é imponderável, seja; todavia, nada o comprova; sua natureza íntima nos é desconhecida e estamos longe de conhecer-lhe todas as propriedades. Antes de se haver avaliado o peso do ar, não se suspeitava dos efeitos desse mesmo peso. A eletricidade se acha também alinhada entre os fluidos imponderáveis; contudo, um corpo pode ser retido por uma corrente elétrica e oferecer uma grande resistência a quem queira levantá-lo; logo, ele se tornou em aparência mais pesado. Por não se perceber o suporte, seria ilógico concluir que não exista. O Espírito pode, portanto, possuir alavancas que nos são desconhecidas; a natureza nos comprova todos os dias que seu poder não se restringe ao testemunho dos sentidos.

Só se pode explicar por uma causa parecida o fenômeno singular, de que se viram vários exemplos, de uma jovenzinha fraca e delicada levantar com dois dedos, sem esforço e como uma pluma, um homem forte e robusto, com a cadeira em que ele estava sentado. O que comprova uma causa estranha à pessoa são as intermitências da faculdade.

CAPÍTULO V

MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

Barulhos, balbúrdias e perturbações. — Objetos arremessados. — Fenômeno de transportes.

82. Os fenômenos de que acabamos de falar são provocados; mas sucede, às vezes, que eles ocorrem espontaneamente, sem participação da vontade; e longe dela, uma vez que se tornam frequentemente bastante importunos. O que exclui, por outro lado, o pensamento de que possam ser um efeito da imaginação superexcitada pelas ideias espíritas é que se produzem entre pessoas que não ouviram jamais falar neles, e quando menos estão esperando. Tais fenômenos, que a gente poderia chamar de espiritismo prático natural, são muito importantes, porquanto não dão oportunidade à suspeita de conivência; eis porque nós incitamos as pessoas que se ocupam de fenômenos espíritas a recolherem todos os fatos desse tipo que chegarem a seu conhecimento, mas, sobretudo, a verificarem com cuidado a verdade através de um estudo minucioso das circunstâncias, a fim de se assegurarem de que não se está sendo o juguete de uma ilusão ou de u'a mistificação.

83. De todas as manifestações espíritas, as mais simples e as mais frequentes são os barulhos e as batidas; aqui, sobretudo, é que é preciso temer a ilusão, pois uma infinidade de causas naturais podem produzi-los: o vento que assobia ou que agita um objeto, um corpo que a gente mesmo sem perceber balança, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto etc., até mesmo as artes de brincalhões de mau gosto. Os barulhos espíritas apresentam, aliás, uma característica particular, ostentando uma intensidade e um timbre muito variados, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem confundi-los com os estalos da madeira, a crepitação do fogo ou o tique-taque monótono de um relógio; são pancadas secas, ora surdas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes ruidosas, que mudam de lugar e se repetem sem apresentar uma regularidade mecânica. De todos os métodos de controle, o mais eficaz, o que não tem como deixar dúvida sobre a origem deles, é o da obediência à vontade. Caso as batidas se façam ouvir no local designado, caso eles respondam ao pensamento através da quantidade ou da intensidade das batidas, não se pode não reconhecer neles uma causa inteligente; mas a falta de obediência nem sempre constitui uma prova contrária.

84. Admitamos agora que, através de uma averiguação minuciosa, se adquire a certeza de que os barulhos ou todos os outros efeitos constituem manifestações reais; é lógico que a gente se apavore? Não, seguramente; pois, em nenhum caso, não poderia existir aí o menor perigo; só as pessoas que se persuadem de que se trata do diabo é que podem ser afetadas de um modo pernicioso, como as crianças a quem se causa medo do lobisomem ou do bicho-papão. Essas

manifestações adquirem, em certas circunstâncias, é preciso convir, proporções e uma persistência desagradáveis, das quais se tem o desejo bem natural de se desembaraçar. Uma explicação se faz necessária sobre este assunto.

85. Nós afirmamos que as manifestações físicas têm por alvo chamar nossa atenção para alguma coisa, e convencer-nos da presença de uma força superior ao homem. Nós afirmamos também que os Espíritos elevados não se ocupam dessas formas de manifestações; eles se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nós nos servimos de empregados para a tarefa pesada, e isso com o fito que acabamos de indicar. Uma vez alcançada essa meta, a manifestação material cessa, porque não é mais necessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender a coisa.

86. Há muitos anos, no início de meus estudos sobre o espiritismo, estando uma noite ocupado com um trabalho sobre esta matéria, batidas se fizeram ouvir em torno de mim durante quatro horas consecutivas; era a primeira vez que uma tal coisa me sucedia; eu verifiquei que elas não apresentavam nenhuma causa accidental, mas no momento eu não pude saber nada além disso. Eu tinha, naquela época, oportunidade de visitar frequentemente um excelente médium escrevente. No dia seguinte, eu interroguei o Espírito que se comunicava por seu intermédio sobre a causa das batidas. *Trata-se*, me foi respondido, *de seu Espírito familiar, que desejava falar-lhe*. — E o que desejava ele dizer-me? Resposta: Você pode perguntar-lhe você mesmo, pois ele está aqui. — Havendo, pois, interrogado aquele Espírito, ele se fez conhecer sob um nome alegórico (eu soube depois, através de outros Espíritos, que ele pertence a uma ordem muito elevada e que desempenhou na Terra um papel importante); ele me assinalou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde se encontravam, ministrou-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e viria a meu chamado todas as vezes que eu desejasse interrogá-lo. A partir de então, de fato, aquele Espírito não me deixou jamais. Ele me forneceu muitas provas de uma grande superioridade, e sua intervenção *benevolente* e *eficaz* ficou evidente para mim nos afazeres da vida material, como no que toca às coisas metafísicas. Mas, desde a nossa primeira conversa, as batidas cessaram. Que desejava ele, de fato? Entrar em comunicação regular comigo; para isso, ele precisava avisar-me. Feita a advertência, em seguida explicada, estabelecidas as relações regulares, as batidas se tornaram inúteis. Não se bate mais o tambor para acordar os soldados quando eles estão de pé.

Um fato mais ou menos parecido aconteceu a um de nossos amigos. Desde algum tempo, seu quarto retinha com barulhos diversos, que se tornavam muito fatigantes. Apresentando-se uma ocasião para interrogar o Espírito de seu pai através de um médium escrevente, ele soube o que se desejava dele, fez o que lhe foi recomendado e, a partir de então, não ouviu mais nada daquilo. Deve-se observar que as pessoas que mantêm com os Espíritos um meio regular e fácil de comunicação obtêm muito mais raramente manifestações desse tipo, e isso se entende.

87. As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a barulhos e batidas; elas degeneram, às vezes, em verdadeira balbúrdia e perturbações; móveis e objetos diversos são revirados, projéteis de todos os tipos são lançados de fora, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, vidraças são arrebentadas, o que não pode ser posto na conta da ilusão.

O tumulto é com frequência muito efetivo, mas, às vezes, apresenta tão só as aparências da realidade. Ouve-se uma gritaria em um cômodo vizinho, um barulho de louça que cai e se quebra com estrondo, achas de lenha que rolam sobre o assoalho; a gente se apressa para acudir e encontra tudo tranquilo e em ordem; em seguida, assim que se sai, o tumulto recomeça.

88. As manifestações deste tipo não são nem raras nem novas. Poucas crônicas locais existem que não encerrem algumas dessas histórias. O medo, sem dúvida, tem muitas vezes

exagerado os fatos, que tomaram proporções de um ridículo gigantesco ao passarem de boca a boca. Com o auxílio da superstição, as casas onde eles se passaram ganharam a reputação de frequentadas pelo diabo e daí todos os contos maravilhosos ou terríveis de assombrações. De seu lado, a velhacaria não deixou escapar uma tão bela ocasião de explorar a credulidade, e isso muitas vezes a proveito de interesses pessoais. A gente entende, de resto, a impressão que fatos desse tipo, mesmo reduzidos à realidade, podem provocar sobre os caracteres fracos e predispostos pela educação às ideias supersticiosas. O mais seguro método de prevenir os inconvenientes que pudessem ter, uma vez que não se poderia impedi-los, é dar a conhecer a verdade. As coisas mais simples se tornam apavorantes, quando a causa é desconhecida. Quando a gente estiver familiarizada com os Espíritos e quando aqueles a quem eles se manifestam não crerem mais existir uma legião de demônios, não terão mais medo.

Pode-se ver, na *Revista Espírita*, o relato de muitos fatos autênticos desse tipo, entre outros, a história do Espírito batedor de Bergzabern, cujas peças de mau gosto duraram mais de oito anos (n.ºs de maio, junho e julho de 1858); a de Dibbelsdorf (agosto de 1858); a do padeiro das Grandes-Ventes, perto de Dieppe (março de 1860); a da Rua dos Noyers, em Paris (agosto de 1860); a do Espírito de Castelnau, sob o título de *História de um danado* (fevereiro de 1860); a do fabricante de São Petersburgo (abril de 1860); e muitas outras.

89. Os fatos desta natureza trazem com frequência o caráter de uma verdadeira perseguição. Nós conhecemos seis irmãs que residiam juntas e que, durante muitos anos, encontravam de manhã suas roupas espalhadas, escondidas até sobre os telhados, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais precauções que tomassem trancando-as a chave. Aconteceu muitas vezes que pessoas deitadas e *perfeitamente despertas* viam seus cortinados sacudirem, suas cobertas e seus travesseiros serem arrancados violentamente, eram erguidas de seus colchões e, às vezes, atiradas mesmo para fora da cama. Estes fatos são mais frequentes do que se crê; mas, na maioria das vezes, os que são vítimas deles não ousam falar de medo do ridículo. Chegou a nosso conhecimento que se acreditou curar certos indivíduos do que se considerava como alucinações, submetendo-os ao tratamento dos alienados, o que os tornou realmente loucos. A medicina não tem como compreender essas coisas, porque admite para as causas apenas o elemento material, donde resultam equívocos frequentemente funestos. A história, um dia, descreverá certos tratamentos do século dezenove, como se descrevem hoje em dia certos procedimentos da Idade Média.

Nós admitimos perfeitamente que certos fatos são obra da malícia ou da malevolência; mas, se, feitas todas as averiguações, ficar constatado que não se trata de obra dos homens, é preciso convir que são obra que uns dirão do diabo; quanto a nós, nós diremos dos Espíritos; mas de quais Espíritos?

90. Os Espíritos superiores, como entre nós os homens graves e sérios, não se divertem com provocar tumultos. Nós fizemos que viessem muitas vezes para perguntar o motivo que leva certos Espíritos a perturbar dessa forma o sossego. A maior parte não tem outro objetivo senão o de divertir-se; trata-se de Espíritos mais levianos que maus, que riem dos pavores que ocasionam e das investigações inúteis que são realizadas para se descobrir a causa do tumulto. Amiúde, eles se obstinam junto a um indivíduo que se alegram em atormentar e que perseguem de casa em casa; outras vezes, eles se prendem a um lugar sem outra razão que seu capricho. Trata-se às vezes também de uma vingança que executam, como teremos ocasião de ver. Em certos casos, sua intenção é mais louvável; eles desejam chamar a atenção e se pôr em contato, seja para dar um aviso útil à pessoa a quem se dirigem, seja para pedir algo para si mesmos. Nós os vimos frequentemente pedir preces, outros, solicitar o cumprimento em seu nome de um voto que não puderam efetuar, outros, enfim, desejar, no interesse de seu próprio repouso, reparar uma ação

ruim cometida por eles em sua vida. Em geral, engana-se quem se apavora com eles; sua presença pode ser importuna, mas não perigosa. A gente entende, de resto, o desejo que se tem de se desembaraçar deles, e se faz geralmente para isso justamente o contrário do que se deveria. Caso se trate de Espíritos que se divertem, mais se leva a coisa a sério, mais eles persistem, como crianças travessas que aborrecem ainda mais quando percebem que se impacientam com elas, assustando os poltrões. Caso se tome o sábio partido de rir de suas peças de mau gosto, eles acabam cansando-se e ficando tranquilos. Nós conhecemos alguém que, ao invés de se irritar, os excitava, os desafiava a fazer tal ou qual coisa, tanto que após alguns dias eles não voltaram mais. Mas, como nós dissemos, existem aqueles cujo motivo é menos frívolo. Eis porque é sempre útil saber o que desejam. Caso peçam algo, pode-se estar certo de que cessarão suas visitas assim que seu desejo for satisfeito. O melhor meio de se informar a respeito é o de evocar o Espírito por intermédio de um bom médium escrevente; por suas respostas, rapidamente se verá com quem se está lidando e se agirá de conformidade; caso seja um Espírito infeliz, a caridade determina que seja tratado com as atenções que merece; caso seja um brincalhão de mau gosto, pode-se agir com ele sem cerimônias; caso seja um malvado, é preciso rogar a Deus para torná-lo melhor. Seja qual for a causa, a prece sempre pode apresentar tão só um bom resultado. Mas a austeridade das fórmulas de exorcismo os faz rir e eles não as levam em nenhuma conta. Se a gente consegue entrar em comunicação com eles, é preciso desconfiar dos qualificativos burlescos ou apavorantes que eles se atribuem às vezes para se divertirem com a credulidade.

Nós retornaremos com mais detalhes sobre este assunto e sobre as causas que tornam tantas vezes os exorcismos ineficazes, nos capítulos relativos aos *lugares assombrados* e à *obsessão*.

91. Estes fenômenos, conquanto executados por Espíritos inferiores, amiúde são provocados por Espíritos de um ordem mais elevada, com o fito de convencer sobre a existência de seres incorpóreos e de um poder superior ao homem. A repercussão que daí resulta, o pavor mesmo que isso causa, chamam a atenção e findarão por fazer que abram os olhos os mais incrédulos. Estes acham mais simples pôr estes fenômenos na conta da imaginação, explicação muito cômoda e que dispensa de proporcionar outras; todavia, quando os objetos são bagunçados ou lhes são arremessados à cabeça, precisar-se-ia de uma imaginação bem complacente para configurar que semelhantes coisas existam quando não existem. A gente observa um efeito qualquer; tal efeito possui necessariamente uma causa; se uma observação *fria e calma* nos demonstra que esse efeito é independente de toda vontade humana e de toda causa material, se, além disso, ela nos fornece sinais *claros* de inteligência e livre-arbítrio, *o que constitui o sinal mais característico*, as pessoas são rigorosamente forçadas a atribuí-la a uma inteligência oculta. Que são esses seres misteriosos? Eis o que os estudos espíritas nos ensinam do jeito menos contestável, através dos métodos que nos proporcionam de comunicação com eles. Esses estudos nos ensinam, por outro lado, a separar o que existe de real, de falso ou de exagerado nos fenômenos que não presenciamos. Caso um efeito insólito se produza: barulho, movimento, aparição mesmo, o primeiro pensamento que se deve ter é que ele é devido a uma causa de todo natural, porque é a mais provável; é preciso, então, buscar essa causa com o maior cuidado, e não admitir a intervenção de Espíritos senão com um bom discernimento; é esse o meio de não se iludir. Quem, por exemplo, sem se aproximar de ninguém, recebesse um tapa ou bastonadas nas costas, como isso já se viu, não poderia duvidar da presença de um ser invisível.

A gente deve resguardar-se não somente dos relatos que podem ser no mínimo tachados de exagero, como também de suas próprias impressões, e não atribuir uma origem oculta a tudo o que não se compreende. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais podem produzir efeitos estranhos à primeira vista, e constituiria uma verdadeira superstição ver por toda a parte

Espíritos ocupados em revirar os móveis, quebrar a louça, causar mil e um tormentos domésticos, pelos quais é mais racional responsabilizar a falta de jeito.

92. A explicação dada do movimento dos corpos inertes se aplica naturalmente a todos os efeitos espontâneos de que acabamos de ver. Os barulhos, conquanto mais fortes que os estalos na mesa, têm a mesma causa; os objetos arremessados ou deslocados o são pela mesma força que levanta um objeto qualquer. Uma circunstância vem aqui em apoio a essa teoria. A gente poderia perguntar onde fica o médium nessa circunstância. Os Espíritos nos afirmaram que em tal caso existe sempre alguém cujo poder se exerce à revelia. As manifestações espontâneas se produzem muito raramente em lugares isolados; é quase sempre em casas habitadas que elas se dão, e em razão da presença de certas pessoas que exercem uma influência sem desejá-lo; essas pessoas são verdadeiros médiuns que não se conhecem a si mesmos, e que nós chamamos por esse motivo de *médiuns naturels*; elas estão para os outros médiuns como os sonâmbulos naturais estão para os sonâmbulos magnéticos, e são da mesma forma curiosos de observar.

93. A intervenção voluntária ou involuntária de uma pessoa dotada de uma aptidão especial para a produção desses fenômenos parece ser necessária na maior parte dos casos, conquanto existam aqueles em que o Espírito parece agir sozinho; mas então poderia ocorrer de ir captar o fluido animalizado em outro local e não em uma pessoa presente. Isso explica por que os Espíritos que nos rodeiam sem cessar não produzem perturbações a todo instante. É preciso, primeiro, que o Espírito o deseje, que ele possua um objetivo, um motivo, sem o que ele não faz nada. É preciso muitas vezes, em seguida, que encontre, exatamente no lugar em que desejaria agir, uma pessoa apta a auxiliá-lo, coincidência que acontece muito raramente. Aparecendo essa pessoa inopinadamente, ele tira proveito disso. Malgrado a reunião de circunstâncias favoráveis, ele poderia ainda estar impedido por uma vontade superior que não lhe permitiria agir à sua vontade. É possível que lhe seja permitido apenas fazê-lo dentro de certos limites, e nos casos em que essas manifestações fossem julgadas úteis, seja como meio de convicção, seja como provação para a pessoa que é o objeto delas.

94. Nós reproduziremos sobre o assunto apenas a conversação provocada a propósito dos fatos que se passaram em junho de 1860, na Rua dos Noyers, em Paris. Encontrar-se-ão os detalhes na *Revista Espírita*, número de agosto de 1860.

1. (A São Luís.) Teria o senhor a bondade de nos dizer se os fatos que dizem que estão acontecendo na Rua dos Noyers são reais? Quanto à possibilidade, nós não duvidamos dela.

“Sim, esses fatos são verdadeiros; somente a imaginação dos homens os exagerará, seja por medo, seja por ironia; mas eu repito: eles são verdadeiros. Tais manifestações estão sendo provocadas por um Espírito que se diverte um pouco às custas dos habitantes do lugar.”

2. Existe, na casa, uma pessoa que esteja causando essas manifestações?

“Elas são sempre causadas pela presença de uma pessoa a quem se agride; é o que o Espírito perturbador deseja fazer ao habitante do lugar em que está; ele deseja causar-lhe problemas ou busca mesmo fazê-lo sair.”

3. Nós perguntamos se, entre os habitantes da casa, existe alguém que seja a causa desses fenômenos, através de uma influência medianímica espontânea e involuntária.

“É bem preciso que seja assim, *sem o que o fenômeno não poderia ocorrer*. Um Espírito habita um lugar de sua predileção; ele permanece em inação enquanto uma natureza que lhe seja conveniente não se apresente nesse lugar; quando essa pessoa chega, então ele se diverte o quanto pode.”

4. É indispensável a presença dessa pessoa nos lugares mesmos?

“É o caso mais ordinário, e é o desse fato que o senhor citou: eis porque eu disse que, sem isso, o fato não teria como acontecer; mas não pretendi generalizar; existem aqueles em que a presença próxima não é necessária.”

5. Pertencendo esses Espíritos sempre a uma ordem inferior, é uma presunção desfavorável para a pessoa sua aptidão para servir-lhes de coadjuvante? Indica isso uma simpatia com os seres dessa natureza?

“Não precisamente, pois essa aptidão advém de uma disposição física; todavia, indica, muitíssimas vezes, uma tendência material que seria preferível não possuir: mais se é elevado moralmente, mais se atraem para si os bons Espíritos, que afastam necessariamente os maus.”

6. Onde vai o Espírito pegar os projéteis de que se serve?

“Esses vários objetos são, o mais das vezes, apanhados nos próprios lugares ou na vizinhança; uma força proveniente do Espírito os lança no espaço, e eles caem em um lugar designado por esse Espírito.”

7. Uma vez que as manifestações espontâneas amiúde são permitidas e mesmo provocadas com o fito de convencer, parece-nos que, se determinados incrédulos fossem pessoalmente seu alvo, seriam forçados a se renderem à evidência. Eles lamentam, às vezes, não poderem ser testemunhas de fatos concludentes; não dependeria dos Espíritos conceder-lhes alguma prova perceptível?

“Não são os ateus e os materialistas, a todo instante, testemunhas dos efeitos do poder de Deus e do pensamento? Isso não os impede de negar Deus e a alma. Converteram os milagres de Jesus todos os seus contemporâneos? Os fariseus que lhe diziam: ‘Mestre, faça-nos ver algum prodígio’ não se parecem com os que, hoje em dia, pedem que o senhor os faça ver manifestações? Se eles não se convencem através das maravilhas da criação, não seriam mais convencidos mesmo quando os Espíritos lhes aparecessem de maneira a menos equívoca, porque seu orgulho os torna como cavalos rebeldes. As ocasiões de ver não lhes faltariam, caso eles as procurassem de boa-fé; eis porque Deus não julga adequado fazer por eles mais do que faz pelos que procuram sinceramente instruir-se, pois ele recompensa tão somente os homens de boa vontade. A incredulidade deles não impedirá a vontade de Deus de cumprir-se; o senhor bem sabe que ela não impediu a doutrina de expandir-se. Pare, pois, de se inquietar com sua oposição, que está para a doutrina como a sombra está para o quadro: ela lhe dá um maior relevo. Que mérito teriam eles em serem convencidos à força? Deus lhes deixa toda a responsabilidade de sua teimosia, e esta responsabilidade será mais terrível do que o senhor possa imaginar. Bem-aventurados os que creem sem terem visto, disse Jesus, porque não duvidam do poder de Deus.”

8. Acredita o senhor que seria útil evocar esse Espírito para lhe pedir algumas explicações?

“Evoque-o, se o senhor quiser; mas se trata de um Espírito inferior, que lhe fornecerá apenas respostas bastante insignificantes.”

95. Colóquio com o Espírito perturbador da rua dos Noyers.

1. Evocação.

“Que tem você de me chamar? Deseja algumas pedradas? Aí é que a gente ia ver um belo salve-se-quem-puder, malgrado seu ar de bravura.”

2. Quando você nos jogar pedras aqui, isso não nos vai apavorar; nós perguntamos mesmo de modo positivo se você consegue jogá-las em nós.

“Aqui, eu não poderia, talvez; você tem um guardião que vela muito por você.”

3. Na rua dos Noyers, existia ali uma pessoa que lhe servia de ajudante para lhe facilitar as arruaças que você impingia aos habitantes da casa?

“Certamente; eu encontrei um bom instrumento e nenhum Espírito douto, sábio e prudente para me impedir; pois eu sou alegre; eu gosto às vezes de me divertir.”

4. Quem foi a pessoa que lhe serviu de instrumento?
“Uma empregada.”
5. Era à revelia que ela lhe servia de ajudante?
“Oh! Sim! Pobrezinha! Ela era a mais apavorada.”
6. Agia você com uma intenção hostil?
“Eu não tinha nenhuma intenção hostil; mas os homens que se apoderam de tudo vão virar isso para sua vantagem.”
7. Que entende você por isso? Nós não o estamos compreendendo.
“Eu procurava me divertir, mas vocês outros, vocês vão estudar a coisa e vocês terão um fato a mais para mostrar que nós existimos.”
8. Você afirma que não tinha intenção hostil, todavia, você arrebentou todas as vidraças do apartamento; desse jeito você causou um prejuízo real.
“Trata-se de um detalhe.”
9. Onde você foi buscar os objetos que você lançou?
“Eles são muito comuns; eu os achei no pátio, nos jardins vizinhos.”
10. Achou *todos*, ou fabricou alguns? (Ver adiante o capítulo VIII.)
“Eu não criei nada, nada compus.”
11. Caso você não os encontrasse, teria podido fabricá-los?
“Isso teria sido mais difícil; mas, no pior dos casos, a gente mistura as matérias e disso resulta uma coisa qualquer.”
12. Agora, diga-nos como você os lançou.
“Ah! Isso é mais difícil de dizer; eu me utilizei da natureza elétrica da moça, junto com a minha menos material; nós pudemos transportar assim os diversos materiais, nós dois.”
13. Você gostaria, eu penso, de nos fornecer algumas informações sobre sua pessoa. Diga-nos, então, primeiro, se faz tempo que você morreu.
“Faz bastante tempo; faz bem cinquenta anos.”
14. Que fazia você quando vivo?
“Nada de bom; eu catava papel neste bairro e me diziam às vezes besteiras, porque eu gostava muito do licor vermelho do bonachão Noé; por isso eu queria fazer todo o mundo fugir.”
15. Foi por você mesmo e de sua plena vontade que você respondeu às nossas questões?
“Eu tinha um preceptor.”
16. Quem é esse preceptor?
“Seu bom rei Luís.”

Observação. Esta questão foi motivada pela natureza de certas respostas que pareceram ir além do alcance desse Espírito, pelo fundo das ideias e mesmo pela forma da linguagem. Não existe nada de admirar no fato de que tenha sido ajudado por um Espírito mais esclarecido que desejava aproveitar essa ocasião para nos dar uma instrução. Este é um fato bastante comum, mas uma particularidade notável nesta circunstância é que a influência do outro Espírito se fez sentir sobre a escrita mesmo; a das respostas em que ele interveio é mais regular e mais fluente; a do catador de papel é angulosa, grossa, irregular, amiúde pouco legível, e traz consigo um caráter bastante diferente.

17. O que faz você agora; você se ocupa de seu futuro?
“Ainda não; eu estou vagando. Pensa-se tão pouco em mim na Terra que ninguém roga por mim: assim eu não sou ajudado, eu não trabalho.”

Observação. Veremos mais tarde quanto se pode contribuir para o adiantamento e para o refrigério dos Espíritos inferiores através da prece e dos conselhos.

18. Qual era seu nome quando vivo?
“Jeannet.”

19. Muito bem! Jeannet, nós rogaremos por você. Diga-nos se nossa evocação lhe deu prazer ou contrariedade.

“Prazer, de fato, pois vocês são homens de caráter, viventes joviais, conquanto um pouco austeros; não importa: vocês me ouviram, eu fiquei contente.”

JEANNET.

Fenômeno de transportes.

96. Este fenômeno difere dos que nós acabamos de falar apenas pela intenção benevolente do Espírito seu autor, pela natureza dos objetos quase sempre graciosos e pela maneira afetuosa e amiúde delicada com que são transportados. Ele consiste no transporte espontâneo de objetos que não existem no lugar em que se está: o mais das vezes são flores, às vezes frutas, bombons, joias etc.

97. Digamos, primeiro, que este fenômeno é um dos que mais se prestam à imitação, e que, por conseguinte, é preciso resguardar-se contra a trapaça. A gente sabe até aonde pode ir a arte da prestidigitação quanto às experiências deste tipo; mas, sem se ter vinculação com um homem do ramo, poder-se-ia ser facilmente ludibriado por u’a manobra hábil e interessada. A melhor de todas as garantias se acha *no caráter, na honorabilidade notória, no desinteresse absoluto* da pessoa que obtém tais efeitos; em segundo lugar, no exame atento de todas as circunstâncias nas quais os fatos se produzem; enfim, no conhecimento esclarecido do espiritismo, único que pode pôr a descoberto o que existir de suspeito.

98. A teoria do fenômeno de transportes, e das manifestações físicas em geral, se acha resumida de um modo notável na dissertação a seguir, por um Espírito cujas comunicações todas trazem um cunho incontestável de profundidade e de lógica. Encontrar-se-ão diversas na sequência desta obra. Ele se dá a conhecer sob o nome de *Erasto*, discípulo de São Paulo, e como Espírito protetor do médium que lhe serviu de intérprete:

“É preciso necessariamente, para obter fenômenos desta ordem, ter consigo médiuns que eu chamarei *sensitivos*, quer dizer, dotados no mais alto grau de faculdades medianímicas de expansão e de penetrabilidade; porque o sistema nervoso desses médiuns, facilmente excitável, lhes permite, por meio de certas vibrações, projetar em torno de si com profusão seu fluido animalizado.

“As naturezas impressionáveis, as pessoas cujos nervos vibram ao menor sentimento, à mínima sensação, as quais a influência moral ou física, interna ou externa, sensibiliza, são as mais aptas a se tornarem excelentes médiuns para os efeitos físicos de tangibilidade e de transportes. De fato, seu sistema nervoso, quase inteiramente desprovido do invólucro refratário que isola esse sistema na maioria dos outros encarnados, torna-as adequadas ao desenvolvimento desses diversos fenômenos. Em consequência, com um indivíduo dessa natureza, cujas outras faculdades não sejam hostis à mediunização, obter-se-ão mais facilmente os fenômenos de tangibilidade, os estalos nas paredes e nos móveis, os movimentos *inteligentes*, e mesmo a levitação no espaço da mais pesada matéria inerte. Com tanto mais razão, obter-se-ão os mesmos resultados, caso, ao invés de um médium, se tenha à mão vários igualmente bem dotados.

“Mas, da produção desses fenômenos à obtenção daquele dos transportes, existe todo um mundo; pois, neste caso, não somente o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como também o Espírito pode agir apenas por meio de um único aparelho medianímico; quer dizer que

diversos médiuns não têm como concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede mesmo, ao contrário, que a presença de certas pessoas antipáticas ao Espírito que está atuando entrava radicalmente sua operação. A essas razões, a que, como o senhor percebe, não falta importância, junte que os transportes necessitam sempre de u'a maior concentração, e, ao mesmo tempo, de u'a maior difusão de certos fluidos, e que estes não podem ser obtidos senão com os médiuns mais bem dotados, aqueles, em suma, cujo aparelho *eletromedianímico* seja o mais bem condicionado.

“Em geral, as ocorrências de transportes são e permanecerão muitíssimo raras. Eu não tenho necessidade de demonstrar-lhes por que elas são e serão menos frequentes que as outras de tangibilidade; do que eu afirmo, concluam vocês por si mesmos. Aliás, esses fenômenos são de uma natureza tal que nem todos os médiuns estão aptos a eles, como nem todos os Espíritos conseguem produzi-los. De fato, é preciso que entre o Espírito e o médium influenciado exista uma certa afinidade, uma certa analogia, em suma, uma certa semelhança que permita à porção expansível do fluido *perispírico*⁶ do encarnado misturar-se, unir-se, combinar-se com o do Espírito que deseja efetuar o transporte. Esta fusão deve ser tal que a força resultante se torne, por assim dizer, *una*; da mesma forma que uma corrente elétrica, atuando sobre o carvão, produz um foco, uma claridade única. Por que esta união; por que esta fusão?, perguntarão vocês. É que, para a produção desses fenômenos, é preciso que as propriedades essenciais do Espírito propulsor sejam aumentadas com algumas do medianimizado; é que o *fluido vital*, indispensável à produção de todos os fenômenos medianímicos, constitui apanágio *exclusivo* do encarnado, do qual, por conseguinte, o Espírito operante tem obrigatoriamente de se impregnar. Só então é que ele consegue, por meio de algumas propriedades do meio ambiente terreno, desconhecidas para vocês, isolar, tornar invisíveis e mover certos objetos materiais e até encarnados.

“Não me permitem, por enquanto, desvendar-lhes as leis particulares que regem os gases e fluidos que os envolve; mas, antes que os anos se escoem, antes que uma existência do homem se complete, a explicação dessas leis e desses fenômenos lhes será revelada, e vocês verão surgir e se produzir uma nova variedade de médiuns, que cairão em um estado cataléptico particular quando forem mediunizados.

“Vocês percebem de quantas dificuldades a produção dos transportes se acha cercada; vocês podem concluir daí, mui logicamente, que os fenômenos dessa natureza são extraordinariamente raros, como eu disse, e, com muito maior razão, que os Espíritos pouquíssimo se prestam a isso, porque esse fenômeno requer deles um trabalho quase material, o que lhes constitui um aborrecimento e uma fadiga. Por outro lado, acontece ainda isto: muito frequentemente, malgrado sua energia e sua vontade, o estado do próprio médium lhes opõe uma barreira infranqueável.

“Logo, está claro, e seu raciocínio o sanciona, eu não duvido, que os atos tangíveis de batidas, de movimentos e de levitação constituem fenômenos simples, que se realizam através da concentração e da dilatação de certos fluidos, e que podem ser provocados e obtidos através da vontade e do trabalho de médiuns próprios, quando estes são secundados por Espíritos amigos e benévolos; ao passo que os atos de transporte são múltiplos, complexos, exigem uma ocorrência de condições especiais, não conseguem efetuar-se senão através de um só Espírito e de um só médium e necessitam, além das exigências da tangibilidade, uma combinação de todo específica para isolar e tornar invisíveis o objeto ou os objetos que devem ser transportados.

“Vocês todos, espíritas, vocês compreendem as minhas explicações e vocês se dão conta perfeitamente dessa concentração de fluidos especiais para a locomoção e a tatilidade da matéria

⁶ Nota-se que, quando se trata de exprimir uma ideia nova para a qual a língua carece de um termo, os Espíritos sabem perfeitamente criar neologismos. Estas palavras: *eletromedianímico*, *perispírico*, não provieram de nós. Os que nos criticaram por havermos criado as palavras *espírita*, *espiritismo*, *perispírito*, que não apresentavam análogas, poderão abrir o mesmo processo contra os Espíritos.

inerte; vocês acreditam nisso como acreditam nos fenômenos da eletricidade e do magnetismo, com os quais os fatos medianímicos estão plenos de analogia, e constituem, por assim dizer, a consagração e o desenvolvimento deles. Quanto aos incrédulos e aos sábios piores que os incrédulos, eu não tenho o que fazer para convencê-los nem me ocupo deles; eles serão um dia convencidos através da força da evidência, pois será preciso que se inclinem perante o testemunho unânime dos fatos espíritas, como foram forçados a fazer perante tantos outros fatos que eles haviam de início repellido.

“Para resumir: se os fatos de tangibilidade são frequentes, os fatos de transporte são muito raros, porque suas condições são muito difíceis; por conseguinte, nenhum médium pode dizer: em tal hora, em tal momento, eu obterei um transporte, pois, amiúde, o Espírito mesmo se acha impedido em seu desempenho. Eu devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, pois aí se encontram quase sempre elementos energeticamente refratários que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tenham, ao contrário, como certo que esses fenômenos se produzem quase sempre em particular, espontaneamente, o mais das vezes à revelia dos médiuns e sem premeditação, e, enfim, rarissimamente quando estão preparados; donde vocês devem concluir que existe motivo legítimo de suspeita todas as vezes que um médium se ufana de obtê-los à vontade, quer dizer, de mandar nos Espíritos como nos serviços, o que é simplesmente absurdo. Tenham ainda por regra geral que os fenômenos espíritas não constituem em absoluto fatos para serem oferecidos em espetáculo e para divertirem os curiosos. Caso alguns Espíritos se prestem a esse tipo de coisas, não pode ser senão para fenômenos simples e não para os que, tais como os transportes e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

“Lembrem-se, espíritas, de que, se é absurdo rejeitar sistematicamente todos os fenômenos de além-túmulo, não é prudente, da mesma forma, aceitá-los a todos cegamente. Quando um fenômeno de tangibilidade, de aparição, de visibilidade ou de transporte se manifesta espontânea e instantaneamente, aceitem-no; mas eu nunca me cansarei de repetir-lhes: não aceitem nada cegamente; que cada fato sofra um exame minucioso, aprofundado e severo, pois, creiam-me, o espiritismo, tão rico de fenômenos sublimes e grandiosos, não tem nada a ganhar com essas manifestaçõeszinhas que hábeis prestidigitadores conseguem imitar.

“Eu bem sei que vocês irão dizer-me: ocorre que esses fenômenos são úteis para convencer os incrédulos; mas saibam que, se vocês não tivessem outros meios de convicção, não teriam hoje a centésima parte dos espíritas que têm. Falem ao coração: eis aí o caminho para que vocês realizem o máximo de conversões sérias. Caso creiam útil, para certas pessoas, convertê-las através dos fatos materiais, apresentem-nos, ao menos, em tais circunstâncias que não possam dar curso a nenhuma falsa interpretação; e, sobretudo, não se desviem das condições normais desses fatos, pois os fatos apresentados em más condições fornecem argumentos aos incrédulos, ao invés de convencê-los.” (ERASTO.)

99. Este fenômeno oferece, como particularidade bastante singular, a de que certos médiuns o obtêm apenas em estado sonambúlico; e isso se explica facilmente. Existe no sonâmbulo um desligamento natural, um tipo de isolamento do Espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários. Tal é o caso dos transportes de que fomos testemunha. As questões seguintes foram endereçadas ao Espírito que os havia produzido, mas suas respostas se ressentem, às vezes, de sua incompetência; nós as submetemos ao Espírito *Erasto*, muito mais esclarecido do ponto de vista teórico, que as completou através de observações assaz judiciosas. Um é o artífice, o outro, o sábio, e mesmo a comparação dessas duas inteligências constitui um estudo instrutivo, pois comprova que não é suficiente ser Espírito para tudo compreender.

1. Queira, eu lhe peço, dizer-nos por que os transportes que você realiza se produzem apenas no sono magnético do médium.

“Isso se liga à natureza do médium; os fatos que eu produzo quando o meu está dormindo eu poderia igualmente produzi-los no estado de vigília de outro médium.”

2. Por que você faz esperar tanto tempo o transporte de objetos, e por que excita a cobiça do médium, provocando-lhe seu desejo de obter o objeto prometido?

“Esse tempo é necessário para eu preparar os fluidos que servem para o transporte; quanto à excitação, é muitas vezes apenas para divertir as pessoas presentes e a sonâmbula.”

Observação de Erasto. O Espírito que respondeu não sabe mais que isso; ele não se dá conta do motivo dessa cobiça que incita instintivamente, sem compreender-lhe o efeito; crê divertir, ao passo que, na realidade, provoca, sem desconfiar disso, u’a maior emissão de fluido; é a consequência da dificuldade que apresenta o fenômeno, dificuldade sempre maior quando não é espontâneo, sobretudo em relação a certos médiuns.

3. A produção do fenômeno liga-se à natureza especial do médium; poder-se-ia produzi-lo através de outros médiuns com mais facilidade e prontidão?

“A produção liga-se à natureza do médium, e não se pode produzir senão com as naturezas correspondentes; para a prontidão, o hábito que nós adquirimos ao corresponder frequentemente com o mesmo médium é de grande ajuda para nós.”

4. Serve para algo a influência das pessoas presentes?

“Quando existe incredulidade, oposição, a gente pode muitas vezes atrapalhar-se; nós preferimos efetuar nossas provas com os que acreditam e com as pessoas versadas no espiritismo; mas eu não quero dizer com isso que a má vontade poderia paralisar-nos completamente.”

5. Onde você pegou as flores e os bombons que nos trouxe?

“As flores, eu peguei nos jardins em que elas me agradam.”

6. Os bombons? O comerciante por certo notou que eles lhe faltavam.

“Eu os pego onde isso me agrada; o comerciante não notou absolutamente, porque eu coloquei outros no lugar.”

7. Mas os anéis possuem um valor; onde você os pegou? Isso não prejudicou a pessoa de quem você os retirou?

“Eu fui pegar em lugares desconhecidos de todos, e de modo que ninguém pudesse sentir-se prejudicado.

Observação de Erasto. Eu creio que o fato foi explicado de um modo insatisfatório em razão da capacidade do Espírito que respondeu. Sim; pode existir ali um prejuízo real, efetivamente, mas o Espírito não quis dar a impressão de haver desviado o que quer que seja. Um objeto não pode ser trocado senão por um objeto idêntico, de mesma forma, de mesmo valor; por conseguinte, se um Espírito possuísse a faculdade de substituir por um objeto parecido aquele que pegou, não haveria razão para pegá-lo, e poderia oferecer o que serve de substituto.

8. É possível transportar flores de um outro planeta?

“Não, isso não é possível para mim.”

— (A *Erasto.*) Teriam outros Espíritos esse poder?

“Não, isso não é possível em razão das diferenças de meio ambiente.”

9. Poderia você transportar flores do outro hemisfério; dos trópicos, por exemplo?

“Se for da Terra, eu posso.”

10. Poderia você fazer desaparecer os objetos que trouxe e levá-los de volta?

“Tão bem quanto eu os fiz vir; eu posso levá-los de volta à minha vontade.”

11. Causa-lhes a produção do fenômeno de transportes um sofrimento, uma dificuldade qualquer?

“Ela não nos causa nenhum sofrimento, quando temos permissão para isso; ela poderia causar-nos sofrimentos muito grandes, se desejássemos produzir os efeitos sem estar autorizados para isso.”

Observação de Erasto. Ele não deseja admitir seu sofrimento, conquanto seja real, uma vez que é forçado a efetuar uma operação, por assim dizer, material.

12. Quais são as dificuldades que vocês encontram?

“Nenhuma outra além de más disposições fluídicas que podem ser contrárias a nós.”

13. Como trazem vocês o objeto; carregam com as mãos?

“Não; nós o envolvemos em nós.”

Observação de Erasto. Ele não explica claramente sua operação, pois não envolve o objeto com sua própria personalidade; mas, como seu fluido pessoal é dilatável, permeável e expansível, ele combina uma parte desse fluido com uma parte do fluido animalizado do médium, e é nessa combinação que esconde e transporta o objeto do transporte. Não é correto, portanto, dizer que o envolve em si.

14. Transportaria você com a mesma facilidade um objeto de um peso considerável, de cinquenta quilos, por exemplo?

“O peso nada é para nós; nós trazemos flores porque isso pode ser mais agradável que um peso volumoso.”

Observação de Erasto. Está correto; ele tem como transportar cem e até duzentos quilos de objetos, pois a força da gravidade que existe para vocês é nula para ele; mas ainda aqui ele não se dá conta do que se passa. A massa de fluidos combinados é proporcional à massa de objetos; em suma, a força deve estar em correlação com a resistência; donde se segue que, se o Espírito transporta apenas uma flor ou um objeto leve, é quase sempre porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15. Existem às vezes desaparecimentos de objetos cuja causa se ignora; seriam provocados por Espíritos?

“Isso ocorre muitíssimas vezes, muito mais vezes do que vocês imaginam, e se poderia remediar isso pedindo ao Espírito para devolver o objeto desaparecido.”

Observação de Erasto. É verdade; mas, às vezes, o que se removeu foi bem removido; pois esses tais objetos que não se encontram mais em casa são amiúde levados para muitíssimo longe. Entretanto, como a remoção de objetos exige mais ou menos as mesmas condições fluídicas dos transportes, não pode ocorrer senão com a ajuda de médiuns dotados de faculdades especiais; eis porque, quando algo desaparece, existe maior probabilidade de que se trata de uma desatenção sua do que um ato dos Espíritos.

16. Existem efeitos que se consideram como fenômenos naturais e que se devem à ação de certos Espíritos?

“Seus dias estão cheios desses fatos aí que vocês não compreendem, porque não pensaram neles, e que um pouco de reflexão faria que vissem claramente.”

Observação de Erasto. Não atribuam aos Espíritos o que é obra da humanidade; mas creiam em sua influência oculta, constante, que faz nascer em redor de vocês mil circunstâncias, mil incidentes necessários à realização de seus atos, de sua existência.

17. Entre os objetos transportados, não existem os que podem ser fabricados pelos Espíritos; quer dizer, produzidos espontaneamente através das modificações que eles conseguem fazer passar o fluido ou o elemento universal?

“Não por mim, pois eu não tenho permissão para isso; somente um Espírito elevado é que pode.”

18. Como introduziu você esses objetos outro dia, uma vez que a sala estava fechada?

“Eu os fiz entrar comigo, envolvidos, por assim dizer, em minha substância; ainda que falasse muito mais a respeito, isso não é explicável.”

19. Como fez você para tornar visíveis os objetos que estavam invisíveis um instante antes?

“Eu retirei a matéria que os envolvia.”

Observação de Erasto. Não é a matéria propriamente dita que os envolve, mas um fluido haurido metade do perispírito do médium, metade do perispírito do Espírito que opera.

20. (A Erasto.) Pode um objeto ser transportado para um lugar perfeitamente fechado; em suma, consegue o Espírito espiritualizar um objeto material de modo que possa permear a matéria?

“Esta questão é complexa. Quanto aos objetos transportados, o Espírito consegue torná-los invisíveis mas não permeáveis; ele não tem como romper a agregação da matéria, o que redundaria na destruição do objeto. O objeto que ele deixou invisível, ele consegue transportar na hora que quiser e soltar apenas no momento conveniente para fazê-lo aparecer. Ocorre de outro modo quanto aos que nós compomos; como nós só introduzimos os elementos da matéria, e esses elementos são essencialmente permeáveis, como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados com a mesma facilidade com que os raios solares atravessam os ladrilhos de vidro, nós podemos perfeitamente dizer que introduzimos o objeto em um lugar, por mais fechado que se ache; mas isso se dá somente neste caso.”

Nota. Ver mais adiante, quanto à teoria da formação espontânea dos objetos, o capítulo intitulado: *Laboratório do mundo invisível.*

CAPÍTULO VI

MANIFESTAÇÕES VISUAIS

Questões sobre as aparições. — Ensaio teórico sobre as aparições. — Espíritos glóbulos. — Teoria da alucinação.

100. De todas as manifestações espíritas, as mais interessantes são, sem controvérsia, aquelas através das quais os Espíritos conseguem ficar visíveis. A gente verá, pela explicação deste fenômeno, que ele não é mais sobrenatural que os outros. Nós oferecemos, de início, as respostas que nos foram dadas sobre o assunto pelos Espíritos.

1. São os Espíritos capazes de se tornar visíveis?

“Sim, sobretudo durante o sono; todavia, certas pessoas os veem também durante a vigília, mas é mais raro.”

Observação. Enquanto o corpo repousa, o Espírito se desliga dos liames materiais; ficando mais livre, ele pode mais facilmente ver os outros Espíritos, com os quais entra em comunicação. O sonho constitui apenas uma recordação desse estado; quando a gente não se lembra de nada, dizem que não se sonhou, mas a alma não deixou de ver nem de usufruir sua liberdade. Nós nos ocupamos mais especificamente aqui das aparições no estado de vigília⁷.

2. Pertencem os Espíritos que se manifestam à vista mais a uma classe que a outra?

“Não; eles podem pertencer a todas as classes, às mais elevadas como às mais inferiores.”

3. Concede-se a todos os Espíritos manifestarem-se de modo visível?

“Todos podem fazê-lo, mas nem sempre têm permissão, nem vontade.”

4. Qual é o objetivo dos Espíritos que se manifestam visivelmente?

“Isso depende; conforme sua natureza, o objetivo pode ser bom ou mau.”

5. Como pode tal permissão ser concedida quando o fim é mau?

“Nesse caso, é para pôr à prova aqueles aos quais aparecem. A intenção do Espírito pode ser má, mas o resultado pode ser bom.”

6. Qual pode ser o objetivo dos Espíritos que têm uma intenção ruim ao se fazerem ver?

“Apavorar e, amiúde, vingar-se.”

— Qual é o dos Espíritos que vêm com uma boa intenção?

“Consolar as pessoas que choram por eles; comprovar que existem e estão perto dos encarnados: oferecer conselhos e às vezes reclamar assistência para si mesmos.”

7. Qual seria o inconveniente da possibilidade de ver os Espíritos de modo permanente e geral? Não seria um meio de remover as dúvidas dos mais incrédulos?

“Estando o homem continuamente cercado de Espíritos, a visão incessante deles o perturbaria, o constrangeria em suas ações e lhe retiraria sua iniciativa na maior parte dos casos, ao passo que, crendo-se só, ele age mais livremente. Quanto aos incrédulos, possuem muitos meios de se convencer, se desejam valer-se deles e se não se acham cegos pelo orgulho. Vocês sabem muito bem que existem pessoas que viram e que nem por isso creem, uma vez que afirmam que se trata de ilusões. Não se preocupem com essas pessoas: Deus se encarrega delas.”

Observação. Haveria tanto inconveniente em se ver continuamente na presença dos Espíritos, como em ver o ar que nos cerca ou as miríades de animais microscópicos que pululam em torno de nós e sobre nós. Daqui nós temos de concluir que o que Deus faz é bem feito e que ele sabe melhor que nós o que nos convém.

8. Se a vista dos Espíritos apresenta inconvenientes, por que é permitida em certos casos?

“É para fornecer uma prova de que nem tudo morre com o corpo, e de que a alma conserva sua individualidade após a morte. A vista passageira basta para fornecer essa prova e atestar a presença de seus amigos perto de vocês; contudo, ela não apresenta os inconvenientes da permanência.”

9. Nos mundos mais adiantados que o nosso, é mais frequente a vista dos Espíritos?

“Mais o homem se aproxima da natureza espiritual, mais facilmente ele entra em relação com os Espíritos; é o estado rudimentar de seu invólucro que torna mais difícil e mais rara a percepção dos seres etéreos.”

10. É racional apavorar-se com a aparição de um Espírito?

“Quem reflete tem de compreender que um Espírito, qualquer que seja, é menos perigoso que um vivente. Os Espíritos, aliás, vão por todo lugar, e não se tem necessidade de vê-los para saber que se pode tê-los ao lado de si. O Espírito que desejasse prejudicar pode alcançá-lo sem se fazer ver, e mesmo em maior segurança; ele não é perigoso porque seja Espírito, mas, sim, pela influência que pode exercer sobre o pensamento, desviando do bem e incitando para o mal.”

⁷ Ver, para mais detalhes sobre o estado do Espírito durante o sono, *O Livro dos Espíritos*, capítulo: *Emancipação da alma*, n.º 409.

Observação. As pessoas que sentem medo na solidão ou no escuro raramente se dão conta da causa de seu pavor; elas não saberiam dizer de que sentem medo, mas, com certeza, deveriam temer muito mais encontrar homens que Espíritos, pois um malfeitor é mais perigoso vivo do que após sua morte. Uma senhora de nosso relacionamento recebeu, uma noite, em seu quarto, uma aparição tão bem caracterizada que ela acreditou achar-se na presença de alguém, e sua primeira emoção foi de pavor. Estando segura de que ali não havia ninguém, disse a si mesma: Parece que *é apenas um Espírito*; eu posso dormir tranquila.

11. Aquele a quem um Espírito aparece poderia encetar uma conversação com ele?

“Perfeitamente, e é mesmo o que se deve sempre fazer em tal caso, perguntando ao Espírito quem é ele, o que deseja e o que se pode fazer para lhe ser útil. Caso o Espírito seja infeliz e sofredor, a comiseração que a gente lhe testemunha o alivia; caso seja um Espírito benevolente, ele pode vir com a intenção de fornecer bons conselhos.”

— Como, neste caso, o Espírito é capaz de responder?

“Ele o faz, às vezes, através de sons articulados, como o faria uma pessoa viva; o mais das vezes, ocorre transmissão de pensamentos.”

12. Possuem realmente asas os Espíritos que aparecem com elas, ou bem tais asas não são mais que uma aparência simbólica?

“Os Espíritos não possuem asas; eles não têm necessidade delas, uma vez que podem transportar-se por toda a parte como Espíritos. Eles aparecem conforme estejam desejando impressionar a pessoa à qual se mostram: uns aparecerão com o traje em voga, outros envoltos em mantas pregueadas, alguns com asas, como atributo da categoria de Espíritos que representam.”

13. São as pessoas que a gente vê em sonho sempre aquelas cujo aspecto apresentam?

“São quase sempre as próprias pessoas que seu Espírito vai encontrar ou que vêm encontrá-lo.”

14. Não poderiam os Espíritos zombeteiros tomar a aparência das pessoas que nos são caras para nos induzirem em erro?

“Eles tão só tomam aparências fantásticas para se divertirem às custas de vocês; mas existem coisas com que não lhes é permitido brincar.”

15. Constituindo o pensamento uma forma de evocação, compreende-se que ele provoque a presença do Espírito; mas como entender que muitas vezes as pessoas em que a gente mais pensa, que se deseja ardentemente rever, não se apresentam jamais em sonhos, ao passo que são vistas pessoas indiferentes e nas quais não se pensa nunca?

“Os Espíritos nem sempre têm a possibilidade de se manifestar à vista, mesmo em sonho, e malgrado o desejo que se tenha de vê-los; causas independentes de sua vontade podem impedir que isso ocorra. Trata-se, muitas vezes, também, de uma provação que o desejo mais ardente não consegue eximir. Quanto às pessoas indiferentes, se vocês não estão pensando nelas, é possível que elas estejam pensando em vocês. Aliás, vocês não são capazes de fazer uma ideia dos relacionamentos no mundo dos Espíritos; vocês reencontram ali uma infinidade de conhecimentos íntimos, antigos ou novos, de que não possuem nenhuma ideia em estado de vigília.”

Observação. Quando não existe nenhum meio de controlar as visões ou aparições, pode-se, sem dúvida, pô-las na conta da alucinação; mas, quando elas são confirmadas pelos acontecimentos, não podem ser atribuídas à imaginação; tais são, por exemplo, as aparições no momento da morte, em sonho ou no estado de vigília, de pessoas nas quais não se pensava em absoluto e que, por diversos sinais, vêm revelar as circunstâncias completamente inesperadas de seu fim. Viram-se muitas vezes cavalos empinar e recusar ir em frente diante de aparições que apavoravam os que os conduziam. Se a imaginação serve para algo nos homens, com certeza ela não serve para nada nos animais. Aliás, se as imagens que se veem em sonho fossem sempre um efeito das preocupações da vigília, nada explicaria por que amiúde ocorre que não se sonha nunca com as coisas em que se pensa mais.

16. Por que certas visões são mais frequentes no estado de doença?

“Elas acontecem igualmente no estado de perfeita saúde; mas na doença os liames materiais se acham relaxados; a fraqueza do corpo dá mais liberdade ao Espírito, que entra mais facilmente em comunicação com outros Espíritos.”

17. As aparições espontâneas parecem ser mais frequentes em certos países. É porque certos povos são mais bem dotados que outros para obter essas formas de manifestações?

“Realizou você relatórios verbais de cada aparição? As aparições, os barulhos, todas as manifestações, enfim, se acham difundidas igualmente por toda a Terra, mas apresentam características distintas conforme os povos em que se dão. Entre estes, por exemplo, onde a escrita é pouco difundida, não existem médiuns escreventes; entre outros, eles abundam; alhures, existem com mais frequência barulhos e movimentos que comunicações inteligentes, porque estas são menos prezadas e procuradas.”

18. Por que ocorrem as aparições à noite de preferência?

“Pela mesma razão que você vê durante a noite as estrelas, as quais você não enxerga em pleno dia. A forte claridade pode desfazer uma aparição sutil; mas é um erro crer em que a noite interfira em alguma coisa. Interrogue todos os que as obtiveram e você verá que a maioria delas foi obtida de dia.”

Observação. Os casos de aparição são muito mais frequentes e mais amplos do que se imagina; mas muitas pessoas não os confessam por temor do ridículo, enquanto outras os atribuem à ilusão. Se eles parecem mais numerosos junto a certos povos, isso se prende ao fato de que aí se conservam mais zelosamente as tradições verdadeiras ou falsas, quase sempre aumentadas pelo fascínio do maravilhoso, ao qual se presta mais ou menos a aparência das localidades; a credulidade faz, então, que se vejam efeitos sobrenaturais nos fenômenos mais comuns: o silêncio da solidão, o escarpamento das ravinas, o uivo da floresta, as rajadas da tempestade, o eco das montanhas, a forma fantástica das nuvens, as sombras, as miragens, tudo, enfim, se presta à ilusão para as imaginações simples e ingênuas, que narram de boa-fé o que viram ou que acreditaram haver visto. Mas, ao lado da ficção, existe a realidade; é à eliminação de todos os acessórios ridículos da superstição que conduz o estudo sério do espiritismo.

19. Produz-se a vista dos Espíritos em estado normal, ou somente em um estado de êxtase?

“Ela pode acontecer em condições perfeitamente normais; todavia, as pessoas que os veem se acham muitíssimas vezes em um estado particular, vizinho do êxtase, que lhes concede um tipo de dupla vista.” (*O Livro dos Espíritos*, n.º 447.)

20. Os que veem os Espíritos, veem-nos através dos olhos?

“Eles assim o creem; mas, na realidade, é a alma que vê; o que comprova isso é o fato de que podem vê-los de olhos fechados.”

21. Como pode o Espírito tornar-se visível?

“O princípio é o mesmo que o de todas as manifestações; ele se prende às propriedades do perispírito, que pode sofrer várias modificações, à vontade do Espírito.”

22. Consegue o Espírito propriamente dito tornar-se visível, ou bem ele só consegue fazê-lo com a ajuda do perispírito?

“Na situação material de vocês, os Espíritos conseguem manifestar-se apenas com a ajuda de seu invólucro semimaterial; é ele o veículo através do qual atuam sobre seus sentidos. É por meio desse invólucro que eles aparecem, às vezes com uma forma humana ou qualquer outra, seja nos sonhos, seja mesmo no estado de vigília, tão bem na luminosidade quanto na escuridão.”

23. Poder-se-ia afirmar que é através da condensação do fluido do perispírito que o Espírito se torna visível?

“Condensação não é a palavra; trata-se mais de uma comparação que pode ajudar a fazê-los compreender o fenômeno, pois não existe realmente condensação. Através da combinação dos

fluidos, produz-se no perispírito uma disposição particular, que não tem um equivalente para vocês, e que o torna perceptível.”

24. São os Espíritos que aparecem sempre imperceptíveis e inacessíveis ao tato?

“Imperceptíveis como em um sonho, em seu estado normal; entretanto, eles conseguem efetuar uma impressão ao tato, deixar vestígios de sua presença, e mesmo, em certos casos, tornar-se temporariamente tangíveis, o que comprova que entre eles e vocês existe u’ a matéria.”

25. Todo o mundo é capaz de ver os Espíritos?

“No sono, sim, mas não no estado de vigília. No sono, a alma vê sem intermediação; na vigília, ela se acha sempre mais ou menos influenciada pelos órgãos; eis porque as condições não são inteiramente as mesmas.”

26. A que se atém a faculdade de ver os Espíritos durante a vigília?

“Essa faculdade depende do organismo; ela se atém à faculdade maior ou menor que possui o fluido de quem vê de combinar com o do Espírito. Assim, não é suficiente que o Espírito deseje mostrar-se; é preciso ainda que encontre na pessoa da qual ele deseja fazer-se visto a aptidão necessária.”

— Pode tal faculdade desenvolver-se através de exercício?

“Pode, como todas as outras faculdades; mas é uma daquelas que é melhor esperar o desenvolvimento natural do que provocá-lo, no receio de superexcitar a imaginação. A vista geral e permanente dos Espíritos é excepcional e não se acha nas condições normais do homem.”

27. Pode-se provocar a aparição de Espíritos?

“Pode-se às vezes, mas muito raramente; ela é quase sempre espontânea. Precisa para isso estar dotado de uma faculdade especial.”

28. Conseguem os Espíritos tornar-se visíveis sob uma outra aparência que não a forma humana?

“A forma humana é a forma normal; o Espírito pode variar a aparência, mas mantém sempre o tipo humano.”

— Não podem eles manifestar-se sob forma de labareda?

“Eles são capazes de produzir labaredas, clarões, como todos os outros efeitos para atestar sua presença, mas essas coisas não são os Espíritos, eles mesmos. A labareda não passa muitas vezes de uma miragem ou de uma emanção do perispírito; não se trata, em todos os casos, senão de uma parte dele; o perispírito só aparece por inteiro nas visões.”

29. Que pensar da crença que atribui os fogos-fátuos à presença de almas ou Espíritos?

“Superstição produzida pela ignorância. A causa física dos fogos-fátuos é bem conhecida.”

— Trata-se de uma fábula ou de uma realidade a chama azul que apareceu, segundo dizem, sobre a cabeça de Servius Tullius, criança?

“Era real; ela era produzida pelo Espírito familiar que desejava advertir a mãe. A mãe, médium vidente, havia percebido uma irradiação do Espírito protetor de seu filho. Nem todos os médiuns videntes vêm ao mesmo nível, como nem todos seus médiuns escreventes escrevem a mesma coisa. Enquanto essa mãe via apenas uma labareda, um outro médium poderia ter visto o corpo mesmo do Espírito.”

30. Poderiam os Espíritos apresentar-se sob a forma de animais?

“Isso pode ocorrer; mas são sempre Espíritos muito inferiores que tomam essas aparências. Essa não seria, em todos os casos, senão uma aparência temporária, pois seria absurdo crer em que um animal verdadeiro qualquer pudesse ser a encarnação de um Espírito. Os animais são sempre animais e nenhuma outra coisa.”

Observação. Só a superstição pode fazer crer que certos animais são animados por Espíritos; precisa de uma imaginação bem complacente ou bem chocada para ver alguma coisa de sobrenatural nas circunstâncias um pouco bizarras nas quais eles se apresentam às vezes; mas o medo faz muitas vezes ver o

que não existe. Nem sempre o medo constitui a origem dessa ideia; nós conhecemos uma senhora, muito inteligente de resto, que prezava além das medidas um grande gato preto, porque o acreditava de uma natureza *subreanimal*; ela não havia jamais, contudo, ouvido falar do espiritismo; caso ela o houvesse conhecido, ele a teria feito compreender o ridículo da causa de sua predileção, comprovando-lhe a impossibilidade de uma tal metamorfose.

Ensaio teórico sobre as aparições.

101. As mais comuns manifestações aparentes acontecem no sono, através dos sonhos: são as visões. Não há como entrar em nosso quadro o exame de todas as particularidades que podem apresentar os sonhos; nós vamos resumir afirmando que eles podem ser: uma visão atual de coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado; e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. São também frequentes os quadros alegóricos que os Espíritos fazem passar sob nossos olhos para nos fornecerem úteis advertências e salutares conselhos, caso se trate de bons Espíritos; ou para nos induzirem em erro e adulem nossas paixões, caso se trate de Espíritos imperfeitos. A teoria abaixo se aplica aos sonhos, como a todos os outros casos de aparições. (Ver *O Livro dos Espíritos*, n.ºs 400 e seguintes.)

Nós creríamos insultar o bom senso de nossos leitores, caso refutássemos o que existe de absurdo e de ridículo no que se denomina vulgarmente de interpretação de sonhos.

102. As aparições propriamente ditas acontecem no estado de vigília, e quando se usufrui a plenitude e a inteira liberdade de suas faculdades. Elas se apresentam geralmente sob uma forma vaporosa e diáfana, às vezes, vaga e indecisa; constituem, muitas vezes, no começo, um clarão esbranquiçado, cujos contornos se vão desenhando a pouco e pouco. Outras vezes, as formas são nitidamente acentuadas, e se distinguem os menores traços do rosto, a ponto de se poder efetuar uma descrição muito precisa. Os modos, o aspecto, são semelhantes aos que possuía o Espírito em sua vida.

Tendo como assumir todas as aparências, o Espírito se apresenta com a que possa melhor fazê-lo reconhecido, caso tal seja seu desejo. Assim, se bem que, como Espírito, não possua nenhum aleijão no corpo, ele se mostrará estropiado, manco, corcunda, ferido, com cicatrizes, caso isso seja necessário para comprovar sua identidade. Esopo, por exemplo, como Espírito, não é disforme; mas, se for evocado na qualidade de Esopo, tivesse tido, embora, muitas existências depois, ele aparecerá feio e corcunda, com a roupa tradicional. Uma coisa notável é que, salvo em circunstâncias especiais, as partes menos delineadas são os membros inferiores, ao passo que a cabeça, o tronco, os braços e as mãos estão sempre nitidamente acentuados: por isso, quase nunca são vistos andando, mas deslizando como sombras. Quanto à roupa, ela se compõe o mais comumente de um drapeado terminando em longas pregas esvoaçantes; eis, em suma, com uma cabeleira ondulante e graciosa, a aparência dos Espíritos que nada conservaram das coisas terrestres; mas os Espíritos vulgares, os que são conhecidos, apresentam geralmente a roupa que traziam no derradeiro período de sua existência. Amiúde, eles portam atributos característicos de sua elevação, como uma auréola, ou asas para os que se podem considerar como anjos, enquanto outros vêm com as coisas que lembram suas ocupações terrestres: assim, um guerreiro poderá aparecer com sua armadura, um sábio com livros, um assassino com um punhal etc. Os Espíritos superiores possuem um semblante belo, nobre e sereno; os mais inferiores possuem alguma coisa de selvagem e de bestial, e às vezes trazem ainda os indícios dos crimes que cometeram ou dos suplícios que suportaram. A questão da roupa e de todos esses objetos acessórios é talvez a que

mais surpreende; nós voltaremos a ela em um capítulo especial, porque está ligada a outros fatos muito importantes.

103. Nós afirmamos que a aparição apresenta alguma coisa de vaporoso; em certos casos se poderia compará-la à imagem refletida em um espelho sem estanho, que, malgrado sua nitidez, não impede de ver através dela os objetos que se acham atrás. É desse modo quase sempre que as distinguem os médiuns videntes; eles as veem ir, vir, entrar em um apartamento ou sair dele, circular entre a multidão dos vivos, com o ar, ao menos quanto aos Espíritos comuns, de tomar parte ativa em tudo o que se realiza em torno delas, de se interessar por essas coisas, de escutar o que se diz. Frequentemente, são vistas aproximarem-se de uma pessoa, insuflar-lhe ideias, influenciá-la, consolá-la, caso sejam bons, escarnecer dela, caso sejam maliciosos, mostrar-se tristes ou contentes com os resultados que obtêm; eis, em suma, o revestimento do mundo corpóreo. Tal é esse mundo oculto que nos envolve, no meio do qual nós vivemos sem desconfiar dele, como nós vivemos, sem também desconfiar disso, no meio das miríadas do mundo microscópico. O microscópio nos revelou o mundo dos infinitamente pequenos, de que não suspeitávamos; o espiritismo, ajudado pelos médiuns videntes, nos revelou o mundo dos Espíritos, que também constitui uma das forças ativas da natureza. Com a ajuda dos médiuns videntes, nós pudemos estudar o mundo invisível, iniciar-nos em seus hábitos, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com a ajuda de alguns homens que desfrutassem da visão. (Ver adiante, no capítulo dos médiuns, o artigo relativo aos médiuns videntes.)

104. O Espírito que quer ou pode aparecer reveste às vezes uma forma mais nítida ainda, apresentando todas as aparências de um corpo sólido, a ponto de produzir uma ilusão perfeita e de fazer crer que se tem diante de si um ser corpóreo. Em alguns casos, enfim, e sob o efeito de certas circunstâncias, a tangibilidade pode tornar-se real, quer dizer, pode-se tocar, apalpar, sentir nele a mesma resistência, o mesmo calor de um corpo vivo, o que não a impede de se desvanecer com a rapidez do raio. Não é mais, então, através dos olhos que se comprova sua presença, mas através do tato. Caso se possa atribuir à ilusão ou a uma forma de fascinação a aparição simplesmente visual, não é possível duvidar quando se consegue agarrá-la, apalpá-la, quando ela mesma agarra e aperta. Os casos de aparições tangíveis são os mais raros; mas os que aconteceram nestes últimos tempos por influência de alguns médiuns poderosos⁸, e que oferecem toda a autenticidade de testemunhos irrecusáveis, comprovam e explicam os que a história relata a respeito de pessoas que se mostraram, após sua morte, com todas as aparências da realidade. De resto, como afirmamos, por mais extraordinários que sejam tais fenômenos, todo o maravilhoso desaparece, quando se conhece o modo pelo qual se produzem, e se compreende que, longe de significarem uma derrogação das leis da natureza, eles não constituem senão uma nova aplicação delas.

105. Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e ele possui isso em comum com uma infinidade de fluidos que nós sabemos existir e que, não obstante, não vimos jamais; mas ele pode também, assim como certos fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptíveis à vista, seja por uma espécie de condensação, seja por uma mudança na disposição molecular; eis quando ele nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação (é preciso que não se tome esta palavra à letra; nós a empregamos apenas por falta de outra e a título de comparação), a condensação, dizíamos, pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível, mas ele consegue instantaneamente retomar seu estado etéreo e invisível. Nós podemos compreender esse efeito através daquele do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado nebuloso, depois líquido, depois sólido, e vice-versa. Esses diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito e não de uma causa física exterior, como em

⁸ Entre outros, o Senhor Home.

nossos gases. Quando ele nos aparece, é que pôs seu perispírito no estado necessário para torná-lo visível; mas, para isso, sua vontade não é suficiente, pois a modificação do perispírito se realiza através de sua combinação com o fluido próprio do médium; ora, esta combinação nem sempre é possível, o que explica por que a visibilidade dos Espíritos não é geral. Assim, não basta que o Espírito deseje mostrar-se; não basta também que uma pessoa deseje vê-lo: é preciso que os dois fluidos possam combinar-se, que exista entre eles um tipo de afinidade; talvez seja preciso também que a emissão do fluido da pessoa seja assaz abundante para realizar a transformação do perispírito, e provavelmente sejam ainda necessárias outras condições que nos são desconhecidas; é preciso, enfim, que o Espírito obtenha a permissão de fazer-se ver por tal pessoa, o que nem sempre lhe é concedido ou é apenas em certas circunstâncias, por motivos que não somos capazes de avaliar.

106. Uma outra propriedade do perispírito e que se liga à sua natureza etérea é a penetrabilidade. Matéria alguma lhe oferece obstáculo: ele as atravessa a todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Eis porque não existem muralhas que possam opor-se à entrada dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro em sua cela tão facilmente quanto o homem que se acha no meio dos campos.

107. As aparições no estado de vigília não são nem raras nem novas; elas sempre existiram; a história nos relata um grande número delas; mas, sem ir tão longe, em nossos dias elas são muito frequentes e muitas pessoas as tiveram, porém, foram consideradas, à primeira vista, o que se convencionou chamar de alucinações. Elas são frequentes sobretudo nos casos de morte de pessoas ausentes que vêm visitar seus parentes ou amigos. Amiúde, não apresentam uma finalidade bem determinada, mas se pode dizer que, em geral, os Espíritos que aparecem são atraídos pela simpatia. Que cada um se decida a interrogar suas lembranças e se verá que são poucas as pessoas que não têm conhecimento de fatos deste tipo cuja autenticidade não poderia ser posta em dúvida.

108. Nós vamos acrescentar às considerações precedentes o exame de alguns efeitos de ótica que originaram o singular sistema dos *Espíritos glóbulos*.

O ar nem sempre é de uma limpidez absoluta, e é em tais circunstâncias que as correntes de moléculas aeriformes e sua agitação produzida pelo calor ficam perfeitamente visíveis. Algumas pessoas tomaram isso por concentrações de Espíritos agitando-se no espaço; é suficiente assinalar esta opinião para refutá-la. Mas eis aqui um outro tipo de ilusão não menos bizarra, contra a qual é bom igualmente estar-se premunido.

O humor aquoso do olho oferece pontos mal perceptíveis que perderam um tanto de sua transparência. Esses pontos são como corpos opacos em suspensão no líquido cujos movimentos seguem. Eles produzem no ar ambiente, e a distância, através do efeito da dilatação e da refração, a aparência de pequenos discos, variando de um a dez milímetros de diâmetro, que parecem nadar na atmosfera. Nós vimos pessoas tomarem esses discos por Espíritos que as seguiam e as acompanhavam por toda a parte e, em seu entusiasmo, tomarem por rostos as nuanças da irisação, o que é quase tão racional quanto ver um rosto na Lua. Uma simples observação, fornecida por essas mesmas pessoas, vai reconduzi-las ao terreno da realidade.

Esses discos ou medalhões, afirmam elas, não somente as acompanham, mas seguem todos os seus movimentos: eles vão para a direita, para a esquerda, para o alto, para baixo, ou param conforme o movimento da cabeça. Isso não é de admirar; uma vez que a sede da aparência se acha no globo ocular, ela deve seguir-lhe os movimentos. Se fossem Espíritos, é preciso convir que eles estariam restritos a um papel por demais mecânico para seres inteligentes e livres; papel bem fastidioso mesmo para Espíritos inferiores, com mais forte razão incompatível com a ideia que nós

fazemos dos Espíritos superiores. Alguns, é verdade, tomam por maus Espíritos os pontos negros ou moscas amauróticas. Tais discos, tanto quanto as manchas negras, apresentam um movimento ondulatório que não se afasta jamais da amplitude de um certo ângulo, e o que aumenta a ilusão é que eles não seguem com brusquidão os movimentos da linha visual. A razão disso é muito simples. Os pontos opacos do humor aquoso, causa primária do fenômeno, ficam, conforme afirmamos, como que mantidos em suspensão e apresentam sempre uma tendência para descer; quando sobem é que são impelidos através do movimento do olho de baixo para cima; mas, chegando a uma certa altura, caso a gente fixe o olho, se veem os discos descer por si mesmos, depois parar. Sua mobilidade é extrema, porque é suficiente um movimento imperceptível do olho para fazê-los mudar de direção e fazê-los percorrer rapidamente toda a amplitude do arco no espaço em que se produz a imagem. Enquanto não estiver comprovado que uma imagem possua um movimento próprio, espontâneo e inteligente, não se pode ver aí senão um simples fenômeno ótico ou fisiológico.

Passa-se o mesmo com as centelhas que se produzem às vezes em molhos ou em feixes mais ou menos compactos através da contração dos músculos do olho, e que são provavelmente devidos à eletricidade fosforescente da íris, uma vez que elas se acham geralmente circunscritas à circunferência do disco desse órgão.

Semelhantes ilusões não podem ser senão o resultado de uma observação incompleta. Quem houver seriamente estudado a natureza dos Espíritos, através de todos os métodos que oferece o conhecimento prático, compreenderá tudo o que elas têm de pueril. Assim como nós combatemos as teorias perigosas através das quais se atacam as manifestações, quando tais teorias se acham fundamentadas sobre a ignorância dos fatos, da mesma forma temos de buscar destruir as falsas ideias que demonstram mais entusiasmo que reflexão, e que, *ipso facto*, fazem mais mal do que bem aos incrédulos, já tão dispostos a procurar o lado ridículo.

109. O perispírito, como se vê, constitui o princípio de todas as manifestações; seu conhecimento forneceu a chave de uma infinidade de fenômenos; ele permitiu um passo enorme à ciência Espírita e fê-la entrar por uma estrada nova, ao retirar-lhe todo aspecto maravilhoso. Nós encontramos nele, através dos Espíritos mesmos, pois observem bem que foram eles que nos puseram nessa estrada, a explicação da ação do Espírito sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos barulhos e das aparições. Nós encontraremos nele ainda a explicação dos diversos outros fenômenos que nos faltam examinar, antes de passar ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor serão eles compreendidos, quanto melhor a gente se der conta de suas causas primárias. Caso se haja bem compreendido este princípio, facilmente se fará por si mesmo a aplicação dele aos diversos fatos que poderão apresentar-se ao observador.

110. Nós estamos longe de considerar a teoria que expomos como absoluta e como sendo a última palavra; ela será, sem dúvida, completada ou retificada mais tarde, através de novos estudos, mas, por mais incompleta ou imperfeita que ainda se ache hoje em dia, pode sempre ajudar a que a gente se dê conta da possibilidade dos fatos através de causas que não apresentam nada de sobrenatural; caso se trate de uma hipótese, não se pode, de qualquer modo, recusar-lhe o mérito da racionalidade e da probabilidade, e ela equivale a todas as explicações que fornecem os contestadores para provar que tudo constitui mera ilusão, fantasmagoria e subterfúgio, nos fenômenos espíritas.

Teoria da alucinação.

111. Os que não admitem o mundo incorpóreo e invisível creem tudo explicar através da palavra *alucinação*. A definição desta palavra é conhecida; trata-se de um erro, uma ilusão de uma pessoa que acredita ter percepções que não tem realmente (do latim *hallucinari*, errar, formado de *ad lucem*); mas os sábios ainda não lhe forneceram, que saibamos, a razão fisiológica.

A ótica e a fisiologia não parecem apresentar mais segredos para eles; como entender, então, que não hajam ainda absolutamente explicado a natureza e a origem das imagens que se oferecem à mente em certas circunstâncias?

Eles desejam tudo explicar através das leis da matéria; seja; que eles forneçam então, através dessas leis, uma teoria da alucinação boa ou má; isso constituirá sempre uma explicação.

112. A causa dos sonhos não foi jamais explicada pela ciência; ela os atribui a um efeito da imaginação; porém, ela não nos diz o que é a imaginação nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas, que nos aparecem às vezes; isso é explicar uma coisa que não é conhecida através de uma outra que também não é; a questão continua, portanto, como estava. Trata-se, dizem, de uma lembrança das preocupações da vigília; mas, admitindo-se mesmo tal solução, que de fato não é, restaria ainda saber que é esse espelho mágico que conserva assim o registro das coisas; como explicar sobretudo as visões de coisas reais que não se viram jamais no estado de vigília, e em que não se pensou mesmo jamais? Só o espiritismo podia fornecer-nos a chave deste fenômeno bizarro, que passa despercebido por causa mesmo de ser corriqueiro, como todas as maravilhas da natureza que nós calcamos sob nossos pés.

Os sábios desdenharam de ocupar-se da alucinação; que ela seja real ou não, não deixa de ser um fenômeno que a fisiologia tem de ser capaz de explicar, sob pena de confessar sua incompetência. Caso, um dia, um sábio se proponha a fornecer-lhe, não uma definição, entendamo-lo bem, mas uma explicação fisiológica, nós veremos se sua teoria resolve todos os casos; se ele não está omitindo sobretudo os fatos tão comuns de aparições de pessoas no instante de sua morte; se ele diz qual a origem da coincidência da aparição com a morte da pessoa. Caso se tratasse de fato isolado, poder-se-ia atribuí-lo ao acaso; mas ele é muito frequente para que o acaso apresente tais recidivas. Se ainda quem vê a aparição tivesse a imaginação atingida pela ideia de que a pessoa deva morrer, que seja; mas quem aparece é, o mais das vezes, a pessoa em quem ele menos pensa; logo, a imaginação não lhe serve para nada. Pode-se menos ainda explicar, através da imaginação, as circunstâncias da morte, da qual não se tem nenhuma ideia. Afirmarão os teóricos da alucinação que a alma (se é que eles admitem uma alma) apresenta momentos de superexcitação em que suas faculdades são exaltadas? Nós estamos de acordo; mas, quando o que a alma vê é real, então não se trata de ilusão. Se, em sua exaltação, a alma vê uma coisa que não se acha presente, é que, portanto, ela se transporta; mas se nossa alma é capaz de transportar-se até uma pessoa ausente, por que a alma dessa pessoa não se transportaria até nós? Que, em sua teoria da alucinação, eles queiram considerar estes fatos, sem esquecer que uma teoria a que se podem opor fatos contrários é necessariamente falsa ou incompleta.

Enquanto aguardamos uma explicação deles, nós vamos tentar emitir algumas ideias sobre o assunto.

113. Os fatos comprovam que existem verdadeiras aparições, de que a teoria espírita dá perfeitamente conta, os quais são capazes de negar apenas aqueles que não admitem nada além do organismo; mas, ao lado de visões reais, existem alucinações no sentido dado a essa palavra?

Disso não há como duvidar. Qual é sua origem? São os Espíritos que vão colocar-nos nessa trilha, pois a explicação nos parece toda inteira nas respostas oferecidas às questões seguintes.

— São as visões sempre reais? Não são, às vezes, o efeito da alucinação? Quando a gente vê, em sonho ou de outro modo, o diabo, por exemplo, ou outras coisas fantásticas que não existem, não se trata de um produto da imaginação?

“Sim, às vezes, quando se está chocado por certas leituras ou por histórias de diabruras que impressionam, a gente se lembra delas e julga ver o que não existe. Mas nós afirmamos também que o Espírito, em seu invólucro semimaterial, pode tomar todas as formas para se manifestar. Um Espírito zombeteiro pode, pois, aparecer com chifres e garras, caso queira, para se divertir com a credulidade, como um bom Espírito pode aparecer com asas e com um rosto radioso.”

— Podem-se considerar como aparições os rostos e outras imagens que se mostram com frequência no meio-sono, ou simplesmente quando a gente fecha os olhos?

“Assim que os sentidos se entorpecem, o Espírito se separa e pode ver, ao longe ou de perto, o que não poderia ver com os olhos. Essas imagens são muitíssimas vezes visões, mas podem ser também o efeito de impressões que a vista de certos objetos deixou no cérebro, que delas conserva vestígios como conserva os dos sons. O Espírito separado vê, então, em seu próprio cérebro, essas marcas que ali se fixaram como em uma placa de daguerreótipo. Sua variedade e sua associação formam conjuntos bizarros e fugidios, que se desfazem quase imediatamente, malgrado os esforços feitos para retê-los. É a uma causa semelhante que é preciso atribuir certas aparições fantásticas que não têm nada de real e que amiúde se produzem no estado de doença.”

É indubitável que a memória é o resultado das impressões conservadas pelo cérebro; através de que singular fenômeno tais impressões tão variadas, tão múltiplas, não se confundem? Eis aqui um mistério impenetrável, mas que não é mais estranho do que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e nem por isso se tornam menos distintas. Em um cérebro sadio e bem organizado, essas impressões são nítidas e precisas; em um estado menos favorável, elas se apagam e se confundem; daqui a perda da memória ou a confusão das ideias. Isto vai parecer ainda menos extraordinário caso se admita, como na frenologia, uma destinação especial para cada parte e mesmo para cada fibra do cérebro.

As imagens que chegam ao cérebro através dos olhos deixam nele uma impressão que faz que a gente se lembre de um quadro como se o tivesse diante de si, mas isso é sempre apenas uma operação de memória, pois a gente não o vê; por isso, em um certo estado de emancipação, a alma vê no cérebro e reencontra essas imagens, aquelas sobretudo que mais o chocaram, conforme a natureza das preocupações ou as disposições da mente; eis como ela reencontra nele a impressão das cenas religiosas, diabólicas, dramáticas, mundanas, das figuras de animais bizarros que ela viu em uma outra época em pintura ou mesmo em relatos, pois os relatos deixam também impressões. Assim, a alma vê realmente, porém, ela não vê senão uma imagem daguerreotipada no cérebro. No estado normal, essas imagens são fugidias e efêmeras, porque todas as partes do cérebro funcionam livremente; mas, no estado de doença, o cérebro fica sempre mais ou menos debilitado, não existe equilíbrio entre todos os órgãos, somente alguns conservam sua atividade, ao passo que outros ficam de algum modo paralisados; daqui a permanência de certas imagens que não se apagam, como no estado normal, em virtude das preocupações da vida exterior. Eis a verdadeira alucinação e a causa primária das ideias fixas.

Como se vê, nós demos conta dessa anomalia através de uma lei fisiológica bem conhecida, a das impressões cerebrais; mas sempre precisamos fazer intervir a alma; ora, se os materialistas não conseguiram ainda propor uma solução satisfatória para esse fenômeno, é que eles não desejam aceitar a alma; por isso, eles vão dizer que nossa explicação é ruim, porque nós colocamos como princípio o que é contestado. Contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria, desde que existem homens na Terra, e a negação de alguns não pode redundar em lei.

É boa nossa explicação? Nós a oferecemos pelo que ela possa valer na falta de outra, e, se preferirem, a título de simples hipótese, aguardando u'a melhor. Tal qual se encontra, justifica ela todos os casos de visão? Certamente não, e nós desafiamos a todos os fisiologistas a fornecerem uma só, segundo seu ponto de vista exclusivo, que resolva todos eles; pois, quando pronunciaram suas palavras sacramentais de superexcitação e de exaltação, eles não disseram nada; logo, se todas as teorias da alucinação são incompetentes para explicar todos os fatos, é que existe ali outra coisa além da alucinação propriamente dita. Nossa teoria seria falsa, se a aplicássemos a todos os casos de visão, porque existem os que viriam contradizê-la; ela pode estar correta, se se restringir a certos efeitos.

CAPÍTULO VII

BICORPOREIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

Aparição dos Espíritos de viventes. — Homens duplos. — Santo Afonso de Ligório e Santo Antônio de Pádua. — Vespasiano. — Transfiguração. — Invisibilidade.

114. Estes dois fenômenos constituem variedades daqueles de manifestações visuais, e, por mais maravilhosos que possam parecer à primeira vista, a gente reconhecerá facilmente, através da explicação que se pode fornecer deles, que não saem da ordem dos fenômenos naturais. Eles repousam, um e outro, no princípio de que tudo o que se disse sobre as propriedades do perispírito após a morte se aplica ao perispírito dos viventes. Nós sabemos que, durante o sono, o Espírito recobra em parte sua liberdade, quer dizer, ele se isola do corpo, e é nesse estado que temos tido muitas oportunidades de observá-lo. Mas o Espírito, esteja o homem morto ou vivo, mantém sempre seu invólucro semimaterial que, pelas mesmas causas que descrevemos antes, pode adquirir a visibilidade e a tangibilidade. Fatos bem categóricos não podem deixar nenhuma dúvida quanto a isso; nós citaremos apenas alguns exemplos que são de nosso conhecimento pessoal, cuja exatidão podemos garantir, achando-se em condições cada qual de recolher exemplos análogos em consultando suas recordações.

115. A esposa de um de nossos amigos viu, repetidamente, durante a noite, entrar em seu quarto, iluminado ou não, uma vendedora de frutas das redondezas que ela conhecia de vista, mas com a qual nunca havia falado. Essa aparição lhe causou um pavor tanto maior porque, naquela época, não possuía nenhum conhecimento do espiritismo e porque o fenômeno se repetiu com muita frequência. Ora, a vendedora estava perfeitamente viva e dormia provavelmente àquela hora; enquanto seu corpo material ficava em casa, seu Espírito e seu corpo fluídico se achavam na casa daquela senhora; por qual o motivo? Eis o que não se sabe. Em um caso assim, um espírita iniciado nessas coisas lhe teria perguntado isso; ela, porém, não teve essa ideia. Cada vez que a

aparição se eclipsou, sem que ela soubesse como, e cada vez também, após seu desaparecimento, ela foi assegurar-se de que todas as portas estavam perfeitamente fechadas, e de que ninguém conseguira introduzir-se em seu apartamento. Essa precaução lhe comprovou que estava bem acordada e que não era joguete de um sonho. Outras vezes, ela viu, do mesmo modo, um homem que ela não conhecia, mas, um dia, viu seu irmão, que se achava, então, na Califórnia; ele apresentava de tal modo a aparência de uma pessoa real que, no primeiro momento, ela julgou que ele havia voltado e desejou endereçar-lhe a palavra, mas ele desapareceu sem lhe dar tempo para isso. Uma carta recebida posteriormente lhe comprovou que ele não estava morto. Essa senhora era o que se pode chamar de médium vidente natural, mas, naquela época, como dissemos, ela não havia ouvido jamais falar de médiuns.

116. Uma outra senhora que mora na província, estando assaz gravemente enferma, viu, uma noite, pelas dez horas, um senhor idoso que habita na mesma cidade, que ela via, às vezes, na sociedade, mas sem nenhuma relação de intimidade. Esse senhor estava sentado em uma poltrona ao pé de seu leito e, de tempos em tempos, tomava uma pitada de rapé; ele parecia velar por ela. Surpresa com uma tal visita àquela hora, ela desejou perguntar-lhe o motivo, mas o senhor lhe fez sinal para não falar e para dormir; diversas vezes ela tentou dirigir-lhe a palavra, e a cada vez a mesma recomendação. Ela acabou por adormecer. Alguns dias depois, estando restabelecida, recebeu a visita desse mesmo senhor, mas em uma hora mais conveniente e desta vez era bem ele, que se achava com a mesma roupa e a mesma tabaqueira e exatamente com os mesmos modos. Persuadida de que ele havia vindo durante sua doença, agradeceu-lhe o trabalho a que se havia dado. O senhor, muitíssimo surpreso, disse-lhe que não tinha a satisfação de vê-la há bastante tempo. A senhora, que conhecia os fenômenos espíritas, compreendeu o que ocorrera; mas, não desejando explicar-se a respeito com ele, contentou-se com dizer-lhe que provavelmente ela havia sonhado.

E isso é o mais provável, dirão os incrédulos, os espíritos fortes, o que para eles é sinônimo de pessoas de espírito; mas é indubitável que essa senhora absolutamente não dormia, como a outra. — Acontece que ela sonhava acordada; quer dizer, tinha uma alucinação. — Eis aí a milagrosa palavra, a explicação universal de tudo o que não se compreende. Como nós já refutamos suficientemente essa objeção, prosseguiremos dirigindo-nos aos que podem compreender-nos.

117. Eis aqui, apesar disso, um outro fato mais característico, que nós teríamos a curiosidade de ver como se poderia explicar através unicamente de um malabarismo da imaginação.

Um senhor que mora na província não desejou jamais casar-se, malgrado as instâncias de sua família. Insistiam principalmente em favor de uma pessoa residente em uma cidade vizinha, e que ele nunca havia visto. Certo dia, estando em seu quarto, muito se espantou ao se ver na presença de uma jovem, vestida de branco e a cabeça adornada por uma guirlanda. Ela lhe afirmou que era sua noiva, estendeu-lhe a mão, que ele tomou nas suas e na qual viu um anel. Ao cabo de alguns instantes, tudo desapareceu. Surpreso com tal aparição, e assegurando-se de que estava bem desperto, ele se informou se alguém havia chegado durante o dia; mas lhe responderam que não viram ninguém. Um ano depois, cedendo a novas solicitações de uma parente, decidiu-se a ir ver aquela que lhe propunham. Chegou lá no Dia de *Corpus Christi*; voltavam da procissão e uma das primeiras pessoas que se ofereceu à sua vista, ao entrar na casa, foi uma jovem que reconheceu como a que lhe tinha aparecido; estava vestida do mesmo modo, pois o dia da aparição fora também o de *Corpus Christi*. Ele ficou estupefato e, de seu lado, a jovem um grito de surpresa e se sentiu mal. Voltando a si, ela afirmou que já havia visto aquele senhor, no mesmo dia, no ano precedente. O casamento se efetuou. Isso aconteceu por volta de 1835; naquela época, a questão

dos Espíritos não existia e, de resto, um e outro são pessoas de um positivismo extremo e de imaginação a menos exaltada que possa haver no mundo.

Talvez se diga que um e outro tinham a mente impressionada com a ideia da união proposta e que essa preocupação desencadeou uma alucinação; mas é preciso não esquecer que o marido se achava tão indiferente que deixou passar um ano antes de ir ver sua prometida. Mesmo admitindo-se essa hipótese, restaria a explicar a dupla aparição, a coincidência da roupa com o dia de *Corpus Christi* e, enfim, o reconhecimento físico entre pessoas que não se haviam visto jamais, circunstâncias que não podem ser produto da imaginação.

118. Antes de irmos mais longe, nós temos de responder imediatamente a uma questão que a gente fará infalivelmente: trata-se de saber como o corpo pode viver, enquanto o Espírito está ausente. Nós poderíamos dizer que o corpo tem como viver pela vida orgânica, que é independente da presença do Espírito, e a prova é esta: as plantas vivem e não têm Espírito; mas nós temos de acrescentar que, durante a vida, o Espírito não se separa jamais completamente do corpo. Os Espíritos, como certos médiuns videntes, reconhecem o Espírito de uma pessoa viva por um rastro luminoso que termina em seu corpo, fenômeno que não acontece jamais quando o corpo está morto, pois, então, a separação se acha completa. É através dessa comunicação que o Espírito é avisado instantaneamente, qualquer que seja a distância, da necessidade que o corpo possa apresentar de sua presença, e então ele retorna com a velocidade do raio. Resulta daí que o corpo não pode jamais morrer durante a ausência do Espírito, e que não pode jamais ocorrer deste, à sua volta, encontrar a porta fechada, assim como disseram alguns romancistas em histórias escritas para entretenimento. (*O Livro dos Espíritos*, n.ºs 400 e seguintes.)

119. Retornemos a nosso tema. O Espírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, pode aparecer como o de uma pessoa morta, e apresentar todas as aparências da realidade; além do mais, através das mesmas causas que nós explicamos, ele é capaz de adquirir uma tangibilidade temporária. Foi esse fenômeno, designado pelo nome de *bicorporeidade*, que originou as histórias de homens duplos, quer dizer, de indivíduos cuja presença simultânea se comprovou em dois locais diferentes. Eis aqui dois exemplos extraídos, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

Santo Afonso de Ligório foi canonizado antes do tempo convencional por se ter mostrado simultaneamente em dois locais diferentes, o que foi considerado como um milagre.

Santo Antônio de Pádua estava na Espanha e, no momento em que estava pregando, seu pai, que estava em Pádua, ia ser executado, acusado de um homicídio. Naquele momento, Santo Antônio aparece, demonstra a inocência de seu pai e dá a conhecer o verdadeiro criminoso, que, mais tarde, sofreu o castigo. Comprovou-se que, naquele momento, Santo Antônio não havia deixado a Espanha.

Tendo sido evocado e interrogado por nós sobre o fato acima, Santo Afonso forneceu as respostas que seguem:

1. Poderia o senhor conceder-nos a explicação daquele fenômeno?

“Sim; quando estiver completamente desmaterializado por sua virtude, quando elevar sua alma até Deus, o homem poderá aparecer em dois locais de uma vez; vou dizer como. O Espírito encarnado, ao sentir chegar o sono, pode pedir a Deus para se transportar a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como queira chamá-lo, abandona então seu corpo, seguido de uma *parte* de seu perispírito, e deixa a matéria imunda em um estado próximo da morte. Digo *próximo* da morte porque permanece no corpo um liame que relaciona o perispírito e a alma com a matéria, e esse liame não tem como ser definido. O corpo aparece, assim, no local requerido. Eu creio que isso é tudo o que o senhor deseja saber.”

2. Isso não nos oferece a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.

“O Espírito desprendido da matéria, conforme seu nível de elevação, é capaz de se tornar tangível à matéria.”

3. É indispensável o sono do corpo para que o Espírito apareça em outros locais?

“A alma pode dividir-se quando se sente levada a um lugar diferente daquele em que se encontra o corpo. Pode suceder que o corpo não esteja dormindo, conquanto isso seja muito raro, mas então o corpo não se acha jamais em um estado perfeitamente normal; ele se acha sempre em um estado mais ou menos de êxtase.”

Observação. A alma não se divide no sentido literal da palavra; ela irradia para diferentes direções e pode assim manifestar-se em numerosos pontos sem se repartir; é o mesmo que se passa com a luz, que é capaz de se refletir em vários espelhos.

4. Achando-se o homem mergulhado no sono, enquanto seu Espírito aparece em outro lugar, que ocorreria caso fosse despertado subitamente?

“Isso não ocorreria, porque, se alguém tivesse a intenção de despertá-lo, o Espírito regressaria ao corpo e anteciparia a intenção, tendo em vista que o Espírito lê no pensamento.”

Uma explicação de todo idêntica nos foi oferecida diversas vezes pelo Espírito de pessoas mortas ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não fornece a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

120. Tácito relata um fato análogo.

Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, a aguardar o retorno periódico dos ventos de verão e a estação em que o mar fica seguro, muitos prodígios ocorreram, através dos quais se manifestou o favor do céu e o interesse que os deuses pareciam ter por aquele príncipe...

Tais prodígios redobram em Vespasiano o desejo de visitar a residência sagrada do deus, para consultá-lo a respeito do império. Ele ordena que o templo seja fechado para todo o mundo; tendo ele mesmo entrado e voltando-se inteiramente ao que ia pronunciar o oráculo, percebe atrás de si um dos chefes egípcios, chamado Basilides, que ele sabia estar retido doente há muitos dias de viagem de Alexandria. Ele se informa com os padres se Basilides veio naquele dia ao templo; ele se informa com os transeuntes se alguém o viu na cidade; enfim, envia homens a cavalo e se assegura de que naquele mesmo momento ele se achava a oitenta milhas de distância. Então não duvidou mais de que a visão fosse sobrenatural, e o nome de Basilides passou a significar oráculo para ele. (Tácito, *Histórias*, livro IV, capítulos 81 e 82. *Tradução de Burnouf.*)

121. O indivíduo que se mostra simultaneamente em dois locais diferentes possui, assim, dois corpos; mas desses dois corpos um só é real; o outro não é senão uma aparência; pode-se dizer que o primeiro retém a vida orgânica e que o segundo retém a vida da alma; quando o indivíduo desperta, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível, ao menos nós não temos disso exemplo, e a razão parece demonstrá-lo, que, no estado de separação, os dois corpos possam desfrutar, simultaneamente e no mesmo nível, a vida ativa e inteligente. Ressalta, por outra, do que acabamos de dizer, que o corpo real não poderia morrer enquanto o corpo aparente permanecesse visível: a aproximação da morte, convocando sempre o Espírito para o corpo, não se dá senão por um instante. Resulta igualmente disso que o corpo aparente não poderia ser morto, porque não é orgânico e porque não é formado de carne e de ossos; ele desaparece no instante em que se desejaria matá-lo.⁹

⁹ Ver, na *Revista Espírita* de janeiro de 1859, *O duende de Bayonne*; de fevereiro de 1859, *Os agêneres; Meu amigo Hermann*; de maio de 1859, *O liame entre o Espírito e o corpo*; de novembro de 1859, *A alma errante*; de janeiro de 1860, *O Espírito de um lado e o corpo do outro*; de março de 1860, *Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas; O Doutor V. e a Senhorita I.*; de abril de 1860, *O fabricante de São Petersburgo; Aparições tangíveis*; de novembro de 1860, *História de Maria de Agreda*; de julho de 1861, *Uma aparição providencial*.

122. Nós passamos ao segundo fenômeno, o da *transfiguração*. Consiste ele na mudança de aspecto de um corpo vivo. Eis aqui um fato cuja perfeita autenticidade nós podemos garantir, e que se passou pelos anos de 1858 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne. Uma jovem de uns quinze anos desfrutava a singular faculdade de se transfigurar, quer dizer, de assumir, em determinados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas; a ilusão era tão completa que se julgava ter a pessoa diante de si, tão semelhantes eram os traços do rosto, o olhar, o som da voz e até a gíria. Esse fenômeno se repetiu centenas de vezes, sem que a vontade da jovem valesse de nada. Ela assumiu muitas vezes a aparência de seu irmão, morto alguns anos antes; exibia não somente o rosto dele, mas também o talhe e o volume do corpo. Um médico da região, muitas vezes testemunha desses fatos bizarros, e desejando assegurar-se de que não era juguete de uma ilusão, fez a seguinte experiência. Nós coletamos os fatos com ele mesmo, com o pai da jovem e com várias testemunhas oculares muito honradas e muito dignas de fé. Ele teve a ideia de pesar a jovem em seu estado normal e, depois, no da transfiguração, quando assumia a aparência de seu irmão de vinte e poucos anos e que era muito maior e muito mais forte. Muito bem! Ele verificou que neste último estado o peso era quase o dobro. A experiência era concludente, e era impossível atribuir tal aparência a uma simples ilusão de ótica. Busquemos explicar esse fato, que um dia foi chamado de milagre e que nós chamamos muito simplesmente de fenômeno.

123. A transfiguração, em certos casos, pode ser causada por uma simples contração muscular que pode fornecer à fisionomia uma expressão bastante diversa, a ponto de tornar a pessoa quase irreconhecível. Nós a observamos muitas vezes em alguns sonâmbulos, mas, nesse caso, a transformação não é radical; u'a mulher poderá parecer jovem ou velha, bela ou feia, mas será sempre u'a mulher e seu peso sobretudo não aumentará nem diminuirá. No caso em pauta, é evidente que existe alguma coisa a mais; a teoria do perispírito vai colocar-nos nessa via.

Admite-se, em princípio, que o Espírito seja capaz de fornecer a seu perispírito todas as aparências; que, através de u'a modificação na disposição molecular, seja capaz de fornecer-lhe a visibilidade, a tangibilidade e, por conseguinte, a *opacidade*; que o perispírito de uma pessoa viva, isolado do corpo, seja capaz de sofrer as mesmas transformações; que essa mudança de estado se opere através da combinação dos fluidos. Representemos agora o perispírito de uma pessoa viva, não isolado, mas irradiando em torno do corpo de forma a envolvê-lo como de um vapor; nesse estado, ele pode sofrer as mesmas modificações que sofreria caso estivesse separado; se ele perde sua transparência, o corpo pode desaparecer, tornar-se invisível, e ficar velado como se estivesse mergulhado em uma bruma. Ele poderá mesmo mudar de aspecto, tornar-se brilhante, caso seja essa a vontade ou o poder do Espírito. Um outro Espírito, combinando seu próprio fluido com o primeiro, é capaz de substituir sua própria aparência, de tal sorte que o corpo real desaparece sob um invólucro fluídico exterior cuja aparência pode variar à vontade do Espírito. Tal parece ser a verdadeira causa do fenômeno estranho e raro, é preciso dizer, da transfiguração. Quanto à diferença do peso, ela é explicada do mesmo modo que em relação aos corpos inertes. O peso intrínseco do corpo não variou porque a quantidade de matéria não aumentou; ele sofreu a influência de um agente exterior que pode aumentar-lhe ou diminuir-lhe o peso relativo, como nós explicamos acima, n.^{os} 78 e seguintes. Logo, é provável que, caso a transfiguração tivesse acontecido sob a forma de uma criança, o peso teria diminuído proporcionalmente.

124. Concebe-se que o corpo possa assumir uma outra aparência maior ou de mesma dimensão; mas como poderia assumir u'a menor, a de uma criancinha, como acabamos de dizer? Nesse caso, não deveria o corpo real transpor os limites do corpo aparente? Por isso, nós não dissemos que o fato se tenha produzido; nós somente desejamos mostrar, ao nos referir à teoria do peso específico, que o peso aparente poderia diminuir. Quanto ao fenômeno em si mesmo, nós não afirmamos nem sua possibilidade nem sua impossibilidade; mas, no caso de ele acontecer, só

porque não se pudesse fornecer-lhe uma solução satisfatória, não se invalidaria a coisa; é preciso não esquecer que estamos no início da ciência e que ela está longe de ter dito sua derradeira palavra sobre este ponto, como sobre muitos outros. De resto, as partes excedentes poderiam perfeitamente tornar-se invisíveis.

A teoria do fenômeno da invisibilidade ressalta muito naturalmente das explicações precedentes e das que foram fornecidas a respeito do fenômeno dos transportes, nos n.ºs 96 e seguintes.

125. Restar-nos-ia falar do singular fenômeno dos *agêneres* que, por mais extraordinário que possa parecer à primeira vista, não é mais sobrenatural que os outros. Mas, como nós o explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859), cremos ser inútil reproduzir aqui os pormenores dele; nós diremos somente que se trata de uma variedade da aparição tangível; é o estado de certos Espíritos que podem revestir temporariamente as formas de uma pessoa viva, a ponto de produzir uma ilusão completa. (Do grego: *a*, privativo, e *geînai, nomai*, gerar; o que não foi gerado.)

CAPÍTULO VIII

LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

Roupas dos Espíritos. — Formação espontânea de objetos tangíveis. — Modificação das propriedades da matéria. — Ação magnética curativa.

126. Nós dissemos que os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, de mantas pregueadas ou mesmo em suas roupas comuns. As mantas pregueadas parecem ser uma roupa geral no mundo dos Espíritos; mas a gente se pergunta aonde eles vão buscar vestimentas em tudo semelhantes às que portavam em sua vida, com todos os acessórios da toalete. É mais do que certo que eles não levaram esses objetos consigo, uma vez que os objetos reais estão ainda aqui sob nossos olhos; donde provêm, então, os que eles portam no outro mundo? Esta questão sempre intrigou muito; mas, para muitas pessoas, tratava-se de um simples caso de curiosidade. Ela pressupunha, todavia, uma questão de princípio de uma grande importância, pois sua solução nos pôs na pista de uma lei geral que encontra igualmente aplicação em nosso mundo corpóreo. Muitos fatos vieram complicá-la e demonstrar a insuficiência das teorias que foram experimentadas.

Podia-se, até certo ponto, entender a roupa, porque se pode considerá-la fazendo, de algum modo, parte do indivíduo; não se passa o mesmo quanto aos acessórios, como, por exemplo, a tabaqueira do visitante da senhora doente de que falamos no n.º 116. Observemos a respeito que não se tratava ali de um morto, mas de um vivo, e que esse senhor, quando voltou em pessoa, trazia uma tabaqueira em tudo semelhante. Onde, então, seu Espírito havia encontrado a que apresentava quando se achava ao pé do leito da doente? Nós poderíamos citar um grande número

de casos em que Espíritos de mortos ou de vivos apareceram com diversos objetos, tais como bastões, armas, cachimbos, lanternas, livros etc.

Ocorreu-nos, então, um pensamento, o de que os corpos inertes podiam ter seus análogos etéreos no mundo invisível; que a matéria condensada que forma os objetos podia ter uma parte quintessenciada imperceptível a nossos sentidos. Tal doutrina não era desprovida de verossimilhança, mas era incapaz de justificar todos os fatos. Existe um, sobretudo, que parecia dever frustrar todas as interpretações. Até então, não se tratava senão de imagens ou aparências; nós já vimos que o perispírito é capaz de adquirir as propriedades da matéria e tornar-se tangível, mas essa tangibilidade é temporária, e o corpo sólido se esvai como uma sombra. Este já é um fenômeno por demais extraordinário, mas o que o é muitíssimo mais é o de ver produzir-se matéria sólida persistente, como o comprovam numerosos fatos autênticos, e particularmente o da escrita direta, de que falaremos pormenorizadamente em um capítulo especial. Todavia, como esse fenômeno se liga intimamente ao tema que estamos tratando neste momento, e como constitui uma das aplicações mais positivas, nós anteciparemos a ordem na qual ele deve vir.

127. A escrita direta ou *pneumatografia* é a que se produz espontaneamente, sem o concurso nem da mão do médium nem do lápis. É suficiente pegar uma folha de papel em branco, o que se pode fazer com todas as precauções necessárias para se assegurar de que não existe a possibilidade de se ser enganado por nenhuma tramoia, dobrá-la e depositá-la em alguma parte, em uma gaveta ou simplesmente sobre um móvel; assim, caso existam condições convenientes, ao cabo de um tempo mais ou menos longo, se encontram no papel caracteres traçados, sinais diversos, palavras, frases e mesmo discursos, o mais das vezes com uma substância pardacenta análoga à plumbagina, e outras vezes com um lápis vermelho, com tinta comum e mesmo com tinta de impressora. Eis aqui o fato em toda a sua simplicidade e cuja reprodução, conquanto pouco comum, não é, entretanto, tão rara, pois existem pessoas que o obtêm com bastante facilidade. Caso se coloque um lápis com o papel, poder-se-ia crer que o Espírito se serviu dele para escrever; mas, desde que o papel se ache inteiramente só, é evidente que a escrita se formou através de u'a matéria transferida; onde o Espírito pegou essa matéria? Tal é a questão a cuja solução nós fomos conduzidos pela tabaqueira de que falamos há pouco.

128. Foi o Espírito de São Luís que nos forneceu essa solução, nas respostas seguintes:

1. Nós citamos um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma tabaqueira e aspirava. Experimentava ele a sensação que se experimenta ao aspirar?

“Não.”

2. Aquela tabaqueira apresentava a forma da que ele se servia habitualmente e que estava em sua casa. Que era aquela tabaqueira nas mãos desse homem?

“Uma aparência; era para que a circunstância fosse observada como foi, e para que a aparição não fosse considerada uma alucinação produzida pelo estado de saúde de quem viu. O Espírito desejava que a senhora cresse na realidade de sua presença, e tomou todas as aparências da realidade.”

3. O senhor disse que se trata de uma aparência; mas uma aparência não tem nada de real; é como uma ilusão de ótica; nós desejaríamos saber se aquela tabaqueira era tão só uma imagem sem realidade, ou se existia nela alguma coisa de material.

“Certamente; é com a ajuda desse princípio material que o perispírito produz a aparência de roupas semelhantes às que o Espírito portava em vida.”

Observação. É evidente que é preciso entender aqui a palavra aparência em sentido de aspecto, imitação. A tabaqueira real não se achava lá; a que apresentava o Espírito era somente a representação; logo era uma aparência comparada ao original, conquanto formada de um princípio material.

A experiência nos ensina que nem sempre se deve tomar à letra certas expressões empregadas pelos Espíritos; ao interpretá-las conforme nossas ideias, nós nos expomos a grandes equívocos; eis porque é preciso aprofundar o sentido de suas palavras todas as vezes que se apresenta a menor ambiguidade; é uma recomendação que nos fazem constantemente os Espíritos mesmos. Sem a explicação que nós provocamos, a palavra *aparência*, constantemente reproduzida nos casos análogos, poderia acarretar uma falsa interpretação.

4. Por acaso se desdobraria a matéria inerte? Existiria no mundo invisível u'a matéria essencial que assumiria a forma dos objetos que vemos? Em suma, esses objetos teriam seu *duplo etéreo* no mundo invisível, como os homens são ali representados pelos Espíritos?

“Não é em absoluto assim que isso se passa; o Espírito possui sobre os elementos materiais espalhados por todo o espaço, em sua atmosfera, um poder que o senhor está longe de suspeitar. Ele pode à vontade concentrar esses elementos e lhes atribuir a forma aparente adequada a seus projetos.”

Observação. Esta questão, como se viu, era a tradução de nosso pensamento, quer dizer, da ideia que nós havíamos formado a respeito da natureza desses objetos. Se as respostas fossem, como alguns o pretendem, o reflexo do pensamento, nós teríamos obtido a confirmação de nossa teoria, ao invés de uma teoria contrária.

5. Eu proponho de novo a questão de uma forma categórica, a fim de evitar todo equívoco: as roupas com que se cobrem os Espíritos constituem algo?

“Parece-me que minha resposta precedente resolve a questão. Não compreende o senhor que o perispírito mesmo seja alguma coisa?”

6. Resulta dessa explicação que os Espíritos fazem que a matéria etérea sofra transformações à sua vontade, e que, assim, por exemplo, quanto à tabaqueira, o Espírito não a achou feita, mas ele mesmo a fez para o momento em que precisava dela, por um ato de sua vontade, e que ele pôde desfazê-la; deve ser o mesmo que acontece com todos os outros objetos, tais como roupas, joias etc.

“Mas evidentemente.”

7. Aquela tabaqueira ficou visível para aquela senhora a ponto de iludi-la. Teria conseguido o Espírito torná-la tangível para ela?

“Teria conseguido.”

8. Eventualmente, poderia aquela senhora pegá-la em suas mãos, crendo ser uma tabaqueira de verdade?

“Sim.”

9. Caso ela a abrisse, ela teria provavelmente achado o tabaco; se aspirasse aquele tabaco, ele a teria feito espirrar?

“Sim.”

10. Pode, então, o Espírito não só fornecer a forma, mas também propriedades especiais?

“Caso o deseje; não foi senão em virtude desse princípio que eu respondi afirmativamente às questões precedentes. O senhor haverá de ter provas da poderosa ação que exerce o Espírito sobre a matéria e que o senhor está longe de suspeitar, como eu lhe disse.”

11. Suponhamos, então, que ele desejasse compor uma substância venenosa e que uma pessoa a ingerisse; seria envenenada?

“Ele poderia mas não faria; não lhe seria permitido.”

12. Poderia ele compor uma substância salutar, própria para curar em caso de doença; e o caso já se apresentou?

“Sim, muito frequentemente.”

13. Poderia ele, portanto, do mesmíssimo modo, compor uma substância alimentar? Suponhamos que formasse um fruto, uma comida qualquer, poderia qualquer um comê-lo e ficar saciado?

“Sim, sim; mas não procure tanto para encontrar o que é tão fácil de compreender. É suficiente um raio de sol para tornar perceptíveis a seus órgãos grosseiros essas partículas materiais que preenchem o espaço no meio do qual o senhor vive; não sabe o senhor que o ar contém vapores d’água? Condense-os e os reverterá ao estado normal; prive-os de calor e verá que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se convertem em um corpo sólido, e muito sólido; e muitas outras substâncias de que os químicos retirarão maravilhas mais espantosas ainda; ocorre somente que o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os seus: a vontade e a permissão de Deus.”

Observação. A questão da saciedade é aqui muitíssimo importante. Como pode uma substância que não possui senão uma existência e propriedades temporárias, e de algum modo convencionadas, produzir a saciedade? Essa substância, em seu contato com o estômago, produz a *sensação* da saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se essa substância pode agir sobre o organismo e modificar um estado mórbido, pode também atuar sobre o estômago e produzir o sentimento da saciedade. Nós rogamos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes para não ficarem despeitados, nem creem que os Espíritos venham fazer-lhes concorrência; esses casos são raros, excepcionais, e não dependem jamais da vontade; caso contrário, a gente se alimentaria e se curaria de forma muitíssimo barata.

14. Poderiam os objetos tornados tangíveis pela vontade do Espírito apresentar um caráter de permanência e de estabilidade e vir a ser usuais?

“Poderiam, *mas isso não se faz*; está fora das leis.”

15. Possuem todos os Espíritos, ao mesmo nível, o poder de produzir objetos tangíveis?

“É certo que, quanto mais elevado o Espírito, mais facilmente ele o obtém; mas também isso depende das circunstâncias: os Espíritos inferiores podem possuir esse poder.”

16. Compreende o Espírito sempre a maneira pela qual produz quer suas roupas, quer os objetos cuja aparência oferece?

“Não; amiúde ele contribui para sua formação através de um ato instintivo, que ele mesmo não compreende se não se achar assaz esclarecido para isso.”

17. Se o Espírito pode haurir no elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas e dar a essas coisas uma realidade temporária com suas propriedades, pode ele, do mesmo jeito, haurir ali o que for necessário para escrever, e, por conseguinte, ao que nos parece, fornecer a chave do fenômeno da escrita direta?

“Enfim, eis aqui o senhor!”

Observação. Era aqui, de fato, aonde nós queríamos chegar através de todas as nossas questões preliminares; a resposta comprova que o Espírito havia lido nosso pensamento.

18. Se a matéria de que se serve o Espírito não possui persistência, como entender que os riscos da escrita direta não desaparecem?

“Não raciocine com as palavras; em primeiro lugar, eu não disse: jamais; estava em questão um objeto material volumoso; aqui se trata de sinais riscados que é útil conservar, e se conservam. Eu quis dizer que os objetos assim compostos pelo Espírito não poderiam tornar-se objetos usuais, pois não existe, na realidade, agregação de matéria como em seus corpos sólidos.”

129. A teoria acima pode resumir-se assim: o Espírito atua sobre a matéria; ele haure na matéria cósmica universal os elementos necessários para formar, à sua vontade, objetos com a aparência dos diversos corpos que existem na Terra. Ele pode igualmente realizar sobre a matéria elementar, através de sua vontade, uma transformação íntima que lhe atribui determinadas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que amiúde a exerce como um ato

instintivo, quando isso é necessário, e sem ter consciência disso. Os objetos formados pelo Espírito apresentam uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade: ele pode fazê-los e desfazê-los quanto queira. Esses objetos podem, em certos casos, apresentar para as pessoas vivas todas as aparências da realidade, quer dizer, podem tornar-se temporariamente visíveis e mesmo tangíveis. Existe formação mas não criação, considerando-se que o Espírito não pode nada tirar do nada.

130. A existência de u'a matéria elementar única está bem perto de ser admitida em geral hoje em dia pela ciência, e está confirmada, como se viu, pelos Espíritos. Essa matéria origina todos os corpos da natureza; através das transformações que sofre, ela produz também as diversas propriedades desses mesmos corpos; eis como uma substância salutar pode tornar-se venenosa através de uma simples modificação; a química nos oferece numerosos exemplos disso. Todo o mundo sabe que duas substâncias inocentes combinadas em certas proporções podem produzir uma que seja deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, os dois inofensivos, formam a água; juntem um átomo de oxigênio e vocês terão um líquido corrosivo. Sem mudar as proporções, é suficiente muitas vezes uma simples alteração no modo de agregação molecular para alterar as propriedades; eis como um corpo opaco pode tornar-se transparente, e vice-versa. Uma vez que o Espírito apresenta, através tão só de sua vontade, uma ação tão poderosa sobre a matéria elementar, concebe-se que ele possa, não somente formar substâncias, mas ainda adulterar-lhes as propriedades, a vontade exercendo aqui o efeito de um reagente.

131. Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido no magnetismo, mas até o presente sem explicação: o da mudança das propriedades da água através da vontade. O Espírito que age é o do magnetizador, o mais das vezes assistido por um Espírito alheio; ele realiza uma transmutação com a ajuda do fluido magnético, que, como se disse, constitui a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Se ele consegue realizar u'a modificação nas propriedades da água, ele consegue igualmente produzir um fenômeno análogo nos fluidos do organismo; daqui o efeito curativo da ação magnética convenientemente administrada.

É conhecido o papel capital que desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo; mas como explicar a ação material de um agente tão sutil? A vontade não é de modo algum um ser, uma substância qualquer; não se trata mesmo de uma propriedade da matéria mais eterizada; a vontade constitui o atributo essencial da mente, quer dizer, do ser pensante. Com a ajuda dessa alavanca, a mente atua sobre a matéria elementar e, por uma ação conseqüente, ela reage sobre seus componentes, cujas propriedades íntimas podem assim ser transformadas.

A vontade constitui o atributo do Espírito encarnado como também do Espírito errante; daqui o poderio do magnetizador, poderio que se sabe ser proporcional à força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode, portanto, igualmente alterar-lhe as propriedades dentro de certos limites; eis como se explica a faculdade de curar através do contato e da imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em um nível maior ou menor. (Ver, no capítulo *Dos Médiuns*, o artigo *Médiuns curadores*. Ver também, na *Revista Espírita* de julho de 1859, *O zuavo de Magenta*; *Um oficial do exército da Itália*.)

CAPÍTULO IX

DOS LUGARES ASSOMBRADOS

132. As manifestações espontâneas que se produziram em todos os tempos e a insistência de alguns Espíritos em deixar marcas ostensivas de sua presença em certas localidades constituem a fonte da crença nos lugares assombrados. As respostas seguintes foram fornecidas às questões endereçadas sobre este assunto.

1. Apegam-se os Espíritos somente às pessoas ou se apegam também às coisas?

“Depende de sua elevação. Certos Espíritos são capazes de se apegar aos objetos terrestres; os avaros, por exemplo, que esconderam seus tesouros e não se acham assaz desmaterializados, podem ainda vigiá-los e resguardá-los.”

2. Possuem os Espíritos errantes lugares de predileção?

“Trata-se ainda do mesmo princípio. Os Espíritos que não se prendem mais à Terra vão aonde encontram a quem amar; eles são atraídos pelas pessoas mais do que pelos objetos materiais; entretanto, existem os que podem temporariamente apresentar uma preferência por certos lugares, mas se trata sempre de Espíritos inferiores.”

3. Uma vez que o apego dos Espíritos por um lugar é um sinal de inferioridade, isso constitui igualmente uma prova de que são maus Espíritos?

“Com certeza não; um Espírito pode ser pouco adiantado sem ser mau por isso; não é o mesmo que sucede entre os homens?”

4. Possui algum fundamento a crença de que os Espíritos frequentam, de preferência, as ruínas?

“Não; os Espíritos vão a esses locais como vão a todos os outros lugares; mas a imaginação fica impressionada com o aspecto lúgubre de certos lugares e atribui à presença deles o que amiúde não passa de um efeito muito natural. Quantas vezes o medo não fez a sombra de uma árvore ser tomada por um fantasma, o grito de um animal ou o sopro do vento, por assombrações! Os Espíritos estimam a presença dos homens; eis porque procuram os locais habitados de preferência aos isolados.”

— Contudo, pelo que nós conhecemos a respeito da diversidade de caráter dos Espíritos, devem existir misantropos, os quais podem preferir a solidão.

“Por isso eu não respondi à questão de um modo absoluto; eu afirmei que eles podem ir aos lugares desertos como a todos os outros lugares, e é bem evidente que os que se mantêm apartados é que isso lhes apraz; mas não constitui esse fato uma razão para que as ruínas sejam forçosamente lugares de predileção para eles, pois, com certeza, existem muitos nas cidades e nos palácios a mais que no fundo dos bosques.”

5. As crenças populares apresentam, em geral, um fundo de verdade; qual pode ser a fonte daquela dos lugares assombrados?

“O fundo de verdade se acha na manifestação dos Espíritos em que o homem acreditou em todos os tempos por instinto; mas, como eu disse, o aspecto dos lugares lúgubres impressiona sua imaginação, e ele coloca ali naturalmente os seres que vê como sobrenaturais. Essa crença

supersticiosa é conservada através dos relatos dos poetas e dos contos fantásticos com que se embala sua infância.”

6. Têm os Espíritos que se reúnem dias e horas prediletos para isso?

“Não; os dias e as horas constituem controles do tempo para uso dos homens e para a vida corpórea, mas de que os Espíritos não têm necessidade e com que não se preocupam.”

7. Qual é a origem da ideia de que os Espíritos comparecem de preferência à noite?

“A impressão produzida sobre a imaginação pelo silêncio e pela obscuridade. Todas essas crenças constituem superstições que o conhecimento racional do espiritismo deve destruir. Existem mesmo dias e horas que se acredita que sejam mais propícias; compenetrem-se de que a influência da meia-noite não existiu jamais senão nos contos.”

— Se é assim, por que certos Espíritos anunciam sua chegada e suas manifestações em tal hora e em dias determinados, como na sexta-feira, por exemplo?

“São Espíritos que tiram proveito da credulidade e se divertem. É pela mesma razão que existem os que dizem ser o diabo ou se atribuem nomes infernais. Mostrem-lhes que vocês não são bobos e eles não retornarão mais.”

8. Voltam os Espíritos de preferência aos túmulos em que repousa seu corpo?

“O corpo era apenas uma roupa; eles não se prendem ao invólucro que os fez sofrer, não mais que o prisioneiro a suas correntes. A lembrança das pessoas que lhes são caras é a única coisa à qual atribuem valor.”

— São as preces que a gente vai fazer sobre seus túmulos mais agradáveis para eles, e os atraem mais que as dos outros lugares?

“A prece constitui uma evocação que atrai os Espíritos, vocês sabem muito bem disso. A prece tem tanto mais efeito, quanto é mais fervorosa e mais sincera; ora, diante de um túmulo venerado, a gente se acha mais recolhida e a conservação de piedosas relíquias constitui um testemunho de afeição que se oferece ao Espírito, ao qual ele é sempre sensível. É sempre o pensamento que atua sobre o Espírito e não os objetos materiais; esses objetos apresentam mais influência sobre quem ora, ao lhes concentrar a atenção, do que sobre o Espírito.”

9. De acordo com isso, a crença nos lugares assombrados não pareceria absolutamente falsa.

“Nós afirmamos que certos Espíritos podem ser atraídos por coisas materiais; eles podem sê-lo por certos lugares que parecem eleger como domicílio, até que cessem as circunstâncias que os levaram para lá.”

— Quais são as circunstâncias que podem levá-los para lá?

“Sua simpatia por algumas das pessoas que os frequentam ou o desejo de se comunicarem com elas. Todavia, suas intenções nem sempre são tão louváveis, quando se trata de maus Espíritos; eles podem desejar exercer uma vingança contra certas pessoas de quem têm de que se lamentar. A estada em um lugar determinado pode constituir também, para alguns, uma punição que lhes foi infligida, sobretudo se ali cometeram um crime, a fim de que tenham continuamente esse crime diante dos olhos¹⁰.”

10. Os lugares assombrados sempre o são por antigos habitantes dessas moradias?

“Às vezes, mas nem sempre, pois, se o antigo habitante for um Espírito elevado, ele não se apegará à sua antiga moradia terrestre, não mais que a seu corpo. Os Espíritos que assombram certos lugares não têm muitas vezes outro motivo senão o capricho, a menos que sejam atraídos por sua simpatia por certas pessoas.”

— Podem eles fixar-se ali tendo em vista proteger uma pessoa ou sua família?

¹⁰ Ver na *Revista Espírita* de fevereiro de 1860, *História de um danado*.

“Com certeza, caso se trate de bons Espíritos; mas, nesse caso, eles não manifestam jamais sua presença através de fatos desagradáveis.”

11. Existe alguma coisa de real na história da Dama Branca?

“Trata-se de um conto extraído de mil fatos verdadeiros.”

12. É racional temer os lugares assombrados pelos Espíritos?

“Não; os Espíritos que assombram certos lugares e aí promovem algazarra buscam antes divertir-se às custas da credulidade e da poltronaria que praticar o mal. Aliás, é conveniente representar que existem Espíritos em toda a parte e que, em qualquer lugar onde estejam, vocês os têm sem cessar a seu lado, mesmo nas casas mais tranquilas. Eles frequentemente parecem assombrar certas habitações apenas porque encontram ali uma ocasião para manifestar sua presença.”

13. Existe algum meio de expulsá-los?

“Sim, e o mais das vezes o que se faz para isso os atrai ao invés de afastá-los. O melhor meio de expulsar os maus Espíritos é atrair os bons. Atraíam, pois, os bons Espíritos, fazendo a maior quantidade de bem possível, e os maus irão embora, pois o bem e o mal são incompatíveis. Sejam sempre bons e vocês terão apenas bons Espíritos a seu lado.”

— Não obstante, existem pessoas muito boas que são alvo dos tormentos de maus Espíritos.

“Se tais pessoas são realmente boas, isso pode constituir uma provação para exercitar-lhes a paciência e excitá-las a serem melhores; mas pensem bem que não são os que falam sem parar da virtude que mais a possuem. Quem possui qualidades reais amiúde as ignora ou delas não fala.”

14. Que se deve crer relativamente à eficácia do exorcismo para expulsar os maus Espíritos de lugares assombrados?

“Viram vocês com frequência esse meio ter êxito? Não viram, ao contrário, a algazarra redobrar após as cerimônias do exorcismo? É que eles se divertem por serem tomados pelo diabo.

“Os Espíritos que não vêm com uma intenção má podem também manifestar sua presença através do barulho, e mesmo tornando-se visíveis, mas eles não fazem jamais algazarra incômoda. São muitas vezes Espíritos sofredores, que vocês podem aliviar rezando por eles; outras vezes mesmo são Espíritos benévolos que lhes desejam comprovar que se acham perto de vocês, ou, enfim, Espíritos levianos que farreiam. Como os que perturbam o repouso através da algazarra são quase sempre Espíritos que se divertem, o melhor a fazer é rir disso; eles se enfadaram caso percebam que não alcançam nem apavorar, nem impacientar.” (Ver acima o capítulo v: *Manifestações físicas espontâneas*.)

Resulta das explicações acima que existem Espíritos que se apegam a certas localidades e ficam ali de preferência, mas não têm só por isso necessidade de manifestar sua presença através de efeitos sensórios. Um lugar qualquer pode ser a residência forçada ou de predileção de um Espírito, mesmo mau, sem que ele tenha jamais produzido manifestação alguma.

Os Espíritos que se prendem às localidades ou às coisas materiais não são jamais Espíritos superiores, mas, sem serem superiores, podem não ser maus nem apresentar nenhuma intenção ruim; são mesmo, às vezes, camaradas mais úteis que nocivos, pois, caso se interessem pelas pessoas, eles podem protegê-las.

CAPÍTULO X

NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas.

133. Nós afirmamos que todo efeito que revela em sua causa um ato de livre vontade, por mais insignificante que seja tal ato, acusa, *ipso facto*, uma causa inteligente. Assim, um simples movimento de mesa que responde a nosso pensamento, ou apresenta um caráter intencional, pode ser considerado como u'a manifestação inteligente. Se o resultado se limitasse a isso, não teria para nós senão um interesse muito precário; isso já seria, contudo, alguma coisa para nos propiciar a prova de que existe nesses fenômenos mais que uma ação puramente material; mas a utilidade prática que surtisse disso nos seria nula ou, ao menos, restrita; é bem diferente quando essa inteligência adquire um desenvolvimento que permite uma troca regular e seguida de pensamentos; não se trata mais então de simples manifestações inteligentes mas de verdadeiras *comunicações*. Os meios de que a gente dispõe hoje em dia permitem obtê-las tão extensas, tão explícitas e tão rápidas quanto as que mantemos com os homens.

Caso se esteja bem compenetrado, conforme a *escala espírita* (*O Livro dos Espíritos*, n.º 100), da variedade infinita que existe entre os Espíritos, no duplo aspecto da inteligência e da moralidade, conceber-se-á facilmente a diferença que deve existir em suas comunicações; elas têm de refletir a elevação ou a inferioridade de suas ideias, de seu saber e de sua ignorância, de seus vícios e de suas virtudes; em suma, elas não devem assemelhar-se entre si mais que as dos homens, desde o selvagem até ao europeu mais esclarecido. Todas as nuances que apresentam podem agrupar-se em quatro categorias principais; segundo suas características mais acentuadas, elas são: *grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas*.

134. *As comunicações grosseiras* são as que se traduzem por expressões que chocam as conveniências. Elas podem emanar tão só de Espíritos de baixa categoria, ainda sujados com todas as impurezas da matéria, e não diferem em nada das que poderiam fornecer homens viciosos e grosseiros. Elas repugnam a toda pessoa que possua um mínimo de delicadeza de sentimento, pois são, segundo o caráter dos Espíritos, triviais, indecentes, obscenas, insolentes, arrogantes, malévolas e mesmo ímpias.

135. *As comunicações frívolas* emanam de Espíritos levianos, zombeteiros e traquinas, mais maliciosos que maus, e que não ligam nenhuma importância ao que dizem. Como elas não têm nada de inconveniente, agradam a certas pessoas que se divertem e encontram prazer nessas conversas fúteis, onde se fala muito para não se dizer nada. Esses Espíritos apresentam, às vezes, ataques de arrebatamentos espirituosos e mordazes, e, no meio de facécias banais, dizem frequentemente duras verdades, que ferem sempre com precisão. Esses Espíritos levianos pululam

em torno de nós, e aproveitam todas as ocasiões para se intrometerem nas comunicações; a verdade é a menor de suas preocupações; eis porque experimentam um malicioso prazer em mistificar os que possuem a fraqueza e, às vezes, a presunção de crer em suas palavras. As pessoas que se comprazem nessas espécies de comunicações dão naturalmente acesso aos Espíritos levianos e mentirosos; os Espíritos sérios se afastam delas, como, entre nós, os homens sérios se afastam do convívio dos estouvados.

136. As *comunicações sérias* são graves quanto ao assunto e ao modo pelo qual foram elaboradas. Toda comunicação que exclui a frivolidade e a grosseria, e que apresenta um fim útil, ainda que de interesse privado, é, *ipso facto*, séria; mas nem por isso se acha sempre isenta de erros. Os Espíritos sérios não são todos igualmente esclarecidos; existem muitas coisas que eles ignoram e sobre as quais podem enganar-se de boa-fé; eis porque os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam sem cessar submeter todas as comunicações ao controle da razão e da mais severa lógica.

É preciso, portanto, distinguir as comunicações *sérias e verdadeiras* das comunicações *sérias e falsas*, o que nem sempre é fácil, pois é mercê mesmo da gravidade da linguagem que certos Espíritos presunçosos ou falsos-sábios procuram fazer prevalecer as ideias mais erradas e os sistemas mais absurdos: e para se darem mais crédito e importância, eles não têm escrúpulo de se enfeitar com nomes os mais respeitáveis e mesmo os mais venerados. Eis aí um dos maiores problemas da ciência prática; nós voltaremos a ele mais tarde com todos os desenvolvimentos de que necessita um tema assim importante, ao mesmo tempo que daremos a conhecer os meios de se premunir contra o perigo das falsas comunicações.

137. As *comunicações instrutivas* são as comunicações sérias que têm por objeto principal um ensinamento qualquer fornecido pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia etc. São elas mais ou menos profundas, conforme o nível de elevação e de *desmaterialização* do Espírito. Para se colher nessas comunicações um fruto real, é preciso que sejam regulares e acompanhadas com perseverança. Os Espíritos sérios se prendem aos que desejam instruir-se e eles os auxiliam, enquanto deixam aos Espíritos levianos a função de divertir os que veem nessas comunicações apenas uma distração efêmera. Não é senão pela regularidade e pela frequência dessas comunicações que se pode avaliar o valor moral e intelectual dos Espíritos com os quais se conversa, e o grau de confiança que merecem. Se se precisa de experiência para julgar os homens, precisa-se mais ainda talvez para julgar os Espíritos.

Ao atribuir a essas comunicações a qualificação de *instrutivas*, nós as pressupomos *verdadeiras*, pois uma coisa que não fosse *verdadeira* não poderia ser *instrutiva*, ainda que ditada na linguagem mais magnificente. Nós não poderíamos, portanto, alinhar nesta categoria certos ensinamentos que têm de sério apenas a forma, amiúde empolada e enfática, com a ajuda da qual os Espíritos que as ditam, mais presunçosos que sábios, esperam iludir; mas não sendo capazes esses Espíritos de suprir o fundo que lhes falta, não poderiam por muito tempo sustentar seu papel; eles logo traem seu lado fraco, por pouco que suas comunicações tenham sequência ou que se saiba encurralá-los em suas últimas trincheiras.

138. Os meios de comunicações são muito variados. Atuando os Espíritos sobre nossos órgãos e sobre todos os nossos sentidos, conseguem manifestar-se à vista, nas aparições, ao tato, através das impressões tangíveis ocultas ou visíveis, ao ouvido, através dos barulhos, ao olfato através dos odores sem causa conhecida. Esta última modalidade de manifestação, conquanto muito real, é sem controvérsia a mais incerta, tendo em vista as numerosas causas que podem induzir a erro; por isso, nós não nos deteremos nele. O que nós devemos examinar com cuidado

são os diversos meios de obter comunicações, ou seja uma troca regular e constante de ideias. Esses meios são: *as batidas, a fala e a escrita*. Nós os desenvolveremos em capítulos especiais.

CAPÍTULO XI

SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

Linguagem dos sinais e das batidas. — Tiptologia alfabética.

139. As primeiras manifestações inteligentes foram obtidas através de batidas ou da tiptologia. Esse meio primitivo, que se ressentia da infância da arte, não oferecia senão recursos muito limitados e a gente se achava reduzida, nas comunicações, às respostas monossilábicas de um sim ou de um não, com a ajuda de um número convencionado de batidas. Aperfeiçoou-se mais tarde o sistema, como dissemos. As batidas se obtêm de duas maneiras, através de médiuns especiais; é preciso, geralmente, para esse modo de operar, uma certa aptidão para as manifestações físicas. A primeira, que se poderia chamar de *tiptologia por básculo*, consiste no movimento da mesa que se levanta de um lado, depois cai, batendo o pé. É suficiente para isso que o médium pouse as mãos sobre a borda da mesa; caso ele deseje conversar com um Espírito determinado, é preciso efetuar sua evocação, do contrário, o primeiro a chegar é que se apresenta ou o que tiver o hábito de vir. Estando convencionado, por exemplo, uma batida para *sim* e duas batidas para *não*, isto é indiferente, endereçam-se ao Espírito as questões que se queiram; nós veremos mais tarde as que convém evitar. O inconveniente está na concisão das respostas e na dificuldade de formular a questão de maneira a suscitar um sim ou um não. Suponhamos que se pergunte ao Espírito: Que deseja você? Ele não poderia responder senão através de uma frase; é preciso, então, perguntar: Deseja você tal coisa? Não. — Tal outra? Sim. E assim por diante.

140. Deve-se atentar para o fato de que, no emprego desse meio, o Espírito utiliza com frequência um tipo de *mímica*, ou seja, ele exprime a energia da afirmação ou da negação através da força das batidas. Ele exprime também a natureza dos sentimentos que o animam: a violência, através da brusquidão de movimentos; a cólera e a impaciência, golpeando com força batidas reiteradas como uma pessoa que bate o pé encolerizada, às vezes jogando a mesa por terra. Se é benévolo e educado, no início e no fim da sessão, ele inclina a mesa em forma de cumprimento; desejando endereçar-se diretamente a uma pessoa do grupo, dirige a mesa até ela com suavidade ou violência, segundo queira testemunhar-lhe afeição ou antipatia. É essa, propriamente falando, a *sematologia* ou linguagem dos sinais, como a *tiptologia* é a linguagem das batidas. Eis aqui um notável exemplo do emprego espontâneo da sematologia:

Achando-se um senhor de nosso relacionamento, um dia, em sua sala de visitas, onde várias pessoas se ocupavam com manifestações, recebeu naquele momento uma carta nossa. Enquanto a lia, a mesinha que servia para as experiências vem de repente até ele. Terminada a

leitura da carta, ele vai colocá-la sobre u'a mesa na outra extremidade da sala; a mesinha o segue e se dirige para a mesa onde se achava a carta. Surpreso com essa coincidência, ele pensa que existe alguma relação entre esse movimento e a carta; ele interroga o Espírito, que responde ser nosso Espírito familiar. Tendo-nos informado esse senhor da circunstância, nós rogamos, por nossa vez, que esse Espírito nos dissesse o motivo da visita que havia feito; ele respondeu: "É natural que eu vá ver as pessoas com quem você se relaciona, a fim de poder, se for preciso, fornecer a você como a elas os informes necessários."

É evidente que o Espírito desejava chamar a atenção daquele senhor, e procurava uma ocasião para fazê-lo saber que ele se achava lá. Um mudo não teria feito melhor.

141. A tiptologia não tardou a se aperfeiçoar e a se enriquecer com um método de comunicação mais completo, o da *tiptologia alfabética*. Ele consiste em fazer designar as letras do alfabeto por meio de batidas; a gente pôde, então, obter palavras, frases e mesmo textos inteiros. De conformidade com o método, a mesa dá tantas batidas quantas são necessárias para indicar cada letra, quer dizer, uma batida para *a*, duas para *b*, e assim por diante; durante esse tempo, uma pessoa vai escrevendo as letras à medida que vão sendo designadas. Quando o Espírito termina, ele avisa através de um sinal qualquer convencionado.

Esse modo de proceder, como se vê, é muito longo e demanda um tempo enorme para as comunicações de uma certa extensão; no entanto, existem pessoas que tiveram a paciência de se servir dele para obterem ditados de muitas páginas; mas a prática levou a descobrirem-se meios abreviativos que permitem avançar com uma certa rapidez. O que se acha mais em uso consiste em se estar diante de um alfabeto escrito, bem como da série de algarismos correspondentes às unidades. Enquanto o médium está junto à mesa, uma outra pessoa percorre sucessivamente as letras do alfabeto, caso se trate de uma palavra, ou os algarismos, caso se trate de um número; chegando à letra necessária, a mesa dá por si mesma uma batida e se escreve a letra; depois se recomeça para a segunda, a terceira, e assim por diante. Caso a gente erre quanto a uma letra, o Espírito adverte através de várias batidas ou por um movimento da mesa, e a gente recomeça. Com o hábito, avança-se bem depressa; mas abrevia-se muito o trabalho sobretudo quando se adivinha o final de uma palavra começada, e quando o sentido da frase fica conhecido; caso se esteja na incerteza, pergunta-se ao Espírito se desejou registrar tal palavra, e ele responde através de um sim ou de um não.

142. Todos os efeitos que nós acabamos de indicar podem ser obtidos de um modo ainda mais simples através das batidas que se fazem ouvir na própria madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento, e que nós descrevemos no capítulo das manifestações físicas, n.º 64: trata-se da *tiptologia íntima*. Nem todos os médiuns se acham igualmente habilitados para este último modo de comunicação, pois existem os que obtêm apenas as batidas através do básculo; todavia, por meio do exercício, eles conseguem chegar aí, em sua maioria; essa maneira apresenta a dupla vantagem de ser mais rápida e de se prestar menos à suspeita que o básculo, que se pode atribuir a uma pressão voluntária. É verdade que as batidas íntimas poderiam também ser imitadas por médiuns de má-fé. As melhores coisas podem ser falsificadas, o que não prova nada contra elas. (Ver, no final deste volume, o capítulo intitulado: *Charlatanismo e prestidigitações*.)

Quaisquer que sejam os aperfeiçoamentos possíveis nessa maneira de proceder, ela não pode jamais alcançar a rapidez e a facilidade que apresenta a escrita; por isso, ela é agora pouquíssimo empregada: entretanto, às vezes, ela se torna muito interessante do ponto de vista do fenômeno, principalmente para os novatos, e sobretudo apresenta a vantagem de provar de um modo peremptório a independência absoluta do pensamento do médium. Obtêm-se muitas vezes assim respostas tão imprevistas, tão surpreendentemente oportunas, que precisaria um preconceito bem sedimentado para não se render à evidência; por isso, é esse, para muitas

pessoas, um poderoso motivo de convicção; mas, através desse método, não mais que através dos outros, os Espíritos não gostam de se prestar aos caprichos dos curiosos que desejam colocá-los à prova através de questões sem cabimento.

143. Com o fito de melhor assegurar a independência do pensamento do médium, imaginaram-se diversos instrumentos que consistem nos quadros sobre os quais são traçadas as letras, à maneira dos quadrantes dos telégrafos elétricos. Uma agulha móvel, colocada em movimento pela influência do médium, com a ajuda de um fio condutor e de uma polia, indica as letras. Nós conhecemos esses instrumentos apenas através de desenhos e de descrições que foram publicados na América; não podemos, pois, pronunciar-nos sobre seu mérito; mas achamos que sua complicação mesma é um inconveniente; que a independência do médium é totalmente atestada através das batidas íntimas e bem mais ainda pelo imprevisto das respostas que por todos os meios materiais. Por outro lado, os incrédulos, que estão sempre dispostos a ver em todo lugar truques e manipulações, são ainda mais levados a imaginá-los em um mecanismo especial que na primeira mesa que se topa e totalmente desprovida de acessório.

144. Um aparelho mais simples, mas de que a má-fé pode facilmente abusar, como veremos no item *Fraudes espíritas*, é o que designaremos sob o nome de *Mesa-Girardin*, como recordação do uso que dele fazia a Senhora Emílio de Girardin, nas numerosas comunicações que ela obtinha como médium, pois a Senhora de Girardin, ainda que mulher de espírito que era, tinha a fraqueza de crer nos Espíritos e em suas manifestações. Este instrumento consiste em uma parte superior de mesinha, móvel de trinta a quarenta centímetros de diâmetro, girando livremente e facilmente sobre seu eixo, à maneira da roleta. Sobre a superfície e em torno da circunferência são traçadas, como sobre um quadrante, as letras, os algarismos e as palavras *sim* e *não*. No centro, há uma agulha fixa. Pousando o médium seus dedos na borda da tábua, esta gira e para quando a letra desejada se acha sob a agulha. Toma-se nota das letras indicadas e se formam assim assaz rapidamente as palavras e as frases.

Há que se observar que a tábua não desliza sob os dedos, mas que os dedos permanecem aí aplicados, seguindo o movimento da tábua. Talvez um médium poderoso pudesse obter um movimento independente; nós achamos possível, mas nunca fomos testemunha disso. Se a experiência pudesse dar-se desta maneira, seria infinitamente mais conclusiva, porque afastaria toda possibilidade de prestidigitação.

145. Resta-nos destruir um erro assaz espalhado, que consiste em confundir todos os Espíritos que se comunicam através de batidas com os Espíritos batedores. A tiptologia é um meio de comunicação como um outro qualquer, e que não é mais indigno dos Espíritos elevados que a escrita e a fala. Todos os Espíritos, bons ou maus, são capazes, portanto, de se servirem dele tão bem quanto dos demais modos. O que caracteriza os Espíritos superiores é a elevação do pensamento, e não o instrumento de que eles se servem para transmiti-lo; sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e sobretudo os mais rápidos; mas, na falta de lápis e papel, eles se servirão sem escrúpulo da vulgar mesa que fala, e a prova está em que se obtêm por esse meio as coisas mais sublimes. Se nós não nos servimos dele, não é por menosprezá-lo, mas unicamente porque, como fenômeno, ele nos ensinou tudo o que tínhamos para saber, já que ele não consegue acrescentar nada às nossas convicções, e que a extensão das comunicações que nós recebemos exige uma rapidez incompatível com a tiptologia.

Nem todos os Espíritos que batem são, portanto, Espíritos batedores. Este nome deve ser reservado para os que se podem chamar de batedores de profissão e que, com a ajuda desse meio, se comprazem em pregar peças para distrair um grupo ou a vexá-lo através de sua importunação. De sua parte, nós podemos esperar, às vezes, coisas espirituosas, mas jamais coisas profundas; por

isso, seria perda de tempo endereçar-lhes questões de um certo alcance científico ou filosófico; sua ignorância e sua inferioridade lhes valeram, a justo título, da parte dos outros Espíritos, a qualificação de Espíritos trampolineiros ou de saltimbancos do mundo espírita. Acrescentemos que, se eles agem muitas vezes por sua própria conta, eles constituem muitas vezes também instrumentos de que se servem os Espíritos superiores quando desejam produzir efeitos materiais.

CAPÍTULO XII

PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA. — PNEUMATOFONIA

Escrita direta.

146. A *pneumatografia* é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário; ela difere da *psicografia* quanto ao fato de que esta constitui a transmissão do pensamento do Espírito por meio da escrita através da mão de um médium.

O fenômeno da escrita direta é, sem controvérsia, um dos mais extraordinários do espiritismo; mas, por mais anormal que pareça à primeira vista, trata-se hoje em dia de um fato confirmado e incontestável. Se a teoria é necessária para se compenetrar da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, ela é mais ainda talvez neste caso, sem controvérsia um dos mais extraordinários que se apresentaram até aqui, mas que deixa de parecer sobrenatural desde que se lhe compreenda o princípio.

À primeira revelação desse fenômeno, o sentimento dominante foi o da dúvida; a ideia de uma prestidigitação veio logo ao pensamento; de fato, todo o mundo conhece a ação das tintas ditas simpáticas, cujos traços, de início completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Era possível, portanto, que se abusasse da credulidade, e nós não afirmaríamos que isso não se tenha jamais feito; nós estamos mesmo convencidos de que certas pessoas, seja com um objetivo mercenário, seja unicamente por amor-próprio e para fazer que acreditem em seu poder, empregaram subterfúgios. (Ver o item *Fraudes espíritas.*)

Mas, do fato de que se possa imitar uma coisa, seria absurdo concluir que a coisa não exista. Nestes últimos tempos, não se encontrou o meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de iludir? E do fato de que esse procedimento de escamoteação correu todas as feiras, é preciso concluir que não existem verdadeiros sonâmbulos? Porque certos comerciantes vendem vinho batizado, constitui isso uma razão para que não haja vinho puro? Passa-se o mesmo com a escrita direta; as precauções para se assegurar da realidade do fato são, aliás, bem simples e bem fáceis, e, graças a essas precauções, não se pode hoje em dia transformá-la em objeto de nenhuma dúvida.

147. Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito, que os Espíritos existiram em todo o tempo e em todo o tempo também produziram os

diversos fenômenos que nós conhecemos, eles devem ter igualmente produzido a escrita direta na antiguidade tão bem quanto em nossos dias; eis como se pode explicar a aparição das três palavras no salão do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que foram abafados sob as fogueiras, deve ter conhecido também a escrita direta, e talvez se encontrasse na teoria das modificações que os Espíritos podem efetuar sobre a matéria, e que nós desenvolvemos no capítulo VIII, o princípio da crença na transmutação dos metais.

Quaisquer que hajam sido os resultados obtidos em diversas épocas, foi tão só depois da vulgarização das manifestações espíritas que seriamente se propôs a questão da escrita direta. O primeiro que parece tê-la dado a conhecer em Paris, nestes últimos anos, foi o Senhor Barão de Guldenstube, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, contendo um grande número de fac-símiles de escritas que ele obteve¹¹. O fenômeno era já conhecido na América desde algum tempo. A posição social do Senhor de Guldenstube, sua independência, a consideração que goza no mundo mais nobre afastam incontestavelmente toda suspeita de fraude voluntária, pois não tem como estar movido por nenhuma razão de interesse. Poder-se-ia, quando muito, crer em que era ele mesmo o juguete de uma ilusão; mas a isso um fato responde peremptoriamente; trata-se da obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar toda prestidigitação e toda causa de erro.

148. Obtém-se a escrita direta, como em geral a maior parte das manifestações espíritas *não espontâneas*, através do recolhimento, da prece e da evocação. Obteve-se muitas vezes nas igrejas, sobre os túmulos, ao pé de estátuas ou de imagens de personalidades que se evocam; mas queda evidente que a localidade não apresenta outra influência senão a de provocar um recolhimento maior e uma concentração maior do pensamento; pois está comprovado que ela se obtém igualmente sem esses acessórios e nos lugares mais corriqueiros, sobre um simples móvel doméstico, caso a gente se ache nas condições morais requeridas e caso se goze da faculdade mediúnica necessária.

No princípio, achava-se que era preciso deixar um lápis com o papel; o fato, então, poderia até um certo ponto explicar-se. Sabe-se que os Espíritos realizam o movimento e o deslocamento de objetos; que eles os pegam e lançam, às vezes, através do espaço; eles podiam, portanto, muito bem, pegar o lápis e se servir dele para traçar os caracteres; uma vez que eles lhe dão o impulso através da mão do médium, de uma prancheta etc., poderiam igualmente fazê-lo de um modo direto. Mas não se tardou a reconhecer que a presença do lápis não era necessária, e que é suficiente um simples pedaço de papel, dobrado ou não, no qual se encontram, após alguns minutos, caracteres traçados. Aqui o fenômeno muda completamente de aspecto e nos arremessa em uma ordem de coisas inteiramente nova; tais caracteres foram traçados com uma substância qualquer; como não se forneceu essa substância ao Espírito, ele teve, portanto, de elaborá-la, de compô-la por si mesmo; onde ele a colheu? Aí estava o problema.

Caso se prefira reportar-se às explicações fornecidas no capítulo VIII, n.ºs 127 e 128, encontrar-se-á ali a teoria completa deste fenômeno. Nessa escrita, o Espírito não se serve nem de nossas substâncias, nem de nossos instrumentos; ele mesmo produz a matéria e os instrumentos de que necessita, colhendo seus materiais no elemento primitivo universal, que ele faz sofrer, através de sua vontade, as modificações necessárias para o efeito que deseja produzir. Ele é capaz, portanto, de muito bem fabricar o lápis vermelho, a tinta de impressão ou a tinta ordinária quanto o lápis preto e até mesmo caracteres tipográficos assaz firmes para aplicar um relevo na impressão,

¹¹ *A realidade dos Espíritos e de suas manifestações* demonstrada através do fenômeno da escrita direta. Pelo Senhor Barão de Guldenstube. 1 volume in 8.º, com 15 pranchas e 93 fac-símiles. Preço: 8 francos, na Casa Franck, rua Richelieu. Encontra-se também na Casa Ledoyen.

conforme nós vimos exemplos. A filha de um senhor nosso conhecido, criança de 12 a 13 anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância análoga ao pastel.

149. Tal foi o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira relatado no capítulo VII, n.º 116, e sobre o qual nós longamente nos estendemos, porque nós vimos nele a oportunidade de sondar uma das leis mais importantes do espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério mesmo do mundo visível. Eis como, de um fato comum em aparência, pode jorrar a luz; o essencial é observar com cuidado, e é isso que cada um pode fazer, como nós, quando a gente não se limitar a ver os efeitos sem buscar-lhes as causas. Se nossa fé se firma dia a dia, é porque nós compreendemos; façam, pois, compreender, caso vocês desejem fazer prosélitos sérios. A inteligência das causas apresenta um outro resultado, o de traçar uma linha de demarcação entre a verdade e a superstição.

Se encararmos a escrita direta do ponto de vista das vantagens que ela pode oferecer, nós diremos que, até o presente, sua principal utilidade há sido a comprovação material de um fato importante: a intervenção de um poder oculto que encontra ali um novo meio de se manifestar. Mas as comunicações que se obtêm assim raramente são de alguma extensão; são geralmente espontâneas e limitadas a palavras, a sentenças, muitas vezes a sinais ininteligíveis; obtiveram-se em todas as línguas: em grego, em latim, em siríaco, em caracteres hieroglíficos etc., mas ainda não se prestaram de modo algum às conversações seguidas e rápidas que permite a psicografia ou escrita através de médiuns.

Pneumatofonia.

150. Conseguindo os Espíritos produzir barulhos e batidas, podem, da mesma forma, fazer ouvir gritos de toda natureza e sons que imitem a voz humana, ao nosso lado ou no vazio do ar; esse é o fenômeno que nós designamos sob o nome de *pneumatofonia*. De acordo com o que nós conhecemos da natureza dos Espíritos, pode-se pensar que alguns dentre eles, quando são de uma ordem inferior, se iludem e creem falar como em vida. (Ver, na *Revista Espírita* de fevereiro de 1858, *História do fantasma da Senhorita Clairon*.)

Seria preciso, todavia, guardar-se de considerar como vozes ocultas todos os sons que não apresentam causa conhecida, ou simples zumbidos de ouvido, e sobretudo de crer que existe a menor verdade na crença popular de que o ouvido que zumbe nos adverte de que se fala de nós em alguma parte. Esses zumbidos, cuja causa é puramente fisiológica, não apresentam, aliás, nenhum sentido, ao passo que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos, e é apenas por isso que se pode reconhecer que são devidos a uma causa inteligente e não accidental. Pode-se pôr como princípio que os efeitos *notoriamente inteligentes* são os únicos capazes de atestar a intervenção de Espíritos; quanto aos outros, existem, ao menos, cem chances contra uma de que eles sejam devidos a causas fortuitas.

151. Sucede assaz frequentemente que, no meio-sono, se ouvem distintamente palavras, nomes, às vezes, frases inteiras mesmo, e isso com bastante força para nos acordar em sobressalto. Conquanto possa suceder que, em certos casos, isso constitua realmente u'a manifestação, esse fenômeno não apresenta nada de muito positivo para que não se possa atribuí-lo a uma causa análoga à que nós desenvolvemos para a teoria da alucinação, no capítulo VI, n.ºs 111 e seguintes. O que se ouve dessa maneira não apresenta, de resto, nenhuma sequência; não sucede o mesmo quando se está inteiramente acordado, pois, então, caso se trate de um Espírito que se faz ouvir,

pode-se, quase sempre, estabelecer com ele uma troca de pensamentos e manter uma conversação normal.

Os sons espíritas ou pneumatofônicos têm duas maneiras bem distintas de se produzirem; trata-se, às vezes, de uma voz interior que retine no foro íntimo; se bem que as palavras sejam claras e distintas, elas não apresentam, entretanto, nada de material; outras vezes, são exteriores e também distintamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que estivesse ao lado.

De qualquer maneira que se produza, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e não pode ser provocado senão mui raramente.

CAPÍTULO XIII

PSICOGRAFIA

Psicografia indireta: cestas e pranchetas. — Psicografia direta ou manual.

152. A ciência espírita progrediu como todas as outras e mais rapidamente que as outras, pois alguns anos apenas nos separam daqueles métodos primitivos e incompletos que se chamavam, trivialmente, de mesas falantes e já estamos podendo comunicar-nos com os Espíritos tão facilmente e tão rapidamente como os homens o fazem entre si, e isso através dos mesmos meios: a escrita e a fala. A escrita apresenta sobretudo a vantagem de acusar mais materialmente a intervenção de uma força oculta e de deixar vestígios que se podem conservar, como fazemos com nossa própria correspondência. O primeiro método empregado foi o das pranchetas e das cestas munidas de um lápis. Eis aqui seu dispositivo.

153. Nós afirmamos que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode imprimir um movimento de rotação a uma mesa ou a um objeto qualquer; vamos pegar, em lugar de u'a mesa, uma cestinha de quinze a vinte centímetros de diâmetro (que ela seja de madeira ou de vime, pouco importa: a substância é indiferente). Se, agora, através do fundo dessa cesta, se faz passar um lápis solidamente preso, a ponta fora e em baixo, e se for mantida rigorosamente equilibrada sobre a ponta do lápis, colocada ela mesma sobre uma folha de papel, pousando os dedos sobre as bordas da cesta, ela começará seu movimento; mas, em lugar de girar, ela levará a passeio o lápis em diversas direções sobre o papel, de maneira a formar ora traços sem significado, ora caracteres da escrita. Caso um Espírito seja evocado e deseje comunicar-se, ele responderá, não mais através de batidas, como na tiptologia, mas de palavras escritas. O movimento da cesta não é mais automático como nas mesas girantes; ele se torna inteligente. Neste dispositivo, o lápis, chegando à extremidade da linha, não retorna sobre si mesmo para começar outra; ele continua circularmente, de sorte que a linha da escrita forma uma espiral, e que é preciso girar muitas vezes o papel para ler o que está escrito. A escrita assim obtida nem sempre é muito legível, não ficando nunca as palavras separadas; mas o médium, através de uma espécie de intuição, a decifra facilmente. Por

medida de economia, podemos substituir por uma lousa e por um lápis de ardósia o papel e o lápis comum. Nós designaremos esta cesta pelo nome de *cesta-pião*. A cesta é substituída, às vezes, por um papelão muito parecido com as caixas de drágeas; o lápis forma seu eixo, como no brinquedo chamado *rapa*.

154. Muitos outros dispositivos foram imaginados para alcançar o mesmo objetivo. O mais cômodo é o que chamaremos de *cesta com bico*, e que consiste em adaptar sobre a cesta uma haste de madeira inclinada, projetando-se de dez a quinze centímetros de um lado, na posição de um mastro de gurupés de um navio. Por um furo na extremidade dessa haste, ou bico, faz-se passar um lápis assaz longo para que a ponta repouse sobre o papel. Pondo o médium os dedos sobre as bordas da cesta, todo o aparelho se agita e o lápis escreve como no caso acima, com a diferença de que a escrita é, em geral, mais legível, as palavras separadas, e as linhas não são mais em espiral, mas se dispõem como na escrita ordinária, podendo o médium facilmente levar o lápis de uma linha a outra. Obtêm-se assim dissertações de muitas páginas tão rapidamente quanto se a gente escrevesse a mão.

155. A inteligência que atua manifesta-se amiúde através de outros sinais inequívocos. Chegando ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para retornar. Deseja o Espírito reportar-se a uma passagem precedente, na mesma página ou em outra? Ele a procura com a ponta do lápis, como se faria com o dedo, depois a sublinha. Deseja o Espírito, enfim, endereçar-se a um dos presentes? A ponta da haste de madeira se volta na direção dele. Para abreviar, ele exprime muitas vezes as palavras *sim* e *não*, através dos sinais de afirmação e de negação que nós fazemos com a cabeça; caso deseje exprimir cólera e impaciência, ele bate redobrando as pancadas com a ponta do lápis, e amiúde quebra os lápis.

156. Em lugar da cesta, algumas pessoas se servem de uma espécie de mesinha feita expressamente para isso, de doze a quinze centímetros de comprimento por cinco a seis de altura, com três pés, um dos quais traz o lápis; os dois outros são arredondados ou guarnecidos com uma bolinha de marfim, para deslizar facilmente sobre o papel. Outras pessoas se servem simplesmente de uma *prancheta* de quinze a vinte centímetros quadrados, triangular, oblonga ou oval; em uma das bordas se acha um furo *oblíquo* para se introduzir o lápis; colocada para escrever, ela fica inclinada e se apoia por um de seus lados sobre o papel; o lado que pousa sobre o papel é, às vezes, guarnecido de duas rodinhas para facilitar o movimento. Concebe-se, de resto, que todos esses dispositivos não apresentam nada de absoluto; o mais cômodo é o melhor.

Com todos esses aparelhos, são necessárias quase sempre duas pessoas; mas não é preciso que a segunda pessoa esteja dotada da faculdade medianímica; ela serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir a fadiga do médium.

157. Nós chamamos de *psicografia indireta* a escrita assim obtida, por oposição à *psicografia direta* ou *manual* obtida pelo próprio médium. Para compreender este último procedimento, é preciso dar-se conta do que se passa nessa operação. O Espírito alheio que se comunica atua sobre o médium; este, sob tal influência, dirige *maquinalmente* seu braço e sua mão para escrever, sem que tenha (é este, ao menos, o caso mais corriqueiro) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, *não é de forma alguma a cesta que se torna inteligente*; ela é um instrumento dirigido por uma inteligência; a cesta não passa, na realidade, de um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis; suprimam este intermediário e ponham o lápis na mão, e vocês terão o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, uma vez que o médium escreve como o faz em condições normais; assim, toda pessoa que escreve com a ajuda de uma cesta, prancheta ou outro objeto, é capaz de escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, *a escrita à mão*, designada por alguns

sob o nome de *escrita involuntária*, é, sem controvérsia, a mais simples, a mais fácil e a mais cômoda, porque não exige nenhuma preparação e porque se presta, como a escrita corrente, aos desenvolvimentos mais extensos. Nós voltaremos a ela ao falar dos médiuns.

158. Ao início das manifestações, quando a gente tinha sobre o assunto ideias menos precisas, muitos escritos foram publicados sob esta designação: *Comunicações de uma cesta, de uma prancheta, de u'a mesa* etc. Compreende-se hoje em dia o quanto essas expressões apresentam de inadequado, de errôneo, sem considerar seu caráter pouco sério. Com efeito, como nós acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas não constituem senão instrumentos *ininteligentes*, conquanto animados temporariamente de uma vida factícia, e que não podem comunicar nada por si mesmos; trata-se aqui de tomar o efeito pela causa, o instrumento pelo princípio; equivaleria ao caso de um autor registrar sobre o título de sua obra que ele a escreveu com uma pena metálica ou uma pluma de gansa. Tais instrumentos, aliás, não se encontram em absoluto perfeitos; nós conhecemos alguém que, em lugar da *cesta-piã*, que descrevemos, se servia de um funil, em cujo gargalo ele passava o lápis. Poder-se-ia, portanto, obter comunicações de um funil tão bem quanto de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas se realizam por meio de batidas, e se essas batidas são dadas através de uma cadeira ou de uma bastão, não se trataria mais de u'a mesa falante, mas de uma cadeira ou um bastão falantes. O que importa conhecer não é a natureza do instrumento, mas o modo de obtenção. Se a comunicação ocorre através da escrita, com qualquer porta-lápis que se queira, trata-se para nós da *psicografia*; se for através de batidas, trata-se da *tiptologia*. Tomando o espiritismo as proporções de uma ciência, vai precisar de uma linguagem científica.

CAPÍTULO XIV

DOS MÉDIUNS

Médiuns de efeitos físicos. — Pessoas elétricas. — Médiuns sensitivos ou impressionáveis. — Médiuns audientes. — Médiuns falantes. — Médiuns videntes. — Médiuns sonâmbulos. — Médiuns curadores. — Médiuns pneumatógrafos.

159. Toda pessoa que experimenta, em um grau qualquer, a influência dos Espíritos é, *ipso facto*, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; por conseguinte, não se trata em absoluto de um privilégio exclusivo; por isso, existem poucas pessoas nas quais não se encontram dela alguns rudimentos. Pode-se, portanto, dizer, que todo o mundo, pouco mais ou menos, é médium. Todavia, usualmente essa qualificação só se aplica àqueles em quem a faculdade medianímica se acha nitidamente caracterizada, e se traduz através de efeitos patentes de uma certa intensidade, o que depende de um organismo mais ou menos sensitivo. Convém, por outra, observar que esta

faculdade não se revela em todos do mesmo modo; os médiuns apresentam, geralmente, uma aptidão especial para tal ou qual ordem de fenômenos, o que perfaz tantas variedades quantos são os tipos de manifestações. Os principais são: *os médiuns de efeitos físicos; os médiuns sensitivos ou impresionáveis; audientes; falantes; videntes; sonâmbulos; curadores; pneumatógrafos; escreventes ou psicógrafos.*

1. Médiuns de efeitos físicos.

160. *Os médiuns de efeitos físicos* são mais especialmente aptos a produzir fenômenos materiais, tais como os movimentos dos corpos inertes, os barulhos etc. Pode-se dividi-los em *médiuns facultativos* e *médiuns involuntários*. (Ver, na 2.^a parte, os capítulos II e IV.)

Os médiuns facultativos são os que possuem a consciência de seu poder, os que produzem fenômenos espíritas pelo ato de sua vontade. Essa faculdade, se bem que inerente à espécie humana, como nós já afirmamos, está longe de existir em todos no mesmo nível; mas, se existem poucas pessoas nas quais ela é absolutamente nula, as que estão aptas a produzir os grandes efeitos, tais como a suspensão de corpos pesados no espaço, a translação aérea e, sobretudo, as aparições, são mais raras ainda. Os efeitos mais simples são os da rotação de um objeto e das batidas através do levantamento desse objeto ou em sua substância mesma. Sem atribuir uma importância capital a esses fenômenos, nós recomendamos que não sejam negligenciados; eles podem propiciar observações interessantes e auxiliar na convicção. Mas deve-se observar que a faculdade de produzir efeitos materiais raramente existe entre os que possuem meios mais perfeitos de comunicação, como a escrita ou a fala. Geralmente, a faculdade vai diminuindo em um sentido, à medida que vai desenvolvendo-se em um outro.

161. *Os médiuns involuntários* ou *naturais* são aqueles cuja influência se exerce à sua revelia. Eles não têm nenhuma consciência de seu poder e amiúde o que se passa de anormal em torno deles não lhes parece de forma alguma extraordinário; isso faz parte deles mesmos, exatamente como as pessoas dotadas da segunda vista, as quais não desconfiam disso. Estes indivíduos são muito dignos de observação e não se devem negligenciar as anotações e os estudos dos fatos do gênero que possam chegar a nosso conhecimento; eles se manifestam em todas as idades e com frequência entre crianças muito jovens. (Ver acima, no capítulo V, *Manifestações físicas espontâneas.*)

Esta faculdade não constitui em absoluto, por si mesma, o indício de um estado patológico, pois não é incompatível com a saúde perfeita. Se quem a possui sofre, isso decorre de uma causa estranha; por isso, os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la cessar. Esta faculdade pode, em alguns casos, decorrer de uma certa fraqueza orgânica, mas não é jamais sua causa eficiente. Não se poderia, portanto, racionalmente, atribuir-lhe nenhuma inquietação do ponto de vista higiênico; ela poderia oferecer inconveniente apenas no caso de o sujeito, tornando-se médium facultativo, a utilizar de um modo abusivo, porque haveria nele, então, emissão demasiado abundante de fluido vital e, em seguida, enfraquecimento dos órgãos.

162. A razão se revolta à ideia das torturas morais e corpóreas às quais a ciência, às vezes, submeteu seres fracos e delicados, com o fito de se assegurar se não existia prestidigitação de sua parte; tais *experimentações*, o mais das vezes realizadas com malevolência, são sempre nocivas aos organismos sensitivos; poderiam resultar disso graves desordens à sua harmonia; executar tais experiências é jogar com a vida. O observador de boa-fé não tem necessidade de empregar tais

meios; quem se acha familiarizado com esses tipos de fenômenos sabe, aliás, que eles pertencem mais à ordem moral que à ordem física, e que de balde se procuraria a explicação deles em nossas ciências exatas.

Justamente porque esses fenômenos concernem à ordem moral, deve-se evitar, com um cuidado não menos escrupuloso, tudo o que possa superexcitar a imaginação. Conhecem-se os acidentes que o medo pode ocasionar, e a gente ficaria menos imprudente se conhecesse todos os casos de loucura e de epilepsia que têm sua origem nos contos de lobisomens e de bicho-papão; que acontecerá, então, caso a gente se persuada de que se trata do *diabo*? Os que levam a crer nessas ideias não sabem a responsabilidade que assumem: *eles podem matar*. Ora, o perigo não existe só para o sujeito visado, existe também para os que o cercam e podem ficar apavorados pelo pensamento de que sua casa é um refúgio de demônios. Foi essa crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Com um pouco de discernimento, no entanto, se poderia pensar que, ao se queimar o corpo supostamente possuído pelo diabo, não se queimava o diabo. Uma vez que se desejava escapar do diabo, era a ele que se precisava matar; a doutrina espírita, ao nos esclarecer a respeito da verdadeira causa de todos esses fenômenos, pespega nessa crença o golpe de misericórdia. *Longe, portanto, de fazer nascer esse pensamento, deve-se, e esse é um dever de moralidade e de humanidade, combatê-lo, caso exista.*

O que é preciso fazer, quando uma faculdade parecida se desenvolve espontaneamente em um indivíduo, é deixar que o fenômeno siga seu curso natural: a natureza é mais prudente que os homens; a Providência, aliás, tem seus propósitos, e a menor criatura pode ser o instrumento dos maiores desígnios. Mas é preciso convir que esse fenômeno assume, às vezes, proporções fatigantes e importunas para todo o mundo¹²; por isso, eis aqui o que é preciso fazer em todos os casos. No capítulo v, *Manifestações físicas espontâneas*, nós já fornecemos alguns conselhos a respeito, afirmando que se precisa procurar entrar em contato com o Espírito para saber dele o que deseja. O método a seguir é igualmente fundamentado sobre a observação.

Os Seres invisíveis que revelam sua presença através de efeitos sensíveis são, em geral, Espíritos de uma ordem inferior, e que se podem dominar através da ascendência moral; é essa ascendência que se precisa buscar adquirir.

Para obter essa ascendência, é preciso fazer passar o sujeito do estado de *médium natural* para o de *médium facultativo*. Produz-se, então, um efeito análogo ao que ocorre no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa geralmente quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se detém em absoluto a faculdade de emancipação da alma: a gente lhe fornece um outro curso. É o que se passa com a faculdade medianímica. Para tal resultado, em lugar de se entravarem os fenômenos, no que raramente se tem êxito e o que nem sempre ocorre sem perigo, é preciso incitar o médium a produzi-las por sua vontade, impondo-se ao Espírito; por esse meio, ele chega a controlá-lo e, de um dominador às vezes tirano, ele faz um ser subordinado e, com frequência, muito dócil. Um fato digno de nota, e justificado através da experiência, é que, em tais casos, uma criança apresenta tanta e, amiúde, mais autoridade que um adulto: eis uma nova prova em apoio a este ponto capital da doutrina, o de que o Espírito é criança apenas quanto ao corpo, e que ela possui por si mesma um desenvolvimento necessariamente anterior à sua

¹² Um dos fatos mais extraordinários desta natureza, pela variedade e extravagância dos fenômenos, é, sem controvérsia, o que aconteceu em 1852, no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissembourg. Ele é tanto mais notável porque reuniu mais ou menos, e no mesmo sujeito, todos os tipos de manifestações espontâneas: algazarra a ponto de sacudir a casa, desordem dos móveis, objetos lançados ao longe por u'a mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sozinhos, comunicações inteligentes etc., e, o que não é de menor importância, a comprovação dos fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares dignas de fé por seu saber e sua posição social. O relato autêntico desses fatos foi publicado, naquela época, em muitos jornais alemães e, especialmente, em uma brochura hoje esgotada e muito rara. Encontrar-se-á a tradução completa dessa brochura na *Revista Espírita* de 1858, com os comentários e as explicações necessárias. É essa, pelo que sabemos, a única publicação francesa que se fez dela. Além do interesse entusiástico que se liga a esses fenômenos, eles são eminentemente instrutivos do ponto de vista do estudo prático do espiritismo.

encarnação atual, desenvolvimento que lhe pode propiciar a ascendência sobre os Espíritos que lhe sejam inferiores.

A moralização do Espírito através dos conselhos de uma terceira pessoa influente e experimentada, caso o médium não se ache em condição de fazê-lo, é frequentemente um meio muito eficaz; nós volveremos a isto mais tarde.

163. É a esta categoria de médiuns que pareciam pertencer as pessoas dotadas de uma certa dose de eletricidade natural, verdadeiras *arraias humanas*, produzindo, através de simples contato, todos os efeitos de atração e de repulsão. Estaria errado, entretanto, quem as visse como *médiuns*, pois a verdadeira mediunidade pressupõe a intervenção direta de um Espírito; ora, no caso de que estamos tratando, experiências concludentes comprovaram que a eletricidade é o único agente desses fenômenos. Essa faculdade bizarra, que se poderia quase chamar de enfermidade, pode, às vezes, aliar-se à mediunidade, como se pode ver na história do *Espírito batedor de Bergzabern*; mas muitas vezes ela é completamente independente. Conforme dissemos, a única prova da intervenção dos Espíritos é o caráter inteligente das manifestações; todas as vezes que esse caráter não existir, andar-se-á direito ao atribuí-las a uma causa puramente física. A questão é de saber se as *peçoas elétricas* teriam uma aptidão maior para se tornarem *médiuns de efeitos físicos*; nós pensamos assim, mas isto constituiria um resultado da experiência.

2. Médiuns sensitivos ou impressionáveis.

164. Designam-se assim as pessoas suscetíveis de perceber a presença dos Espíritos através de uma vaga impressão, uma espécie de roçar em todos os membros, que elas não conseguem entender. Esta variedade não se caracteriza de forma bem determinada; todos os médiuns são necessariamente impressionáveis; a impressionabilidade constitui, assim, uma qualidade mais geral que especial: é a faculdade rudimentar indispensável ao desenvolvimento de todas as outras; ela difere da impressionabilidade puramente física e nervosa, com a qual é preciso não confundi-la, pois existem pessoas que não possuem os nervos delicados e que percebem, mais ou menos, o efeito da presença dos Espíritos, enquanto outras muito excitáveis não os percebem de forma alguma.

Esta faculdade se desenvolve através do hábito, e pode adquirir uma tal sutileza que quem dela é dotado reconhece, pela impressão que sente, não somente a natureza boa ou má do Espírito que se acha a seu lado, mas até a individualidade dele, como o cego reconhece, por um certo *eu-não sei-quê*, a aproximação de uma tal ou qual pessoa; ele se torna, no tocante aos Espíritos, um verdadeiro sensitivo. Um bom Espírito causa sempre uma impressão suave e agradável; a de um mau Espírito, ao contrário, é penosa, angustiante e desagradável; existe como que um faro para a impureza.

3. Médiuns audientes.

165. São os que ouvem as vozes dos Espíritos; trata-se, como afirmamos ao falar da *pneumatofonia*, às vezes, de uma voz interna que se faz ouvir no foro íntimo; outras vezes, trata-se

de uma voz externa, clara e distinta como a de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem assim entrar em conversação com os Espíritos. Uma vez que tenham o hábito de comunicar-se com certos Espíritos, eles os reconhecem imediatamente pelas características da voz. Quando a gente não é dotada por si mesma desta faculdade, pode igualmente comunicar-se com um Espírito por intermédio de um médium audiente, que cumpre o ofício de intérprete.

Esta faculdade é muito agradável quando o médium ouve apenas bons Espíritos ou somente os que ele chama; mas não sucede o mesmo quando um mau Espírito se obstina ao lado dele e o faz ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e, às vezes, as mais inconvenientes. É preciso, então, buscar desembaraçar-se dele através dos meios que nós indicaremos no capítulo *Da obsessão*.

4. Médiuns falantes.

166. Os médiuns audientes, que não fazem mais que transmitir o que ouvem, não são, propriamente falando, *médiuns falantes*; estes últimos, muito frequentemente, não ouvem nada; com eles, o Espírito atua sobre os órgãos da palavra, como atua sobre a mão nos médiuns escreventes. O Espírito que deseja comunicar-se serve-se do órgão que acha mais flexível no médium; de um ele empresta a mão, de um outro a fala, de um terceiro o ouvido. O médium falante se exprime geralmente sem ter a consciência do que diz, e muitas vezes diz coisas completamente fora de suas ideias habituais, de seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência. Conquanto esteja perfeitamente acordado e em um estado normal, raramente conserva a lembrança do que diz; em suma, a fala constitui nele um instrumento de que se serve o Espírito e com o qual uma pessoa estranha pode entrar em comunicação, como pode fazê-lo por intermédio do médium audiente.

A passividade do médium falante nem sempre é tão completa; existem os que possuem a intuição do que dizem no momento mesmo em que pronunciam as palavras. Nós retornaremos a esta variedade quando tratarmos dos médiuns intuitivos.

5. Médiuns videntes.

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Existem os que desfrutam essa faculdade em estado normal, quando se acham perfeitamente acordados, e conservam-lhe uma lembrança exata; outros a possuem tão só em estado sonambúlico ou vizinho do sonambulismo. Esta faculdade raramente é permanente; ela constitui quase sempre o efeito de uma crise temporária e efêmera. A gente podem colocar na categoria de médiuns videntes todas as pessoas dotadas da segunda vista. A possibilidade de ver os Espíritos em sonho resulta, sem controvérsia, de uma espécie de mediunidade, mas não engloba, propriamente falando, os médiuns videntes. Nós explicamos esse fenômeno no capítulo VI, *Manifestações visuais*.

O médium vidente julga ver através dos olhos, como os que possuem a dupla vista; mas, na realidade, é a alma que vê; eis a razão pela qual eles veem tão bem com os olhos fechados quanto com os olhos abertos; donde se segue que um cego pode ver os Espíritos como quem possui a vista intacta. Haveria sobre este ponto um estudo interessante a realizar; seria o de saber se esta

faculdade é mais frequente nos cegos. Espíritos que foram cegos nos afirmaram que, em vida, possuíam, através da alma, a percepção de certos objetos, e que não se encontravam mergulhados em uma escuridão *negra*.

168. É preciso distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são frequentes, sobretudo, no momento da morte de pessoas que se amaram ou conheceram, as quais vêm avisar que não pertencem mais a este mundo. Existem numerosos exemplos de casos deste tipo, sem falar das visões durante o sono. Outras vezes, são igualmente parentes ou amigos que, conquanto mortos há mais ou menos tempo, aparecem, seja para nos advertir de um perigo, seja para ministrar um conselho ou pedir uma serviço. O serviço que pode reclamar um Espírito consiste geralmente no cumprimento de uma coisa que ele não pôde realizar em sua vida ou no auxílio por meio de preces. Essas aparições constituem fatos isolados que têm sempre um caráter individual e pessoal e não constituem uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, se não permanente, ao menos muito frequente, de ver o primeiro Espírito que chega, mesmo aquele que nos é o mais alheio. É esta faculdade que constitui, propriamente falando, os médiuns videntes.

Entre os médiuns videntes, existem os que veem apenas os Espíritos que se evocam, e cuja descrição eles conseguem efetuar com u'a minuciosa exatidão; eles os descrevem, nos menores detalhes, seus gestos, a expressão de sua fisionomia, os traços do rosto, a roupa e até os sentimentos de que parecem animados. Existem outros nos quais esta faculdade é ainda mais geral; eles veem toda a população espírita ambiente ir, vir e, poder-se-ia dizer, ocupar-se de seus negócios.

169. Nós assistimos, uma noite, à representação da ópera *Obéron*, ao lado de um médium vidente muito bom. Havia na sala um grande número de lugares vazios, muitos dos quais, porém, ocupados por Espíritos que aparentavam participar do espetáculo; alguns iam para perto de certos espectadores e pareciam escutar sua conversação. Sobre o palco se passava uma outra cena: atrás dos atores, muitos Espíritos de humor jovial se divertiam em ridicularizá-los, imitando seus gestos de um modo grotesco; outros, mais sérios, pareciam inspirar os cantores e fazer esforços para lhes proporcionar energia. Um deles se conservava perto de uma das principais cantoras; nós lhe julgamos as intenções um pouco levianas; chamando-o depois que a cortina baixou, ele veio a nós e nos repreendeu com alguma severidade o julgamento precipitado. "Eu não sou o que vocês estão pensando, afirmou ele; eu sou seu guia e seu Espírito protetor; sou eu quem estou encarregado de dirigi-la." Após alguns minutos de uma conversa muito circunspecta, ele nos deixou, dizendo: "Adeus; ela se acha em seu camarim; é preciso que eu vá velar por ela." Nós evocamos, em seguida, o Espírito de Weber, o autor da ópera, e lhe perguntamos o que ele estava achando da execução de sua obra. "Não está muito ruim, respondeu ele, mas está frouxa; os atores cantam, eis tudo; não existe inspiração. Aguardem, acrescentou, eu vou tentar transmitir-lhes um pouco do fogo sagrado." Então, a gente o viu sobre a cena, planando acima dos atores; um eflúvio parecia partir dele e se espalhar sobre os atores; naquele momento, ocorreu neles um recrudescimento visível de energia.

170. Eis aqui um outro fato que comprova a influência que os Espíritos exercem sobre os homens, à revelia destes. Nós nos achávamos, como naquela noite, em uma representação teatral, com um outro médium vidente. Havendo entabulado uma conversação com um *Espírito espectador*, este nos disse: "Vocês estão vendo aquelas duas senhoras sozinhas, naquele camarote dos balcões de primeira? Muito bem! Eu vou empenhar-me em fazê-las deixar a sala." Dito isso, vimos que foi colocar-se no camarote em questão e falar às duas senhoras; de repente, estas, que estavam muito atentas ao espetáculo, se olham, parecem consultar-se, depois se vão e não

reaparecem mais. O Espírito nos dirigiu, então, um gesto cômico, para demonstrar que havia tido palavra; mas nós não o revimos mais para lhe pedir explicações mais amplas. Eis como nós pudemos, vezes sem conta, ser testemunha do papel que desempenham os Espíritos entre os vivos; nós os observamos em diversos lugares de reunião, no baile, no concerto, no sermão, nos funerais, nas núpcias etc., e por toda a parte nós os encontramos atizando as paixões ruins, insuflando a discórdia, excitando as rixas e regozijando-se com suas proezas; outros, ao contrário, combatiam aquela influência perniciosa, mas apenas raramente eram ouvidos.

171. A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma daquelas cujo desenvolvimento natural convém aguardar, sem estimulá-lo, caso não se queira expor-se a ser o juguete da própria imaginação. Quando a semente de uma faculdade existe, ela se manifesta por si mesma; em princípio, é preciso contentar-se com as que Deus nos outorgou, sem buscar o impossível, pois, aí, ao se desejar conseguir muito, arrisca-se a perder o que se tem.

Quando dissemos que os casos de aparições espontâneas são frequentes (n.º 107), nós não quisemos dizer que são muito comuns; quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, são ainda mais raros e existe muito que desconfiar dos que pretendem gozar desta faculdade; é prudente tão só depositar fé neles após provas positivas. Nós não falamos dos que fomentam a ridícula ilusão dos Espíritos glóbulos, que descrevemos no n.º 108, mas dos que pretendem ver os Espíritos de um modo racional. Certas pessoas podem, sem dúvida, enganar-se de boa-fé, mas outras podem também simular esta faculdade por amor-próprio ou por interesse. Neste caso, é preciso levar em conta especialmente o caráter, a moralidade e a habitual sinceridade da pessoa; mas é sobretudo nas circunstâncias de detalhe que se pode encontrar o controle mais garantido, pois existem os que não podem deixar dúvida, como, por exemplo, a exatidão do retrato de Espíritos que o médium não conheceu jamais quando estavam vivos. O fato seguinte se encontra nesta categoria.

Uma senhora viúva, cujo marido se comunica frequentemente com ela, se encontrou um dia com um médium vidente que não a conhecia, não mais que sua família; o médium lhe afirmou: — Eu vejo um Espírito perto da senhora. — Ah!, disse ela, é, sem dúvida, meu marido, que não me deixa quase nunca. — Não, respondeu o médium, é u'a mulher de uma certa idade; ela traz uma tira branca na cabeça.

Por esta particularidade e por outros detalhes descritivos, a senhora reconheceu, de forma a não se enganar, sua avó, em quem ela não pensava absolutamente naquele momento. Caso o médium desejasse simular a faculdade, teria sido fácil concordar com o pensamento da senhora, enquanto que, no lugar do marido de quem ela estava cogitando, ele vê u'a mulher com uma particularidade de penteado que nada lhe podia dar ideia. Este fato comprova uma outra coisa: que a vista, no médium, não era o reflexo de nenhum pensamento alheio. (Ver n.º 102.)

6. Médiuns sonâmbulos.

172. O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade medianímica ou, para melhor dizer, constitui duas ordens de fenômenos que se encontram muitíssimas vezes juntos. O sonâmbulo age sob a influência de seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe para além do limite dos sentidos; o que ele exprime ele haure em si mesmo; suas ideias são, em geral, mais corretas que no estado normal, seus conhecimentos, mais extensos, porque sua alma está livre; em suma, ele vive por antecipação

a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, constitui o instrumento de uma inteligência alheia; ele é passivo, e o que diz não provém absolutamente dele. Em resumo: o sonâmbulo exprime seu próprio pensamento, e o médium exprime o de um outro. Mas o Espírito que se comunica através de um médium ordinário pode, da mesma forma, fazê-lo através de um sonâmbulo; muitas vezes mesmo, o estado de emancipação da alma, durante o sonambulismo, torna esta comunicação mais fácil. Muitos sonâmbulos veem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão quanto os médiuns videntes; eles são capazes de conversar com eles e de nos transmitir seu pensamento; o que eles dizem para além do círculo de seus conhecimentos pessoais lhes é amiúde sugerido por outros Espíritos. Eis aqui um exemplo notável em que a dupla ação do Espírito do sonâmbulo e do Espírito alheio se revela de maneira a menos inequívoca.

173. Um de nossos amigos empregava como sonâmbulo um rapazinho de 14 para 15 anos, de uma inteligência muito comum e de uma instrução extremamente limitada. Não obstante, durante o sonambulismo, ele deu provas de uma lucidez extraordinária e de uma grande perspicácia. Ele excelia sobretudo no tratamento de doenças, e realizou um grande número de curas consideradas como impossíveis. Um dia, ele dava uma consulta a um doente, cujo mal descreveu com uma exatidão perfeita. — Isso não é tudo, alguém lhe observou, precisa agora indicar o remédio. — Eu não posso, respondeu ele, *meu anjo doutor não está aqui*. — Que entende você por seu anjo doutor? — O que dita os remédios para mim. — Não é, então, você quem vê os remédios? — Oh!, não; pois que eu estou dizendo a você que é meu anjo doutor quem os dita para mim.

Assim, para este sonâmbulo, a ação de *ver* o mal concernia a seu próprio Espírito, que, para isso, não tinha necessidade de nenhuma assistência; mas a indicação de remédios lhe era fornecida por um outro; não se achando este outro lá, ele não era capaz de dizer nada. Sozinho, ele não passava de *sonâmbulo*; assistido por aquele a quem chamava de seu anjo doutor, ele era *sonâmbulo-médium*.

174. A lucidez sonambúlica é uma faculdade que se vincula ao organismo e que é inteiramente independente da elevação, do adiantamento e até do estágio moral do indivíduo. Um sonâmbulo pode, portanto, ser muito lúcido e ser incapaz de resolver certas questões, caso seu Espírito seja pouco adiantado. Quem fala por si mesmo pode, portanto, dizer coisas boas ou más, certas ou erradas, pôr mais ou menos delicadeza e escrúpulo em seus procedimentos, conforme o nível de elevação ou de inferioridade de seu próprio Espírito; é assim que a assistência de um Espírito alheio pode suprir sua incapacidade; mas um sonâmbulo pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano ou mesmo mau, exatamente como os médiuns; é aqui, sobretudo, que as qualidades morais exercem uma grande influência para atrair os bons Espíritos. (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, o item *Sonambulismo*, n.º 425; e neste, mais adiante, o capítulo sobre *a influência moral do médium*.)

7. Médiuns curadores.

175. Nós falamos aqui desta variedade de médiuns apenas para registro, porque este assunto exigiria desenvolvimentos por demais extensos para nosso plano; nós temos conhecimento, aliás, de que um médico nosso amigo se propõe a tratar dela em uma obra especial sobre a medicina intuitiva. Nós diremos somente que este tipo de mediunidade consiste principalmente no dom que certas pessoas possuem de curar através do simples toque, do olhar ou

mesmo de um gesto, sem o auxílio de medicação alguma. Dir-se-á sem dúvida que isso não passa de magnetismo. É evidente que o fluido magnético desempenha aqui um grande papel; mas, quando se examina este fenômeno com cuidado, reconhece-se sem esforço que existe alguma coisa mais. A magnetização ordinária constitui um verdadeiro tratamento contínuo, regular e metódico; aqui as coisas se passam muito diferentemente. Todos os magnetizadores se acham pouco mais ou menos aptos a curar, caso saibam proceder convenientemente, ao passo que, entre os médiuns curadores, a faculdade é espontânea, e alguns a possuem sem terem jamais ouvido falar de magnetismo. A intervenção de um poder oculto, que constitui a mediunidade, se torna evidente em certas circunstâncias, sobretudo quando se considera que a maior parte das pessoas que se podem com razão qualificar de médiuns curadores recorrem à prece, que é uma verdadeira evocação. (Ver acima o n.º 131.)

176. Eis aqui as respostas que nos foram fornecidas para as questões seguintes endereçadas aos Espíritos sobre este assunto.

1. Podem as pessoas dotadas da força magnética ser consideradas como formando uma variedade de médiuns?

“Disso você não pode duvidar.”

2. Contudo, o médium é um intermediário entre os Espíritos e o homem; por isso, o magnetizador, haurindo sua força em si mesmo, não parece ser o intermediário de poder alheio nenhum.

“É um engano; o poder magnético reside sem dúvida no homem, mas é ele aumentado pela ação dos Espíritos que chama em sua ajuda. Caso você magnetize com o fito de curar, por exemplo, e caso você invoque um bom Espírito que se interesse por você e por seu doente, ele vai aumentar sua força e sua vontade, vai orientar seu fluido e lhe fornecer as qualidades necessárias.”

3. Existem, todavia, magnetizadores muito bons que não creem nos Espíritos.

“Julga você, então, que os Espíritos atuam apenas sobre quem creia neles? Os que magnetizam para o bem são secundados por bons Espíritos. Todo homem que apresenta o desejo do bem os evoca sem que desconfie disso, como, através do desejo do mal e através das más intenções, evoca os maus.”

4. Atuaria mais eficazmente quem, tendo a força, cresse na intervenção dos Espíritos?

“Ele realizaria coisas que você consideraria como milagres.”

5. Possuem realmente certas pessoas o dom de curar através de simples toque, sem o emprego dos passes magnéticos?

“Com certeza; não possui você numerosos exemplos disso?”

6. Nesses casos, existe ação magnética ou somente influência de Espíritos?

“Uma e outra. Essas pessoas são verdadeiramente médiuns, uma vez que atuam sob a influência de Espíritos; mas isso não quer dizer que sejam médiuns de cura, como entende você.”

7. Tem esse poder como transmitir-se?

“O poder, não; mas o conhecimento das coisas necessárias para exercê-lo, caso se esteja de posse dele. Existe quem não teria desconfiado de que possui esse poder, se não cresse que lhe foi transmitido.”

8. Podem-se alcançar curas através tão somente da prece?

“Sim, às vezes, caso Deus o permita; mas pode acontecer que o bem do doente ainda seja sofrer; então, você vai pensar que sua prece não foi ouvida.”

9. Existem, para isso, fórmulas de preces mais eficazes umas que as outras?

“Tão só a superstição pode conferir virtude a certas palavras, e tão só Espíritos ignorantes ou mentirosos podem manter tais ideias, prescrevendo fórmulas. Todavia, pode ocorrer que, para pessoas pouco esclarecidas e incapazes de compreender as coisas puramente espirituais, o

emprego de uma fórmula contribua para lhes proporcionar confiança; neste caso, não é a fórmula que é eficaz, mas a fé que foi aumentada através da ideia ligada ao emprego da fórmula.”

8. Médiuns pneumatógrafos.

177. Dá-se este nome aos médiuns aptos a obter a escrita direta, o que não é a todos os médiuns escreventes que se concede. Esta faculdade é, até o presente, bastante rara; ela se desenvolve provavelmente através do exercício; mas, como nós afirmamos, sua utilidade prática se limita a uma comprovação patente da intervenção de uma força oculta nas manifestações. Somente a experiência é capaz de dar a conhecer se a gente a possui; pode-se, portanto, tentá-la, aliás, pode-se solicitá-la a um Espírito protetor através de outros meios de comunicação. De acordo com a maior ou menor força do médium, obtêm-se simples riscos, sinais, letras, palavras, frases e mesmo páginas inteiras. É suficiente, via de regra, pôr uma folha de papel dobrado em um local qualquer ou designado pelo Espírito, durante dez minutos ou um quarto de hora, às vezes mais. A prece e o recolhimento constituem condições essenciais; eis porque se pode considerar como impossível obter-se algo em uma reunião de pessoas pouco sérias ou que não se achem animadas de sentimentos afáveis e benevolentes. (Ver a teoria da escrita direta, no capítulo VIII, *Laboratório do mundo invisível*, nos n.ºs 127 e seguintes, e no capítulo XII, *Pneumatografia*.)

Nós trataremos de um modo especial dos médiuns escreventes nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO XV

MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS

Médiuns mecânicos, intuitivos, semimecânicos, inspirados ou involuntários; de pressentimentos.

178. De todos os meios de comunicação, o da escrita manual é o mais simples, o mais cômodo e, sobretudo, o mais completo. É para este que devem tender todos os esforços, pois ele permite estabelecer com os Espíritos relações tão constantes e tão regulares quanto as que existem entre nós. A gente deve dedicar-se a ela tanto mais quanto é através dela que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o nível de sua perfeição ou de sua inferioridade. Pela facilidade que possuem de exprimir-se, eles nos dão a conhecer seus pensamentos íntimos e nos colocam, assim, em condição de julgá-los e de apreciá-los em seu valor. A faculdade de escrever, para um médium, é, além disso, a mais susceptível de se desenvolver através do exercício.

Médiuns mecânicos.

179. Caso se examinem certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta ou da prancheta que escreve, não se pode duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita, às vezes, com tanta violência que escapa das mãos do médium; às vezes mesmo, ela se lança contra certas pessoas do círculo para bater nelas; outras vezes, seus movimentos testemunham um sentimento afetuoso. A mesma coisa ocorre quando o lápis é colocado na mão; amiúde ele é jogado longe, com força, ou ainda a mão, como a cesta, se agita convulsivamente e bate na mesa com cólera, mesmo quando o médium se acha na maior calma e se espanta por não ser mais senhor de si. Digamos, de passagem, que esses efeitos denotam sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos realmente superiores são invariavelmente calmos, dignos e benevolentes; caso não sejam ouvidos convenientemente, retiram-se e outros tomam seu lugar. O Espírito pode, portanto, exprimir diretamente seu pensamento, seja através do movimento de um objeto para o qual a mão do médium é apenas o ponto de apoio, seja através de sua ação sobre a mão mesma.

Quando o Espírito atua diretamente sobre a mão, fornece-lhe um impulso completamente independente da vontade. Ela avança sem interrupção e malgrado o médium, enquanto tenha o Espírito alguma coisa para dizer, e para quando ele termina.

O que caracteriza o fenômeno, nesta circunstância, é que o médium não possui a menor consciência do que está escrevendo; a inconsciência absoluta, neste caso, constitui o que se chama de *médiuns passivos* ou *mecânicos*. Esta faculdade é preciosa porquanto não permite qualquer dúvida sobre a independência do pensamento de quem escreve.

Médiuns intuitivos.

180. A transmissão do pensamento ocorre também através da intermediação do Espírito do médium, ou melhor, de sua alma, uma vez que nós designamos sob este nome o Espírito encarnado. O Espírito alheio, neste caso, não atua sobre a mão para fazê-la escrever; ele não a segura, nem a guia; ele atua sobre a alma com a qual se identifica. A alma, sob tal impulso, dirige a mão e a mão dirige o lápis. Observemos aqui uma coisa que é importante saber, que o Espírito alheio não substitui de forma alguma a alma, pois não poderia removê-la: ele a domina, à revelia dela; e lhe impõe sua vontade. Nesta circunstância, o papel da alma não é em absoluto passivo; é ela que recebe o pensamento do Espírito alheio e que o transmite. Nesta situação, o médium tem a consciência do que está escrevendo, conquanto não seja seu próprio pensamento; é o que se chama de *médium intuitivo*.

Se é assim, dir-se-á, nada comprova que seja um Espírito alheio que escreve e não o do médium. A distinção é, com efeito, às vezes, muito difícil de se estabelecer, mas pode ocorrer que isso importe pouco. No entanto, a gente pode conhecer o pensamento sugerido devido ao fato de que ele não é jamais preconcebido; ele vai nascendo à medida que se vai escrevendo, e, amiúde, é contrário à ideia que se havia formado previamente; ele pode, ainda, ser alheio aos conhecimentos e às aptidões do médium.

O papel do médium mecânico é o de u'a máquina; o médium intuitivo atua como faria um intérprete ou tradutor. Este, com efeito, para transmitir o pensamento, deve compreendê-lo, apropriar-se dele de certa forma para traduzi-lo fielmente; no entanto, esse pensamento não é o seu: ele só atravessa o seu cérebro. Tal é exatamente o papel do médium intuitivo.

Médiuns semimecânicos.

181. No médium puramente mecânico, o movimento da mão é independente da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico tem traços em comum com os outros dois; ele sente um impulso que se imprime em sua mão, a seu malgrado, mas, ao mesmo tempo, possui a consciência do que vai escrevendo, à medida que as palavras vão formando-se. No primeiro, o pensamento se segue ao ato da escrita; no segundo, ele o precede; no terceiro, ele o acompanha. Estes últimos médiuns são os mais numerosos.

Médiuns inspirados.

182. Toda pessoa que, seja no estado normal, seja no estado êxtase, receba, através do pensamento, comunicações alheias a suas ideias preconcebidas, pode ser alinhada na categoria dos médiuns inspirados; trata-se, como se vê, de uma variação da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta sobre ela é ainda bem menos sensível, pois, no inspirado, é ainda mais difícil de distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. O que caracteriza este último é, sobretudo, a espontaneidade. A inspiração nos advém dos Espíritos que nos influenciam ou ao bem ou ao mal, porém, ela é antes um ato dos que nos desejam o bem, e cujos conselhos nós muito frequentemente cometemos o erro de não seguir; ela se aplica a todas as circunstâncias da vida, nas resoluções que devemos tomar; sob este aspecto, pode-se dizer que todo o mundo é médium, pois não existe ninguém que não tenha seus Espíritos protetores e familiares, que fazem todos os esforços para sugerir a seus protegidos pensamentos salutaros. Caso se estivesse bem compenetrado desta verdade, recorrer-se-ia mais amiúde à inspiração de seu anjo guardião, nos momentos em que não se sabe o que dizer ou o que fazer. Que se invoque a ele, portanto, com *fervor e confiança*, em caso de necessidade, e se ficará o mais das vezes espantado com as ideias que surgirão como por encanto, seja quando se tenha uma posição para escolher, seja quando se tenha alguma coisa para corrigir. Caso não surja nenhuma ideia, é preciso esperar. A prova de que a ideia que surge é realmente uma ideia alheia reside em que, se fosse própria, a gente seria sempre dona dela, e não existiria razão para que não se manifestasse à vontade. Quem não é cego, tem apenas de abrir os olhos para ver, se quiser; da mesma forma, quem possui ideias próprias sempre as tem a sua disposição; caso elas não lhe advenham a sua vontade, é que ele é obrigado a colhê-las em outro lugar e não em seu próprio cabedal.

A gente pode ainda incluir nesta categoria as pessoas que, sem serem dotadas de inteligência especial e sem sair do estado normal, apresentam centelhas de uma lucidez intelectual que lhes concede temporariamente uma facilidade inabitual de concepção e de elocução, e, em certos casos, o pressentimento das coisas futuras. Nesses momentos, que a gente denomina corretamente de inspiração, as ideias abundam, têm continuidade, encadeiam-se, por assim dizer,

por si mesmas, e através de uma impulsão involuntária e quase febril; parece-nos que uma inteligência superior vem ajudar-nos e que a nossa mente se livra de um fardo.

183. Os homens de gênio de todos os tipos, artistas, sábios, literatos, são, sem dúvida, Espíritos adiantados, capazes por si mesmos de compreender e de conceber grandes coisas; ora, é precisamente por que são considerados capazes que os Espíritos que desejam efetivar certos trabalhos lhes sugerem as ideias necessárias, e é assim que eles são o mais das vezes *médiuns sem sabê-lo*. Eles possuem, no entanto, uma vaga intuição de uma assistência estranha, pois quem dirige apelo à inspiração não faz outra coisa senão uma evocação; se ele não esperasse ser ouvido, por que bradaria tantas vezes: Meu bom gênio, venha em minha ajuda!

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

— Qual é a causa primária da inspiração?

“Espírito que se comunica através do pensamento.”

— Não tem por objeto a inspiração senão grandes coisas?

“Não, ela muitas vezes se refere às circunstâncias mais ordinárias da vida. Por exemplo, você deseja ir a alguma parte: uma voz secreta lhe diz para não fazê-lo, porque ali deve existir um perigo para você; ou bem ela lhe diz para fazer uma coisa em que você não pensava: eis a inspiração. Existem bem poucas pessoas que não foram mais ou menos inspiradas em certos momentos.”

— Poderiam um autor, um pintor, um músico, por exemplo, nos momentos de inspiração, ser considerados médiuns?

“Sim, pois nesses momentos sua alma está mais livre e como que desligada da matéria; ela recobra uma parte de suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram.”

Médiuns de pressentimentos.

184. O pressentimento é uma intuição vaga de coisas futuras. Certas pessoas possuem esta faculdade mais ou menos desenvolvida; elas podem devê-la a uma espécie de dupla vista que lhes permite vislumbrar as consequências das coisas presentes e o encadeamento dos eventos; mas, também frequentemente, ela provém de comunicações ocultas, e é nesse caso sobretudo que se pode atribuir aos que estão dela dotados o nome de *médiuns de pressentimentos*, que constituem uma variedade dos *médiuns inspirados*.

CAPÍTULO XVI

MÉDIUNS ESPECIAIS

Aptidões especiais dos médiuns. — Quadro sinóptico das diferentes variedades de médiuns.

185. Além das categorias de médiuns que acabamos de enumerar, a mediunidade apresenta uma variedade infinita de nuanças que constituem os chamados médiuns especiais, que possuem aptidões particulares não ainda definidas, abstração feita das qualidades e dos conhecimentos do Espírito que se manifesta.

A natureza das comunicações está sempre em relação com a natureza do Espírito, e traz a marca de sua elevação ou de sua inferioridade, de seu saber ou de sua ignorância; mas, considerando-se a equivalência de mérito do ponto de vista hierárquico, existe incontestavelmente nele uma propensão para se ocupar de uma coisa de preferência a uma outra; os Espíritos batedores, por exemplo, não saem nunca do círculo das manifestações físicas; entre os que oferecem manifestações inteligentes, existem Espíritos poetas, músicos, desenhistas, moralistas, cientistas, médicos etc. Nós falamos de Espíritos de uma ordem média, pois, chegando a um certo nível, as aptidões se confundem na unidade da perfeição. Mas, ao lado da aptidão do Espírito, existe a do médium, que constitui para aquele um instrumento mais ou menos cômodo, mais ou menos flexível, e no qual descobre qualidades particulares que nós não temos como avaliar.

Façamos uma comparação: um músico bastante hábil dispõe de numerosos violinos que, para o leigo, serão todos bons instrumentos, mas entre os quais o artista consumado estabelece uma grande diferença; ele capta nuanças de uma extrema sutileza que o farão escolher uns e rejeitar outros, nuanças que ele percebe por intuição tanto que não consegue defini-las. Dá-se o mesmo no que concerne aos médiuns; diante de qualidades equivalentes em relação aos poderes medianímicos, o Espírito terá preferência por um ou por outro, conforme o gênero de comunicação que queira realizar. Assim, por exemplo, a gente vê pessoas escreverem, na qualidade de médiuns, admiráveis poesias, conquanto, em condições ordinárias, não tivessem conseguido ou sabido jamais compor dois versos que fossem; outras, ao contrário, que são poetas, na qualidade de médiuns, não conseguiram jamais escrever senão prosa, malgrado seu desejo. Dá-se o mesmo em relação ao desenho, à música etc. Existem os que, sem possuírem por si mesmos conhecimentos científicos, apresentam uma aptidão mais especial para receber comunicações científicas; outros a apresentam para os estudos históricos; outros servem mais facilmente de intérpretes para Espíritos moralistas; em suma, seja qual for a flexibilidade do médium, as comunicações que recebe com mais facilidade apresentam geralmente um timbre especial; existem mesmo os que não saem de um certo círculo de ideias, e, quando se afastam dele, transmitem tão só comunicações incompletas, lacônicas e, amiúde, falsas. Além das razões ligadas à aptidão, os Espíritos ainda se comunicam mais ou menos de bom grado através de tal ou qual intermediário, conforme suas simpatias; assim, perante total

equivalência de condições, apesar de tudo, o mesmo Espírito será muito mais explícito com certos médiuns, unicamente porque eles lhe são mais convenientes.

186. Incidir-se-ia em erro, caso, só porque a gente dispõe de um bom médium, ainda que tivesse ele a escrita mais fácil, se pensasse em obter, através dele, boas comunicações de todos os tipos. A primeira condição é, sem controvérsia, a de se assegurar da fonte de onde elas procedem, quer dizer, das qualidades do Espírito que as transmite; mas não é menos necessário levar em consideração as qualidades do instrumento que se fornece ao Espírito; é preciso, portanto, estudar a natureza do médium, como se estuda a natureza do Espírito, pois aí se acham os dois elementos essenciais para se obter um resultado satisfatório. Existe um terceiro, que desempenha um papel igualmente importante: é a intenção, o pensamento íntimo, o sentimento mais ou menos digno de louvor de quem interroga; e isso se concebe: *Para que uma comunicação seja boa, é preciso que ela proceda de um Espírito bom; para que esse bom Espírito POSSA transmiti-la, é preciso um bom instrumento; para que ele QUEIRA transmiti-la, é preciso que o objetivo lhe seja conveniente.* O Espírito, que lê no pensamento, julga se a questão que lhe é proposta merece uma resposta séria e se a pessoa que a exprime é digna de recebê-la; caso contrário, ele não perde seu tempo semeando grãos sobre as pedras, e é, então, que os Espíritos levianos e zombeteiros soltam o verbo, porque, preocupando-se pouco com a verdade, eles não examinam de tão perto o assunto e são geralmente muito pouco escrupulosos quanto ao objetivo e aos meios.

Nós resumimos aqui os principais tipos de mediunidade, a fim de apresentar, de algum modo, seu quadro sinóptico, compreendendo os que nós já descrevemos nos capítulos precedentes, indicando os números dos itens em que foram explicados com mais detalhes.

Nós agrupamos as diferentes variedades de médiuns pela analogia de causas e de efeitos, sem que esta classificação tenha nada de absoluto. Algumas se encontram frequentemente; outras, ao contrário, são raras e mesmo excepcionais, o que tivemos o cuidado de mencionar. Estas últimas indicações foram todas fornecidas pelos Espíritos, que, de resto, revisaram este quadro com um cuidado todo especial e o completaram através de numerosas observações e novas categorias, de tal sorte que ele constitui, por assim dizer, inteiramente uma obra sua. Nós indicamos através de aspas suas observações textuais, quando acreditamos dever ressaltá-las. Elas são em sua maior parte de *Erasto* e de *Sócrates*.

187. Podem-se dividir os médiuns em duas grandes categorias:

OS MÉDIUNS DE EFEITOS FÍSICOS; os que possuem o poder de provocar efeitos materiais ou manifestações ostensivas. (N.º 160.)

OS MÉDIUNS DE EFEITOS INTELECTUAIS; os que são mais especialmente aptos a receber e a transmitir as comunicações inteligentes. (N.ºs 65 e seguintes.)

Todas as outras variedades se vinculam mais ou menos diretamente a uma ou à outra destas duas categorias; algumas se vinculam às duas. Caso se analisem os diferentes fenômenos produzidos sob influência medianímica, ver-se-á que em todos existe um efeito físico, e que aos efeitos físicos se junta, o mais das vezes, um efeito inteligente. O limite entre os dois é, às vezes, difícil de estabelecer, mas isso não traz nenhuma consequência. Nós abrangemos sob a denominação de *médiuns de efeitos intelectuais* os que podem mais especialmente servir de intermediários para comunicações regulares e contínuas. (N.º 133.)

188. *Variedades comuns a todos os tipos de mediunidade.*

Médiuns sensitivos; pessoas suscetíveis de sentir a presença dos Espíritos através de uma impressão geral ou local, vaga ou material. A maior parte distingue os Espíritos bons ou maus pela natureza da impressão. (N.º 164.)

“Os médiuns delicados e muito sensitivos devem abster-se de comunicações com os Espíritos violentos ou cuja impressão é penosa, por causa da fadiga que daí resulta.”

Médiuns naturais ou inconscientes; os que produzem os fenômenos espontaneamente, sem nenhuma participação de sua vontade, e o mais das vezes à sua revelia. (N.º 161.)

Médiuns facultativos ou voluntários; os que possuem o poder de provocar os fenômenos através de um ato de sua vontade. (N.º 160.)

“Qualquer que seja essa vontade, eles não conseguem nada, caso os Espíritos se recusem a isso, o que comprova a intervenção de uma força estranha.”

189. *Variedades especiais para os efeitos físicos.*

Médiuns tiptólogos; aqueles sob a influência dos quais se produzem os barulhos e as batidas. Variedade muito comum, com ou sem a vontade.

Médiuns motores; os que produzem o movimento de corpos inertes. Muito comuns. (N.º 61.)

Médiuns de translações e de suspensões; os que produzem a translação aérea e a suspensão de corpos inertes no espaço, sem ponto de apoio. Existem os que conseguem elevar-se a si mesmos. Mais ou menos raros, de acordo com o estágio do fenômeno; muito raros no último caso. (N.ºs 75 e seguintes; n.º 80.)

Médiuns de efeitos musicais; eles fazem soar certos instrumentos, sem contato. Muito raros. (N.º 74, questão 24.)

Médiuns de aparições; os que podem provocar aparições fluídicas ou tangíveis, visíveis para os assistentes. Muito excepcionais. (N.º 100, questão 27; n.º 104.)

Médiuns de transportes; os que podem servir de coadjuvantes aos Espíritos para o transporte de objetos materiais. Variedade dos médiuns motores e de translação. Excepcionais. (N.º 96.)

Médiuns noturnos; os que obtêm certos efeitos físicos tão somente na obscuridade. Eis aqui a resposta de um Espírito à questão de saber se se podem considerar estes médiuns como formando uma variedade.

“Pode-se, com certeza, considerá-los uma especialidade, mas esse fenômeno se prende antes às condições ambientes do que à natureza do médium ou dos Espíritos; eu devo acrescentar que alguns escapam a essa influência do meio e que a maior parte dos médiuns noturnos poderiam chegar, através do exercício, a atuar tão bem na luz quanto na escuridão. Esta variedade de médiuns é pouco numerosa; e é bem preciso dizê-lo: graças a esta condição, que deixa toda liberdade ao emprego de truques, da ventriloquia e dos tubos acústicos, é que os charlatães têm muito frequentemente abusado da credulidade, fazendo-se passar por médiuns a fim de arrecadar dinheiro. Mas que importa? Os prestidigitadores de câmara, como os prestidigitadores de praça pública, serão duramente desmascarados, e os Espíritos lhes provarão que não é bom imiscuir-se em suas realizações. Sim, eu o repito, certos charlatães serão surpreendidos de um jeito assaz rude para desgostá-los do ofício de falsos médiuns. De resto, tudo isto passará logo.” (ERASTO.)

Médiuns pneumatógrafos; os que obtêm a escrita direta. Fenômeno muito raro e sobretudo muito fácil de imitar pela prestidigitação. (N.º 177.)

Observação. Os Espíritos insistiram, contra nossa opinião, para se colocar a escrita direta entre os fenômenos de ordem física, pela razão, disseram eles, de que: “Os efeitos inteligentes são aqueles para os quais o Espírito se serve dos petrechos cerebrais do médium, o que não é o caso da escrita direta; a ação do médium é aqui toda material, ao passo que no médium escrevente, mesmo completamente mecânico, o cérebro desempenha sempre um papel ativo.”

Médiuns curadores; os que possuem o poder de curar ou de tranquilizar através da imposição das mãos ou através da prece.

“Esta faculdade não é essencialmente medianímica; ela pertence a todos os verdadeiros crentes, quer sejam médiuns ou não; ela não constitui muitas vezes senão uma exaltação do poder magnético fortificado, em caso de necessidade, pelo concurso de bons Espíritos.” (N.º 175.)

Médiuns excitadores; pessoas que possuem o poder de desenvolver nos outros, por influência sua, a faculdade de escrever.

“Trata-se antes aqui de um efeito magnético e não de um caso de mediunidade propriamente dita, pois nada comprova a intervenção de um Espírito. Em qualquer caso, pertence à ordem dos efeitos físicos.” (Ver o capítulo da *Formação dos médiuns*.)

190. *Médiuns especiais para os efeitos intelectuais. Aptidões diversas.*

Médiuns audientes; os que ouvem os Espíritos. Assaz comuns. (N.º 165.)

“Existem muitos que presumem escutar o que se acha apenas em sua imaginação.”

Médiuns falantes; os que falam sob a influência dos Espíritos. Muito comuns. (N.º 166.)

Médiuns videntes; os que veem os Espíritos no estado de vigília. A vista acidental e fortuita de um Espírito, em uma circunstância particular, é assaz frequente; mas a vista habitual ou facultativa dos Espíritos sem qualquer distinção é excepcional. (N.º 167.)

“Trata-se de uma aptidão a que se opõe o estágio atual dos órgãos; eis porque é útil nem sempre acreditar sob palavra naqueles que dizem ver os Espíritos.”

Médiuns inspirados; aqueles aos quais os pensamentos são sugeridos pelos Espíritos, o mais das vezes à revelia, seja para os atos ordinários da vida, seja para os grandes trabalhos da inteligência. (N.º 182.)

Médiuns de pressentimentos; pessoas que, em certas circunstâncias, apresentam uma vaga intuição de coisas futuras corriqueiras. (N.º 184.)

Médiuns proféticos; variedade dos médiuns inspirados ou de pressentimentos; eles recebem, com a permissão de Deus, e com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação de coisas futuras de um interesse geral, e estão encarregados de dar a conhecer aos homens para sua instrução.

“Se existem verdadeiros profetas, existem mais ainda falsos, que transformam os sonhos de sua imaginação em revelações, quando não são trapaceiros que se fazem passar por profetas por ambição.” (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, n.º 624, as características do verdadeiro profeta.)

Médiuns sonâmbulos; os que, no estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos. (N.º 172.)

Médiuns extáticos; os que, no estado de êxtase, recebem revelações da parte dos Espíritos.

“Muitos extáticos são ludibriados por sua própria imaginação e por Espíritos mentirosos que tiram proveito de sua exaltação. Os que merecem uma inteira confiança são muito raros.”

Médiuns pintores e desenhistas; os que pintam ou desenharam sob a influência dos Espíritos. Nós falamos dos que obtêm coisas sérias, pois não se poderia dar esse nome a certos médiuns a quem os Espíritos zombeteiros mandam fazer coisas grotescas que o último dos estudantes desaprovava.

Os Espíritos levianos são imitadores. À época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu um grande número de pretensos médiuns desenhistas, com os quais os Espíritos zombeteiros se divertiram realizando as coisas mais ridículas. Um deles, dentre outros, desejando eclipsar os desenhos de Júpiter, ao menos pela dimensão que não pela qualidade, fez que um médium desenhasse um monumento ocupando um assaz grande número de folhas que atingiu a altura de dois andares. Muitos outros mandaram fazer supostos retratos que eram verdadeiras caricaturas. (*Revista Espírita*, agosto de 1858.)

Médiuns músicos; os que executam, compõem ou escrevem música sob a influência dos Espíritos. Existem médiuns músicos mecânicos, semimecânicos, intuitivos e inspirados, como para as comunicações literárias. (Ver o tópico sobre *Médiuns de efeitos musicais*.)

VARIEDADES DE MÉDIUNS ESCRIVENTES.

191. 1.º) *Conforme o modo de execução.*

Médiuns escreventes ou psicógrafos; os que possuem a faculdade de escrever por si mesmos, sob influência dos Espíritos.

Médiuns escreventes mecânicos; aqueles cuja mão recebe uma impulsão involuntária, e que não possuem nenhuma consciência do que escrevem. Muito raros. (N.º 179.)

Médiuns semimecânicos; aqueles cuja mão avança involuntariamente, mas que possuem a consciência instantânea das palavras ou das frases à medida que vão escrevendo. Os mais comuns. (N.º 181.)

Médiuns intuitivos; aqueles com quem os Espíritos se comunicam através do pensamento e cuja mão é guiada pela vontade. Eles diferem dos médiuns inspirados, quanto ao fato de que estes últimos não precisam escrever, ao passo que o médium intuitivo escreve o pensamento que lhe é sugerido de pronto a respeito de um assunto determinado e requerido. (N.º 180.)

“Eles são muito comuns mas também muito sujeitos a erro, porque amiúde não conseguem discernir o que provém dos Espíritos ou de sua própria concepção.”

Médiuns polígrafos; aqueles cuja escrita muda com o Espírito que se comunica ou que estão aptos a reproduzir a escrita que o Espírito possuía quando vivo. O primeiro caso é bastante comum; o segundo, o da identidade da escrita, é mais raro. (N.º 219.)

Médiuns políglotas; os que possuem a faculdade de falar ou de escrever em línguas que lhe são estranhas. Muito raros.

Médiuns iletrados; os que escrevem como médiuns, sem saber nem ler nem escrever em seu estado ordinário.

“Mais raros que os precedentes; existe u’ a maior dificuldade material que vencer.”

192. 2.º) *Conforme o desenvolvimento da faculdade.*

Médiuns novatos; aqueles cujas faculdades não se acham de fato completamente desenvolvidas e a quem falta experiência necessária.

Médiuns improdutivos; os que não chegam a obter senão coisas insignificantes, monossílabos, traços ou letras sem sequênci. (Ver o capítulo da *Formação dos médiuns*.)

Médiuns feitos ou formados; aqueles cujas faculdades medianímicas se acham completamente desenvolvidas, que transmitem as comunicações que eles recebem com facilidade, presteza, sem hesitação. Concebe-se que esse resultado não pode ser alcançado senão pelo hábito, ao passo que, entre os *médiuns novatos*, as comunicações são lentas e difíceis.

Médiuns lacônicos; aqueles cujas comunicações, apesar de fáceis, são breves e sem desenvolvimento.

Médiuns explícitos; as comunicações que obtêm apresentam toda a amplitude e toda a extensão que se podem esperar de um escritor consumado.

“Esta aptidão se vincula à expansão e à facilidade de combinação dos fluidos; os Espíritos os procuram para tratar de assuntos que comportam grandes desenvolvimentos.”

Médiuns experimentados. A facilidade de execução é uma questão de hábito, a qual se adquire, amiúde, em pouco tempo, ao passo que a experiência é o resultado de um estudo sério de todas as dificuldades que se apresentam na prática do espiritismo. A experiência proporciona ao médium o tato necessário para avaliar a natureza dos Espíritos que se manifestam, para julgar suas qualidades boas ou más através dos sinais mais minuciosos, para discernir a trapaça dos Espíritos enganadores, que se abrigam sob as aparências da verdade. Compreende-se facilmente a importância desta qualidade, sem a qual todas as outras ficam sem utilidade real; o mal é que muitos médiuns confundem a experiência, fruto do estudo, com a aptidão, produto da constituição; eles se creem mestres práticos porque escrevem facilmente; eles repudiam todos os conselhos e se tornam a presa dos Espíritos mentirosos e hipócritas, que os enredam ao adular seu orgulho. (Ver, adiante, o capítulo *Da obsessão*.)

Médiuns flexíveis; aqueles cuja faculdade se presta mais facilmente aos diversos tipos de comunicações, e através dos quais todos os Espíritos, ou quase todos, conseguem manifestar-se, espontaneamente ou por evocação.

“Esta variedade de médiuns se aproxima muito dos médiuns sensitivos.”

Médiuns exclusivos; aqueles através dos quais um Espírito se manifesta de preferência, e mesmo com a exclusão de todos os outros, e responde por aqueles que são chamados por intermédio do médium.

“Isto se liga sempre a um defeito de flexibilidade; quando o Espírito é bom, ele pode apegar-se ao médium por simpatia e com um objetivo louvável; quando é mau, tem sempre em vista colocar o médium sob sua dependência. Trata-se mais de um defeito que de uma qualidade, e muito próximo da obsessão.” (Ver o capítulo *Da obsessão*.)

Médiuns de evocações; os médiuns flexíveis são naturalmente mais adequados para este tipo de comunicação e para as questões de detalhes que se podem endereçar aos Espíritos. Existem, sob este aspecto, médiuns especialíssimos.

“Suas respostas se encerram quase sempre em um quadro restrito, incompatível com o desenvolvimento dos temas gerais.”

Médiuns de ditados espontâneos; recebem de preferência comunicações espontâneas da parte de Espíritos que se apresentam sem serem chamados. Quando esta faculdade é especial em um médium, é difícil, às vezes mesmo impossível, efetuar através dele uma evocação.

“No entanto, eles estão melhor aparelhados que os da nuance precedente. Compreendam que a aparelhagem se entende aqui é a dos apetrechos cerebrais, pois é preciso muitas vezes, eu direi mesmo sempre, u’a maior soma de inteligência para os ditados espontâneos que para as evocações. Entendam aqui por ditados espontâneos os que merecem verdadeiramente esse nome, e não algumas frases incompletas ou alguns pensamentos banais que se encontram em todos os arquivos humanos.”

193. 3.º) *Conforme o tipo e a especialidade das comunicações.*

Médiuns versificadores; obtêm mais facilmente que outros comunicações versificadas. Assaz comuns para os maus versos; muito raros para os bons.

Médiuns poéticos; sem obter versos, as comunicações que recebem possuem algo de vaporoso, de sentimental; nada nelas denota rudeza; eles são, mais que outros, propensos à expressão dos sentimentos ternos e afetuosos. Tudo neles é vago, e seria inútil requerer-lhes o que quer que seja de preciso. Muito comuns.

Médiuns positivos; suas comunicações apresentam, em geral, um caráter de nitidez e de precisão que se presta de bom grado aos detalhes circunstanciados, aos ensinamentos exatos. Assaz raros.

Médiuns literários; não apresentam nem a vaguidade dos médiuns poéticos, nem o terra-terra dos médiuns positivos; porém, dissertam com sagacidade; seu estilo é correto, elegante e, com frequência, de uma notável eloquência.

Médiuns incorretos; podem obter muito boas coisas, pensamentos de moral irrepreensível, mas seu estilo é difuso, incorreto, sobrecarregado de repetições e termos inadequados.

“A incorreção material do estilo se vincula geralmente à falta de cultura intelectual do médium, que não constitui para o Espírito um bom instrumento, sob este aspecto; o Espírito dá pouca importância a isso; para ele o pensamento é a coisa essencial, e ele deixa as pessoas livres para lhe propor a forma conveniente. Não se passa o mesmo em relação às ideias falsas e ilógicas que pode encerrar uma comunicação; elas constituem sempre um indício de inferioridade do Espírito que se manifesta.”

Médiuns historiadores; os que possuem uma aptidão especial para os desenvolvimentos históricos. Esta faculdade, como todas as outras, é independente dos conhecimentos do médium, pois se veem pessoas sem instrução, e mesmo crianças, tratar de temas bem acima de seu alcance. Variedade rara dos médiuns positivos.

Médiuns científicos; nós não dizemos *sábios*, pois podem ser bastante ignorantes; não obstante, eles são especialmente adequados para comunicações relativas às ciências.

Médiuns médicos; sua qualidade é servir mais facilmente de intérpretes aos Espíritos para as prescrições médicas. Não se deve confundir-los com os *médiuns curadores*, pois eles tão somente transmitem o pensamento do Espírito, e não têm por si mesmos nenhuma influência. Assaz comuns.

Médiuns religiosos; recebem mais especialmente comunicações de caráter religioso, ou que tratam de questões de religião, não obstante suas crenças ou seus hábitos.

Médiuns filósofos e moralistas; suas comunicações têm geralmente por objeto questões de moral e de alta filosofia. Muito comuns para a moral.

“Todas estas nuances constituem variedades de aptidões de bons médiuns. Quanto aos que possuem uma aptidão especial para certas comunicações científicas, históricas, médicas ou outras, acima de seu alcance atual, vocês podem persuadir-se de que possuíram tais conhecimentos em uma outra existência, e que se conservam neles em estado latente; elas fazem parte dos apetrechos cerebrais necessários ao Espírito que se manifesta; são esses os elementos que lhe facilitam a via para comunicar suas próprias ideias, pois estes médiuns são para ele instrumentos mais inteligentes e mais ágeis do que seria um homem inculto.” (ERASTO.)

Médiuns de comunicações triviais e obscenas; estas palavras indicam o tipo de comunicações que certos médiuns recebem de hábito e a natureza dos Espíritos que as efetuam. Quem quer que tenha estudado o mundo espírita em todos os níveis da escala sabe que existem aqueles cuja perversidade iguala a dos homens mais depravados, e que se comprazem em exprimir seus pensamentos nos termos mais grosseiros. Outros, menos abjetos, se contentam com expressões triviais. Compreende-se que estes médiuns devem ter o desejo de livrar-se da preferência que esses Espíritos lhes dão, e que devem invejar os que, nas comunicações que recebem, não apresentaram jamais uma palavra indecorosa. Para crer que uma tal linguagem pudesse proceder de bons Espíritos seria preciso uma estranha aberração de ideias e estar divorciado do bom senso.

194. 4.º) *Conforme as qualidades físicas do médium.*

Médiuns calmos; escrevem sempre com uma certa lentidão, sem experimentar a menor agitação.

Médiuns velozes; escrevem com uma rapidez maior do que poderiam fazê-lo voluntariamente em seu estado ordinário. Os Espíritos se comunicam através deles com a

velocidade do raio; dir-se-ia que existe neles uma superabundância de fluido que lhes permite identificarem-se instantaneamente com o Espírito. Esta qualidade apresenta, às vezes, seu inconveniente: o de que a rapidez da escrita a torna muito difícil de ler por qualquer outro além do médium.

“Ela é muito fatigante, porque despense um excesso de fluido inutilmente.”

Médiuns convulsivos; ficam em um estado de superexcitação quase febril; sua mão e, às vezes, toda a sua pessoa se agitam com um estremecimento que não são capazes de dominar. A causa primária disso se acha, sem dúvida, em sua constituição, mas depende muito também da natureza dos Espíritos que se comunicam através deles; os Espíritos bons e benévolos proporcionam sempre uma impressão suave e agradável; os maus, ao contrário, produzem uma impressão dolorosa.

“É bom que estes médiuns se sirvam apenas raramente de sua faculdade medianímica, cujo uso demasiado frequente poderia afetar o sistema nervoso.” (Ver, no capítulo *Identidade dos Espíritos*, o item *Distinção dos bons e maus Espíritos*.)

195. 5.º) *Conforme as qualidades morais do médium.*

Nós os mencionamos sumariamente para registro e para completar o quadro, considerando que suas qualidades serão tratadas adiante, em capítulos especiais: *Influência moral dos médiuns*, *Da obsessão*, *Identidade dos Espíritos* e outros, para os quais solicitamos uma atenção especial; ver-se-á ali a influência que as qualidades e os caprichos dos médiuns podem exercer no tocante à segurança das comunicações, e quais os que se podem com razão considerar como *médiuns imperfeitos* ou *bons médiuns*.

196. *Médiuns imperfeitos.*

Médiuns obsedados; os que não conseguem desembaraçar-se de Espíritos importunos e enganadores, mas não se iludem.

Médiuns fascinados; os que são induzidos em erro pelos Espíritos enganadores e se iludem quanto à natureza das comunicações que recebem.

Médiuns subjugados; os que sofrem uma dominação moral e muitas vezes material da parte de maus Espíritos.

Médiuns levianos; os que não tomam absolutamente sua faculdade a sério, e se servem dela tão só como diversão ou para coisas fúteis.

Médiuns indiferentes; os que não alcançam nenhum proveito moral das mensagens que recebem e não modificam em nada sua conduta e seus hábitos.

Médiuns presunçosos; os que têm a pretensão de serem os únicos em contato com os Espíritos superiores. Eles creem em sua infalibilidade e olham como inferior e errôneo tudo o que não provenha deles.

Médiuns orgulhosos; os que se envaidecem com as comunicações que recebem; eles creem não terem mais nada que aprender no espiritismo, e não tomam para si as lições que recebem amiúde da parte dos Espíritos. Eles não se contentam com as faculdades que possuem; desejam ter todas.

Médiuns susceptíveis; variedade dos médiuns orgulhosos; eles se chocam com as críticas de que suas comunicações podem ser objeto: eles se irritam com a menor contrariedade e, caso mostrem o que obtêm, é para provocar admiração e não para solicitar advertências. Geralmente, eles sentem aversão às pessoas que não aplaudem suas mensagens sem reserva, e abandonam os grupos onde não podem impor-se e dominar.

“Deixem que eles vão pavonear em outro lugar e busquem ouvidos mais complacentes, ou se recolham em isolamento; os grupos que eles privam de sua presença não sofrem uma grande perda.” (ERASTO.)

Médiuns mercenários; os que exploram sua faculdade.

Médiuns ambiciosos; os que, sem colocar à venda sua faculdade, esperam tirar delas umas vantagens quaisquer.

Médiuns de má-fé; os que, possuindo faculdades reais, simulam as que não possuem para atribuir-se importância. Não se pode oferecer o título de médium às pessoas que, não tendo nenhuma faculdade medianímica, produzem efeitos apenas através de prestidigitação.

Médiuns egoístas; os que não se servem de sua faculdade senão para seu uso pessoal e guardam para si as comunicações que recebem.

Médiuns ciumentos; os que veem com despeito outros médiuns mais bem avaliados, os quais lhes são superiores.

Todas estas más qualidades apresentam necessariamente sua contrapartida no bem.

197. *Bons médiuns.*

Médiuns sérios; os que se servem de sua faculdade apenas para o bem e para as coisas verdadeiramente úteis; eles creem profaná-la fazendo-a servir para a satisfação dos curiosos e dos indiferentes ou para futilidades.

Médiuns modestos; os que não se dão mérito algum pelas comunicações que recebem, por mais belas que sejam; consideram-se alheios a elas e não se creem ao abrigo das mistificações. Longe de fugirem das advertências desinteressadas, eles até as solicitam.

Médiuns devotados; os que compreendem que o verdadeiro médium possui u'á missão a cumprir e deve, quando é isto necessário, sacrificar seus gostos, seus hábitos, seus prazeres, seu tempo e mesmo seus interesses materiais para o bem dos outros.

Médiuns seguros; os que, além da facilidade de execução, merecem o máximo de confiança por seu próprio caráter, pela natureza elevada dos Espíritos de que são assistidos, e porque são o menos suscetíveis de serem enganados. Nós veremos mais tarde que esta segurança não depende em absoluto dos nomes mais ou menos respeitáveis que assumem os Espíritos.

“É incontestável, o senhor o sente bem, que, compendiando assim as qualidades e os defeitos dos médiuns, isso suscitará contrariedades e mesmo animosidades em alguns; mas, que importa? A mediunidade se expande dia a dia mais, e o médium que levasse a mal estas reflexões provaria uma coisa: que ele não é bom médium, quer dizer, que é assistido por maus Espíritos. De resto, como eu afirmei, tudo isto será por pouco tempo e os maus médiuns, os que abusam ou malversam suas faculdades, sofrerão tristes consequências, como já sucedeu a alguns; eles aprenderão às suas expensas o que lhes custa reverter em proveito de suas paixões terrestres um dom que Deus lhes outorgou tão somente para seu adiantamento moral. Se o senhor não conseguir colocá-los no bom caminho, lastime-os, pois, eu posso dizê-lo, eles se acham condenados por Deus.” (ERASTO.)

“Este quadro é de uma grande importância, não somente para os médiuns sinceros, que procurarão de boa-fé, ao lê-lo, preservar-se dos obstáculos aos quais se acham expostos, mas também para todos os que se servem de médiuns, porque lhes fornecerá a medida do que podem racionalmente esperar deles. Deveria ele ficar continuamente sob os olhos de quem se ocupa de manifestações, como também *a escala espírita* da qual ele constitui o complemento; esses dois quadros resumem todos os princípios da doutrina, e contribuirão, mais do que o senhor pensa, para colocar o espiritismo em seu verdadeiro caminho.” (SÓCRATES.)

198. Todas estas variedades de médiuns apresentam níveis infinitos em sua intensidade; existem muitas que constituem, falando propriamente, apenas nuances, mas que não deixam de ser o fruto de aptidões especiais. Concebe-se que deve ser muito raro que a faculdade de um médium se encontre rigorosamente circunscrita a um único tipo; o mesmo médium pode, sem dúvida, apresentar muitas aptidões, mas existe sempre uma que predomina, e é a que ele deve

buscar cultivar, caso seja útil. É um erro grave querer estimular, de qualquer jeito, o desenvolvimento de uma faculdade que não se possui; é preciso cultivar todas aquelas cuja semente a gente reconhece em si; mas perseguir as outras constitui, primeiro, uma perda de tempo e, segundo, a perda talvez, o enfraquecimento com certeza, daquelas de que se esteja dotado.

“Quando o princípio, a semente de uma faculdade existe, ela se manifesta sempre através de sinais inequívocos. Encerrando-se em sua especialidade, o médium pode exceder-se e obter grandes e belas coisas; ocupando-se de tudo, não obterá nada de proveitoso. Observem de passagem que o desejo de ampliar indefinidamente o círculo de suas faculdades é uma pretensão orgulhosa que os Espíritos não deixam jamais impune; os bons abandonam sempre o presunçoso, que se torna assim o joguete de Espíritos mentirosos. Infelizmente, não é raro ver médiuns não se contentarem com os dons que receberam e almejem, por amor-próprio ou ambição, possuir faculdades excepcionais aptas a destacá-los; essa pretensão lhes subtrai a qualidade mais preciosa: a de *médiuns seguros*.” (SÓCRATES.)

199. O estudo da especialidade dos médiuns é necessário não somente para eles, mas ainda para o evocador. Conforme a natureza do Espírito que se queira evocar e as questões que se queiram efetuar, convém escolher o médium mais apto para a coisa; endereçar-se ao primeiro que chega é expor-se a respostas incompletas ou errôneas. Colhamos uma comparação nos fatos corriqueiros. Não se confiará uma redação, mesmo uma simples cópia, ao primeiro que chega, porque sabe escrever. Um músico deseja fazer executar um trecho de canto de sua composição; ele tem à sua disposição numerosos cantores, todos hábeis; entretanto, ele não pegará ao acaso; ele escolherá para seu intérprete aquele cuja voz, cuja expressão, todas as qualidades, em suma, correspondam melhor à natureza do trecho. Os Espíritos fazem o mesmo em relação aos médiuns, e nós devemos fazer como os Espíritos.

Deve-se, além disso, observar que as nuances que apresenta a mediunidade, e às quais a gente poderia acrescentar outras, nem sempre se acham em relação com o caráter do médium; assim, por exemplo, um médium naturalmente alegre e jovial pode obter, habitualmente, comunicações sérias, mesmo severas, e vice-versa; trata-se, além do mais, de uma prova evidente de que ele age sob o impulso de uma influência alienígena. Nós retornaremos a este tema no capítulo que trata da *influência moral do médium*.

CAPÍTULO XVII

FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS

Desenvolvimento da mediunidade. — Mudança de escrita. — Perda e suspensão da mediunidade.

Desenvolvimento da mediunidade.

200. Nós nos ocuparemos especialmente aqui dos médiuns escreventes, porque este tipo de mediunidade é o mais difundido e, além disso, porque é, a um só tempo, o mais simples, o mais cômodo, o que oferece resultados os mais satisfatórios e os mais completos; é também o que todo o mundo ambiciona. Não existe infelizmente, até hoje, nenhum diagnóstico que possa indicar, mesmo aproximativamente, que se possui esta faculdade; os sinais físicos nos quais certas pessoas acreditaram ver indícios não apresentam nada de certo. A mediunidade se encontra nas crianças e nos velhos, nos homens e nas mulheres, quaisquer que sejam o temperamento, o estado de saúde, o nível de desenvolvimento intelectual e moral. Existe apenas um meio de averiguar sua existência: é o de experimentar.

Pode-se obter a escrita, como nós vimos, através de cestas e pranchetas, ou diretamente com a mão; Sendo este último meio o mais fácil e, pode-se dizer, o único empregado hoje em dia, é o que nós recomendamos que se aplique de preferência. O procedimento é dos mais simples; consiste unicamente em munir-se de um lápis e de papel e colocar-se na situação de uma pessoa que escreve, sem outra preparação; mas, para lograr êxito, muitas recomendações são indispensáveis.

201. Como disposição material, nós recomendamos evitar tudo o que possa atrapalhar o livre movimento da mão; é mesmo preferível que ela não repouse de todo no papel. A ponta do lápis deve apoiar-se o suficiente para riscar, mas não muito a ponto de sofrer resistência. Todas estas precauções se tornam inúteis quando se chega a escrever fluentemente, pois, aí, nenhum obstáculo conseguirá deter o movimento: estas mais não são que as noções preliminares para o aprendiz.

202. É indiferente servir-se de pena ou de lápis; certos médiuns preferem a pena, contudo, ela é conveniente apenas para os que têm experiência e escrevem devagar; existem os que escrevem com uma tal velocidade que o uso da pena seria quase impossível ou, pelo menos, muito incômodo; sucede o mesmo quando a escrita é agitada e irregular, ou quando se lida com Espíritos violentos que batem com a ponta e a quebram, rasgando o papel.

203. O desejo de todo aspirante a médium é naturalmente o de poder conversar com o Espírito de pessoas que lhe são caras, mas ele deve moderar sua impaciência, pois a comunicação com um Espírito determinado amiúde oferece dificuldades materiais que a tornam impossível para o principiante. Para que um Espírito possa comunicar-se, são necessárias entre ele e o médium vinculações fluídicas que nem sempre se estabelecem instantaneamente; apenas à medida que a mediunidade vai desenvolvendo-se é que o médium vai adquirindo, a pouco e pouco, a aptidão necessária para entrar em relação com o primeiro Espírito que chega. É possível, assim, que aquele com o qual se deseja comunicar-se não esteja em condições propícias para fazê-lo, *malgrado sua presença*, como é possível também que ele não tenha nem a possibilidade nem a permissão para atender à evocação que lhe é dirigida. Eis porque não convém, no começo, obstinar-se o médium em exigir um Espírito determinado, com exclusão de todos os outros, pois sucede frequentemente que não é com aquele que as vinculações fluídicas se estabelecem com mais facilidade, apesar da simpatia que se tenha por ele. Antes, portanto, de pensar em obter comunicações de tal ou qual Espírito, é preciso estimular o desenvolvimento da faculdade, e, para isso, é preciso fazer uma evocação geral e endereçar-se sobretudo a seu anjo guardião.

Não existe absolutamente aqui uma fórmula sacramental; qualquer um que pretendesse fornecer uma pode com razão ser acusado de prestidigitação, pois, para os Espíritos, a forma não é nada. Todavia, a evocação deve sempre ser feita em nome de Deus; pode-se fazê-la nos termos seguintes ou em outros equivalentes: *Eu suplico a Deus onipotente que permita que um bom Espírito se comunique comigo e me faça escrever; eu suplico também que meu anjo guardião se digne assistir-me e afastar os maus Espíritos*. Espera-se, então, que um Espírito se manifeste, fazendo escrever qualquer coisa. É possível que compareça quem a gente deseja, como é possível também que compareça um Espírito desconhecido ou o anjo guardião; em todos os casos, ele se dá geralmente a conhecer escrevendo seu nome; mas aí se apresenta a questão da *identidade*, uma das que requerem o máximo de experiência, pois existem poucos principiantes que não estejam expostos a ser ludibriados. Nós tratamos da identidade mais adiante, em um capítulo especial.

Quando se deseja evocar determinados Espíritos, é essencial, ao começar, dirigir-se aos que a gente sabe bons e simpáticos e que podem ter um motivo para vir, como os parentes e os amigos. Neste caso, a evocação pode ser assim formulada: *Em nome de Deus onipotente, eu suplico ao Espírito de tal pessoa que se comunique comigo*; ou bem: *Eu suplico a Deus onipotente que permita ao Espírito de tal pessoa que se comunique comigo*; ou qualquer outra fórmula que corresponda ao mesmo pensamento. Não é de menor importância que as primeiras questões sejam concebidas de tal modo que a resposta seja simplesmente *sim* ou *não*, como por exemplo: *Você está aqui? — Deseja responder? — Pode você fazer que eu escreva?* etc. Mais tarde, esta precaução se torna inútil; trata-se, no começo, de estabelecer tão só um contato; o essencial é que a questão não seja fútil, que não se refira em absoluto a coisas de interesse particular e, sobretudo, que seja a expressão de um sentimento benévolo e simpático para com o Espírito a quem se dirige. (Ver adiante o capítulo especial *Das evocações*.)

204. Uma coisa ainda mais importante que se deve ter em conta do que o modo de evocar é a calma e o recolhimento unidos a um desejo ardente e a uma firme vontade de obter sucesso; e por vontade nós não entendemos aqui uma vontade efêmera que age aos trancos, e que a cada minuto é interrompida por outras preocupações; mas uma vontade séria, perseverante, contínua, *sem impaciência nem desejo febril*. O recolhimento é favorecido pela solidão, pelo silêncio e pelo distanciamento de tudo o que possa causar distrações. Restam apenas, então, mais uma coisa a fazer, ou seja, renovar todos os dias suas tentativas, durante dez minutos ou um quarto de hora no máximo a cada vez, e isto durante quinze dias, um mês, dois meses e mais, caso seja preciso; nós

conhecemos médiuns que se desenvolveram somente após seis meses de exercício, ao passo que outros escrevem fluentemente desde a primeira vez.

205. Para se evitarem as tentativas malogradas, pode-se interrogar, através de um outro médium, um Espírito sério e adiantado; mas deve-se observar que, quando se coloca aos Espíritos a questão de saber se a gente é ou não é médium, eles respondem quase sempre afirmativamente, o que não impede as tentativas de serem muitas vezes infrutíferas. Isto se explica naturalmente. Faz-se ao Espírito uma questão geral, ele responde de um modo geral; ora, como se sabe, nada é mais elástico do que a faculdade medianímica, uma vez que ela pode apresentar-se sob as formas mais variadas e em níveis muito diferentes. Pode-se, pois, ser médium sem se dar conta disso e em um sentido que não é aquele no qual se está pensando. A esta questão vaga: “Eu sou médium?”, o Espírito pode responder que sim; a esta outra mais precisa: “Eu sou médium escrevente?”, ele pode responder que não. É preciso levar em consideração também a natureza do Espírito que se interroga; existem os que são tão levianos e tão ignorantes que respondem a torto e a direito como verdadeiros tontos; eis porque nós aconselhamos que a pessoa se dirija a Espíritos esclarecidos, que respondem em geral de bom grado a tais questões e indicam a melhor marcha a seguir, caso haja possibilidade de se alcançar sucesso.

206. Um meio que muitíssimas vezes dá certo consiste em empregar, como auxiliar provisório, um bom médium escrevente flexível já desenvolvido. Caso ponha sua mão ou seus dedos sobre a mão que deve escrever, é raro que esta não o faça imediatamente; compreende-se o que se passa nesta circunstância: a mão que segura o lápis se torna, de algum modo, um apêndice da mão do médium, como o seria uma cesta ou uma prancheta; mas isto não impede que este exercício seja utilíssimo quando se pode empregá-lo, tendo em vista que, frequente e regularmente repetido, ele ajuda a superar o obstáculo material e provoca o desenvolvimento da faculdade. É suficiente ainda, às vezes, magnetizar fortemente, com essa intenção, o braço e a mão de quem deseja escrever; muitas vezes mesmo, o magnetizador se limita a pousar sua mão no ombro; nós já vimos escreverem de pronto sob tal influência. O mesmo efeito pode igualmente produzir-se sem nenhum contato e através de um único ato da vontade. Percebe-se sem dificuldade que a confiança do magnetizador em sua própria força para produzir esse resultado deve desempenhar aqui um grande papel, e que um magnetizador incrédulo desempenharia uma ação pequena se não nenhuma.

A colaboração de um guia experimentado é, além de tudo, às vezes, muitíssimo útil, para levar o principiante a observar uma infinidade de pequenas precauções que ele amiúde negligencia, em detrimento da rapidez dos avanços; ela o é, sobretudo, para esclarecer a respeito da natureza das primeiras perguntas e da maneira de dispô-las. Seu papel é o de um professor de quem se prescinde quando a gente se torna bem hábil.

207. Um outro meio que pode também poderosamente contribuir para o desenvolvimento da faculdade consiste em reunir um certo número de pessoas, todas animadas do mesmo desejo e pela comunhão de propósito; que todas simultaneamente, em um silêncio absoluto e com um recolhimento religioso, tentem escrever, evocando cada uma seu anjo guardião ou um Espírito simpático qualquer. Uma delas pode igualmente realizar, sem designação especial e por todos os membros do grupo, uma evocação geral aos bons Espíritos, dizendo, por exemplo: *Em nome de Deus onipotente, nós suplicamos que bons Espíritos se dignem comunicar-se através das pessoas aqui presentes.* É raro que entre elas não existam as que ofereçam de pronto sinais de mediunidade ou mesmo escrevam fluentemente, em pouco tempo.

Compreende-se facilmente o que se passa nesta circunstância. As pessoas unidas pela comunhão de propósito formam um todo coletivo cuja força e cuja sensibilidade se acham

acrescidas por uma espécie de influência magnética que ajuda no desenvolvimento da faculdade. Entre os Espíritos atraídos por essa união de vontades, existem os que encontram nos assistentes o instrumento que lhes convém; caso não seja um, será outro, e eles se valem disso.

Este meio deve sobretudo ser empregado nos grupos espíritas a que faltem médiuns, ou que não os possuam em número suficiente.

208. Têm-se buscado procedimentos para a formação de médiuns, bem como se têm buscado diagnósticos para a mediunidade, mas, até agora, não conhecemos nenhum mais eficaz do que os que nós indicamos. Persuadidas de que o obstáculo ao desenvolvimento da faculdade consiste em uma resistência toda material, certas pessoas pretendem vencê-la através de uma espécie de ginástica que quase desloca os braços e a cabeça. Nós não descreveremos este procedimento, que nos vem do outro lado do Atlântico, não somente porque não possuímos nenhuma prova de sua eficácia, mas pela convicção que temos de que ele pode oferecer perigo para as compleições delicadas, por causa do abalo do sistema nervoso. Caso não existam os rudimentos da faculdade, nada poderia fornecê-los, nem mesmo a eletrização, que foi empregada sem sucesso com o mesmo objetivo.

209. A fé para o aprendiz de médium não é uma condição rigorosa; sem controvérsia, ela secunda os esforços, porém, não é indispensável: a pureza de intenção, o desejo e a boa vontade são suficientes. Observaram-se pessoas perfeitamente incrédulas espantarem-se de todo por escreverem malgrado elas mesmas, ao passo que crentes sinceros não conseguem chegar a isso, o que comprova que esta faculdade se vincula a uma predisposição orgânica.

210. O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de frêmito no braço e na mão; a pouco e pouco, a mão é puxada por uma impulsão que ela não consegue dominar. Frequentemente, ela não risca, de início, senão rabiscos insignificantes; depois, as letras se desenham mais e mais nitidamente e a escrita acaba por adquirir a rapidez da escrita corrente. Em todos os casos, é preciso abandonar a mão a seu movimento natural e não trazer-lhe nem resistência nem propulsão.

Certos médiuns escrevem fluentemente e com facilidade desde o começo, às vezes mesmo desde a primeira sessão, o que é muito raro; outros realizam, durante um longo período, barras e verdadeiros exercícios caligráficos; os Espíritos afirmam que é para soltar-lhes a mão. Caso estes exercícios se prolongassem demasiado ou degenerassem em sinais ridículos, não seria de duvidar que se trata de um Espírito que se diverte, pois os bons Espíritos não executam jamais nada de inútil; neste caso, seria preciso redobrar o fervor para apelar pela assistência destes. Caso, apesar disso, não haja mudança, é preciso parar, desde que se perceba que não se obtém nada de sério. Pode-se recomeçar a tentativa todo dia, mas é conveniente cessá-la aos primeiros sinais equívocos, para não se dar esta satisfação aos Espíritos zombeteiros.

A estas observações, um Espírito acrescenta: “Existem médiuns cuja faculdade não consegue ir além desses sinais; quando, ao final de alguns meses, eles obtêm apenas coisas insignificantes, uns *sim* ou uns *não*, ou letras sem sequência, é inútil persistir tingindo de negro o papel em pura perda: eles são médiuns, mas *médiuns improdutivos*. De resto, as primeiras comunicações obtidas não devem ser consideradas senão como exercícios que se confiam a Espíritos secundários; eis porque a gente deve atribuir a isso apenas uma importância medíocre, em razão dos Espíritos que são empregados, por assim dizer, como preceptores de escrita para debastarem o médium principiante, pois não creiam jamais que sejam Espíritos elevados que mandem o médium fazer tais exercícios preparatórios; somente ocorre que, caso o médium não tenha um objetivo sério, aqueles Espíritos ficam e se apegam a ele. Quase todos os médiuns

passaram por este crivo para se desenvolverem; compete a eles fazer o que for preciso para granjear a simpatia de Espíritos verdadeiramente superiores.”

211. O empecilho da maior parte dos médiuns estreates é o de ter vinculação com Espíritos inferiores, e devem julgar-se felizes quando são apenas Espíritos levianos. Toda sua atenção deve tender para não deixá-los tomar pé, pois, uma vez ancorados, nem sempre é fácil desembaraçar-se deles. Eis um ponto de tal modo capital, sobretudo no começo, que, sem as precauções necessárias, se pode perder o fruto das mais belas faculdades.

O primeiro ponto consiste em se pôr com uma fé sincera sob a proteção de Deus, e em reclamar a assistência de seu anjo guardião; este é sempre bom, ao passo que os Espíritos familiares, simpatizando com as boas ou más qualidades do médium, podem ser levianos ou mesmo maus.

O segundo ponto é esforçar-se, com um cuidado escrupuloso, para reconhecer, através de todos os indícios que fornece a experiência, a natureza dos primeiros Espíritos que se comunicam, e dos quais é sempre prudente desconfiar-se. Caso alguns indícios sejam suspeitos, é preciso realizar uma evocação fervorosa a seu anjo guardião e repelir com todas as suas forças o mau Espírito, provando-lhe que a gente não é objeto de seu ludíbrio, a fim de desencorajá-lo. Eis porque o estudo prévio da teoria é indispensável, caso se deseje evitar os inconvenientes inseparáveis da inexperiência; encontrar-se-ão sobre o assunto instruções bastante desenvolvidas nos capítulos *Da obsessão* e *Identidade dos Espíritos*. Nós nos limitaremos a dizer aqui que, além da linguagem, podem considerar-se como provas *infallíveis* da inferioridade dos Espíritos: todos os sinais, figuras, símbolos inúteis ou pueris; toda escrita bizarra, brusca, torturada de propósito, de dimensão exagerada, ou ostentando formas ridículas e inusitadas; a escrita pode ser péssima, pouco legível mesmo, o que cabe mais ao médium do que ao Espírito, sem apresentar nada de insólito. Nós vimos médiuns tão enredados que medem a superioridade dos Espíritos pela dimensão das letras e que atribuem uma grande importância às letras moldadas como os caracteres de imprensa, puerilidade evidentemente incompatível com uma superioridade real.

212. Se é importante não cair, sem querer, sob a dependência de maus Espíritos, é mais importante ainda não se colocar sob ela voluntariamente, e não é preciso senão um desejo imoderado de escrever para fazer crer que é indiferente dirigir-se ao primeiro que chegue, salvo na intenção de se desembaraçar mais tarde dele caso seja inconveniente, pois não se solicita impunemente assistência, para o que quer que seja, a um mau Espírito, que pode fazer pagar caro por seus serviços.

Algumas pessoas, impacientes para ver desenvolver-se nelas a faculdade medianímica, muito lenta para seu gosto, tiveram a ideia de evocar em sua ajuda um Espírito qualquer, *fosse ele até mesmo mau*, contando despedi-lo em seguida. Muitas foram servidas à vontade e escreveram de imediato; mas o Espírito, não se importando por ter sido lembrado em último caso, foi menos dócil para ir-se do que para vir. Nós conhecemos algumas que foram punidas em sua presunção de se acreditarem fortes para afastá-los à sua vontade, através de anos de obsessões de toda natureza, através de mistificações as mais ridículas, através de uma fascinação tenaz, e mesmo através de desgraças *materiais* e das mais cruéis decepções. O Espírito se mostrou primeiro abertamente mau, depois hipócrita, a fim de fazer crer ou em sua conversão, ou na pretensa força de seu subjogado para expulsá-lo à vontade.

213. A escrita é, às vezes, bastante legível, as palavras e as letras, perfeitamente destacadas; mas com certos médiuns, é ela difícil de decifrar por qualquer outra pessoa a não ser quem escreve: é preciso adquirir-lhe o hábito. É ela muitíssimas vezes formada de grandes riscos; os Espíritos são pouco econômicos com papel. Quando uma palavra ou uma frase é pouco legível,

pede-se ao Espírito a gentileza de recomeçar, o que ele faz geralmente de bom grado. Quando a escrita é habitualmente ilegível, mesmo para o médium, este acaba quase sempre por obter u'a mais clara, através de exercícios frequentes e constantes, *empregando nisso uma forte vontade* e rogando com ardor ao Espírito para esmerar-se mais. Certos Espíritos adotam amiúde símbolos convencionais que passam a usar nas reuniões costumeiras. Para assinalar que uma pergunta os desagrada e que não desejam responder, eles farão, por exemplo, uma longa barra ou algo equivalente.

Quando o Espírito acabou o que tinha para dizer, ou quando não deseja mais responder, a mão permanece imóvel e o médium, quaisquer que sejam sua força e sua vontade, não tem como obter uma palavra a mais. Ao contrário, enquanto o Espírito não houver terminado, o lápis avança sem que seja possível à mão parar. Caso queira dizer espontaneamente alguma coisa, a mão agarra convulsivamente o lápis e se põe a escrever, sem poder opor-se a isso. O médium, aliás, sente quase sempre em si algo que lhe indica se está havendo tão só uma interrupção ou se o Espírito terminou. É raro que não sinta quando este partiu.

Tais são as explicações essenciais que nós tínhamos para oferecer no tocante ao desenvolvimento da psicografia; a experiência dará a conhecer, na prática, certos detalhes que seria inútil referir aqui e em relação aos quais a gente se guiará pelos princípios gerais. Que muitos experimentem, e se encontrarão mais médiuns do que se pensa.

214. Tudo o que acabamos de dizer se aplica à escrita mecânica; é a que todos os médiuns procuram obter com razão; mas o mecanismo puro é raríssimo, e a ele se mistura com muita frequência mais ou menos intuição. Possuindo o médium consciência do que escreve, é naturalmente levado a duvidar de sua faculdade; ele não sabe se aquilo provém dele ou de um Espírito estranho. Ele não tem em absoluto de se inquietar com isso e deve prosseguir, apesar de tudo; que ele observe com cuidado e reconhecerá facilmente no que escreveu uma infinidade de coisas que não estavam em seu pensamento, que são mesmo contrárias a eles; prova evidente de que não procedem dele. Que continue, portanto, e a dúvida se dissipará com a experiência.

215. Se não é concedido ao médium ser exclusivamente mecânico, todas as tentativas para obter esse resultado serão infrutíferas, entretanto, ele andaria errado acreditando-se deserdado por causa disso; caso ele não seja dotado senão da mediunidade intuitiva, é necessário que se contente com ela, e ela não deixará de lhe render grandes serviços, caso ele saiba tirar-lhe proveito e caso não a rejeite.

Se, após inúteis tentativas prolongadas durante algum tempo, nenhum indício de movimento involuntário se produz, ou se tais movimentos são demasiado fracos para oferecer resultados, não deve a pessoa hesitar em escrever o primeiro pensamento que lhe é sugerido, sem se inquietar se provém dela ou de uma fonte alheia: a experiência lhe ensinará a fazer a distinção. Ocorre com muita frequência, aliás, que o movimento mecânico se desenvolva posteriormente.

Nós dissemos mais acima que existem casos em que é indiferente saber se o pensamento provém do médium ou de um Espírito alheio; isso se dá, sobretudo, quando um médium puramente intuitivo ou inspirado efetua um trabalho de imaginação por si mesmo; pouco importa que ele atribua a si um pensamento que lhe teria sido sugerido; se lhe advêm boas ideias, que as agradeça a seu bom gênio, e lhe serão sugeridas outras. Tal é a inspiração dos poetas, dos filósofos e dos cientistas.

216. Suponhamos agora a faculdade medianímica completamente desenvolvida; que o médium escreva com facilidade; que ele seja, em suma, o que se chama um médium feito: seria um grande engano de sua parte acreditar-se dispensado de qualquer outra instrução; ele venceu apenas uma resistência material, mas é então que começam para ele as verdadeiras dificuldades, e

que ele precisa mais do que nunca dos conselhos da prudência e da experiência, se não quiser cair nas mil peças que vão preparar-lhe. Se ele desejar muito cedo voar com suas próprias asas, não tardará a ser o ludíbrio dos Espíritos mentirosos que buscarão explorar sua presunção.

217. Uma vez desenvolvida a faculdade do médium, é essencial que dela não abuse. A satisfação que ela propicia a certos principiantes excita neles um entusiasmo que é importante moderar; eles devem pensar que ela lhes está sendo oferecida para o bem e não para satisfazer uma vã curiosidade; eis porque é útil que não se sirvam dela senão nos momentos oportunos e não a cada instante; não se achando os Espíritos constantemente às suas ordens, eles correm o risco de serem ludibriados por mistificadores. É bom que adotem para este efeito dias e horas determinados, porque se suscitam disposições de maior concentração, e porque os Espíritos que desejam comparecer se acham prevenidos e se preparam do mesmo jeito.

218. Se, malgrado todas as tentativas, a mediunidade não se revelar de nenhum modo, seria preciso renunciar, como se renuncia a cantar, quando não se possui voz. Quem não conhece um idioma se serve de um tradutor; é preciso fazer o mesmo, quer dizer, buscar a ajuda de um outro médium. Por falta de médium, não se deve crer-se privado da assistência dos Espíritos. A mediunidade é para eles um meio de se exprimir, mas não um meio exclusivo de atração; os que nos estimam se acham perto de nós, quer sejamos ou não médium; um pai não abandona seu filho porque este é surdo e cego e não consegue nem vê-lo nem ouvi-lo; ele o envolve com sua solicitude, como fazem os bons Espíritos conosco; caso eles não possam transmitir-nos materialmente seu pensamento, eles vêm acudir-nos através da inspiração.

Mudança de escrita.

219. Um fenômeno muito comum entre os médiuns escreventes é o da mudança de escrita conforme os Espíritos que se comunicam, e o que existe de mais notável é que a mesma escrita se reproduz continuamente com o mesmo Espírito e, às vezes, ela é idêntica à que ele tinha quando vivo; nós veremos mais tarde as ilações que se podem tirar daí quanto à identidade. Essa mudança de escrita se dá apenas entre os médiuns mecânicos ou semimecânicos, porque neles o movimento da mão é involuntário e dirigido pelo Espírito; não sucede o mesmo com os médiuns puramente intuitivos, considerando que, neste caso, o Espírito atua unicamente no pensamento e que a mão é dirigida pela vontade como nas circunstâncias ordinárias; mas a uniformidade da escrita, mesmo em um médium mecânico, não comprova nada contra sua faculdade, não constituindo a mudança, de modo algum, uma condição absoluta na manifestação dos Espíritos; ela se prende a uma aptidão especial, da qual os médiuns mais mecânicos nem sempre estão dotados. Nós designamos os que possuem esta aptidão sob o nome de *médiuns polígrafos*.

Perda e suspensão da mediunidade.

220. A faculdade medianímica está sujeita a intermitências e a suspensões passageiras, seja para as manifestações físicas, seja para a escrita. Eis aqui as respostas dos Espíritos a algumas questões propostas sobre este assunto.

1. Podem os médiuns perder sua faculdade?

“Isso sucede frequentemente, seja qual for o tipo desta faculdade; mas frequentemente também não se trata senão de uma interrupção passageira, que acaba com a causa que a produziu.”

2. Estaria no esgotamento do fluido a causa da perda da mediunidade?

“Seja qual for a faculdade de que o médium esteja dotado, ele nada consegue sem o concurso correspondente dos Espíritos; quando não obtém mais nada, nem sempre é porque lhe esteja faltando a faculdade, mas amiúde são os Espíritos que não desejam mais ou não conseguem mais servir-se dele.”

3. Qual é a causa que pode provocar para um médium o abandono dos Espíritos?

“O uso que ele dá à sua mediunidade constitui a causa de abandono mais poderosa quanto aos bons Espíritos. Nós podemos abandoná-lo quando ele se serve dela para coisas frívolas ou com objetivos ambiciosos; quando se recusa a transmitir nossa fala aos encarnados que a solicitam ou nossos efeitos físicos aos que têm necessidade de ver para se convencerem. Este dom de Deus não é concedido de modo algum ao médium para se comprazer, e ainda menos para servir a sua ambição, mas tendo em vista sua própria melhoria e para dar a conhecer a verdade aos homens. Caso o Espírito veja que o médium não corresponde mais a seus desígnios nem tira proveito das mensagens e dos avisos que ele lhe oferece, retira-se para buscar um protegido mais digno.”

4. Não pode o Espírito que se retira ser substituído? Neste caso, não se compreenderia a suspensão da faculdade.

“Não faltam Espíritos que não querem outra coisa senão se comunicar e estão sempre preparados para substituir os que se retiram. Mas, quando é um bom Espírito que deixa o médium, pode muito bem deixá-lo apenas temporariamente e privá-lo por um certo tempo de toda comunicação, a fim de lhe servir de lição e de lhe comprovar que sua faculdade *não depende dele* e que não deve envaidecer-se dela. Esta impotência temporária serve também para oferecer ao médium a prova de que escreve sob uma influência alheia, caso contrário ele não passaria por intermitência.

“De resto, a interrupção da faculdade nem sempre constitui uma punição; ela testemunha às vezes a solicitude do Espírito para com o médium que estima; ele deseja propiciar-lhe um repouso material que julga necessário, e, neste caso, não permite que outros Espíritos o substituam.”

5. A gente vê, entretanto, médiuns de muito mérito, moralmente falando, que não sentem nenhuma necessidade de repouso e que ficam muito contrariados com a interrupção, cuja finalidade eles não compreendem.

“Isso se dá com o fito de pôr sua paciência a prova e de julgar sua perseverança; eis porque os Espíritos não assinalam em geral nenhum término para essa suspensão; eles desejam ver se o médium se desencorajará. Isso ocorre com frequência também para lhe deixar o tempo para meditar sobre as mensagens que lhe ofereceram, e é à vista dessa meditação sobre nossos ensinamentos que nós conhecemos os espíritas verdadeiramente sérios; nós não podemos atribuir tal nome aos que são, na realidade, tão só entusiastas por comunicações.”

6. É necessário, neste caso, que o médium continue tentando escrever?

“Caso o Espírito lhe aconselhe, sim; caso lhe diga para abster-se, ele deve atender.”

7. Teria ele um meio de encurtar essa prova?

“A resignação e a prece. De resto, é suficiente realizar a cada dia uma tentativa de alguns minutos, pois seria inútil perder seu tempo com testes infrutíferos; a tentativa não tem outro objetivo senão o de assegurar se a faculdade foi recobrada.”

8. Implica a suspensão no afastamento dos Espíritos que se comunicam habitualmente?

“De maneira nenhuma; o médium fica, assim, na posição da pessoa que perdesse temporariamente a vista, e que nem por isso deixaria de ficar rodeada por seus amigos, conquanto não pudesse vê-los. O médium pode, portanto, e até deve continuar a conversar através do pensamento com seus Espíritos familiares e ficar persuadido de que é ouvido por eles. Se a falta de mediunidade pode privar das comunicações materiais com certos Espíritos, não pode privar das comunicações morais.”

9. Assim, nem sempre implica a interrupção da faculdade medianímica em uma censura da parte dos Espíritos?

“Não, sem dúvida, uma vez que ela pode ser uma prova de benevolência.”

10. Através de que indício se consegue reconhecer uma censura nessa interrupção?

“Que o médium interrogue sua consciência e que se pergunte que uso vem fazendo de sua faculdade, o bem que dela vem resultando para os outros, *o proveito que ele vem tirando dos conselhos que lhe foram dados*, e terá a resposta.”

11. Pode o médium que não consegue mais escrever recorrer a um outro médium?

“Isso depende da causa da interrupção; esta tem muitas vezes por motivo deixar vocês algum tempo sem comunicações, depois de lhes terem sido administrados conselhos, com o fito de não habituá-los a tudo fazerem com nossa ajuda; neste caso, o médium não ficará mais satisfeito servindo-se de um outro médium, e isto tem ainda um objetivo, o de comprovar-lhes que os Espíritos são livres e que não depende de vocês engabelá-los à sua vontade. É também por esta razão que os que não são médiuns nem sempre alcançam todas as comunicações que desejam.”

Observação. Com efeito, deve-se atentar para o fato de que quem recorre a um terceiro para as comunicações, não obstante a qualidade do médium, amiúde não obtém nada de satisfatório, ao passo que, em outras ocasiões, as respostas são muito explícitas. Isso depende tanto da vontade do Espírito que não se avança um passo a mais mudando de médium; os Espíritos mesmo parecem, neste aspecto, seguir uma voz de comando, pois o que não se obtém de um, não se obterá também de um outro. É preciso guardar-se, então, de insistir e de se impacientar, se não se quiser ser o ludíbrio de Espíritos enganadores, que responderão, caso se deseje a toda a força, pois os bons os deixarão fazê-lo para nos punirem a nossa insistência.

12. Com que objetivo a Providência dotou certos indivíduos com a mediunidade de um modo especial?

“Trata-se de u’a missão de que se encarregaram e com que se acham felizes; eles são os intérpretes entre os Espíritos e os homens.”

13. Existem, no entanto, médiuns que não empregam sua faculdade senão com relutância.

“Esses são médiuns imperfeitos; eles não conhecem o valor da mercê que lhes foi concedida.”

14. Se é u’a missão, como entender que não seja o privilégio dos homens de bem, e que essa faculdade seja concedida a pessoas que não merecem nenhuma estima e que são capazes de abusar dela?

“Ela lhes é concedida porque têm necessidade dela para seu próprio melhoramento, a fim de que estejam preparadas para receber bons ensinamentos; caso não tirem proveito deles,

sofrerão as consequências. Não oferecia Jesus de preferência sua palavra aos pecadores, dizendo que é preciso dar a quem não tem?”

15. Podem as pessoas que têm um grande desejo de escrever como médiuns e que não conseguem sucesso concluir disso alguma coisa contra elas mesmas, no que toca à benevolência dos Espíritos a seu respeito?

“Não, pois Deus pode ter-lhes recusado essa faculdade, como ele pode ter-lhes recusado o dom da poesia ou da música; mas se elas não desfrutam esse favor, podem desfrutar outros.”

16. Como pode um homem aperfeiçoar-se através do ensinamento dos Espíritos, quando não possui, seja por si mesmo seja através de outros médiuns, os meios de receber esse ensinamento direto?

“Não possui ele os livros como o cristão possui o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, o cristão não necessita ter ouvido suas palavras saírem de sua boca.”

CAPÍTULO XVIII

INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE

Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde. — Idem sobre o cérebro. — Idem sobre as crianças.

221. 1. Constitui a faculdade medianímica o indício de um estado patológico qualquer ou simplesmente anômalo?

“Anômalo, às vezes, mas não patológico. Existem médiuns de uma saúde robusta; os que são doentes o são por outras causas.”

2. Pode o exercício da faculdade medianímica ocasionar fadiga?

“O exercício por demais prolongado de toda faculdade, qualquer que seja ela, acarreta fadiga; a mediunidade se acha no mesmo caso, principalmente se ela se dedica aos efeitos físicos; ela ocasiona necessariamente um gasto de fluido que promove o cansaço, o que se repara através do repouso.”

3. Pode o exercício da mediunidade apresentar inconvenientes por si mesmo do ponto de vista da saúde, abstração feita do abuso?

“Existem casos em que é prudente, necessário mesmo, abster-se ou, no mínimo, moderar-lhe o uso; isto depende do estado físico e moral do médium. O médium, aliás, geralmente o sente e, quando experimenta o cansaço, deve abster-se.”

4. Existem pessoas para quem este exercício apresente mais inconvenientes que para outras?

“Eu disse que isto depende do estado físico e moral do médium. Existem pessoas que têm de evitar toda causa de superexcitação, e esta se acha entre elas. (N.ºs 188 e 194.)

5. Poderia a mediunidade produzir a loucura?”

“Não mais que qualquer outra coisa, quando não existe predisposição em virtude da fraqueza do cérebro. A mediunidade não produzirá a loucura quando o princípio dela não se achar ali; mas se o princípio existe, o que é fácil de reconhecer pelo estado moral, o bom senso indica que é preciso usar de prudência sob todos os aspectos, pois toda causa de abalo pode ser nociva.”

6. Existe inconveniente em desenvolver a mediunidade nas crianças?

“Certamente, e eu sustento que é muito perigoso, pois esses organismos frágeis e delicados seriam por ela muitíssimo abalados e sua jovem imaginação muitíssimo excitada; por isso os pais prudentes as afastarão dessas ideias, ou, ao menos, não lhes falarão a respeito senão do ponto de vista das consequências morais.”

7. Entretanto, existem crianças que são naturalmente médiuns, seja para os efeitos físicos, seja para a escrita e para as visões; apresenta isso o mesmo inconveniente?

“Não; quando a faculdade é espontânea em uma criança, é que ela se encontra em sua natureza e sua constituição se presta a isso; não se dá o mesmo quando ela é provocada e superexcitada. Observe que a criança que tem visões fica geralmente pouco impressionada: isso lhe parece uma coisa de todo natural, a que dá pequeníssima atenção e que com frequência esquece; mais tarde, o fato lhe volta à memória, e é facilmente explicado, caso conheça o espiritismo.”

8. Qual é a idade em que se pode, sem inconveniente, ocupar-se de mediunidade?

“Não existe uma idade precisa; isso depende inteiramente do desenvolvimento físico e ainda mais do desenvolvimento moral; existem crianças de doze anos que seriam menos afetadas que certas pessoas feitas. Eu falo da mediunidade em geral, mas a que se dedica aos efeitos físicos é mais fatigante para o corpo; a escrita apresenta um outro inconveniente, que se prende à falta de experiência da criança, no caso de desejar ocupar-se com ela sozinha ou transformá-la em um divertimento.”

222. A prática do espiritismo, como nós o veremos mais tarde, demanda muito tato para frustrar as artimanhas dos Espíritos enganadores; se homens feitos constituem seus ludibrios, a infância e a juventude são a elas ainda mais expostas por sua inexperiência. Sabe-se, além disso, que o recolhimento é uma condição sem a qual a gente não consegue ter vinculação com os Espíritos sérios; as evocações realizadas com desatino e para diversão constituem uma verdadeira profanação, que possibilita um acesso fácil aos Espíritos zombeteiros ou daninhos; como não se pode esperar de uma criança a seriedade necessária para um ato de tal envergadura, seria de temer que ela fizesse dele uma brincadeira, caso se achasse entregue a si mesma. Em condições até mesmo as mais favoráveis, é desejável que uma criança dotada de mediunidade não a exerça senão à vista de pessoas experientes, que lhe ensinarão, através de seu exemplo, o respeito que se deve às almas dos que viveram. Vê-se, assim, que a questão da idade se acha subordinada às circunstâncias tanto do temperamento quanto do caráter. Todavia, o que sobressai claramente das respostas acima é que não se deve compelir as crianças ao desenvolvimento desta faculdade, desde que não seja espontânea, e que, em todos os casos, é preciso utilizá-la com uma grande circunspeção; que não se deve também nem excitá-la nem encorajá-la nas pessoas frágeis. É preciso afastar dela, através de todos os meios possíveis, as pessoas que apresentassem os mínimos sintomas de excentricidade nas ideias ou de enfraquecimento das faculdades mentais, pois nelas existe evidente predisposição à loucura que toda causa superexcitante pode desenvolver. As ideias espíritas não possuem, sob este aspecto, uma influência maior, mas, vindo a loucura a se declarar, assumirá o caráter da preocupação dominante, como assumiria um caráter religioso, caso a pessoa se dedicasse com excesso às práticas de devoção, e a gente responsabilizaria o espiritismo. O que há de melhor a fazer com todo indivíduo que demonstre

uma tendência à ideia fixa é orientar suas preocupações para outro lado, a fim de propiciar repouso aos órgãos debilitados.

Nós chamamos, sob este aspecto, a atenção de nossos leitores para o parágrafo XII da introdução de *O Livro dos Espíritos*.

CAPÍTULO XIX

PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

Influência do Espírito pessoal do médium. — Sistema dos médiuns inertes. — Aptidão de certos médiuns para as coisas que eles não conhecem: as línguas, a música, o desenho. — Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns.

223. 1. Encontra-se o médium, no momento em que exerce sua faculdade, em um estado perfeitamente normal?

“Ele se encontra, às vezes, em um estado de transe mais ou menos pronunciado; eis o que o cansa e porque ele precisa de repouso; mas, o mais das vezes, seu estado não difere sensivelmente do estado normal, sobretudo entre os médiuns escreventes.”

2. Podem as comunicações escritas ou verbais provir também do próprio Espírito encarnado no médium?

“A alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro; caso desfrute um certo grau de liberdade, ela recobra suas qualidades de Espírito. Você possui a comprovação do fato nas almas das pessoas vivas que vêm visitá-lo e se comunicam com você através da escrita, amiúde sem que as chame. Pois fique sabendo que, entre os Espíritos que você evoca, existem os que se acham encarnados na Terra; *então, eles lhe falam como Espíritos e não como homens*. Por que cuidaria você de que não se desse o mesmo com o médium?

— Não parece esta explicação confirmar a opinião dos que creem que todas as comunicações emanam do Espírito do médium e não de Espíritos alheios?

“Eles estão enganados apenas porque são peremptórios, pois é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo; mas isto não constitui uma razão para que os outros não ajam igualmente por seu intermédio.”

3. Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou é um Espírito alheio?

“Pela natureza das comunicações. Estude as circunstâncias e a linguagem e você distinguirá. É sobretudo no estado sonambúlico ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque, então, ele se encontra mais livre, mas, no estado normal, é mais difícil. Existem, aliás, respostas que é impossível atribuir a ele; eis porque eu lhe digo para estudar e para observar.”

Observação. Quando uma pessoa nos fala, nós distinguimos facilmente aquilo que provém dela daquilo de que se constitui apenas o eco; dá-se o mesmo com os médiuns.

4. Uma vez que o Espírito do médium pôde adquirir, em existências anteriores, conhecimentos que esqueceu sob seu invólucro corpóreo, mas dos quais se recorda como Espírito, não pode ele haurir em seu próprio cabedal as ideias que parecem ultrapassar o alcance de sua instrução?

“Isso ocorre com frequência no estado de transe sonambúlico ou extático; mas, ainda uma vez, existem circunstâncias que não permitem dúvida: estude *demoradamente* e medite.”

5. São as comunicações provenientes do Espírito do médium sempre inferiores às que poderiam ser elaboradas por Espíritos alheios?

“Sempre, não; pois o Espírito alheio pode ser ele mesmo de uma ordem inferior àquela do médium e, nesse caso, falar com menos sensatez. Percebe-se isso no sonambulismo, pois ali é o mais das vezes o Espírito do sonâmbulo que se manifesta e que diz, contudo, às vezes, muito boas coisas.”

6. Transmite diretamente seu pensamento o Espírito que se comunica através de um médium, ou bem esse pensamento apresenta como intermediário o Espírito encarnado no médium?

“É o Espírito do médium que é o intérprete, porque está ligado ao corpo que serve para falar e forma uma cadeia entre vocês e os Espíritos alheios que se comunicam, como é preciso um fio elétrico para transmitir uma notícia ao longe, e, ao cabo do fio, uma pessoa inteligente que a receba e a transmita.”

7. Exerce o Espírito encarnado no médium uma influência sobre as comunicações que ele deve transmitir e que provêm de Espíritos alheios?

“Sim, pois, caso ele não lhes seja simpático, pode alterar as respostas deles e ajustá-las a suas próprias ideias e a suas inclinações, *mas ele não influencia os próprios Espíritos*; não se trata senão de um mau intérprete.”

8. É essa a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Não existem outras; eles buscam o intérprete que melhor simpatize com eles e que traduza o mais precisamente seu pensamento. Caso não haja entre eles simpatia, o Espírito do médium constitui um antagonista que oferece certa resistência, e se torna um intérprete desfavorável e muitas vezes infiel. Passa-se o mesmo entre vocês, quando o conselho de um sábio é transmitido pela voz de um tolo ou de um homem de má-fé.”

9. Concebe-se que seja assim para os médiuns intuitivos, mas não para os que são mecânicos.

“Você não se compenetrou do papel que desempenha o médium; existe aí uma lei que você não captou ainda. Você se lembra de que, para realizar o movimento de um corpo inerte, o Espírito precisa de uma porção do fluido animalizado que ele toma do médium para animar por algum tempo a mesa, a fim de que esta obedeça à sua vontade. Muito bem! Compreenda também que, para uma comunicação inteligente, ele precisa de um intermediário inteligente e que esse intermediário é o Espírito do médium.

— Isto não parece aplicável às chamadas mesas falantes, pois, uma vez que objetos inertes, como as mesas, pranchetas e cestas, fornecem respostas inteligentes, parece que o Espírito do médium não interfere em nada.

“É um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida factícia transitória mas não a inteligência; jamais um corpo inerte foi inteligente. É, portanto, o Espírito do médium que recebe o pensamento sem que o saiba e o transmite a pouco e pouco com o apoio de diversos intermediários.”

10. Parece resultar destas explicações que o Espírito do médium não é jamais completamente passivo.

“Ele é passivo quando não mescla suas próprias ideias às do Espírito alheio, mas ele não fica jamais totalmente anulado; seu concurso é sempre necessário como intermediário, mesmo naqueles aos quais você chama de médiuns mecânicos.”

11. Não existe maior garantia de independência no médium mecânico que no médium intuitivo?

“Sem nenhuma dúvida, e, para certas comunicações, um médium mecânico é preferível; mas, quando se conhecem as faculdades de um médium intuitivo, isso se torna indiferente, conforme as circunstâncias; eu desejo dizer que existem comunicações que demandam menos precisão.”

12. Entre os diferentes sistemas que se formularam para explicar os fenômenos espíritos, há um que consiste em acreditar que a verdadeira mediunidade se encontra em um corpo completamente inerte, na cesta ou no papelão, por exemplo, que servem de instrumento; o Espírito alheio se identifica com esse objeto e o torna não somente vivo mas inteligente; daqui o nome de *médiuns inertes* atribuído a esses objetos; que pensa você disso?

“Não existe senão uma palavra para se dizer a respeito, a de que, se o Espírito houvesse transmitido a inteligência ao papelão ao mesmo tempo que a vida, o papelão escreveria sozinho, sem o concurso de médium; seria singular que o homem inteligente se tornasse máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. Trata-se de um dos numerosos sistemas nascidos de uma ideia preconcebida e que ruem diante da experiência e da observação.”

13. Poderia um fenômeno bem conhecido confirmar a opinião de que existe nos corpos inertes animados algo mais que a vida, ou seja, também a inteligência: o das mesas, cestas etc., que exprimem, em seus movimentos, a cólera ou a afeição?

“Quando um homem agita colericamente um bastão, não é o bastão que está encolerizado, nem mesmo a mão que segura o bastão, mas decerto o pensamento que dirige a mão; as mesas e as cestas não são mais inteligentes que o bastão; elas não possuem nenhum sentimento inteligente, mas obedecem a uma inteligência; em suma: não se trata de o Espírito transformar-se em cesta, nem mesmo de elegê-la como domicílio.”

14. Se não é racional atribuir inteligência a tais objetos, podem ser considerados como uma variedade de médiuns, sob o nome de *médiuns inertes*?

“É uma questão de palavras que nos importa pouco, desde que vocês se entendam. Vocês são livres de chamar de homem a u’a marionete.”

15. Os Espíritos possuem apenas a linguagem do pensamento; eles não possuem linguagem articulada; eis porque só existe para eles uma língua; sendo assim, poderia um Espírito exprimir-se por via medianímica em uma língua que ele não falou jamais em vida; e, nesse caso, onde haure as palavras de que se serve?

“Você mesmo acaba de responder à sua questão dizendo que os Espíritos possuem uma única língua, que é a do pensamento; tal língua é compreendida por todos, tanto por homens quanto por Espíritos. O Espírito errante, ao se dirigir ao Espírito encarnado do médium, não lhe fala nem em francês nem em inglês, mas na língua universal que é a do pensamento; para traduzir suas ideias em uma linguagem articulada, transmissível, ele haure suas palavras no vocabulário do médium.”

16. Se é assim, o Espírito deveria poder exprimir-se apenas na língua do médium, ao passo que se vê que escreve em línguas desconhecidas por este último; não existe aqui uma contradição?

“Observe, primeiro, que nem todos os médiuns estão aptos igualmente para este tipo de exercício, e, depois, que os Espíritos não se prestam a isso senão acidentalmente, quando julgam

que pode ser útil; mas, para as comunicações costumeiras e de uma certa extensão, eles preferem servir-se de uma língua familiar, porque ela lhes apresenta menos dificuldades materiais a vencer.”

17. Não advém a aptidão de certos médiuns para escrever em uma língua que lhes é estranha do fato de essa língua lhes ter sido familiar em uma outra existência, e de lhe terem conservado a intuição?

“Isto pode com certeza acontecer, mas não se trata de uma regra; o Espírito pode, com algum esforço, vencer durante algum tempo a resistência material que encontra; é o que sucede quando o médium escreve, em sua própria língua, palavras que não conhece.”

18. Conseguiria escrever como médium uma pessoa que não sabe escrever?

“Sim; mas se percebe que existe aí uma grande dificuldade mecânica para vencer, não possuindo a mão o hábito do movimento necessário para formar as letras. Dá-se o mesmo com os médiuns desenhistas que não sabem desenhar.”

19. Conseguiria um médium muito pouco inteligente transmitir comunicações de uma ordem elevada?

“Sim, pela mesma razão que um médium consegue escrever em uma língua que não conhece. A mediunidade propriamente dita é independente da inteligência assim como das qualidades morais, e, na falta de melhor instrumento, o Espírito pode servir-se do que tem à mão; mas é natural que, para as comunicações de uma certa ordem, ele prefira o médium que lhe oferece o mínimo de obstáculos materiais. Uma outra consideração: o idiota é frequentemente idiota apenas por causa da imperfeição de seus órgãos, mas seu Espírito pode ser mais adiantado do que se julga; você tem a comprovação disso através de certas evocações de idiotas mortos ou vivos.”

Observação. Este é um fato atestado pela experiência; nós evocamos várias vezes Espíritos de idiotas vivos que nos forneceram provas patentes de sua identidade, e responderam de um modo muito sensato e mesmo superior. Esse estado é uma punição para o Espírito, o qual padece com o constrangimento em que se acha. Um médium idiota pode, portanto, às vezes, oferecer ao Espírito que deseja manifestar-se mais recursos do que se crê. (Ver, na *Revista Espírita* de julho de 1860, o artigo sobre *a Frenologia e a Fisiognomonia*.)

20. Donde provém a aptidão de certos médiuns para escrever em versos, malgrado sua ignorância em termos de poesia?

“A poesia é uma linguagem; eles podem escrever em versos, como podem escrever em uma língua que não conhecem; e, depois, eles podem ter sido poetas em uma outra existência, e, como lhe disseram, os conhecimentos adquiridos não se perdem jamais para o Espírito, que tem de alcançar a perfeição em todas as coisas. Então, seu saber antigo lhes proporciona, sem que se apercebiam disso, uma facilidade que não apresentam no estado normal.”

21. Dá-se o mesmo com os que têm uma aptidão especial para o desenho e a música?

“Sim; o desenho e a música são também maneiras de exprimir o pensamento; os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem o máximo de facilidade.”

22. Depende a expressão do pensamento através da poesia, do desenho ou da música unicamente da aptidão do médium ou ainda da do Espírito que se comunica?

“Às vezes do médium, às vezes do Espírito. Os Espíritos superiores possuem todas as aptidões; os Espíritos inferiores possuem conhecimentos limitados.”

23. Por que o homem que possui um talento excepcional em uma existência não o possui mais em uma existência seguinte?

“Nem sempre é assim, pois amiúde ele aperfeiçoa em uma existência o que começou em uma precedente; mas pode ocorrer que uma faculdade excepcional adormeça durante um certo tempo para deixar uma outra mais livre para se desenvolver; trata-se de uma semente em estado

latente que se reencontrará mais tarde, mas da qual restam sempre alguns vestígios ou, ao menos, uma vaga intuição.”

224. O Espírito alheio compreende, sem dúvida, todas as línguas, uma vez que as línguas constituem a expressão do pensamento e uma vez que o Espírito compreende através do pensamento; mas, para transferir este pensamento, é preciso um instrumento: este instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação alheia não tem como transmiti-la senão através dos órgãos de seu corpo; ora, estes órgãos não podem apresentar para uma língua desconhecida a flexibilidade que apresentam para aquela que lhes é familiar. Um médium que sabe apenas francês bem poderá, acidentalmente, fornecer uma resposta em inglês, por exemplo, se aprovar ao Espírito fazê-lo; mas os Espíritos, que consideram já a linguagem humana muitíssimo lenta em comparação com a rapidez do pensamento, uma vez que eles a abreviam o quanto podem, se impacientam com a resistência mecânica que experimentam; eis aqui porque eles nem sempre o fazem. É esta também a razão pela qual um médium novato, que escreve penosamente e com lentidão mesmo em sua própria língua, não obtém em geral senão respostas breves e sem desenvolvimento; por isso os Espíritos recomendam que se façam por seu intermédio apenas questões simples. Para aquelas de um alto alcance, é preciso um médium formado, que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Nós não pegariamos para nosso leitor um estudante que soletra. Um bom trabalhador não gosta de se servir de ferramentas ruins. Acrescentemos uma outra consideração de uma grande importância no que concerne às línguas estrangeiras. As tentativas deste tipo são sempre realizadas em um sentido de curiosidade e de experimentação; ora, nada é mais antipático aos Espíritos que as experiências às quais se procura submetê-los. Os Espíritos superiores não se prestam a isso jamais e vão embora assim que se deseja entrar nessa rota. Tanto se comprazem com as coisas úteis e sérias, quanto lhes repugna ocupar-se de coisas fúteis e sem objetivo. Isso se dá, dirão os incrédulos, para nos convencerem, e aquele objetivo é útil uma vez que pode ganhar adeptos para a causa dos Espíritos. A isso os Espíritos respondem: “Nossa causa não tem necessidade dos que possuem tanto orgulho para se crerem indispensáveis; nós chamamos para nós *os que nós desejamos*, e estes são muitas vezes os menores e os mais humildes. Jesus realizou os milagres que lhe pediam os escribas? E de quais homens se serviu ele para revolucionar o mundo? Caso vocês desejem convencer-se, vocês possuem outros meios que não os exercícios violentos; comecem primeiro por se submeter: não está na ordem do dia que o aluno imponha sua vontade a seu mestre.”

Resulta daí que, afora algumas exceções, o médium transfere o pensamento dos Espíritos através dos meios mecânicos que se acham à sua disposição, e que a expressão deste pensamento pode e deve mesmo, o mais das vezes, ressentir-se da imperfeição desses meios; assim, o homem inculto, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, exprimir pensamentos os mais elevados, os mais filosóficos, falando como um camponês; pois, a gente sabe disso, para os Espíritos, o pensamento domina tudo. Isto responde à objeção de certos críticos no que tange às incorreções de linguagem e de ortografia que se pudessem ter de recriminar nos Espíritos, e que podem provir do médium tanto quanto do Espírito. Constitui uma futilidade prender-se a tais coisas. E não é menos pueril prender-se à reprodução dessas incorreções com uma exatidão minuciosa, como nós vimos fazer às vezes. Pode-se, portanto, corrigi-las sem nenhum escrúpulo, a menos que sejam um sinal característico do Espírito que se comunica, caso em que será útil conservá-las como comprovação de identidade. Foi assim, por exemplo, que nós vimos um Espírito escrever constantemente *Jule* (sem *s*) ao falar a seu neto, porque, em vida, ele escrevia deste modo, conquanto o neto, que servia de médium, soubesse perfeitamente escrever seu nome.

225. A dissertação seguinte, oferecida espontaneamente por um Espírito superior¹³ que se revelou através de comunicações da mais elevada categoria, resume de maneira a mais clara e a mais completa a questão do papel dos médiuns.

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, sejam eles mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos procedimentos de comunicação com eles não variam essencialmente. De fato, nós nos comunicamos com os próprios Espíritos encarnados, como com os Espíritos propriamente ditos, através unicamente da irradiação de nosso pensamento.

“Nossos pensamentos não têm necessidade da roupagem da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem o pensamento que nós desejamos comunicar-lhes só pelo fato de que dirigimos esse pensamento a eles, e isso em função de suas faculdades intelectuais; quer dizer que tal pensamento pode ser compreendido por uns e outros, conforme seu adiantamento, ao passo que, entre terceiros, não despertando esse pensamento nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no íntimo de seu coração ou de seu cérebro, não é perceptível por eles. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais adequado para transferir o nosso pensamento para os outros encarnados, se bem que ele não o compreenda, do que poderia fazê-lo um Espírito desencarnado e pouco adiantado, caso nós fôssemos forçados a recorrer à sua intermediação, pois o ser terrestre coloca seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

“Assim, quando nós encontramos em um médium o cérebro mobiliado de conhecimentos adquiridos em sua vida atual, e seu Espírito rico de conhecimentos anteriores, latentes, adequados para facilitar nossas comunicações, nós nos servimos de preferência dele, porque com ele o fenômeno da comunicação nos é muito mais fácil do que com um médium cuja inteligência fosse limitada e cujos conhecimentos anteriores acabassem sendo insuficientes. Nós vamos fazer-nos compreender através de algumas explicações nítidas e precisas.

“Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente, de Espírito a Espírito, através de uma faculdade especial da essência do próprio Espírito. Neste caso, nós encontramos no cérebro do médium os elementos adequados a propiciar a nosso pensamento a roupagem da palavra correspondente a esse pensamento, e isto seja o médium intuitivo, semimecânico ou mecânico puro. Eis porque, qualquer que seja a diversidade dos Espíritos que se comunicam através de um médium, os ditados obtidos por ele, procedendo de Espíritos diversos, trazem um timbre de forma e de cor pessoal desse médium. Sim, se bem que o pensamento lhe seja totalmente estranho, se bem que o assunto saia do quadro no qual ele próprio se encaixa habitualmente, se bem que o que desejamos dizer não provenha de modo algum dele, ele não deixa de influenciar a forma, através das qualidades e das propriedades que se amoldaram à sua individualidade. Ocorre absolutamente como quando vocês olham diferentes panoramas com lunetas coloridas, verdes, brancas ou azuis; se bem que os panoramas ou objetos vistos estejam totalmente separados e totalmente independentes uns dos outros, eles não deixam de apresentar sempre uma tonalidade que provém da cor das lunetas. Ou melhor, comparemos os médiuns a esses bujões cheios de líquidos coloridos e transparentes que a gente vê na vitrina das farmácias. Muito bem! Nós somos como luzes que iluminamos certos panoramas morais, filosóficos e íntimos, atravessando médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem lapidados, mais ou menos transparentes, quer dizer, através de médiuns mais ou menos inteligentes, não atingem os objetos que desejamos iluminar senão tomando de

¹³ A autoria da dissertação, aqui atribuída a um *Espírito superior*, ao termo da transcrição, é outorgada a *Erasto e Timóteo*. Kardec não explica mas dá a entender que se trata de duas encarnações diferentes da mesma entidade. Se não for esta a interpretação correta, teremos de estranhar a discrepância. (Nota do tradutor.)

empréstimo a tonalidade, ou melhor, a forma própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar através de uma derradeira comparação, nós, Espíritos, somos como compositores de música que compusemos ou desejamos improvisar uma ária e não temos à mão senão um piano, um violino, uma flauta, um fagote ou um apito de dois vinténs. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino, nós executaremos nossa peça de um modo muito compreensível para nossos ouvintes; se bem que os sons provenientes do piano, do fagote ou da clarineta sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nossa composição não deixará de ser identicamente a mesma, salvo as nuances do som. Mas, se nós temos à nossa disposição tão somente um apito de dois vinténs ou um funil de aguadeiro, aqui mora nossa dificuldade.

“De fato, quando nós somos obrigados a nos servir de médiuns pouco adiantados, nosso trabalho se torna bem mais longo, bem mais penoso, porque nós somos obrigados a buscar recursos em formas incompletas, o que constitui uma complicação para nós; pois, então, nós somos forçados a decompor nossos pensamentos e a proceder palavra por palavra, letra por letra, o que se torna um aborrecimento e um cansaço para nós, e um entrave real à prontidão e ao desenvolvimento de nossas manifestações.

“Eis porque nós ficamos felizes ao encontrar médiuns bem aptos, bem aparelhados, munidos de materiais prontos para funcionar, bons instrumentos, em suma, porque, então, nosso perispírito, atuando sobre o perispírito de quem nós *medianimizamos*, não tem mais que fazer além de dar uma impulsão à mão que serve de porta-pena ou de porta-lápis; ao passo que, com médiuns menos dotados, nós somos obrigados a efetuar um trabalho análogo ao que nós realizamos quando nos comunicamos através de batidas, quer dizer, designando, letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam a tradução dos pensamentos que desejamos comunicar.

“É por estas razões que nós nos endereçamos de preferência às classes esclarecidas e instruídas, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades medianímicas de escrevente, se bem que nestas classes encontrem os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais perversos. Eis porque nós deixamos hoje em dia aos Espíritos zombeteiros e pouco adiantados o exercício das comunicação tangíveis das batidas e dos transportes, do mesmo jeito que os homens pouco sérios entre vocês preferem os fenômenos que chocam seus olhos e seus ouvidos aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

“Quando nós desejamos proceder através de ditados espontâneos, nós atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium, e reunimos nossos materiais com os elementos que ele nos fornece, e isso inteiramente à revelia dele; é como se nós pegássemos em sua bolsa as quantias que ele possa ter aí e arrumássemos as moedas conforme a ordem que nos parecesse a mais útil.

“Mas, quando o médium mesmo deseja interrogar-nos de tal ou qual maneira, seria bom que ele refletisse seriamente nisso a fim de nos questionar de um modo metódico, facilitando-nos assim nosso trabalho de resposta. Pois, conforme foi dito a você em uma mensagem anterior, seu cérebro amiúde se acha em uma desordem inextricável, e nos é tão penoso quão difícil movimentar-nos no dédalo de seus pensamentos. Quando as questões devem ser colocadas por terceiros, é bom, é útil que a série das questões seja comunicada previamente ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador, e se impregne dele, por assim dizer; porque nós mesmos teremos, então, bem mais facilidade para responder, por causa da afinidade que existe entre nosso perispírito e o do médium que nos serve de intérprete.

“Com certeza, nós podemos falar de matemáticas por meio de um médium que demonstre estar alheio a elas inteiramente, mas muitas vezes o Espírito desse médium possui esse conhecimento em estado latente, quer dizer, privativo do ser fluídico e não do ser encarnado, porque seu corpo atual é um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. Dá-se o mesmo com a astronomia, a poesia, a medicina e as diversas línguas, assim como com todos os

outros conhecimentos específicos da espécie humana. Enfim, nós possuímos ainda o meio de elaboração penosa que se usa com os médiuns completamente estranhos ao tema tratado, juntando as letras e as palavras, como na tipografia.

“Como nós dissemos, os Espíritos não precisam revestir seu pensamento; eles percebem e comunicam o pensamento unicamente pelo fato de que existe neles. Os seres corpóreos, ao contrário, não podem perceber o pensamento senão revestido. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, são necessários para sua percepção, ainda que mentalmente, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós.” (ERASTO E TIMÓTEO.)

Observação. Esta análise do papel dos médiuns e dos procedimentos com a ajuda dos quais os Espíritos se comunicam é tão clara quanto lógica. Decorre desse princípio que o Espírito haure, *não suas ideias*, mas os materiais necessários para exprimi-las no cérebro do médium, e que, quanto mais esse cérebro for rico em materiais, tanto mais a comunicação será fácil. Uma vez que o Espírito se exprime em uma língua familiar ao médium, encontra nele as palavras de todo formadas para revestir a ideia; caso seja em uma língua que lhe é estranha, ele não encontra as palavras, mas simplesmente as letras; eis porque o Espírito é obrigado a ditar, por assim dizer, letra a letra, exatamente como se nós desejássemos fazer escrever em alemão a quem não sabe uma única palavra. Caso o médium não saiba nem ler nem escrever, ele não possui nem mesmo as letras; é preciso, então, conduzir-lhe a mão, como a um estudante; e essa é uma dificuldade material ainda maior a vencer. Tais fenômenos são, portanto, possíveis e existem numerosos exemplos; mas compreende-se que esta maneira de proceder pouco se ajusta à extensão e à rapidez das comunicações, e que os Espíritos devem preferir os instrumentos mais fáceis, ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados, segundo sua ótica.

Se os que pedem estes fenômenos como meio de convicção houvessem previamente estudado a teoria, saberiam em quais condições excepcionais eles se produzem.

CAPÍTULO XX

INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM

Questões diversas. — Dissertação de um Espírito sobre a influência moral.

226. 1. Dá-se o desenvolvimento da mediunidade em função do desenvolvimento moral do médium?

“Não; a faculdade propriamente dita liga-se ao organismo; ela é independente do moral; não se dá o mesmo com a utilização dela, que pode ser mais ou menos boa, conforme as qualidades do médium.”

2. Sempre se disse que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor; por que, então, não é ela o privilégio dos homens de bem, e por que se veem pessoas indignas que dela se acham dotadas no mais alto nível e que abusam dela?

“Todas as faculdades são favores que a gente tem de agradecer a Deus, porque existem homens que se acham privados delas. Você poderia também perguntar por que Deus concede uma boa vista a malfeitores, habilidade aos ladrões, eloquência aos que se servem dela para dizer más coisas. Dá-se o mesmo com a mediunidade; pessoas indignas dela são dotadas porque precisam dela mais que as outras para se melhorarem; julga você que Deus recusa os meios de salvação aos culpados? Ele os multiplica sob seus passos; *ele os põe em suas mãos*; compete a eles tirar proveito disso. Judas, apesar de traidor, não fez milagres e não curou doentes, na qualidade de apóstolo? Deus permitiu que ele possuísse esse dom para tornar sua traição mais odiosa.”

3. Os médiuns que fazem um mau uso de suas faculdades, que não as empregam tendo em vista o bem ou que não tiram proveito delas para sua educação, sofrerão as consequências disso?

“Caso eles se utilizem mal delas, serão duplamente punidos por isso, porque eles possuem um meio a mais de se esclarecerem e porque eles não o colocam a proveito de ninguém. Quem vê claro e tropeça é mais repreensível que o cego que cai no fosso.”

4. Existem médiuns para quem são oferecidas, espontaneamente e quase continuamente, comunicações sobre um mesmo tema, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre certos defeitos determinados; tem isso um objetivo?

“Sim, e esse objetivo é o de esclarecê-los sobre o tema amiúde repetido, ou de corrigi-los de certos defeitos; eis porque a um eles falarão sem parar do orgulho, a um outro, da caridade; é apenas a saciedade que pode abrir-lhes enfim os olhos. Não existe médium desbaratando sua faculdade, por ambição ou por interesse, ou comprometendo-a por um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade etc., sem que receba, de tempos em tempos, algumas advertências da parte dos Espíritos; o mal está em que, na maioria das vezes, eles não aplicam isso a si mesmos.”

Observação. Os Espíritos põem muitas vezes cautela em suas lições; eles as ministram de um modo indireto, para deixar um mérito maior a quem sabe aplicá-las a si mesmos e tirar proveito delas: mas a cegueira e o orgulho são tais em certas pessoas que elas não se reconhecem no quadro que lhes é colocado à vista; mais ainda, caso o Espírito lhes dê a entender que é delas que se trata, se zangam e chamam o Espírito de mentiroso ou de mau-caráter. Só isso já comprova que o Espírito tem razão.

5. Nas lições que são ditadas ao médium de um modo geral e sem aplicação pessoal, não atua ele como instrumento passivo para servir à educação de outrem?

“Muitas vezes tais avisos e tais conselhos não são ditados para ele pessoalmente, mas para aqueles outros a quem nós não podemos dirigir-nos senão através desse médium, o qual, porém, deve arrecadar ali sua parte, caso não esteja engeguecido pelo amor-próprio.”

“Não creia que a faculdade medianímica tenha sido concedida para corrigir somente uma ou duas pessoas; não, o objetivo é maior: refere-se à humanidade. Um médium é um instrumento muito pouco importante como indivíduo; eis porque, quando nós fornecemos mensagens que devem aproveitar à generalidade, nós nos servimos daqueles que apresentam as facilidades necessárias; entretentes, admita como certo que chegará um tempo em que os bons médiuns serão assaz comuns, para que os bons Espíritos não tenham necessidade de se servir de maus instrumentos.”

6. Uma vez que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como entender que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas ou grosseiras?

“Conhece você todos os refolhos de sua alma? De resto, sem ser desregrado, ele pode ser leviano e frívolo; sendo assim, às vezes, também ele tem necessidade de uma lição, a fim de que se resguarde.”

7. Por que permitem os Espíritos superiores que pessoas dotadas de uma grande força como médiuns, e que poderiam beneficiar a muita gente, sejam os instrumentos do erro?

“Eles se empenham em influenciá-las; mas, quando elas se deixam seduzir em uma via ruim, eles as deixam ir. Eis porque eles se servem delas com relutância, pois *a verdade não pode ser traduzida pela mentira.*”

8. É totalmente impossível alcançar boas comunicações através de um médium imperfeito?

“Um médium imperfeito pode, às vezes, obter boas coisas, porque, caso ele possua alguma bela faculdade, bons Espíritos podem servir-se dele na falta de um outro, em uma circunstância específica; mas isso não ocorre sempre e, sim, por um certo tempo, pois, uma vez que encontrem um que melhor lhes convenha, eles lhe dão preferência.”

Observação. É preciso assinalar que, quando os bons Espíritos julgam que um médium deixa de ser bem assistido, e se torna, por suas imperfeições, presa de Espíritos enganadores, eles provocam quase sempre circunstâncias que desvendam suas dificuldades e o afastam das pessoas sérias e bem intencionadas, cuja boa-fé poderia ser destrutada. Neste caso, quaisquer que sejam suas faculdades, ele não tem de que se lastimar.

9. Qual seria o médium que se poderia dizer perfeito?

“Perfeito?! Ai de mim! Você bem sabe que a perfeição não existe na Terra; se assim não fosse, você não se encontraria aí; diga, portanto, bom médium, e isso já é muito, pois eles são raros. O médium perfeito seria aquele a quem os maus Espíritos não teriam jamais *ousado* realizar uma tentativa para enganar; o melhor é o que, afeiçoando-se tão só a bons Espíritos, foi enganado o menos possível.”

10. Se ele se afeiçoa tão só a bons Espíritos, como podem estes permitir que seja enganado?

“Os bons Espíritos o permitem, às vezes, em relação aos melhores médiuns, para lhes exercitarem o julgamento e para os ensinarem a discernir o verdadeiro do falso; e depois, por melhor que seja um médium, não é ele jamais tão perfeito que não se tenha como assediá-lo por um lado fraco qualquer; isso deve servir-lhe de lição. As falsas comunicações que recebe de tempos em tempos constituem advertências para que não se creia infalível e não se ensoberbeça, pois o médium que obtém as coisas mais notáveis não tem de que se glorificar mais que o tocador de realejo que produz belas árias ao girar a manivela de seu instrumento.”

11. Quais são as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue livre de qualquer alteração?

“Desejar o bem; expulsar o *egoísmo* e o *orgulho*: uma e outra constituem condições necessárias.”

12. Se a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura senão em condições difíceis de encontrar, não constitui isso um obstáculo à propagação da verdade?

“Não, pois a luz chega sempre a quem deseja recebê-la. Qualquer um que queira esclarecer-se deve fugir das trevas, e as trevas se acham na impureza do coração.

“Os Espíritos que você considera como a personificação do bem não acorrem em absoluto de boa vontade ao apelo daqueles cujo coração se ache maculado pelo orgulho, pela cupidez e pela ausência de caridade.

“Que aqueles que queiram esclarecer-se se despojem, portanto, de toda vaidade humana e humilhem sua razão diante do poder infinito do Criador, o que constituirá a melhor prova de sua sinceridade; e esta condição cada qual é capaz de preencher.”

227. Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce ele, sob o aspecto moral, uma enorme influência. Uma vez que, para comunicar-se, o Espírito alheio se identifica com o Espírito do médium, tal identificação tão só pode ocorrer enquanto existir entre eles simpatia e, se se pode dizer, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito alheio uma espécie de atração ou de repulsão, conforme o grau de sua semelhança ou de sua dessemelhança.

Ora, os bons possuem afinidade com os bons e os maus, com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem uma influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Caso ele seja vicioso, os Espíritos inferiores vêm agrupar-se em torno dele e ficam sempre de prontidão para assumir o lugar dos bons Espíritos que foram evocados. As qualidades que atraem de preferência os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais; os defeitos que os repelem são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões através das quais o homem se afeiçoa à matéria.

228. Todas as imperfeições morais constituem outras tantas portas abertas que fornecem acesso aos maus Espíritos; mas a que eles exploram com mais habilidade é o orgulho, porque é esta a que se confessa menos a si mesmo; o orgulho perdeu numerosos médiuns dotados das mais belas faculdades, os quais, sem isso, poderiam ter sido elementos extraordinários e muito úteis; ao passo que, tornando-se presa de Espíritos mentirosos, suas faculdades primeiro foram sendo pervertidas e depois aniquiladas, e mais de um se viu humilhado pelas mais amargas decepções.

O orgulho se traduz nos médiuns através de sinais inequívocos, para os quais é tanto mais necessário chamar a atenção, quanto é ele um dos defeitos que mais devem inspirar a desconfiança a respeito da veracidade de suas comunicações. Trata-se, de início, de uma confiança cega na superioridade dessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que as oferece a eles; daqui um certo desdém por tudo o que não provém deles, pois se creem com o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes com que se adornam os Espíritos que são seus supostos protetores os maravilha, e, como seu amor-próprio sofreria por confessar que eles foram ludibriados, rejeitam toda espécie de conselhos; eles os evitam mesmo afastando-se de seus amigos e de qualquer um que pudesse abrir-lhes os olhos; caso tenham a condescendência de ouvi-los, não levam em nenhuma conta seus avisos, pois duvidar da superioridade de seu Espírito é quase uma profanação. Eles se ofendem com a menor contestação, com uma simples observação crítica, e chegam, às vezes, até a odiar as próprias pessoas que colaboraram com eles. Objetivando este isolamento provocado pelos Espíritos que não desejam ter opositores, esses Espíritos diligenciam uma atividade inútil para os entreter em suas ilusões; por isso eles os fazem facilmente aceitar os maiores absurdos como coisas sublimes. Assim, confiança absoluta na superioridade daquilo que eles obtêm, menosprezo por aquilo que não provém deles, importância irrefletida atribuída aos grandes nomes, rejeição de conselhos, tomada no mau sentido de toda crítica, afastamento dos que podem oferecer-lhes pareceres desinteressados, crença em sua habilidade malgrado sua falta de experiência; tais são as características dos médiuns orgulhosos.

É preciso convir também que o orgulho amiúde é excitado no médium pelos que o cercam. Caso possua faculdades um pouco transcendentais, ele é requisitado e lisonjeado; ele se crê indispensável e logo afeta ares de arrogância e de desdém, quando está oferecendo sua cooperação. Nós tivemos mais de uma vez ocasião de lastimar os elogios que nós havíamos proporcionado a certos médiuns, no intuito de encorajá-los.

229. Ao lado disso, passemos em revista o quadro do médium verdadeiramente bom, aquele em que se pode depositar confiança. Nós imaginamos, de início, uma facilidade de execução assaz grande para permitir aos Espíritos que se comuniquem livremente e sem serem obstados por nenhuma dificuldade material. Configurado este ponto, o que mais importa considerar é a natureza dos Espíritos que vêm assisti-lo habitualmente, e para isso não é no nome que é preciso deter-se, mas na linguagem. O médium não deve jamais perder de vista que as simpatias que ele alcançará entre os bons Espíritos serão motivadas pelo que ele fizer para afastar os maus. Persuadido de que sua faculdade é um dom que lhe foi outorgado para o bem, não buscará absolutamente prevalecer-se dela, nem se arrogará nenhum mérito por isso. Ele aceita as

boas comunicações que lhe são oferecidas como uma graça, para a qual tem de se esforçar para tornar-se digno, através de sua bondade, de sua benevolência e sua modéstia. Aquele outro se orgulha das relações com os Espíritos superiores; este se humilha, porque se julga sempre abaixo desse favor.

230. A mensagem seguinte nos foi oferecida a respeito deste assunto por um Espírito de quem já transcrevemos várias comunicações:

“Nós já o dissemos: os médiuns, enquanto médiuns, não apresentam senão uma influência secundária nas comunicações dos Espíritos. Sua função é a de u’*a* máquina elétrica que transmite os despachos telegráficos de um ponto distante a outro ponto distante da Terra. Assim, quando nós desejamos ditar uma comunicação, nós atuamos sobre o médium como o empregado do telégrafo sobre seu aparelho; quer dizer, do mesmo jeito que o *taque-taque* do telégrafo desenha, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais que reproduzem o despacho, também nós comunicamos, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo encarnado, o que desejamos ensinar-lhes por meio do aparelho medianímico. Mas também, do mesmo jeito que as influências atmosféricas tantas vezes atuam e perturbam as transmissões do telégrafo elétrico, a influência moral do médium atua e perturba, às vezes, a transmissão de nossos despachos de além-túmulo, porque nós somos obrigados a fazê-los passar por um ambiente que lhes é contrário. No entanto, o mais das vezes tal influência é anulada por nossa energia e por nossa vontade e nenhum fato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de um alto alcance filosófico, as comunicações de uma perfeita moralidade são transmitidos, às vezes, através de médiuns pouco aptos a esses ensinamentos superiores; ao passo que, por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam também, às vezes, através de médiuns de todo envergonhados por lhes haverem servido de transmissores.

“Como tese geral, pode-se afirmar que os Espíritos semelhantes chamam por Espíritos semelhantes, e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam através de aparelhos maus transmissores, quando têm às mão bons aparelhos medianímicos, bons médiuns, em suma.

“Os médiuns levianos e pouco sérios chamam, assim, Espíritos de mesma natureza; eis porque suas comunicações estão marcadas pelas banalidades, pelas frivolidades, pelas ideias sem sequência e muitas vezes por demais heterodoxas, falando do ponto de vista espírita. Com certeza, eles podem dizer e dizem, às vezes, boas coisas; mas é neste caso sobretudo que é preciso realizar um exame severo e escrupuloso, pois, ao invés dessas boas coisas, certos Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e com uma perfídia calculada, fatos urdidos, asserções mentirosas, a fim de burlar a boa-fé de seus ouvintes. Deve-se, então, podar sem piedade toda palavra, toda frase equívoca, e só conservar do ditado o que a lógica admite ou o que a doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza são de temer apenas para os espíritas isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos, pois, nos grupos onde os adeptos estão mais adiantados e adquiriram experiência, a gralha inutilmente se veste com plumas de pavão: ela é sempre impiedosamente escorraçada.

“Eu não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e em ouvir comunicações obscenas. Deixemo-los comprazerem-se na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, as comunicações desta ordem requisitam por si mesmas a solidão e o isolamento; elas conseguiriam, em qualquer caso, tão somente provocar o desdém e a repulsa entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Mas onde a influência moral do médium se faz realmente sentir é quando este substitui por suas ideias pessoais as que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir; é quando ele haure em sua imaginação teorias fantásticas que ele mesmo crê, de boa-fé, resultar de uma comunicação intuitiva. Então, amiúde existem mil que apostam contra um que isso constitui

apenas o reflexo do Espírito pessoal do médium; ocorre mesmo este fato curioso: é que a mão do médium se move, às vezes, quase mecanicamente, porque está sendo impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É contra essa pedra de toque que vêm quebrar-se as imaginações ardentes; pois, empolgados pela fogueira de suas próprias ideias, pelo ouro de seu conhecimentos literários, os médiuns menosprezam o modesto ditado de um Espírito sábio e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. É contra este escolho temível que vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, por falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como obras daqueles mesmos Espíritos. Eis aqui porque é preciso que os dirigentes dos grupos espíritas estejam providos de um tato primoroso e de uma rara sagacidade para discernir as comunicações autênticas das que não são, e para não ferir os que se iludem a si mesmos.

“Na dúvida, abstenha-se, diz um de seus antigos provérbios; admitam, pois, apenas o que lhes for de uma evidência absoluta. Quando uma nova doutrina ganha a luz do dia, por pouco que ela lhes pareça suspeita, passem-na pelo laminador da razão e da lógica; o que a razão e o bom senso reprovam, rejeitem ousadamente; mais vale rechaçar dez verdades que admitir uma única mentira, uma única teoria falsa. De fato, sobre esta teoria vocês poderiam edificar todo um sistema que ruiria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento construído sobre areia movediça, ao passo que, caso vocês rejeitem hoje certas verdades, porque elas não lhes foram demonstradas lógica e claramente, logo sucederá um fato bruto ou uma demonstração irrefutável para comprovar-lhes a autenticidade delas.

“Lembrem-se, não obstante, ó espíritas, de que não existe nada de impossível para Deus e para os bons Espíritos, a não ser a injustiça e a iniquidade!

“O espiritismo se acha assaz difundido agora entre os homens, e moralizou os adeptos sinceros de sua santa doutrina, em quantidade suficiente para que os Espíritos não sejam mais forçados a empregar maus instrumentos, médiuns imperfeitos. Caso agora um médium, quem quer que seja ele, ofereça, através de sua conduta ou de seus costumes, através de seu orgulho, através de sua falta de amor e de caridade, uma legítima razão de suspeita, rechacem, rechacem suas comunicações, porque existe uma serpente escondida na grama. Eis aqui minha conclusão sobre a influência moral dos médiuns.” (ERASTO.)

CAPÍTULO XXI

INFLUÊNCIA DO MEIO AMBIENTE

231. 1. Exerce o meio ambiente no qual se encontra o médium influência sobre as manifestações?

“Todos os Espíritos que cercam o médium o ajudam no bem como no mal.”

2. Não conseguem os Espíritos superiores triunfar da má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

“Sim, quando eles o julgam útil, e conforme a intenção da pessoa que se dirige a eles. Nós já o dissemos: os Espíritos mais elevados podem, às vezes, comunicar-se por um favor especial, malgrado a imperfeição do médium e do meio ambiente, mas então os que estão ali permanecem completamente alheios.”

3. Procuram os Espíritos superiores trazer os grupos fúteis a ideias mais sérias?

“Os Espíritos superiores não vão até os grupos onde eles sabem que sua presença é inútil. Aos meios pouco instruídos, mas onde existe sinceridade, nós vamos de bom grado, mesmo quando ali encontramos apenas instrumentos medíocres; mas aos meios instruídos onde domina a ironia, nós não vamos. Aqui, é preciso falar aos olhos e aos ouvidos: é o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. É bom que as pessoas que se jactam de sua ciência sejam humilhadas pelos Espíritos menos científicos e menos adiantados.”

4. É vedado aos Espíritos inferiores o ingresso às reuniões sérias?

“Não, eles ali ficam às vezes, a fim de aproveitar os ensinamentos que são proporcionados a vocês: mas eles se calam *como os tolos em uma assembleia de sábios.*”

232. Seria um erro acreditar em que precisa ser médium para atrair a si os seres do mundo invisível. O espaço se acha povoado por eles; nós os temos sem cessar em torno de nós, às nossas ilhargas; eles nos veem, nos observam, se misturam em nossas reuniões; eles nos seguem ou fogem de nós conforme nós os atraímos ou rechaçamos. A faculdade medianímica não interfere em nada disso: ela constitui apenas um meio de comunicação. De acordo com o que vimos a respeito das causas de simpatia e de antipatia dos Espíritos, compreender-se-á facilmente que devemos estar rodeados dos que apresentam afinidade com nosso próprio Espírito, conforme seja ele elevado ou degradado. Consideremos agora o estado moral de nosso globo, e compreender-se-á qual é o tipo de Espíritos que tem de predominar entre os Espíritos errantes. Se nós pegarmos cada povo em particular, poderemos julgar, através do caráter dominante nos habitantes, de suas preocupações, de seus sentimentos mais ou menos morais e *humanitários*, as ordens de Espíritos que aqui se estabelecem de preferência.

Partindo deste princípio, suponhamos um grupo de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres. Quais serão os Espíritos que aí se encontrarão de preferência? Não serão com certeza Espíritos superiores, como não seriam nossos sábios e nossos filósofos que iriam passar ali seu tempo. Assim, todas as vezes que os homens se reúnem, suscitam uma reunião oculta que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, e isto *abstração feita de todo pensamento de evocação*. Admitamos agora que eles tenham a possibilidade de conversar com os seres do mundo invisível através de um intérprete, quer dizer, através de um médium; quais são os que vão responder a seu apelo? Evidentemente, os que ali estão, preparadíssimos, e que procuram apenas uma ocasião para se comunicar. Caso, em uma assembleia fútil, se chame um Espírito superior, ele poderá vir e mesmo dar a ouvir algumas palavras razoáveis, como um bom pastor vem ao meio de suas ovelhas desgarradas; mas, no momento em que não se vê nem compreendido nem ouvido, ele se vai, como vocês mesmos o fariam no lugar dele, e os demais recebem carta branca.

233. Nem sempre basta que uma assembleia seja séria para obter comunicações de uma categoria elevada; existem pessoas que não sorriem nunca e cujo coração não é mais puro por causa disso; ora, é o coração sobretudo que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral obsta as comunicações espíritas; mas, caso se esteja em más condições, a gente conversa com seus semelhantes, que não perdem a ocasião para nos enganar e afagam com frequência nossos preconceitos.

Vê-se por aí a enorme influência do meio ambiente sobre a natureza das manifestações inteligentes; mas esta influência não se exerce em absoluto como pretenderam algumas pessoas,

quando não se conhecia ainda o mundo dos Espíritos como se conhece hoje em dia, e antes que as experiências mais conclusivas tivessem vindo esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos presentes, isto não se dá absolutamente porque tal opinião se refletiu no Espírito do médium como em um espelho; dá-se porque vocês trazem consigo Espíritos que lhes são simpáticos para o bem como para o mal, e que concordam com suas ideias; e o que comprova isso é que, caso vocês possuam a força de atrair para si outros Espíritos que não os que os rodeiam, aquele mesmo médium vai apresentar-lhes uma linguagem toda diferente, e dizer-lhes as coisas mais distantes de seu pensamento e de suas convicções. Em resumo, as condições do meio ambiente serão tanto melhores quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de se instruir, sem segunda intenção.

CAPÍTULO XXII

DA MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS

Dissertação de um Espírito sobre esta questão.

234. Podem os animais ser médiuns? Eis uma questão que muitas vezes se propõe, e certos fatos pareceriam responder a ela afirmativamente. O que pode, sobretudo, ter firmado tal opinião são os indícios notáveis de inteligência de alguns pássaros adestrados que parecem adivinhar o pensamento, tirando de um maço de cartas as que podem trazer a resposta exata a uma questão proposta. Nós observamos essas experiências com um cuidado todo particular, e o que mais admiramos foi a arte que se precisou desenvolver para o amestramento desses pássaros. Não se pode, sem dúvida, recusar-lhes uma certa dose de inteligência relativa, mas seria preciso convir que, nesta circunstância, sua perspicácia ultrapassaria de muito a do homem, pois não existe ninguém que possa ufanar-se de fazer o que eles fazem; seria mesmo preciso, para certas experiências, imaginar-lhes um dom de segunda vista superior ao dos sonâmbulos mais clarividentes. De fato, sabe-se que a lucidez é essencialmente variável e que está sujeita a frequentes intermitências, ao passo que, entre esses pássaros, ela seria permanente e funcionaria em boa hora com uma regularidade e uma precisão que não se vê em nenhum sonâmbulo; em suma, ela não lhes falharia nunca. As experiências que acompanhamos, em sua maioria, são da natureza das que realizam os prestidigitadores, e não podiam deixar-nos em dúvida quanto aos empregos de alguns de seus artifícios, notadamente o das cartas falsas. A arte da prestidigitação consiste em dissimular os artifícios, sem o que o efeito não teria mais graça. O fenômeno, mesmo reduzido a tal proporção, não é menos interessante, e resta sempre para admirar o talento do instrutor tanto quanto a inteligência do aluno, pois a dificuldade a vencer é bem maior do que se o pássaro atuasse apenas em virtude de suas próprias faculdades; ora, mandá-lo fazer coisas que ultrapassam o limite do possível para a inteligência humana é comprovar, *ipso facto*, o emprego de

um procedimento secreto. Existe, aliás, um fato constante: é que os pássaros chegam a esse nível de habilidade somente ao cabo de um certo tempo, e com a ajuda de cuidados particulares e persistentes, o que não seria em absoluto necessário, caso sua inteligência fizesse tudo isso sozinha. Não é mais extraordinário adestrá-los a tirar cartas que habituá-los a repetir árias ou palavras.

Deu-se o mesmo quando a prestidigitação pretendeu imitar a segunda vista; mandava-se a pessoa exagerar para que a ilusão fosse de longa duração. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão desse tipo, nós não vimos ali senão u'a imitação muito imperfeita do sonambulismo, revelando a ignorância das condições mais essenciais dessa faculdade.

235. Quaisquer que sejam as experiências acima, a questão principal não deixa de permanecer inteira de um outro ponto de vista, pois, da mesma forma que a imitação do sonambulismo não impede a faculdade de existir, a imitação da mediunidade por meio dos pássaros não comprovaria nada contra a possibilidade de uma faculdade análoga neles ou em outros animais. Trata-se, portanto, de saber se os animais estão aptos, como os homens, para servir de intermediários aos Espíritos para suas comunicações inteligentes. Parece mesmo assaz lógico imaginar que um ser vivo, dotado de uma certa dose de inteligência, seja mais apropriado para tal efeito que um corpo inerte, sem vitalidade, como u'a mesa, por exemplo; entretanto, isso é o que não acontece.

236. A questão da mediunidade dos animais se acha completamente resolvida na dissertação seguinte oferecida por um Espírito cuja profundidade e cuja sagacidade puderam apreciar-se através das citações que nós já tivemos ocasião de fazer. Para bem assimilar o valor de sua demonstração, é essencial reportar-se à explicação que ele forneceu do papel do médium nas comunicações, e que nós reproduzimos acima. (N.º 225.)

Esta comunicação foi dada logo após uma discussão ocorrida sobre este assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos:

“Eu trato hoje da questão da mediunidade dos animais levantada e sustentada por um de seus mais fervorosos adeptos. Ele pretende, em virtude deste axioma: *Quem pode o mais pode o menos*, que nós podemos medianimizar os pássaros e outros animais, e servir-nos deles em nossas comunicações com a espécie humana. Trata-se do que vocês chamam em filosofia, ou, antes, em lógica, pura e simplesmente um sofisma: ‘Vocês animam, diz ele, a matéria inerte, quer dizer, u'a mesa, uma cadeira, um piano; com mais razão, vocês devem animar a matéria já animada, notadamente a dos pássaros.’ Muito bem! No estado normal do espiritismo, isso não acontece, isso não pode acontecer.

“De início, vamos estabelecer bem os fatos. Que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se com facilidade com os homens: Espíritos encarnados. Por consequência, sem médium, nada de comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, nem de qualquer tipo que seja.

“Existe um princípio, eu estou seguro quanto a isso, que é admitido por todos os espíritos: é que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos que não os encarnados ou não? É preciso repeti-lo a vocês sem parar? Muito bem! Eu o repetirei a vocês: seu perispírito e o nosso são hauridos no mesmo meio ambiente, são de uma natureza idêntica, são semelhantes, em suma; eles possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de imantação mais ou menos vigorosa, que nos permite, Espíritos e encarnados, colocar-nos muito depressa e muito facilmente em contato. Enfim, o que pertence propriamente aos médiuns, o que constitui a essência mesma de sua individualidade, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão peculiar as quais anulam neles toda refração e estabelecem entre eles e nós um tipo de corrente, um tipo

de fusão que facilita nossas comunicações. É, de resto, essa refração da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade na maioria dos que não são médiuns.

“Os homens são levados sempre a tudo exagerar; uns, eu não falo aqui dos materialistas, recusam uma alma aos animais, e outros desejam conceder-lhes uma, por assim dizer, parecida com a nossa. Por que desejar assim confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não. Convençam-se disto: o fogo que anima as feras, o sopro que as faz agir, mover-se e falar em sua linguagem, não apresentam, no presente momento, nenhuma propensão para se misturar, para se unir, para se fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito, em suma, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, este rei da criação. Ora, não é isso que dá a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres, ou seja, essa condição essencial da perfectibilidade? Muito bem! Reconheçam, portanto, que não se pode assemelhar ao homem, único perfectível em si mesmo e em suas obras, nenhum indivíduo das outras raças viventes sobre a Terra.

“É o cão, cuja inteligência superior entre os animais o tornou amigo e comensal do homem, perfectível por sua autoridade e por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria sustentá-lo, pois o cão não faz progredir o cão; e aquele dentre eles que é o mais adestrado é sempre adestrado por seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra constrói sempre sua palhoça sobre as águas, mantendo as mesmas proporções e seguindo uma regra invariável; os rouxinóis e as andorinhas não construíram jamais seus ninhos de modo diferente de como seus pais os construíam. Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais da época moderna, é sempre um ninho de pardais, fabricado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento de talos de ervas e de gravetos recolhidos na primavera, à época dos amores. As abelhas e as formigas, essas pequenas repúblicas organizadas, não variaram jamais em seus hábitos de abastecimento, em seus procedimentos, em seus costumes, em suas produções. Enfim, a aranha tece sempre sua teia da mesma forma.

“Por outro lado, caso vocês busquem as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras idades da Terra, vocês encontrarão em seu lugar os palácios e os castelos da civilização moderna; às roupas de peles brutas sucederam os tecidos de ouro e de seda; enfim, a cada passo, vocês acharão a prova desta marcha incessante da humanidade para o progresso.

“Desse progresso constante, invencível, irrecusável da espécie humana, e desse estacionamento indefinido das outras espécies animadas, concluam comigo que, se existem princípios comuns ao que vive e ao que se move na Terra: o sopro e a matéria, não é menos verdadeiro que unicamente vocês, Espíritos encarnados, se submetem a esta inevitável lei do progresso que os impele fatalmente para a frente, e sempre para a frente. Deus colocou os animais ao lado de vocês como auxiliares, para os nutrirem, para os vestirem e para os secundarem. Ele concedeu a eles uma certa dose de inteligência, porque, para ajudá-los, eles precisavam compreender, e adaptou a inteligência deles aos serviços que são chamados a executar; mas, em sua sabedoria, ele não quis que ficassem submetidos à mesma lei do progresso; tais eles foram criados, tais eles permanecem e permanecerão até a extinção de suas raças.

“Afirmou-se: os Espíritos medianimizam e fazem que se movam a matéria inerte, as cadeiras, as mesas, os pianos; fazem que se movam, sim, mas não medianimizam, não! Pois, ainda uma vez, sem médium, nenhum desses fenômenos pode produzir-se. Que existe de extraordinário em que, com a ajuda de um ou de vários médiuns, nós façamos que se mova a matéria inerte, passiva, que, justamente em razão de sua passividade, de sua inércia, se acha apta a sofrer os movimentos e as impulsões que desejamos imprimir-lhe? Para isso nós temos necessidade de médiuns, é certo; mas não é necessário que o médium esteja presente ou *consciente*, pois nós podemos atuar com os elementos que ele nos fornece, à sua revelia e estando ele ausente, sobretudo nos efeitos de tangibilidade e de transportes. Nosso invólucro fluídico, mais

imponderável e mais sutil que o mais sutil e o mais imponderável de seus gases, unindo-se, associando-se, combinando-se com o invólucro fluídico, contudo, *animalizado* do médium, e cuja propriedade de expansão e de penetrabilidade é imperceptível por seus sentidos grosseiros, e quase inexplicável para vocês, permite-nos mover os móveis e mesmo arrebatá-los em cômodos desertos.

“Certamente, os Espíritos são capazes de se tornar visíveis e tangíveis para os animais, e com frequência o pavor súbito que eles experimentam, e que não lhes parece motivado, é causado pela vista de um ou de muitos desses Espíritos mal intencionados quanto aos indivíduos presentes ou quanto àqueles a quem pertencem os animais. Muitíssimas vezes, vocês percebem cavalos que não querem nem avançar nem recuar, ou que se empinam diante de um obstáculo imaginário. Muito bem! Tenham como certo que o obstáculo imaginário amiúde é um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedi-los de avançar. Lembrem-se da jumenta de Balaão, que, vendo um anjo diante dela e temendo sua espada flamejante, se obstinava em não se mexer; é que, antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo desejou tornar-se visível unicamente para o animal; mas, eu o repito, nós não medianimizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte; é preciso que tenhamos sempre o concurso *consciente* ou *inconsciente* de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, que não encontramos nem nos animais, nem na matéria bruta.

“O Senhor T., afirma-se, magnetizou seu cão; que conseguiu com isso? Ele o matou; pois esse infeliz animal morreu após cair em uma espécie de atonia, de langor, consequência de sua magnetização. De fato, ao inundá-lo de fluido haurido em uma essência superior à essência particular da natureza dele, o homem o prostrou e agiu sobre ele, conquanto com maior lentidão, à maneira de um raio. Então, como não existe nenhuma assimilação possível entre nosso perispírito e o invólucro fluídico dos animais propriamente ditos, nós os prostraríamos imediatamente ao medianimizá-los.

“Estabelecido este ponto, eu reconheço perfeitamente que, entre os animais, existem aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões idênticas às paixões e aos sentimentos humanos se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme a gente aja bem ou mal para com eles. É que Deus, que não realiza nada de incompleto, concedeu aos animais, companheiros ou serviçais do homem, qualidades de sociabilidade que faltam inteiramente nos animais selvagens que habitam os ermos. Mas daí a poderem servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos existe um abismo: a diferença das naturezas.

“Vocês sabem que nós haurimos no cérebro do médium os elementos necessários para dar a nosso pensamento uma forma sensível e perceptível por vocês; é com a ajuda dos materiais que ele possui que o médium traduz nosso pensamento para a linguagem comum. Muito bem! Quais elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Existem ali palavras, algarismos, letras, quaisquer sinais similares aos que existem no homem, mesmo no menos inteligente? No entanto, dirão vocês, os animais compreendem o pensamento do homem, eles até o adivinham: sim, os animais adestrados compreendem certos pensamentos, mas vocês os viram alguma vez reproduzi-los? Não; concluem, portanto, que os animais não podem servir-nos de intérpretes.

“Para resumir: os fatos medianímicos não podem manifestar-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e é apenas entre os encarnados, Espíritos como nós, que podemos encontrar os que são capazes de servir-nos de médiuns. Quanto a adestrar cães, pássaros ou outros animais, para realizarem tais ou quais exercícios, é serviço seu e não nosso.” (ERASTO.)

Nota. Encontrar-se-á, na *Revista Espírita* de setembro de 1861, o detalhamento de um processo empregado pelos adestradores de pássaros sabidos, para fazê-los retirar de um maço as cartas desejadas.

CAPÍTULO XXIII

DA OBSESSÃO

Obsessão simples. — Fascinação. — Subjugação. — Causas da obsessão. — Meios de combatê-la.

237. Entre os obstáculos que apresenta a prática do espiritismo, é preciso pôr em primeiro lugar a *obsessão*, quer dizer, o império que alguns Espíritos podem exercer sobre certas pessoas. A obsessão só acontece através dos Espíritos inferiores que buscam dominar; os bons Espíritos não provocam nenhum constrangimento; eles aconselham, combatem a influência dos maus, e, caso não sejam ouvidos, se retiram. Os maus, ao contrário, se apegam àqueles nos quais encontram uma vítima; caso cheguem a exercer domínio sobre qualquer um, eles se identificam com o próprio Espírito da pessoa e a conduzem como a uma verdadeira criança.

A obsessão apresenta características diversas que se é muito importante distinguir, e que resultam do nível do constrangimento e da natureza dos efeitos que ela produz. A palavra *obsessão* é, de qualquer modo, um termo genérico através do qual se designa este tipo de fenômeno, cujas principais variedades são: a *obsessão simples*, a *fascinação* e a *subjugação*.

238. A *obsessão simples* ocorre quando um Espírito maléfico se impõe a um médium, se imiscui, à revelia dele, nas comunicações que recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e substitui os que se evocam.

Não se está obsedado só porque se foi enganado por um Espírito mentiroso; o melhor médium está exposto a isso, sobretudo no começo, quando lhe falta ainda a experiência necessária, da mesma forma que, entre nós, as pessoas mais honestas podem ser ludibriadas por velhacos. Pode-se, assim, ser enganado sem ficar obsedado; a obsessão reside na tenacidade do Espírito do qual não se tem como desembaraçar-se.

Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que mantém um acordo com um Espírito enganador, e este nem por isso se esconde; ele não dissimula absolutamente suas más intenções e seu desejo de contrariar. O médium reconhece sem esforço a trapaça e, como se mantém prevenido, é raramente enganado. Logo, este tipo de obsessão é tão somente desagradável e não apresenta outro inconveniente senão o de opor um obstáculo às comunicações que a gente desejaria estabelecer com os Espíritos sérios ou com aqueles de nossa estima.

Podem-se alinhar nesta categoria os casos de *obsessão física*, quer dizer, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de certos Espíritos que fazem ouvir espontaneamente batidas ou outros barulhos. Nós remetemos, para este fenômeno, ao capítulo *Manifestações físicas espontâneas*. (N.º 82.)

239. A *fascinação* apresenta consequências muito mais graves. Constitui uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium, a qual paralisa de algum modo seu critério de julgamento em relação às comunicações. O médium fascinado não crê estar sendo enganado: o Espírito possui a arte de lhe inspirar uma confiança cega que o impede de perceber a prestidigitação e de compreender o absurdo do que escreve, até quando este salta aos olhos de todo o mundo; a ilusão pode mesmo crescer até forçá-lo a ver sublimidade na linguagem mais ridícula. Erraria quem pensasse que este tipo de obsessão é capaz de alcançar apenas as pessoas simples, ignorantes e desprovidas de critério de julgamento; os homens mais espirituais, os mais instruídos e os mais inteligentes em outros aspectos, não estão mais que eles isentos dela, o que comprova que esta aberração constitui o efeito de uma causa alheia cuja influência sofre.

Nós afirmamos que os efeitos da fascinação são muito mais graves; de fato, graças à ilusão que resulta dela, o Espírito conduz aquele que chegou a submeter como o faria a um cego; ele é capaz de fazê-lo aceitar as doutrinas mais bizarras, as teorias mais falsas, como sendo a única expressão da verdade; bem mais que isso, consegue incitá-lo a tomar atitudes ridículas, comprometedoras e mesmo perigosas.

Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem estes dois efeitos devem diferir quanto ao caráter. Na primeira, o Espírito que se apega a vocês não é senão um ser importuno por sua tenacidade, e do qual se fica impaciente para se desembaraçar. Na segunda, é toda uma outra coisa; para chegar a tais resultados, é preciso um Espírito esperto, ladino e profundamente hipócrita, pois ele não consegue substituir o outro e fazer-se aceitar sem a ajuda da máscara que sabe compor e de um falso semblante de virtude; as importantes palavras: caridade, humildade e amor de Deus, constituem para ele cartas de crédito; mas, através de tudo isso, ele deixa transparecer os sinais de inferioridade que precisa ser *fascinado* para não perceber; por isso, teme, acima de tudo, as pessoas que veem muitíssimo claro; eis porque sua tática é quase sempre inspirar em seu intérprete o afastamento de quem quer que possa abrir-lhe os olhos; por esse meio, evitando toda controvérsia, adquire a certeza de ter sempre razão.

240. A *subjugação* constitui um constrangimento que paralisa a vontade daquele que a sofre, e a faz agir malgrado seu. Ele fica, em suma, sob um verdadeiro *jugo*.

A subjugação pode ser *moral* ou *corpórea*. No primeiro caso, o subjugado é induzido a tomar deliberações amiúde absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele crê sensatas: trata-se de um tipo de fascinação. No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários. Ela se traduz, no médium escrevente, por uma necessidade incessante de escrever, mesmo nos momentos mais inoportunos. Nós vimos alguns que, por falta de pena ou de lápis, simulavam escrever com o dedo, por toda a parte onde se encontrassem, mesmo nas ruas, nas portas e nas paredes.

A subjugação corpórea às vezes vai mais longe: ela consegue incitar aos atos mais ridículos. Nós conhecemos um homem, que não era nem jovem nem belo, sob o domínio de uma obsessão desta natureza, ser constrangido por uma força irresistível a se pôr de joelhos diante de uma jovencinha, por quem ele não tinha nenhum interesse, e a pedi-la em casamento. Outras vezes, ele sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica que o forçava, malgrado a vontade que opunha a ela, a se pôr de joelhos e a beijar a terra nos locais públicos e na presença do povo. Esse homem passava por louco entre seus conhecidos; mas quanto a nós, nós estamos convencidos de que ele absolutamente não era louco, pois tinha plena consciência do ridículo do que realizava contra sua vontade, e sofria horrivelmente com isso.

241. Dava-se outrora o nome de *possessão* ao papel exercido pelos maus Espíritos, quando sua influência ia até à aberração das faculdades. Possessão seria, para nós, sinônimo de

subjugação. Se nós não adotamos esse termo, é por dois motivos: o primeiro, porque ele implica a crença nos seres criados para o mal e perpetuamente votados ao mal, ao passo que não existem senão seres mais ou menos imperfeitos, sendo todos capazes de melhorar. O segundo, porque implica igualmente a ideia de tomada de posse do corpo por um Espírito alheio, em uma espécie de coabitação, ao passo que existe apenas constrangimento. A palavra *subjugação* expressa perfeitamente o pensamento. Assim, para nós, não existem *possessos*, no sentido popular da palavra; existem apenas *obsedados*, *subjugados* e *fascinados*.

242. A obsessão, como nós afirmamos, constitui um dos maiores obstáculos da mediunidade, sendo também um dos mais frequentes; por isso, nenhum cuidado seria demais para combatê-la, pois, além dos inconvenientes pessoais que podem resultar dela, constitui um obstáculo absoluto à gentileza e à veracidade das comunicações. A obsessão, em qualquer nível que seja, sendo sempre o efeito de um constrangimento e não podendo esse constrangimento ser exercido por um bom Espírito, resulta daí que toda comunicação oferecida através de um médium obsedado é de origem suspeita e não merece nenhuma confiança. Se, por vezes, se acha nela algo bom, é preciso conservá-lo e rejeitar tudo o que é simplesmente duvidoso.

243. Reconhece-se a obsessão pelas características seguintes:

- 1.^a) Persistência de um Espírito em se comunicar bom grado ou mau grado, através da escrita, da audição, da tiptologia etc., opondo-se a que outros Espíritos possam fazê-lo;
- 2.^a) Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações que recebe;
- 3.^a) Crença na infalibilidade e na identidade perfeita dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem coisas falsas ou absurdas;
- 4.^a) Confiança do médium nos elogios que lhe proporcionam os Espíritos que se comunicam com ele;
- 5.^a) Disposição de se afastar das pessoas que podem dar-lhe conselhos úteis;
- 6.^a) Tomada em mau sentido da crítica a respeito das comunicações que se recebem;
- 7.^a) Necessidade constante e inoportuna de escrever;
- 8.^a) Constrangimento físico qualquer dominando a vontade e forçando a agir ou a falar à revelia;
- 9.^a) Barulhos e badernas persistentes, em torno de si, e cuja causa ou alvo seja ele próprio.

244. Diante do perigo da obsessão, a gente se pergunta se não é uma coisa desagradável ser médium; se não é esta faculdade que provoca a obsessão; em suma, se não se acha aí uma comprovação da inconveniência das comunicações espíritas. Nossa resposta é fácil e nós rogamos que se medite nisto com cuidado.

Não foram nem os médiuns nem os espíritas que criaram os Espíritos, mas sim os Espíritos que fizeram que existissem espíritas e médiuns: não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, existem, pois, Espíritos desde que existem homens e, por consequência, durante todo o tempo, eles exerceram sua influência salutar ou perniciosa sobre a humanidade. A faculdade medianímica é para eles apenas um meio de se manifestar; na falta dessa faculdade, eles o fazem por mil outras maneiras mais ou menos ocultas. Seria, portanto, um erro crer em que os Espíritos exercem sua influência apenas através das comunicações escritas ou verbais; tal influência se dá em todos os instantes e os que não se ocupam com os Espíritos, ou mesmo não creem em sua influência, a ela estão expostos tanto quanto os outros, e mesmo mais que os outros, porque não têm como contrabalançá-la. A mediunidade é para o Espírito um meio de se dar a conhecer; caso seja mau, ele se trai sempre, por mais hipócrita que seja; pode-se, pois, dizer que a mediunidade permite ver seu inimigo face a face, caso se possa exprimir-se assim, e combatê-lo com suas

próprias armas; sem esta faculdade, ele age na sombra e, graças à sua invisibilidade, ele pode fazer e faz, na realidade, muito mal. A quantos atos a gente não é incitada para sua infelicidade, atos que seriam evitados, caso houvesse um meio de se esclarecer! Os incrédulos não imaginam quão verdadeiros são ao dizer de um homem que se extravia com obstinação: “É seu mau gênio que o empurra para sua perda.” Assim, o conhecimento do espiritismo, longe de propiciar a dominação aos maus Espíritos, deve ter como resultado, em um tempo mais ou menos próximo, e quando ele se propagar, *destruir essa dominação*, proporcionando a cada um os meios de se defender contra suas sugestões, e quem sucumbir tão só poderá responsabilizar por isso a si mesmo.

Regra geral: qualquer um que obtenha más comunicações espíritas, escritas ou verbais, se acha sob uma influência ruim; tal influência se exerce sobre ele quer escreva quer não escreva; isto é, quer seja ou não médium, quer creia quer não creia. A escrita fornece-lhe um meio de se assegurar da natureza dos Espíritos que atuam sobre ele e de combatê-los, caso sejam maus, o que se dá ainda com mais sucesso quando se vem a conhecer o motivo que os faz agir. Se ele se acha assaz engeguecido para não compreender, outros podem abrir-lhe os olhos.

Em resumo, o risco não se acha no espiritismo em si mesmo, porque ele pode, ao contrário, servir de controle e preservar do risco que, sem cessar, nós corremos à nossa revelia; ele se acha na orgulhosa tendência de certos médiuns em se crerem, por demais levemente, instrumentos exclusivos de Espíritos superiores, e no tipo de fascinação que não lhes permite compreender as tolices de que são intérpretes. Até mesmo os que não são médiuns podem deixar-se pegar aí. Citemos uma comparação. Um homem possui um inimigo secreto que ele não conhece e que propala contra ele, por baixo do pano, a calúnia e tudo o que a mais negra maldade pode inventar; ele vê sua fortuna perder-se, os amigos afastarem-se, sua felicidade interior perturbada; não podendo descobrir a mão que lhe bate, ele não tem como defender-se e sucumbe; mas, um dia, esse inimigo secreto lhe escreve e, malgrado sua esperteza, se trai. Eis aqui, portanto, seu inimigo descoberto: ele pode desmascará-lo e ressarcir-se. Tal é o papel dos maus Espíritos, que o espiritismo nos possibilita perceber e frustrar.

245. Os motivos da obsessão variam conforme o caráter do Espírito; trata-se, às vezes, de uma vingança que ele exerce contra um indivíduo de quem ele tem do que se queixar durante sua vida ou em uma outra existência; amiúde também, ele não apresenta uma outra razão senão o desejo de praticar o mal; como sofre, deseja fazer sofrer os outros: ele encontra uma espécie de gozo em atormentá-los, em vexá-los; por isso a impaciência de que se dá testemunho o excita, porque é esse seu objetivo, ao passo que a paciência o cansa; a gente, ao se irritar, mostrando-se indignada, faz precisamente o que ele deseja. Esses Espíritos agem, às vezes, por ódio e por inveja do bem; eis porque eles arremessam seus desígnios maldosos sobre as mais honestas pessoas. Um deles se agarrou como um carrapato em uma honrável família de nosso conhecimento, que ele não teve, de resto, a satisfação de ludibriar; interrogado sobre o motivo pelo qual ele havia atacado essas bravas pessoas de preferência a homens ruins como ele, respondeu: *Estes não me dão inveja*. Outros são guiados por um sentimento de pusilanimidade, que os leva a tirar proveito da fraqueza moral de certos indivíduos que eles sabem incapazes de lhes resistir. Um destes últimos que subjugava um juvenzinho de inteligência muito limitada, interrogado sobre os motivos dessa escolha, respondeu-nos: *Eu tenho uma necessidade muito grande de atormentar alguém; uma pessoa ponderada me expulsaria; agarro-me a um idiota que não me opõe virtude alguma*.

246. Existem Espíritos obsessores sem maldade, que são até bons, mas que possuem o orgulho do falso saber; eles apresentam suas ideias, seus sistemas sobre as ciências, a economia social, a moral, a religião, a filosofia; eles desejam fazer prevalecer sua opinião e buscam para isso médiuns assaz crédulos para aceitá-los de olhos fechados, e aos quais eles fascina para impedi-los de discernir o verdadeiro do falso. Estes são os mais perigosos, porque os sofismas não lhes

custam nada e porque eles podem abonar as utopias mais ridículas; como eles conhecem o prestígio dos nomes famosos, não têm nenhum escrúpulo em se adornar com aqueles diante dos quais a gente se inclina, e não recuam mesmo perante o sacrilégio de se dizerem Jesus, a Virgem Maria ou um santo venerado. Eles buscam deslumbrar através de uma linguagem pomposa, mais pretensiosa que profunda, erizada de termos técnicos e ornada com palavras grandiloquentes de caridade e de moral; eles se guardarão quanto a ministrar um mau conselho, porque bem sabem que seriam despachados; por isso, os que são vítimas deles os defendem a mais não poder, afirmando: Vocês bem veem que eles não dizem nada de mau. Mas a moral é para eles tão somente um passaporte, é a menor de suas preocupações; o que eles desejam antes de tudo é dominar e impor suas ideias, por mais desarrazoadas que sejam.

247. Os Espíritos sistemáticos são na sua quase totalidade escrevinhadeiros; eis porque eles procuram os médiuns que escrevem com facilidade, e que eles se empenham em transformar em instrumentos dóceis e sobretudo entusiastas, fascinando-os. São quase sempre verborrágicos, muito prolixos, procurando compensar a qualidade pela quantidade. Comprazem-se em ditar a seus intérpretes volumosos escritos indigestos e amiúde pouco inteligíveis, que têm felizmente como antídoto a impossibilidade material de serem lidos pelas massas. Os Espíritos verdadeiramente superiores são sóbrios de palavras; eles afirmam muita coisa em poucos vocábulos; por isso a fecundidade prodigiosa deve sempre causar suspeita.

Nenhuma circunspeção seria exagerada, no caso de se publicarem semelhantes escritos; as utopias e as excentricidades em que eles amiúde abundam, e que chocam o bom senso, produzem uma impressão muito desagradável sobre as pessoas novatas, ao proporcionar-lhes uma ideia falsa do espiritismo, sem contar que se constituem em armas de que os inimigos se servem para colocá-lo em ridículo. Entre essas publicações, existem as que, sem serem más e sem provirem de uma obsessão, podem ser vistas como imprudentes, *intempestivas* ou descabidas.

248. Sucede muitíssimas vezes que um médium não consegue comunicar-se senão com um único Espírito, que se agarra a ele e responde pelos que são evocados por intermédio dele. Nem sempre se trata de uma obsessão, pois isso pode advir, por falta de flexibilidade do médium, de uma afinidade especial de sua parte com tal ou qual Espírito. Não existe obsessão propriamente dita senão quando o Espírito se impõe e afasta os outros por sua vontade, o que não é jamais o caso de um bom Espírito. Geralmente, o Espírito que se apodera do médium tendo em vista dominá-lo não admite o exame crítico de suas comunicações; quando percebe que não são aceitas e que são discutidas, ele não se retira mas inspira ao médium o pensamento de se isolar, e com muita frequência ele lhe ordena que faça isso. Todo médium que se magoa com a crítica das comunicações que obtém constitui o eco do Espírito que o domina, e esse Espírito não pode ser bom, uma vez que lhe inspira um pensamento ilógico, o de se recusar ao exame. O isolamento do médium é sempre uma coisa desagradável para ele, porque perde qualquer controle de suas comunicações. Não somente ele deve esclarecer-se através do conselho de terceiros, como também lhe é necessário estudar todos os gêneros de comunicações, para compará-los; encerrando-se nas que obtém, por melhores que lhe pareçam, ele se expõe a se iludir quanto ao valor delas, sem contar que ele não tem como tudo conhecer e que elas giram pouco mais ou menos no mesmo círculo. (N.º 192; *Médiuns exclusivos*.)

249. Os meios de combater a obsessão variam conforme a feição que ela assume. Não existe realmente o perigo para todo médium bem convencido de ter vinculação com um Espírito mentiroso, como a que ocorre na obsessão simples; ela não passa para ele de uma coisa desagradável. Mas precisamente porque isso lhe é desagradável, constitui uma razão a mais para o Espírito obstinar-se junto a ele para vexá-lo. Duas coisas essenciais devem ser feitas neste caso:

provar ao Espírito que não nos constituímos em ludíbrio dele e que lhe é *impossível* enganar-nos; em segundo lugar, esgotar-lhe a paciência mostrando-se mais paciente que ele; caso ele esteja bem convencido de que perde seu tempo, findará por se retirar, como fazem os importunos a quem não se dá ouvido.

Mas nem sempre isso é suficiente e pode ser demorado, pois existem os que são tenazes, e para eles os meses e os anos constituem pouca coisa. O médium deve, além disso, realizar um apelo fervoroso a seu bom anjo e também aos bons Espíritos que lhe são simpáticos, rogando-lhes para assisti-lo. Quanto ao Espírito obsessivo, por pior que seja, é preciso tratá-lo com severidade, mas com benevolência, e vencê-lo através de bons procedimentos, rogando por ele. Caso seja realmente perverso, ele zombará disso no início; mas, ao ser moralizado com perseverança, findará por se emendar; trata-se de uma conversão a empreender, tarefa amiúde penosa, ingrata, repugnante mesmo, mas cujo mérito se acha na dificuldade, e que, caso seja bem cumprida, proporciona sempre a satisfação de ter preenchido um dever de caridade e muitas vezes de ter repostado no bom caminho uma alma perdida.

Convém igualmente interromper toda comunicação escrita, uma vez que se reconhece que provém de um mau Espírito, que não deseja escutar a voz da razão, a fim de não lhe dar o prazer de ser ouvido. Em certos casos mesmo, pode ser útil parar de escrever por um tempo; a gente se pauta conforme as circunstâncias. Mas, se o médium escrevente pode evitar tais conversas abstando-se de escrever, não se passa o mesmo com o médium audiente, que o Espírito obsessivo persegue, às vezes, a todo instante, com seus propósitos grosseiros e obscenos, e que não possui o recurso mesmo de tapar as orelhas. De resto, é preciso reconhecer que certas pessoas se divertem com a linguagem trivial dessas espécies de Espíritos, que elas encorajam e provocam ao rir de suas tolices, em lugar de lhes impor silêncio e de moralizá-los. Nossos conselhos não têm como aplicar-se aos que desejam afogar-se.

250. Não existe, pois, senão dissabor e não perigo para todo médium que não se deixa iludir, porque não pode ser enganado; é totalmente o contrário da *fascinação*, pois, então, o império que assume o Espírito sobre aquele de quem se assenhoreia não tem limites. A única coisa a fazer com ele é esforçar-se por convencê-lo de que foi enganado e por transformar sua obsessão em um caso de obsessão simples; mas nem sempre isso é fácil, se não for às vezes impossível mesmo. A preponderância do Espírito pode ser tal que torna o fascinado surdo a toda espécie de raciocínio, e pode até fazê-lo duvidar, quando o Espírito comete alguma grossa heresia científica, se não é a ciência que está errada. Como nós o afirmamos, ele acolhe geralmente muito mal os conselhos; a crítica o ofende, o irrita e faz que ele fique alérgico aos que não compartilham sua admiração. Suspeitar de seu Espírito é quase uma profanação a seus olhos, e isso é tudo o que pede o Espírito; pois o que ele deseja é que a gente se ponha de joelhos diante de sua palavra. Um deles exercia sobre pessoa de nosso relacionamento uma fascinação extraordinária; nós o evocamos e, após algumas fanfarrônicas, vendo que não podia ludibriar-nos quanto à sua identidade, findou por confessar que não era aquele de quem tomava o nome. Havendo perguntado a ele por que abusava assim daquela pessoa, ele respondeu com estas palavras, que pintam nitidamente o caráter desses tipos de Espíritos: *Eu procurava um homem que pudesse menear, eu o achei e aqui fico.* — Mas, caso vocês façam que veja claro, ele os rechaçará. — *Isso é o que veremos!* Como não existe pior cego que quem não quer ver, quando se reconhece a inutilidade de qualquer tentativa para abrir bem os olhos do fascinado, o que há de melhor a fazer é deixá-lo entregue a suas ilusões. Não se pode curar um doente que se obstina em preservar seu mal e com ele compraz.

251. A subjugação corpórea muitas vezes extrai do obsedado a energia necessária para dominar o mau Espírito; eis porque é necessária a intervenção de uma terceira pessoa, atuando

seja através do magnetismo, seja através do vigor de sua vontade. Na falta do concurso do obsedado, essa pessoa deve adquirir o predomínio sobre o Espírito; mas, como esse predomínio não pode ser senão moral, exercê-lo é concedido apenas a um ser *moralmente superior* ao Espírito e seu poder será tanto maior quanto maior sua superioridade moral, porque ele se impõe ao Espírito, que é forçado a inclinar-se diante dele; eis porque Jesus possuía um tão grande poder para expulsar os que se chamavam então demônios, quer dizer, os maus Espíritos obsessores.

Nós tão somente podemos ministrar aqui conselhos gerais, pois não existe nenhum procedimento material, nenhuma fórmula sobretudo, nem nenhuma palavra sacramental que tenham o poder de expulsar os Espíritos obsessores. O que falta às vezes ao obsedado é uma força fluídica correspondente; neste caso, a ação magnética de um bom magnetizador pode vir-lhe em ajuda. De resto, é sempre bom conseguir, através de um médium seguro, os conselhos de um Espírito superior ou de seu anjo guardião.

252. As imperfeições morais do obsedado são com frequência um obstáculo à sua libertação. Eis aqui um exemplo notável que pode servir para a ilustração de todos.

Várias irmãs estavam sendo, há alguns anos, vítimas de depredações desagradabilíssimas. Suas roupas eram sem cessar esparramadas por todos os cantos da casa e até sobre os telhados, cortadas, despedaçadas e esburacadas, por mais cuidado que tomassem em pô-las debaixo de chave. Essas senhoras, exiladas em uma pequena localidade da província, não haviam jamais ouvido falar do espiritismo. Seu primeiro pensamento foi naturalmente o de serem alvo de brincadeiras de mau gosto, mas a persistência e as precauções que tomavam lhes tiraram essa ideia. Apenas muito tempo depois, através de certas indicações, foi que elas acharam por bem endereçar-se a nós para conhecer a causa dos estragos e os meios de lhes dar remédio, caso fosse possível. A causa não tinha dúvida; o remédio era mais difícil. O Espírito que se manifestava através de tais atos era evidentemente malévolo. Ele se mostrou, na evocação, de uma grande perversidade e inacessível a todo bom sentimento. A prece pareceu, não obstante, exercer uma influência salutar; mas, após algum tempo de trégua, as depredações recomeçaram. Eis aqui o conselho que deu a respeito um Espírito superior.

“O que essas senhoras têm de melhor a fazer é suplicar a seus Espíritos protetores que não as abandonem; e eu não tenho melhor conselho a lhes oferecer que o de descerem em sua consciência para aí se confessarem a si mesmas, e examinarem se sempre praticaram o amor do próximo e a caridade; eu não estou falando da caridade que doa e distribui, mas da caridade da língua; pois infelizmente elas não sabem conter a delas, e não justificam, através de seus atos piedosos, o desejo que apresentam de serem libertadas daquele que as atormenta. Elas gostam exageradamente de falar mal de seu próximo e o Espírito que as obsedia se desforra, pois foi para elas seu burro de carga. Elas têm apenas que buscar em sua memória e verão logo a quem se acham vinculadas.

“Todavia, caso elas cheguem a se melhorar, seus anjos guardiães se reaproximarão e sua presença apenas bastará para apartar o Espírito ruim, que se fixou sobretudo em uma delas tão só porque seu anjo guardião teve de se afastar diante dos atos repreensíveis ou dos pensamentos ruins. O que lhes é preciso são fervorosas preces pelos que sofrem e sobretudo a prática das virtudes impostas por Deus a cada um de acordo com sua condição.”

À observação de que tais palavras nos pareciam um pouco severas e que talvez precisassem ser suavizadas para transmiti-las, o Espírito aditou:

“Eu devo dizer o que digo e como o digo, porque as pessoas em questão possuem o hábito de acreditar que não fazem o mal com a língua, enquanto fazem muito mal. Eis aqui porque é preciso ferir-lhes a mente de modo que isso constitua para elas uma advertência séria.”

Ressalta daí um ensinamento de um grande alcance, o de que as imperfeições morais facultam a conquista pelos Espíritos obsessores e o de que o meio mais seguro de se desembaraçar deles é o de atrair os bons através da prática do bem. Os bons Espíritos possuem sem dúvida maior força que os maus e sua vontade é suficiente para afastar estes últimos; mas não assistem senão aos que os auxiliam através dos esforços que fazem para se melhorarem, caso contrário, se afastam e deixam o campo livre para os maus Espíritos, que se tornam assim, em certos casos, instrumentos de punição, pois os bons os deixam agir com esse objetivo.

253. É preciso, de resto, guardar-se de atribuir à ação direta dos Espíritos todos os dissabores que podem acontecer; tais dissabores constituem frequentemente a consequência da incúria ou da imprevidência. Um lavrador mandou que escrevessem para nós um dia que, havia doze anos, lhe chegavam todos os tipos de desgraças ao recinto de seus animais; ora eram suas vacas que morriam ou não davam mais leite, ora eram seus cavalos, seus carneiros ou seus porcos. Ele realizou novenas vigorosas que não remediaram o mal, não mais que as missas que mandou dizer, nem que os exorcismos que mandou praticar. Então, conforme o preconceito do campo, ele se persuadiu de que haviam lançado uma praga contra seus animais. Crendo-nos, sem dúvida, dotados de um poder de conjuração maior que o do cura de seu povoado, ele nos mandou pedir nosso conselho. Eis aqui a resposta que nós obtivemos:

“A mortalidade ou as doenças dos animais desse homem provêm do fato de que suas estrebarias estão infectadas, e de que ele não manda consertá-las porque *isso custa*.”

254. Nós terminaremos este capítulo com as respostas fornecidas pelos Espíritos a algumas questões, e que vêm em apoio ao que afirmamos:

1. Por que certos médiuns não conseguem desembaraçar-se dos Espíritos maus que se agarram a eles, e como os Espíritos bons que eles evocam não são assaz fortes para afastar os outros e para se comunicarem diretamente?

“Não é a força que falta ao bom Espírito, é geralmente o médium que não é assaz forte para secundá-lo; sua natureza se presta melhor a certos contatos; seu fluido se identifica de preferência com um Espírito do que com outro; eis o que propicia um tão grande domínio aos que desejam enganá-lo.”

2. Parece-nos, no entanto, que existem pessoas de muito mérito, de u’a moralidade irrepreensível, que, todavia, se acham impedidas de comunicar-se com os bons Espíritos.

“Trata-se de uma provação; e quem lhe diz, aliás, que o coração não se acha maculado com um pouco de mal, que o orgulho não condiciona um pouco a aparência de bondade? Tais provações, ao demonstrarem ao obsedado sua fraqueza, têm de voltá-lo para a humildade.

“Existe alguém na Terra que possa dizer-se perfeito? Mesmo quem apresenta todas as aparências da virtude pode possuir ainda muitos defeitos escondidos, um antigo fermento de imperfeição. Assim, por exemplo, você diz daquele que não pratica nunca o mal que é leal em suas relações sociais: é um bravo e digno homem; mas sabe você se suas boas qualidades não se acham embaçadas pelo orgulho; se não existe nele um fundo de egoísmo; se não é avaro, ciumento, rancoroso, maledicente e centenas de outras coisas que você não percebe, porque suas relações com ele não o colocaram perante esse fato? O meio mais poderoso de combater a influência dos maus Espíritos é aproximar-se o mais possível da natureza dos bons.”

3. Constitui sempre a obsessão que se opõe a que um médium obtenha as comunicações que deseja um sinal de indignidade de sua parte?

“Eu não afirmei que se tratasse de um sinal de indignidade, mas que um obstáculo pode opor-se a certas comunicações; é em superar o obstáculo que se acha nele que ele deve empenhar-se; sem isso, suas preces, suas súplicas não alcançarão nada. Não basta a um doente

dizer a seu médico: devolva-me a saúde, quero ficar bom; o médico não consegue nada, caso o doente não faça o que é necessário.”

4. Seria assim a privação de comunicar-se com certos Espíritos um tipo de punição?

“Em certos casos, pode ser uma verdadeira punição, como a possibilidade de comunicar-se com eles constitui uma recompensa que você deve esforçar-se por merecer.” (Ver *Perda e suspensão da mediunidade*, n.º 220.)

5. Não se pode também combater a influência dos maus Espíritos moralizando-os?

“Sim, é o que não se faz e é o que não se pode negligenciar; pois se trata muitas vezes de uma tarefa que lhe foi dada e que você deve cumprir caritativamente e religiosamente. Através de sábios conselhos, a gente pode excitá-los ao arrependimento e apressar seu adiantamento.”

— Como pode um homem ter, em relação a isso, mais influência do que têm os Espíritos mesmos?

“Os Espíritos perversos se aproximam de preferência dos homens, que eles procuram atormentar, que dos Espíritos, de quem eles se distanciam o mais possível. Nessa aproximação aos humanos, quando encontram aí os que os moralizam, eles não os ouvem de início e se riem disso; depois, caso se saiba envolvê-los, eles terminam por se deixar tocar. Os Espíritos elevados não podem falar-lhes senão em nome de Deus, e isso os aterroriza. O homem não possui certamente mais poder do que os Espíritos superiores, mas sua linguagem se identifica melhor com a natureza deles, e, ao ver a ascendência que pode exercer sobre os Espíritos inferiores, ele compreende melhor a solidariedade que existe entre o céu e a terra.

“De resto, a ascendência que o homem pode exercer sobre os Espíritos se dá em função de sua superioridade moral. Ele não controla os Espíritos superiores, nem mesmo os que, sem serem superiores, são bons e benévolos, mas ele é capaz de controlar os Espíritos que lhe são inferiores em moralidade.” (Ver n.º 279.)

6. Poderia a subjugação corpórea, incitada a um certo nível, apresentar como consequência a loucura?

“Sim, uma espécie de loucura cuja causa é desconhecida no mundo, mas que não tem relação com a loucura ordinária. Entre os que a gente trata como loucos, existem muitos que não passam de subjugados; eles precisariam de um tratamento moral, ao passo que a gente os torna verdadeiramente loucos com os tratamentos corpóreos. Assim que os médicos conhecerem bem o espiritismo, saberão fazer essa distinção e curarão mais doentes do que com as duchas.” (N.º 221.)

7. Que se deve pensar dos que, ao verem um perigo qualquer no espiritismo, creem que o meio de preveni-lo seria proibir as comunicações espíritas?

“Se eles conseguem proibir que certas pessoas se comuniquem com os Espíritos, eles não conseguem impedir as comunicações espontâneas oferecidas a essas mesmas pessoas, pois não têm como suprimir os Espíritos nem impedir sua influência oculta. Isso se parece com aquelas crianças que tapam os olhos e creem que não são vistas. Seria loucura desejar suprimir uma coisa que oferece grandes vantagens, apenas porque os imprudentes podem abusar dela; o meio de prevenir esses inconvenientes é, ao contrário, dar a conhecer a fundo essa coisa.”

CAPÍTULO XXIV

IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS

**Provas possíveis de identidade. — Distinção dos bons e dos maus Espíritos. —
Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos.**

Provas possíveis de identidade.

255. A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do espiritismo; é que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um atestado oficial e a gente sabe com que facilidade alguns dentre eles tomam nomes de empréstimo; por isso, depois da obsessão, é esta uma das maiores dificuldades do espiritismo prático; de resto, em muitos casos, a identidade absoluta é uma questão secundária e sem importância real.

A identidade do Espírito das personagens antigas é a mais difícil de averiguar, muitas vezes mesmo é ela impossível, e a gente se reduz a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, por sua linguagem; caso um Espírito se apresente com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades ou puerilidades, é bem certo que este não pode ser ele; mas se ele não diz senão coisas dignas do caráter de Fénelon e coisas que este não desaprovava, existe, se não uma prova material, ao menos toda probabilidade moral de que deva ser ele. É neste caso sobretudo que a identidade real constitui uma questão acessória: uma vez que o Espírito diga apenas boas coisas, pouco importa o nome sob o qual elas estejam sendo ditas.

Objetar-se-á, sem dúvida, que o Espírito que assumisse um nome suposto, mesmo para dizer apenas o bem, não deixaria de cometer uma fraude e daí não poderia ser um bom Espírito. É aqui que ocorrem delicadezas de nuances assaz difíceis de inferir, e que nós vamos tentar desenvolver.

256. À medida que os Espíritos vão purificando-se e elevando-se na hierarquia, as características distintivas de sua personalidade vão desaparecendo, de algum modo, na uniformidade da perfeição, todavia, eles não deixam de conservar sua individualidade; é o que sucede quanto aos Espíritos superiores e aos puros Espíritos. Nesta condição, o nome que possuíam na Terra, em uma das milhares de existências corpóreas *efêmeras* pelas quais eles passaram, é uma coisa inteiramente insignificante. Observemos ainda que os Espíritos são atraídos uns aos outros pela similitude de suas qualidades, e que eles formam assim grupos ou famílias afins. Por outro lado, caso se considere o número imenso de Espíritos que, desde a origem dos tempos, devem ter chegado às primeiras filas e caso se compare com o número tão restrito de

homens que deixaram um grande nome na Terra, compreender-se-á que, entre os Espíritos superiores que têm como comunicar-se, a maior parte não deve suscitar nomes para nós; mas, como necessitamos de nomes para fixar nossas ideias, eles podem assumir o da personagem conhecida cuja natureza se identifique melhor com a sua; eis como nossos anjos guardiães se dão a conhecer o mais das vezes com o nome de um dos santos que nós veneramos, e geralmente com o nome daquele por quem nós nutrimos maior simpatia. Segue-se daí que, se o anjo guardião de uma pessoa se faz passar por São Pedro, por exemplo, não existe nenhuma comprovação material de que se trate precisamente do apóstolo desse nome; pode ser ele como pode ser um Espírito totalmente desconhecido pertencente à família de Espíritos de que São Pedro faz parte; segue-se daí ainda que, qualquer que seja o nome pelo qual se invoque seu anjo guardião, ele virá ao apelo que lhe é feito, porque é atraído pelo pensamento e porque o nome lhe é indiferente.

Dá-se o mesmo todas as vezes que um Espírito superior se comunica espontaneamente com o nome de uma personagem conhecida; nada comprova que se trate precisamente do Espírito dessa personagem; mas, se ele não afirma nada que desminta a elevação do caráter deste último, existe a *presunção* de que se trate dele, e, em todos os casos, pode-se dizer que, se não for ele, deve ser um Espírito do mesmo nível, ou talvez mesmo enviado por ele. Em resumo, a questão do nome é secundária, podendo o nome ser considerado como um simples indício da posição que ocupa o Espírito na escala espírita.

A situação é totalmente outra quando um Espírito de uma categoria inferior se adorna com um nome respeitável para conferir crédito a suas palavras, e esse caso é tão frequente que nunca seria demais resguardar-se contra essas formas de substituições; é graças a esses nomes de empréstimo e com a ajuda sobretudo da fascinação que certos Espíritos sistemáticos, mais orgulhosos que eruditos, procuram abonar as ideias mais ridículas.

Logo, a questão da identidade é, como nós afirmamos, quase indiferente quando se trata de mensagens gerais, uma vez que os melhores Espíritos podem substituir-se uns aos outros sem que isso tenha consequência. Os Espíritos superiores formam, por assim dizer, um todo coletivo, cujas individualidades nos são, com poucas exceções, completamente desconhecidas. O que nos interessa não é sua pessoa, mas seu ensinamento; ora, uma vez que tal ensinamento é bom, pouco importa que quem o ministre se chame Pedro ou Paulo; a gente o julga por sua qualidade e não por sua insígnia. Se um vinho é mau, não é o rótulo que o tornará melhor. Ocorre o inverso nas comunicações íntimas, porque é o indivíduo, sua pessoa mesma que nos interessa, e é com razão que, nesta circunstância, a gente se esforça por se certificar se o Espírito que acorre ao nosso chamado é realmente aquele que se deseja.

257. A identidade é muito mais fácil de comprovar quando se trata de Espíritos contemporâneos, cujo caráter e cujos hábitos se conhecem, pois são precisamente esses hábitos, de que não tiveram ainda tempo de se despojar, através dos quais eles se dão a reconhecer, e digamos logo que constituem um dos sinais mais certos de identidade. O Espírito pode, sem dúvida, fornecer provas de acordo com a pergunta que lhe é feita, mas nem sempre o faz, só quando lhe convém, e geralmente essa pergunta o melindra; eis porque deve ser evitada. Ao deixar o corpo, o Espírito não se despojou de sua susceptibilidade; ele se aborrece com toda questão que objetive colocá-lo à prova. *Ocorre que uma tal questão não se ousaria fazer-lhe em vida*, pelo receio de faltar às conveniências; por que, então, se teria menos consideração por ele após sua morte? Que um homem se apresente em um salão declinando seu nome, ir-se-á dizer-lhe à queima-roupa para provar que é bem ele aquele tal, exibindo seus títulos, sob o pretexto de que existem impostores? Esse homem com certeza teria o direito de lembrar ao interrogador as regras da cortesia. É isso que fazem os Espíritos ao não responderem ou ao se retirarem. Tomemos um exemplo para comparação. Imaginemos que o astrônomo Arago, em vida, se apresentasse em uma

casa onde sua pessoa não fosse conhecida e que fosse apostrofado assim: você diz que é Arago, mas como nós não o conhecemos, queira comprovar-nos isso, respondendo a nossas questões; resolva tal problema de astronomia; diga-nos seus sobrenomes, prenomes, os de seus filhos, o que fazia tal dia, em tal hora etc.; que teria ele respondido? Muito bem! Como Espírito, ele fará o que teria feito em vida, e os outros Espíritos fazem o mesmo.

258. Ao mesmo tempo que os Espíritos se recusam a responder às questões pueris e ridículas que se teria escrúpulo de endereçar à sua pessoa estando vivo, eles oferecem muitas vezes, por si mesmos e espontaneamente, provas irrecusáveis de sua identidade, através de seu caráter, que se revela em sua linguagem, pelo emprego de palavras que lhes eram familiares, pela citação de certos fatos, de particularidades de sua vida às vezes desconhecidas dos circunstantes, e cuja exatidão é possível de ser verificada. As provas de identidade ressaltam, por outro lado, de uma infinidade de circunstâncias imprevistas que nem sempre se apresentam em um primeiro instante mas na sequência das conversações. Convém, portanto, esperar por elas, sem provocá-las, observando-se com cuidado todas as que possam decorrer da natureza das comunicações. (Ver o fato relatado no n.º 70.)

259. Um meio utilizado às vezes com sucesso para se assegurar da identidade, quando o Espírito que se comunica é suspeito, consiste em fazê-lo afirmar, *em nome de Deus onipotente*, que é bem ele quem afirma ser. Sucede, com frequência, que quem assume um nome usurpado recua diante de um sacrilégio, e que, após ter começado a escrever: *Eu afirmo em nome de...*, ele para e traça, colérico, riscos sem significado, ou quebra o lápis; caso seja mais hipócrita, ele se esquia da questão através de um circunlóquio, escrevendo, por exemplo: *Eu lhes certifico que eu digo a verdade*; ou ainda: *Eu atesto, em nome de Deus, que sou bem eu quem lhes fala*; etc. Mas existem os que não são tão escrupulosos e que juram tudo o que se deseja. Um deles estava comunicando-se com um médium, dizendo-se ser *Deus*, e o médium, muito honrado com tão alto favor, não hesitou em crer. Evocado por nós, ele não ousou sustentar sua impostura, e disse: Eu não sou Deus, mas sou seu filho. — Você é, então, Jesus? Isso não é provável porque Jesus está colocado muitíssimo alto para empregar um subterfúgio. Você ousa, pois, afirmar, em nome de Deus, que você é o Cristo? — Eu não disse que sou Jesus; eu disse que sou o filho de Deus, porque eu sou uma de suas criaturas.

Deve-se concluir disso que a recusa da parte de um Espírito em afirmar sua identidade em nome de Deus é sempre uma prova manifesta de que o nome que ele assumiu constitui uma impostura, e também que a afirmação constitui apenas uma presunção e não uma prova absoluta.

260. Pode-se também alinhar entre as provas de identidade a similitude da escrita e da assinatura, mas, além de que não se concede a todos os médiuns obter tal resultado, nem sempre significa uma garantia satisfatória; existem falsários no mundo dos Espíritos, como neste aqui; não se trata, portanto, senão de uma presunção de identidade, a qual adquire valor apenas em vista das circunstâncias que a envolvem. Dá-se o mesmo com todos os sinais materiais que alguns oferecem como talismãs inimitáveis pelos Espíritos mentirosos. Para os que ousam cometer perjúrio em nome de Deus, ou contrafazer uma assinatura, um signo material qualquer não tem como lhes oferecer um obstáculo maior. A melhor de todas as provas de identidade se acha na linguagem e nas circunstâncias fortuitas.

261. Afirmando-se sem dúvida que, se um Espírito consegue imitar uma assinatura, consegue imitar igualmente bem a linguagem. Isto é verdadeiro; nós vimos alguns tomando insolentemente o nome do Cristo e, para completar o logro, simulavam o estilo evangélico e prodigalizavam, a torto e a direito, estas palavras bem conhecidas: *Em verdade, em verdade, eu lhes digo*; mas, quando se estudava o todo *sem prevenção*, quando se escrutava o fundo dos

pensamentos, o alcance das expressões, quando, ao lado de belas máximas de caridade, se percebiam recomendações pueris e ridículas, seria preciso estar *fascinado* para se equivocarem com isso. Sim, certos elementos da forma material da linguagem podem ser imitados, mas não o pensamento; jamais a ignorância imitará o verdadeiro saber e jamais o vício imitará a verdadeira virtude; sempre, em algum lugar, aparecerá a ponta da orelha; é, então, que o médium como também o evocador têm necessidade de toda a sua perspicácia e de todo o seu tino para discernir a verdade da mentira. Eles têm de se persuadir de que os Espíritos perversos são capazes de todas as artimanhas e de que, quanto mais o nome sob o qual um Espírito se anuncia é elevado, mais deve inspirar desconfiança. Quantos médiuns vêm recebendo comunicações apócrifas assinadas Jesus, Maria ou um santo venerado!

Distinção dos bons e dos maus Espíritos.

262. Se a identidade absoluta dos Espíritos é, em muitos casos, uma questão acessória e sem importância, não se dá o mesmo relativamente à distinção entre os bons e os maus Espíritos; sua individualidade pode ser indiferente para nós, sua qualidade não o é jamais. Em todas as comunicações instrutivas é sobre este ponto que se deve concentrar toda a atenção, porque unicamente ele pode fornecer-nos a medida da confiança que nós podemos facultar ao Espírito que se manifesta, qualquer que seja o nome sob o qual o faça. É o Espírito que se manifesta bom ou mau? A que nível da escala espírita pertence ele? Eis aqui a questão capital. (Ver *Escala espírita*, em *O Livro dos Espíritos*, n.º 100.)

263. Julgam-se os Espíritos, afirmamo-lo nós, como se julgam os homens, por sua linguagem. Imaginemos que um homem receba vinte cartas de pessoas que lhe são desconhecidas; pelo estilo, pelos pensamentos, por uma infinidade de sinais, enfim, ele julgará as que são instruídas ou ignorantes, polidas ou mal educadas, superficiais, profundas, frívolas, orgulhosas, sérias, levianas, sentimentais etc. Dá-se o mesmo com os Espíritos; devem eles ser considerados como correspondentes que não se viram jamais, e se perguntar o que se pensaria do saber e do caráter de um homem que dissesse ou escrevesse semelhantes coisas. Pode-se colocar, como regra invariável e sem exceção, que *a linguagem dos Espíritos sempre corresponde ao nível de sua elevação*. Não somente os Espíritos realmente superiores não dizem senão boas coisas, mas as dizem em termos que excluem do modo mais absoluto toda trivialidade; por melhores que sejam tais coisas, caso se achem maculadas por uma única expressão que recenda baixeza, eis um sinal indubitável de inferioridade; com mais forte razão caso o todo da comunicação fira as conveniências através de sua grosseria. A linguagem mostra sempre sua origem, seja através do pensamento que traduz seja da forma; então, mesmo que um Espírito desejasse lograr-nos a respeito de sua pretensa superioridade, basta conversar algum tempo com ele para o avaliarmos.

264. A bondade e a complacência constituem ainda atributos essenciais dos Espíritos purificados; eles não têm ódio nem em relação aos homens nem aos outros Espíritos; eles lamentam as fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem fel e sem animosidade. Caso se admita que os Espíritos verdadeiramente bons não possam desejar senão o bem nem dizer senão boas coisas, concluir-se-á que tudo o que, na linguagem dos Espíritos, revele uma falta de bondade e de complacência não pode provir de um bom Espírito.

265. A inteligência está longe de ser um indício certo de superioridade, pois a inteligência e o moral nem sempre andam juntos. Um Espírito pode ser bom, complacente e possuir conhecimentos limitados, ao passo que um Espírito inteligente e instruído pode ser muito inferior em moralidade.

Acredita-se geralmente que, ao se interrogar o Espírito de um cientista em alguma especialidade na Terra, obter-se-á mais seguramente a verdade; isso é lógico, no entanto, nem sempre é verdadeiro. A experiência demonstra que os cientistas, do mesmo modo que os outros homens, sobretudo os que deixaram a Terra há pouco, se acham ainda sob o império dos preconceitos da vida corpórea; eles não se desfazem imediatamente da mentalidade sistemática. Pode, portanto, ocorrer que, sob a influência das ideias que eles afagaram em vida, e de que extraíram um título de glória, vejam menos claro do que nós pensamos. Nós não fornecemos em absoluto este princípio como uma regra; muito longe disso; nós afirmamos somente que isso se dá e que, por conseguinte, a ciência humana deles nem sempre constitui uma prova de sua infalibilidade como Espíritos.

266. Ao submeter todas as comunicações a um exame escrupuloso, ao investigar e ao analisar o pensamento e as expressões, como se faz quando se trata de julgar uma obra literária, ao repelir *sem hesitar* tudo o que peca contra a lógica e o bom senso, tudo o que desmente o caráter do Espírito que se pressupõe manifestar, a gente desencoraja os Espíritos enganadores, que terminam retirando-se, uma vez bem convencidos de que não nos podem lograr. Nós repetimos: este meio é o único mas é infalível, porque não existe má comunicação que consiga resistir a uma crítica rigorosa. Os bons Espíritos não se ofendem jamais com isso, uma vez que eles mesmos o aconselham e não têm nada a temer com o exame; tão só os maus se chocam e desaconselham o procedimento, porque têm tudo a perder, e, através disto mesmo, comprovam o que são.

Eis, a respeito, o conselho oferecido por São Luís:

“Qualquer que seja a confiança legítima que lhe inspiram os Espíritos que presidem a seus trabalhos, existe uma recomendação que nós jamais nos cansaremos de repetir e que você deve sempre ter presente no pensamento quando se entrega a seus estudos; é a de pesar e meditar; é a de submeter ao controle da razão mais severa todas as comunicações que recebe; é a de não se esquecer, desde que um ponto lhe pareça suspeito, duvidoso ou obscuro, de exigir as explicações necessárias para você fundamentar-se.”

267. Podem resumir-se os meios de reconhecer a qualidade dos Espíritos nos princípios seguintes:

1.º) Não existe outro critério para discriminar o valor dos Espíritos senão o bom senso. Toda fórmula fornecida para esse efeito pelos Espíritos mesmos é absurda, e não pode emanar de Espíritos superiores.

2.º) Julgam-se os Espíritos por sua linguagem e por suas ações. As ações dos Espíritos são os sentimentos que eles inspiram e os conselhos que eles oferecem.

3.º) Estando admitido o fato de que os bons Espíritos podem dizer e fazer apenas o bem, tudo o que constitui o mal não tem como vir de um bom Espírito.

4.º) Os Espíritos superiores possuem uma linguagem sempre digna, nobre, elevada, sem mescla de nenhuma trivialidade; eles dizem tudo com simplicidade e modéstia, não se vangloriam jamais, não fazem jamais alarde de seu saber nem de sua posição entre os outros. A dos Espíritos inferiores ou vulgares apresenta sempre algum reflexo das paixões humanas; toda expressão que recenda baixeza, pretensão, arrogância, fanfarrice, acrimônia, constitui um indício característico de inferioridade ou de fraude, caso o Espírito se apresente com um nome respeitável e venerado.

5.º) Não se deve julgar os Espíritos pela forma material e pela correção de seu estilo, mas sondar-lhes o sentido íntimo, investigar suas palavras, pesá-las friamente, maduramente e sem prevenção. Qualquer desvio de lógica, de raciocínio e de conhecimento não pode deixar dúvida quanto à sua origem, seja qual for o nome com que se vista ridiculamente o Espírito. (N.º 224.)

6.º) A linguagem dos Espíritos elevados é sempre idêntica, se não quanto à forma, ao menos quanto ao fundo. Os pensamentos são os mesmos, quaisquer que sejam o tempo e o lugar; eles podem ser mais ou menos desenvolvidos, conforme as circunstâncias, as necessidades e as facilidades de comunicação, mas não serão contraditórios. Caso duas comunicações trazendo o mesmo nome estiverem em contradição uma com a outra, uma das duas é evidentemente apócrifa e a verdadeira será aquela em que nada destoe do caráter conhecido da personagem. Entre duas comunicações assinadas, por exemplo, por São Vicente de Paulo, em que uma pregaria a união e a caridade e a outra tenderia a semear a discórdia, não existe pessoa sensata que possa equivocarse.

7.º) Os bons Espíritos não dizem senão o que sabem; eles se calam ou confessam sua ignorância sobre o que não sabem. Os maus falam de tudo com segurança, sem se preocuparem com a verdade. Qualquer heresia científica notória, qualquer princípio que choque o bom senso demonstra a fraude, caso o Espírito se apresente como um Espírito esclarecido.

8.º) Reconhecem-se ainda os Espíritos levianos pela facilidade com a qual eles predizem o futuro e precisam os fatos materiais que não temos como conhecer. Os bons Espíritos podem dar a pressentir as coisas futuras, quando tal conhecimento pode ser útil, mas sem precisarem jamais as datas; qualquer anúncio de evento com época marcada constitui o indício de u'a mistificação.

9.º) Os Espíritos superiores se exprimem com simplicidade, sem serem prolixos; seu estilo é conciso, sem excluir a poesia das ideias e das expressões; é claro, inteligível para todos, e não demanda esforço para ser compreendido; eles possuem a arte de dizer muitas coisas em poucas palavras, porque cada palavra tem seu alcance. Os Espíritos inferiores ou falsos sábios escondem sob o empolamento ou a ênfase o vazio dos pensamentos. Sua linguagem é amiúde pretensiosa, ridícula ou obscura, à força de querer mostrar-se profunda.

10.º) Os bons Espíritos não mandam jamais: eles não se impõem, eles aconselham e, caso a gente não os escute, eles se retiram. Os maus são arrebatados; eles dão ordens, desejam ser obedecidos e permanecem, aconteça o que acontecer. Todo Espírito que se impõe trai sua origem. São intolerantes e intransigentes em suas opiniões e pretendem ser os únicos a ter o privilégio da verdade. Eles exigem uma crença cega e não apelam jamais à razão, porque sabem que a razão os desmascararia.

11.º) Os bons Espíritos não lisonjeiam absolutamente; eles aprovam quando se pratica o bem, mas sempre com reserva; os maus proporcionam elogios exagerados, estimulam o orgulho e a vaidade mesmo pregando a humildade, e buscam *exaltar a importância pessoal* dos que conseguem seduzir.

12.º) Os Espíritos superiores se acham acima das puerilidades da forma, *em todas as coisas*. Unicamente os Espíritos vulgares podem atribuir importância a detalhes mesquinhos, incompatíveis com as ideias verdadeiramente elevadas. *Qualquer prescrição meticulosa* é um sinal certo de inferioridade e de fraude da parte de um Espírito que assume um nome imponente.

13.º) É preciso desconfiar dos nomes bizarros e ridículos que assumem certos Espíritos que desejam impor-se à credulidade; seria totalmente absurdo levar esses nomes a sério.

14.º) É preciso igualmente desconfiar dos Espíritos que se apresentam muito facilmente com nomes extremamente venerados, e não aceitar suas palavras senão com a maior reserva; é aqui, sobretudo, que um controle severo é indispensável, pois se trata amiúde de u'a máscara que põem para fazer crer em pretensas relações íntimas com os Espíritos sublimes. Por esse meio, eles

lisonjeiam a vaidade do médium e tiram proveito disso para induzi-lo muitas vezes a procedimentos deploráveis ou ridículos.

15.º) Os bons Espíritos são muito escrupulosos quanto aos procedimentos que podem aconselhar, os quais não apresentam nunca, em nenhum caso, senão um objetivo *sério e eminentemente útil*. Devem-se considerar como suspeitos todos os que não tenham esse caráter, ou sejam condenados pela razão, e maduramente refletir antes de empreendê-los, pois se ficaria exposto a mistificações desagradáveis.

16.º) Reconhecem-se também os bons Espíritos por sua prudente reserva relativa a todas as coisas que possam comprometer; repugna-lhes desvelar o mal; os Espíritos levianos ou malévolos se comprazem com fazê-lo sobressair. Enquanto os bons buscam suavizar as falhas e pregam a indulgência, os maus as exageram e inspiram a cizânia através de insinuações pérfidas.

17.º) Os bons Espíritos não prescrevem jamais senão o bem. Toda máxima, todo conselho que não esteja *estritamente conforme à pura caridade evangélica* não pode ser obra de bons Espíritos.

18.º) Os bons Espíritos não aconselham jamais senão coisas perfeitamente racionais; qualquer recomendação que se afaste da *linha reta do bom senso ou das leis imutáveis da natureza* acusa um Espírito limitado e, por conseguinte, pouco digno de confiança.

19.º) Os Espíritos maus ou simplesmente imperfeitos traem-se ainda através de sinais materiais com que não se poderia equivocar-se. Sua ação sobre o médium é, às vezes, violenta, e provoca nele movimentos bruscos e intermitentes, uma agitação febril e convulsiva que se destaca em confronto com a calma e a suavidade dos bons Espíritos.

20.º) Os Espíritos imperfeitos tiram proveito muitas vezes dos meios de comunicação de que dispõem para ministrar pérfidos conselhos; eles excitam a desconfiança e a animosidade contra os que lhes são antipáticos; os que podem desmascarar suas imposturas constituem sobretudo o objeto de sua animadversão.

Os homens frágeis se acham sob sua mira para induzi-los ao mal. Empregando, passo a passo, os sofismas, os sarcasmos, as injúrias e até os signos materiais de seu poder oculto para melhor convencer, eles se esforçam por desviá-los da senda da verdade.

21.º) Os Espíritos dos homens que tiveram, na Terra, uma preocupação única, material ou moral, caso eles não se achem desprendidos da influência da matéria, permanecem ainda sob o império das ideias terrestres e levam consigo uma parte dos preconceitos, das predileções e *mesmo das manias* que tinham neste mundo. Isto é simples de reconhecer através de sua linguagem.

22.º) Os conhecimentos de que certos Espíritos se adornam frequentemente com uma espécie de ostentação não constituem um signo de sua superioridade. A inalterável pureza dos sentimentos morais é que constitui, sob este aspecto, sua verdadeira pedra de toque.

23.º) Não é suficiente interrogar um Espírito para se conhecer a verdade. É preciso, antes de tudo, saber a quem a gente se endereça, pois os Espíritos inferiores, ignorantes eles mesmos, tratam com frivolidade as questões mais sérias.

Não é suficiente também que um Espírito tenha sido um grande homem na Terra para possuir no mundo espírita a suprema ciência. Unicamente a virtude pode, ao purificá-lo, aproximá-lo de Deus e aumentar seus conhecimentos.

24.º) Da parte dos Espíritos superiores, o gracejo é com frequência sutil e picante, mas não é jamais trivial. Entre os Espíritos brincalhões que não são grosseiros, a sátira mordaz vem muitas vezes bem a calhar.

25.º) Ao estudar com cuidado o caráter dos Espíritos que se apresentam, sobretudo do ponto de vista moral, reconhecer-se-ão sua natureza e o quanto de confiança se pode depositar neles. O bom senso não teria como equivocar-se.

26.º) Para julgar os Espíritos, como para julgar os homens, é preciso primeiro saber julgar-se a si mesmo. Existem infelizmente muitas pessoas que tomam sua opinião pessoal como medida exclusiva do bem e do mal, do verdadeiro e do falso; tudo quanto contradiga sua maneira de ver, suas ideias, o sistema que elas conceberam ou adotaram, é ruim a seus olhos. A tais pessoas falta, evidentemente, a primeira qualidade para uma sadia avaliação: a legitimidade do julgamento; porém, elas não se apercebem disso; trata-se do defeito com o qual as pessoas mais se frustram.

Todas estas instruções decorrem da experiência e do ensino ministrado pelos Espíritos; nós vamos completá-las com as próprias respostas fornecidas por eles sobre os pontos mais importantes.

Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos.

268. 1. Por que sinais se pode reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?

“Por sua linguagem, como vocês distinguem um doidivanas de um homem sensato. Nós já o dissemos, os Espíritos superiores não se contradizem jamais e não dizem senão boas coisas; eles desejam apenas o bem: eis sua preocupação.”

“Os Espíritos inferiores se acham ainda sob o império das ideias materiais; sua expressão se ressentem de sua ignorância e de sua imperfeição. É concedido apenas aos Espíritos superiores conhecer todas as coisas e julgá-las sem paixão.”

2. Sempre constitui a ciência, para um Espírito, um sinal certo de sua elevação?

“Não, pois, caso ele ainda esteja sob a influência da matéria, pode manter os vícios e os preconceitos de seu mundo. Existem pessoas que são excessivamente invejosas e orgulhosas; creem vocês que, tão logo elas deixam esse mundo, perdem tais defeitos? Resta, após sua partida daí, sobretudo às que tiveram paixões bem profundas, uma espécie de atmosfera que as envolve e lhes mantém todas essas coisas ruins.

“Esses Espíritos meio imperfeitos são mais de temer que os maus Espíritos, porque, em sua maior parte, reúnem a astúcia e o orgulho à inteligência. Através de seu pretenso saber, eles se impõem às pessoas simples e aos ignorantes, que aceitam sem prevenção suas teorias absurdas e mentirosas; conquanto essas teorias não tenham como prevalecer contra a verdade, elas não deixam de causar um mal temporário, pois entram a marcha do espiritismo, e os médiuns permanecem de boa vontade cegos para o mérito do que lhes é comunicado. Eis aqui o que demanda um estudo profundo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns; é para distinguir o verdadeiro do falso que é preciso concentrar toda a sua atenção.”

3. Muitos Espíritos protetores se designam com os nomes de santos ou de personagens conhecidas: que se deve pensar a respeito disso?

“Todos os nomes de santos e de personagens conhecidas não seriam suficientes para fornecer um protetor para cada homem; entre os Espíritos, existem poucos que possuem um nome conhecido na Terra: eis porque muitíssimas vezes eles não fornecem nenhum; mas, na maioria das vezes, vocês desejam um nome; então, para lhes satisfazer, eles tomam o de um homem que vocês conhecem e respeitam.”

4. Não pode esse nome de empréstimo ser considerado como uma fraude?

“Seria uma fraude da parte de um mau Espírito que desejasse ludibriar; mas, quando é para o bem, Deus permite que se faça assim entre os Espíritos da mesma categoria, porque existe entre eles solidariedade e similitude de pensamentos.”

5. Assim, quando um Espírito protetor diz que é São Paulo, por exemplo, não é certo que se trate do Espírito mesmo ou da alma do apóstolo deste nome?

“Absolutamente, pois vocês encontram milhares de pessoas a quem se disse que seu anjo guardião é São Paulo ou um outro; mas que lhes importa, se o Espírito que os protege é tão elevado quanto São Paulo? Eu lhes disse: vocês precisam de um nome; eles tomam um para serem evocados e reconhecidos, como vocês tomam nomes de batismo para se distinguirem dos outros membros de sua família. Eles também podem assumir os dos arcanjos Rafael, São Miguel etc., sem que isso cause problema.

“De resto, mais um Espírito é elevado, mais sua irradiação é múltipla; fiquem sabendo que um Espírito protetor de uma categoria superior é capaz de ter sob sua tutela centenas de encarnados. Entre vocês, na Terra, vocês possuem os notários que se encarregam dos negócios de cem ou de duzentas famílias; por que pretenderiam vocês que nós fôssemos, espiritualmente falando, menos aptos para a direção moral dos homens do que aqueles para a direção material de seus interesses?”

6. Por que tomam com frequência os Espíritos que se comunicam o nome dos santos?

“Eles se identificam com os hábitos daqueles a quem falam, e tomam os nomes adequados para causar no homem o máximo de impressão em função de suas crenças.”

7. Sempre vêm em pessoa certos Espíritos superiores que se evocam, ou bem, como creem alguns, vêm tão só através de mandatários encarregados de transmitir seu pensamento?

“Por que não viriam em pessoa, se podem fazê-lo? Contudo, caso o Espírito não possa vir, virá forçosamente um mandatário.”

8. Sempre é o mandatário suficientemente esclarecido para responder como o faria o Espírito que o envia?

“Os Espíritos superiores sabem a quem confiam a responsabilidade de os substituir. De resto, mais os Espíritos são elevados, mais se conglomera em um pensamento comum, de tal sorte que, para eles, a personalidade é uma coisa indiferente, o que deve valer também para vocês; creem vocês, então, que existam no mundo dos Espíritos superiores apenas os que vocês conheceram na Terra capazes de instruí-los? Vocês estão de tal modo condicionados a se acharem os modelos do universo, que creem sempre que além de seu mundo não exista mais nada. Vocês se parecem verdadeiramente com aqueles selvagens que não saíram de sua ilha e creem que o mundo não vai além dali.”

9. Nós compreendemos que deva ser assim quando se trata de um ensinamento sério; mas por que permitem os Espíritos elevados que Espíritos de baixa categoria se ornem com nomes respeitáveis para induzirem a erro através de máximas amiúde perversas?

“Não é de forma alguma com sua permissão que eles o fazem; isto não ocorre também entre vocês? Os que assim enganam serão punidos por isto, fiquem sabendo, e sua punição será proporcional à gravidade da impostura. De resto, se vocês não fossem imperfeitos, teriam em torno de vocês apenas bons Espíritos e, se são enganados, atribuam o fato apenas a vocês mesmos. Deus permite que isto ocorra para experimentar sua perseverança e seu descortino, e lhes ensinar a distinguir a verdade do erro; se vocês não o fazem, é que não são assaz elevados e têm ainda necessidade das lições da experiência.”

10. Não são, às vezes, Espíritos pouco adiantados, mas animados de boas intenções e do desejo de progredir, encarregados de substituir um Espírito superior a fim de lhes fornecer a ocasião de se prepararem para o ensino?

“Jamais nos grandes centros; eu me refiro aos centros sérios e para um ensinamento geral; os que aí se apresentam o fazem sempre por sua própria conta e, como você disse, para se prepararem; eis porque suas comunicações, conquanto boas, carregam sempre traços de sua

inferioridade. Quando eles recebem um encargo, trata-se apenas de comunicações pouco importantes e das que a gente pode chamar de pessoais.”

11. As comunicações espíritas ridículas são, às vezes, intercaladas de excelentes máximas; como resolver esta anomalia, que pareceria indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?

“Os Espíritos maus ou levianos se confundem também ao produzir sentenças, percebendo bem pouco o alcance ou o significado delas. São todos os que o fazem entre vocês homens superiores? Não, os bons e os maus Espíritos não convivem juntos; é através da uniformidade constante das boas comunicações que vocês reconhecerão a presença dos bons Espíritos.”

12. É sempre conscientemente que os Espíritos que induzem a erro o fazem?

“Não; existem Espíritos bons, mas ignorantes, que podem enganar-se de boa-fé; quando adquirem consciência de sua limitação, eles reconhecem-na e dizem apenas o que sabem.”

13. Quando um Espírito dá uma comunicação falsa, ele o faz sempre com uma intenção ruim?

“Não; caso se trate de um Espírito leviano, ele se diverte a mistificar, e não tem outro objetivo.”

14. Uma vez que certos Espíritos conseguem enganar através de sua linguagem, conseguem também, aos olhos de um médium vidente, assumir uma aparência falsa?

“Isso é possível, mas é maior a dificuldade. Em todos os casos, isso não ocorre jamais senão com um objetivo que os maus Espíritos mesmos não conhecem. Eles servem de instrumento para se ministrar uma lição. O médium vidente pode ver os Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem ou escrevem sob sua influência. Os Espíritos levianos podem tirar proveito desta disposição para ludibriá-lo através de aparências enganadoras; isso depende das qualidades de seu próprio Espírito.”

15. Para não ser ludibriado, é suficiente estar animado de boas intenções? E os homens totalmente sérios, que não misturam em seus estudos nenhum sentimento de vã curiosidade, estão também arriscados a ser enganados?

“Menos que os outros, evidentemente; mas o homem possui sempre alguns caprichos que atraem os Espíritos zombeteiros; ele se crê forte e muitas vezes não é; assim, deve desconfiar da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. A gente não leva muito em conta essas duas causas de que os Espíritos se aproveitam; bajulando as manias, eles ficam seguros de ter êxito.”

16. Por que permite Deus que os maus Espíritos se comuniquem e digam coisas ruins?

“Mesmo no que existe de pior existe um ensinamento; compete a vocês saber extraí-lo. É preciso que existam comunicações de todos os tipos para ensiná-los a distinguir os bons Espíritos dos maus, e servir de espelho para vocês mesmos.”

17. Conseguem os Espíritos, por meio de comunicações escritas, inspirar injustas desconfianças contra certas pessoas e intrigar amigos?

“Espíritos perversos e invejosos podem praticar o mal da mesma forma que fazem os homens; eis porque é preciso prestar atenção. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados quando têm o que criticar; eles não xingam: eles advertem com consideração. Caso eles desejem que, no interesse delas, duas pessoas deixem de se ver, darão origem a incidentes que as separarão de um modo natural. Uma linguagem própria para semear a perturbação e a desconfiança procede sempre de um mau Espírito, qualquer que seja o nome com que se adorne. Assim, não acolham senão com circunspeção o mal que um Espírito pode dizer a respeito de algum de vocês, sobretudo quando um bom Espírito lhes disse bem dele; e desconfiem também de si mesmos, e de suas próprias antipatias. Nas comunicações espíritas, colham o que existe de belo, de grande, de racional e o que sua consciência aprove.”

18. Pela facilidade com que o mau Espíritos se intrometem nas comunicações, não parece que a gente não está jamais segura da verdade?

“Sim, uma vez que vocês possuem a faculdade de julgamento para avaliá-las. À leitura de uma carta, vocês sabem reconhecer bem se se trata de um mal-educado ou um homem bem-educado, um bobo ou um sábio que lhes escreveu; por que não poderiam vocês fazê-lo quando são os Espíritos que lhes escrevem? Se vocês recebem uma carta de um amigo distante, o que lhes comprova que ela é realmente dele? Sua escrita, dirão vocês; mas não existem falsários que imitam todas as escritas; velhacos que podem conhecer seus negócios? Entretanto, existem sinais com que vocês não se enganam; é o mesmo em relação aos Espíritos. Suponham, então, que é um amigo que lhes escreve, ou que vocês estão lendo uma obra de um escritor, e julguem através dos mesmos critérios.”

19. Poderiam os Espíritos superiores impedir os maus de assumir nomes falsos?

“Com certeza eles podem; porém, mais os Espíritos são maus, mais são obstinados e com frequência resistem às imposições. É preciso também que vocês saibam que existem pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que por outras e, quando julgam necessário, eles podem preservá-las do ataque da mentira; contra tais pessoas, os Espíritos enganadores são impotentes.”

20. Qual é o motivo dessa parcialidade?

“Não se trata em absoluto de parcialidade; trata-se de justiça; os bons Espíritos se interessam pelos que tiram proveito de suas advertências, e trabalham seriamente para sua própria melhoria; são esses seus preferidos e eles os auxiliam, mas pouco se preocupam com os homens com que perdem seu tempo em belos discursos.”

21. Por que Deus permite que os Espíritos cometam o sacrilégio de assumir falsamente nomes venerados?

“Vocês poderiam perguntar também por que Deus permite que os homens mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os homens, possuem seu livre-arbítrio no bem como no mal; mas nem a uns nem a outros a justiça de Deus falhará.”

22. Existem fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?

“Fórmula é matéria; um bom pensamento para Deus é bem melhor.”

23. Certos Espíritos disseram possuir signos gráficos inimitáveis, espécies de emblemas capazes de fazer reconhecê-los e confirmar sua identidade; isso é verdadeiro?

“Os Espíritos superiores não possuem outros signos para fazer-se reconhecer senão a elevação de suas ideias e de sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um signo material. Quanto aos Espíritos inferiores, eles se traem de tantas maneiras que é preciso ser cego para se deixar enganar.”

24. Não conseguem também os Espíritos enganadores arremedar o pensamento?

“Eles arremedam o pensamento, como os cenários do teatro arremedam a natureza.”

25. Parece que assim é sempre fácil descobrir a fraude através de um exame atento.

“Não duvidem disso; os Espíritos enganam apenas os que se deixam enganar. Mas é preciso possuir olhos de negociante de diamantes para distinguir a verdadeira pedra da falsa; por isso, quem não sabe distinguir a pedra fina da falsa vai atrás do lapidário.”

26. Existem pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que se satisfazem com palavras mais do que com ideias, que tomam mesmo ideias falsas e vulgares por ideias sublimes; como podem estas pessoas, que não se acham aptas nem mesmo para julgar as obras dos homens, julgar as dos Espíritos?

“Quando tais pessoas possuem bastante modéstia para reconhecer sua incompetência, elas não se valem de si mesmas; quando, por orgulho, elas se creem mais capazes do que são, elas pagam a pena por sua tola vaidade. Os Espíritos enganadores bem sabem a quem se dirigem;

existem pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de ludibriar que outras que possuem espírito e saber. Ao bajular as paixões, eles fazem do homem tudo o que desejam.”

27. Na escrita, traem-se às vezes os maus Espíritos através de sinais materiais involuntários?

“Os hábeis não no fazem; os desastrados se atrapalham. Qualquer sinal inútil e pueril é um indício certo de inferioridade; os Espíritos elevados não fazem nada de inútil.”

28. Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que sentem à sua aproximação. Nós perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar, em suma, são sempre indícios da natureza ruim dos Espíritos que se manifestam.

“O médium experimenta as sensações do estado no qual se encontra o Espírito que vem até ele. Quando o Espírito é feliz, ele fica tranquilo, leve, sereno; quando é infeliz, ele fica agitado, febril, e esta agitação passa naturalmente para o sistema nervoso do médium. De resto, é assim que é o homem na Terra: quem é bom fica calmo e tranquilo; quem é mau fica sempre agitado.”

Observação. Existem médiuns de uma impressionabilidade nervosa maior ou menor; eis porque a agitação não poderia ser considerada como uma regra absoluta; é preciso aqui, como em todas as coisas, levar em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão constitui um efeito de contraste, pois, se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, será pouco ou nada afetado por ele. De resto, não se deve confundir a rapidez da escrita, que corresponde à extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contato dos Espíritos imperfeitos.

CAPÍTULO XXV

DAS EVOCAÇÕES

Considerações gerais. — Espíritos que se podem evocar. — Linguagem a empregar com os Espíritos. — Utilidade das evocações particulares. — Questões sobre as evocações. — Evocação de animais. — Evocação de pessoas vivas. — Telegrafia humana.

Considerações gerais.

269. Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente ou vir a nosso chamado, quer dizer, por evocação. Algumas pessoas pensam que se deve abster-se de evocar tal ou qual Espírito, e que é preferível esperar quem deseje comunicar-se. Elas se baseiam nesta opinião: que, ao se

evocar um Espírito determinado, não se tem certeza de que seja ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente e por sua própria vontade comprova melhor sua identidade, uma vez que ele anuncia assim o desejo de conversar conosco. A nosso ver, há aqui um erro: primeiramente porque sempre existem Espíritos em torno de nós, o mais das vezes de baixa categoria, os quais não querem outra coisa senão comunicar-se; em segundo lugar e por esta última razão mesmo, não chamar nenhum em particular é abrir a porta a todos os que desejam entrar. Em uma assembleia, não conceder a palavra a ninguém é liberá-la para todo o mundo, e a gente sabe o que resulta disso. O chamado direto feito a um Espírito determinado constitui um vínculo entre ele e nós: nós o chamamos por desejo nosso, e construímos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem um apelo direto, um Espírito não teria muitas vezes motivo algum para vir a nós, caso não se trate de nosso Espírito familiar.

Estas duas maneiras de operar têm cada uma suas vantagens; o inconveniente residiria na exclusão completa de uma das duas. As comunicações espontâneas não apresentam nenhum inconveniente, quando se é senhor dos Espíritos e se está seguro de não deixar aos maus que assumam nenhum domínio; então, é bom esperar a boa vontade dos que desejam manifestar-se, porque o pensamento deles não sofre nenhum constrangimento e se podem obter desta maneira coisas admiráveis; ao passo que não é certo que o Espírito que é evocado esteja disposto a falar ou seja capaz de fazê-lo no sentido que se deseja. O exame escrupuloso que nós aconselhamos é, aliás, uma garantia contra as más comunicações. Nos grupos regulares, naqueles sobretudo em que a gente se dedica a um trabalho seguido, existem sempre Espíritos habituados a eles que comparecem ao encontro sem que sejam chamados, justamente porque, em razão da regularidade das sessões, ficam alerta; eles tomam muitas vezes espontaneamente a palavra para tratar de um assunto qualquer, desenvolver uma proposição ou prescrever o que se deve fazer, e, então, são facilmente reconhecidos, seja pela forma de sua linguagem, que é sempre idêntica, seja por sua escrita ou por certos hábitos que lhes são familiares.

270. Quando existe o desejo de se comunicar com um Espírito *determinado*, é de todo necessário evocá-lo. (N.º 203.) Caso ele possa vir, obtém-se geralmente por resposta: *Sim*; ou: *Aqui estou*; ou ainda: *Que deseja você de mim?* Às vezes, ele entra diretamente na matéria, respondendo por antecipação às questões que a gente se propõe a endereçar-lhe.

Quando um Espírito é evocado pela primeira vez, convém designá-lo com alguma precisão. Nas questões que lhe são encaminhadas, é preciso evitar os tratamentos secos e imperativos, que constituiriam para ele um motivo de afastamento. Esses tratamentos devem ser afetuosos ou respeitosos, conforme o Espírito, e, em todos os casos, testemunhar a afabilidade do evocador.

271. A gente muitas vezes se surpreende com a presteza com a qual um Espírito evocado se apresenta, mesmo para a primeira vez: dir-se-ia que foi prevenido; é de fato o que ocorre quando a gente se preocupa previamente com sua evocação. Tal preocupação é um tipo de evocação antecipada e, como nós temos sempre nossos Espíritos familiares que se identificam com nosso pensamento, eles preparam as vias, de tal sorte que, se nada se opuser a isso, o Espírito que se deseja evocar já está presente. No caso contrário, é o Espírito familiar do médium, ou o do interrogador, ou um dos frequentadores que vai procurá-lo e, para isso, não precisa de muito tempo. Caso o Espírito evocado não possa vir de imediato, o mensageiro (os pagãos teriam dito *Mercúrio*) assinala um prazo, às vezes de cinco minutos, um quarto de hora, uma hora e mesmo de vários dias; quando ele chega, ele diz: *Ele está aqui*; então, a gente pode começar as questões que se deseja endereçar-lhe.

O mensageiro nem sempre é um intermediário necessário, pois o chamado do evocador pode ser ouvido diretamente pelo Espírito, como está registrado adiante no n.º 282, questão 5, sobre o modo de transmissão do pensamento.

Quando nós dizemos para realizar-se a evocação em nome de Deus, nós entendemos que nossa recomendação deve ser levada a sério e não levianamente; os que vissem aí apenas uma fórmula sem consequência agiriam melhor se se abstivessem.

272. As evocações amiúde oferecem mais dificuldades aos médiuns do que os ditados espontâneos, sobretudo quando se trata de obter respostas precisas a questões circunstanciadas. Precisa-se para isso de médiuns especiais, igualmente *flexíveis* e *positivos*, e nós vimos (n.º 193) que estes últimos são bastante raros, pois, assim como dissemos, as relações fluídicas nem sempre se estabelecem instantaneamente com o primeiro Espírito que chega. Eis porque é bom que os médiuns não se entreguem a evocações minuciosas senão após estarem seguros do desenvolvimento de sua faculdade e da natureza dos Espíritos que os assistem, pois, entre os que se acham mal acompanhados, as evocações não podem apresentar nenhum caráter de autenticidade.

273. Os médiuns são geralmente muito mais procurados para as evocações de um interesse particular que para as comunicações de um interesse geral; isto se explica através do desejo bem natural que se possui de se conversar com os entes que nos são caros. Nós cremos dever fazer a respeito várias recomendações importantes aos médiuns. A primeira é de só acederem a esse desejo com reserva, perante as pessoas sobre cuja sinceridade não se achem completamente inteirados, e de se resguardarem contra as ciladas que poderiam armar-lhes as pessoas malévolas. A segunda é de não se prestarem a elas, sob nenhum argumento, caso notem um desígnio de curiosidade e de interesse e não uma intenção séria da parte do evocador; e de recusarem qualquer questão ociosa ou que saísse do círculo das que se podem racionalmente dirigir aos Espíritos. As questões devem ser colocadas com clareza, nitidez e sem segunda intenção, caso se queiram respostas categóricas. É necessário, pois, rejeitar todas as que possuam um caráter insidioso, pois se sabe que os Espíritos não gostam das que têm por objetivo pô-los à prova; insistir nas questões desta natureza significa desejar ser enganado. O evocador deve ir franca e abertamente ao alvo, sem subterfúgio e sem evasivas; caso tema explicar-se, agiria melhor se se abstivesse.

Convém ainda tão somente realizar com muita prudência evocações na ausência das pessoas que as solicitam, e muitas vezes mesmo é preferível abster-se completamente, sendo aquelas pessoas as únicas em condições de controlar as respostas, de julgar a identidade, de provocar os esclarecimentos, se for o caso, e de efetuar as questões supervenientes geradas pelas circunstâncias. Além disso, sua presença é um vínculo que atrai o Espírito, frequentemente pouco disposto a comunicar-se com estranhos pelos quais não nutre nenhuma simpatia. O médium, em suma, deve evitar tudo o que possa transformá-lo em agente de consulta, o que, aos olhos de muitas pessoas, é sinônimo de leitor da sorte.

Espíritos que se podem evocar.

274. É possível evocar todos os Espíritos, qualquer que seja o nível da escala a que pertençam: os bons como os maus, os que deixaram a vida há pouco como os que viveram nos tempos mais recuados, os homens ilustres como os mais obscuros, nossos parentes, nossos amigos como os que nos são indiferentes; mas isto não significa que eles desejem ou possam sempre atender ao nosso chamado; independentemente de sua própria vontade, ou da permissão que lhes pode ser negada por um poder superior, eles podem estar impedidos por motivos que nem

sempre nos é dado penetrar. Nós queremos dizer que não existe impedimento absoluto que se oponha às comunicações, salvo o que citaremos a seguir; os obstáculos que podem impedir um Espírito de se manifestar são quase sempre individuais e amiúde se prendem às circunstâncias.

275. Entre as causas que podem opor-se à manifestação de um Espírito, umas lhe são pessoais e outras lhe são alheias. É preciso colocar entre as primeiras suas ocupações ou as missões que esteja cumprindo, e de que ele não pode afastar-se para ceder a nossos desejos; neste caso, sua visita tão só fica adiada.

Existe ainda sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode ser um empecilho em dados momentos, sobretudo quando ela se verifica nos mundos inferiores e quando o Espírito mesmo é pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os laços do Espírito e da matéria são muito frágeis, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante e, em todos os casos, mais fácil que naqueles onde a matéria corpórea é mais compacta.

As causas alheias se prendem principalmente à natureza do médium, à da pessoa que evoca, ao ambiente em que se dá a evocação e, enfim, ao objetivo que se propõe. Certos médiuns recebem mais particularmente as comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros se acham aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos; isto depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsa que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o Espírito alheio, que pode tomá-lo como intérprete com prazer ou com repugnância. Isto depende ainda, abstração feita das qualidades íntimas do médium, do desenvolvimento da faculdade medianímica. Os Espíritos vêm com maior boa vontade, e sobretudo são mais explícitos, com um médium que não lhes ofereça nenhum obstáculo material. Sendo, aliás, todas as coisas iguais quanto às condições morais, mais um médium tenha facilidade para escrever ou exprimir-se, mais suas relações com o mundo espírita se generalizam.

276. É preciso ainda levar em conta a facilidade que deve propiciar o hábito de comunicar-se com tal ou qual Espírito; com o tempo, o Espírito alheio se identifica com o do médium e também com o de quem o chama. Simpatia à parte, estabelecem-se entre eles relações fluídicas que tornam as comunicações mais rápidas; eis porque uma primeira conversação nem sempre é tão satisfatória quanto se poderia desejar, e também porque os Espíritos mesmos solicitam amiúde para serem chamados de novo. O Espírito que vem habitualmente se sente como em casa: ele se familiariza com os ouvintes e seus intérpretes, fala e age livremente.

277. Em resumo, do que acabamos de dizer resulta: que a faculdade de evocar qualquer Espírito que seja não implica para o Espírito a obrigação de se pôr às nossas ordens; que ele pode vir numa hora e noutra não, com tal médium ou tal evocador que lhe apraza e não com tal outro; dizer o que queira, sem poder ser constrangido a dizer o que não queira; ir embora, quando isto lhe convenha; enfim, que, por razões dependentes ou não de sua vontade, após se mostrar assíduo durante algum tempo, ele pode de repente deixar de comparecer.

É por todos estes motivos que, quando se deseja chamar um Espírito novo, é necessário perguntar a seu guia protetor se a evocação é possível; caso ela não seja, ele apresenta quase sempre os motivos e, então, é inútil insistir.

278. Uma importante questão se apresenta aqui: a de saber se existe ou não inconveniente em evocar maus Espíritos. Isto depende do alvo que se mire e da ascendência que se possa ter quanto a eles. O inconveniente é nulo quando a gente os chama com um objetivo sério, instrutivo e visando a melhorá-los; é muito grande, ao contrário, caso se trate de pura curiosidade ou divertimento, ou caso a gente se ponha sob sua dependência, ao pedir-lhes um serviço qualquer. Os bons Espíritos, neste caso, podem muito bem propiciar-lhes o poder de fazer

o que se lhes pede, com a reserva de punir severamente mais tarde o temerário que teria ousado invocar a ajuda deles e atribuir-lhes mais poder do que a Deus. Seria em vão que se prometeria fazer um bom uso disso a seguir e dispensar o serviçal uma vez prestado o serviço; este mesmo serviço que se solicitou, por mínimo que seja, constitui um verdadeiro pacto ajustado com o mau Espírito e este não solta a presa facilmente. (Ver n.º 212.)

279. A ascendência não se exerce sobre os Espíritos inferiores senão através da *superioridade moral*. Os Espíritos perversos percebem que os homens de bem são seus senhores; frente a frente com quem lhes oponha apenas a energia da vontade, espécie de força bruta, eles lutam e amiúde são os mais fortes. Alguém procurava domar um Espírito rebelde através de sua vontade; o Espírito lhe respondeu: *Deixe-me tranquilo com seus ares de mata-mouros, você que não vale mais que eu; não se diria: trata-se de um ladrão que prega a moral a um ladrão?*

Espanta-se a gente que o nome de Deus que se invoca contra eles seja com frequência impotente; São Luís evidenciou a razão disto na resposta seguinte:

“O nome de Deus não exerce influência sobre os Espíritos imperfeitos senão na boca de quem pode servir-se dele com autoridade, através de suas virtudes; na boca do homem que não tivesse sobre o Espírito nenhuma superioridade moral, trata-se de uma palavra como outra qualquer. Ocorre o mesmo com as coisas sagradas que a gente lhes opõe. A mais terrível arma fica inofensiva nas mãos despreparadas para se servirem dela ou incapazes de usá-la.”

Linguagem a empregar com os Espíritos.

280. O nível de superioridade ou de inferioridade dos Espíritos indica naturalmente o tom que convém adotar com eles. É evidente que, mais eles sejam elevados, mais direito têm que os respeitemos, que os consideremos e que nos submetamos a eles. Nós não devemos testemunhar-lhes menos deferência do que o faríamos em sua vida, mas por outros motivos: na vida terrena, nós teríamos considerado sua classe e sua situação social; no mundo dos Espíritos, nosso respeito não se volta senão para a superioridade moral. Sua elevação mesma os põe acima das puerilidades de nossas formas adulatórias. Não é através de palavras que se pode captar sua benevolência; é através da sinceridade dos sentimentos. Logo, seria ridículo outorgar-lhes os títulos que nossos usos consagram na distinção das classes e que, em sua vida, poderiam ter lisonjeado sua vaidade; caso sejam realmente superiores, não somente não se apegam a isso, como também isso os desagrada. Um bom pensamento lhes é mais agradável que os epítetos mais elogiosos; caso contrário, eles não se achariam acima da humanidade. O Espírito de um venerável eclesiástico que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem, praticante da lei de Jesus, respondeu um dia a alguém que o evocava dando-lhe o título de monsenhor: “Você devia dizer, ao menos, ex-monsenhor, pois aqui não existe de senhor senão Deus; fique sabendo que eu vejo os que, na Terra, se punham de joelhos diante de mim, e diante dos quais me inclino eu mesmo.”

Quanto aos Espíritos inferiores, seu caráter nos indica a linguagem que convém manter com eles. Em seu número, existem os que, conquanto inofensivos e mesmo benevolentes, são levianos, ignorantes, aturdidos; tratá-los do mesmo modo que aos Espíritos sérios, como fazem certas pessoas, equivaleria a se inclinar diante de um escolar ou de um asno fantasiado com um barrete de doutor. O tom da familiaridade não chegaria a ser inconveniente para eles, que não se escandalizam com isso; ao contrário, eles se prestam a ele de boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores, existem os que são infelizes. Quaisquer que possam ter sido as culpas que expiam, seus sofrimentos constituem títulos tanto maiores para nossa comiseração, quanto ninguém pode se vangloriar de escapar desta declaração do Cristo: “Que aquele que esteja sem pecado lhe jogue a primeira pedra.” A benevolência que nós lhes testemunhamos é um alívio para eles; à falta de simpatia, eles devem encontrar a indulgência que nós desejaríamos que se tivesse para conosco.

Os Espíritos que revelam sua inferioridade através do cinismo de sua linguagem, de suas mentiras, da baixeza de seus sentimentos, da perfídia de seus conselhos, são seguramente menos dignos de nosso interesse que aqueles cujas palavras atestam seu arrependimento; nós lhes devemos, ao menos, a piedade que concedemos aos maiores criminosos, e o meio de reduzi-los ao silêncio é mostrar-se superior a eles; eles não se consagram senão às pessoas de quem acreditam não terem nada que temer; pois os Espíritos perversos percebem como seus superiores os homens de bem e os Espíritos elevados.

Em resumo, tanto seria irreverente tratar de igual para igual os Espíritos superiores, quanto seria ridículo apresentar u’a mesma deferência a todos, sem exceção. Demonstramos veneração para com os que o merecem, reconhecimento para com os que nos protegem e assistem, e para com todos os outros a benevolência de que nós mesmos teremos talvez um dia necessidade. Ao penetrar no mundo incorpóreo, nós aprendemos a conhecê-lo, e tal conhecimento deve orientar-nos em nossas relações com os que o habitam. Os antigos, em sua ignorância, lhes ergueram altares; para nós, eles mais não são que criaturas mais ou menos perfeitas, e nós erguemos altares apenas para Deus.

Utilidade das evocações particulares.

281. As comunicações que se obtêm dos Espíritos muito superiores, ou dos que animaram as grandes personagens da antiguidade, são preciosas pelo alto ensinamento que encerram. Tais Espíritos adquiriram um nível de perfeição que lhes permite abarcar uma esfera de ideias mais ampla, penetrar mistérios que ultrapassam o alcance normal da humanidade, e, por consequência, iniciar-nos melhor que os outros em certas coisas. Não se segue daí que as comunicações dos Espíritos de uma ordem menos elevada fiquem sem utilidade: o observador pode extrair delas mais de uma instrução. Para conhecer os costumes de um povo, é preciso estudá-lo em todas as camadas. Quem o tivesse visto somente em um aspecto o conheceria mal. A história de um povo não é a de seus reis ou de suas sumidades sociais; para julgá-lo, é preciso observá-lo em sua vida íntima, em seus hábitos privados. Ora, os Espíritos superiores são as sumidades do mundo espírita; sua elevação mesma os situa de tal modo acima de nós que ficamos espantados com a distância que nos separa deles. Espíritos mais burgueses (que nos seja relevada tal expressão) nos fazem mais palpáveis as circunstâncias de sua nova existência. Neles, a ligação entre a vida corpórea e a vida espírita é mais íntima, nós a compreendemos melhor, porque nos toca mais de perto. Ao aprender através deles mesmos o que se tornaram, o que pensam, o que experimentam os homens de todas as condições e de todos os feitos, os homens de bem como os viciosos, os grandes e os pequenos, os felizes e os infelizes deste século, em suma, os homens que viveram entre nós, que nós vimos e conhecemos, cuja vida real nós acompanhamos, bem como as virtudes e os defeitos, nós compreendemos suas alegrias e seus sofrimentos, nós nos associamos a eles e haurimos neles um ensinamento moral tanto mais proveitoso quanto mais íntimas sejam as relações entre eles e nós. Nós nos colocamos mais facilmente no lugar de quem foi nosso igual do

que daquele que vemos somente através da miragem de uma glória celeste. Os Espíritos comuns nos demonstram a aplicação prática das grandes e sublimes verdades cuja teoria os Espíritos superiores nos ensinam. Aliás, no estudo de uma ciência, nada é inútil: Newton encontrou a lei das forças do universo no fenômeno mais simples.

A evocação dos Espíritos comuns apresenta, além disso, a vantagem de nos colocar em contato com os Espíritos sofredores, que a gente consegue desafogar e cujo adiantamento pode facilitar-se através de conselhos úteis. Logo, é possível ser útil e instruir-se a si mesmo; existe egoísmo em buscar apenas sua própria satisfação na conversação com os Espíritos, e quem desdenha estender u'a mão compassiva aos que são infelizes dá, ao mesmo tempo, prova de orgulho. Para que lhe serve obter belas recomendações dos Espíritos de escol, se isto não o torna melhor para consigo mesmo, nem mais caridoso e mais benévolo para com seus irmãos deste mundo e do outro? Que seria dos pobres doentes, caso os médicos se recusassem a tocar em suas feridas?

Questões sobre as evocações.

282.1. Pode uma pessoa que não seja médium evocar os Espíritos?

“Todo o mundo pode evocar os Espíritos, e, caso os que vocês chamarem não puderem manifestar-se materialmente, nem por isso deixam de estar junto de vocês e de escutá-los.”

2. Atende sempre o Espírito evocado ao apelo que lhe é feito?

“Isso depende das condições nas quais se encontre, pois existem circunstâncias em que não consegue fazê-lo.”

3. Quais são as causas que podem impedir um Espírito de vir ao nosso chamado?

“Sua vontade, em primeiro lugar; depois, seu estado corpóreo, caso se ache encarnado, as missões de que possa estar encarregado, ou bem ainda a permissão, que pode ser-lhe recusada.

“Existem Espíritos que não podem jamais comunicar-se; são os que, por sua natureza, pertencem ainda aos mundos inferiores à Terra. Os que se acham nas esferas de punição não podem fazê-lo também, a menos que uma permissão superior lhes seja concedida com um fito apenas de utilidade geral. Para que um Espírito possa comunicar-se, é preciso que tenha alcançado o nível de adiantamento do mundo para o qual ele é chamado, caso contrário, ele queda alheio às ideias desse mundo, sem nenhum ponto de comparação. Não ocorre o mesmo com os que são enviados em missão ou em expiação aos mundos inferiores: eles possuem as ideias necessárias para responder.”

4. Por quais motivos pode ser recusada a um Espírito a permissão de se comunicar?

“Pode ser uma provação ou uma punição para ele ou para quem o chama.”

5. Como podem os Espíritos dispersos no espaço ou em diferentes mundos ouvir de todos os pontos do universo as evocações que lhes são feitas?

“Muitas vezes, eles são prevenidos disso pelos Espíritos familiares que cercam as pessoas e que vão procurá-los; mas se passa aqui um fenômeno que é difícil de explicar-lhes, porque vocês não conseguem ainda compreender o modo de transmissão do pensamento entre os Espíritos. O que eu posso dizer-lhes é que o Espírito que vocês evocam, por mais distante que esteja, recebe, por assim dizer, o reflexo do pensamento como uma espécie de choque elétrico que chama sua atenção para o lado de onde vem o pensamento que se endereça a ele. Pode-se dizer que ele escuta o pensamento, como na Terra vocês escutam a voz.”

— Constitui o fluido universal o veículo do pensamento, como o ar é o do som?

“Sim, com a diferença de que o som não pode fazer-se ouvir senão em um raio muito limitado, ao passo que o pensamento alcança o infinito. O Espírito, no espaço, é como o viajante no meio de vasta planície, o qual, ao ouvir de repente pronunciarem seu nome, se dirige para o lado de onde vem o chamado.”

6. Nós sabemos que as distâncias pouca coisa representam para os Espíritos, entretanto, a gente se espanta ao vê-los, às vezes, responderem tão prontamente ao chamado, como se estivessem muito perto.

“É que, de fato, eles estão perto, às vezes. Caso a evocação tenha sido premeditada, o Espírito foi avisado antes e amiúde se acha ali antes da hora em que é chamado.”

7. É o pensamento do evocador ouvido mais ou menos facilmente segundo certas circunstâncias?

“Sem dúvida alguma; o Espírito evocado através de um sentimento simpático e benevolente é mais vivamente tocado; é como uma voz amiga que ele reconhece; sem isso, ocorre frequentemente que a evocação *não adianta*. O pensamento que brota da evocação alcança o Espírito; caso seja mal dirigido, alcança o vazio. Ocorre entre os Espíritos como entre os homens: caso quem os chama lhes seja indiferente ou antipático, eles podem escutá-lo, mas muitas vezes não atendem.”

8. Comparece o Espírito evocado de boa vontade ou é forçado?

“Ele obedece à vontade de Deus, quer dizer, à lei geral que rege o universo; contudo, forçado não é a palavra, pois ele julga se é útil comparecer: e ainda aí reside para ele o livre-arbítrio. O Espírito superior comparece sempre quando é chamado com um objetivo útil; ele não se recusa a responder senão nos ambientes de pessoas pouco sérias, tratando a coisa como brincadeira.”

9. Pode o Espírito evocado recusar-se a comparecer ao chamado que lhe é feito?

“Perfeitamente; onde ficaria seu livre-arbítrio sem isso? Acreditam vocês que todos os seres do universo estejam às suas ordens? E vocês mesmos, acreditam-se obrigados a responder a todos os que pronunciam seus nomes? Quando eu digo que ele pode recusar-se a isso, estou aludindo ao chamado do evocador, pois um Espírito inferior pode ser forçado a comparecer por um superior.”

10. Dispõe o evocador de um meio de forçar um Espírito a comparecer contra sua vontade?

“Nenhum, caso tal Espírito seja igual ou superior a vocês em moralidade — eu digo *em moralidade*, e não em inteligência —, porque vocês não possuem sobre este nenhuma autoridade; caso ele seja inferior a vocês, vocês vão conseguir, se for para o bem dele, pois, então, outros Espíritos os ajudarão.” (N.º 279.)

11. Existe algum inconveniente em evocar Espíritos inferiores, e pode-se reçar, ao chamá-los, colocar-se sob seu domínio?

“Eles dominam apenas os que se deixam dominar. Quem se acha assistido por bons Espíritos não tem nada a reçar; ele se impõe aos Espíritos inferiores e estes não se impõem a ele. Estando sozinhos, os médiuns, sobretudo os que estão iniciando, devem abster-se dessas espécies de evocações.” (N.º 278.)

12. Existe a necessidade de se providenciarem algumas disposições específicas nas evocações?

“A mais essencial de todas as disposições é o recolhimento, quando se deseja estabelecer contato com Espíritos sérios. Com a fé e o desejo do bem, a gente adquire mais força para evocar os Espíritos superiores. Elevando a alma por alguns instantes de recolhimento, no instante da evocação, o evocador se identifica com os bons Espíritos e os predispõe a comparecer.”

13. É necessária a fé para as evocações?

“A fé em Deus, sim; a fé virá para o restante caso vocês desejem o bem e tenham a vontade de se instruir.”

14. Possuem os homens reunidos em uma comunhão de pensamento e de intenções maior força para evocar os Espíritos?

“Quando todos se acham reunidos pela caridade e para o bem, eles alcançam grandes coisas. Nada é mais prejudicial ao resultado das evocações que a divergência de pensamentos.”

15. É útil a precaução de fazer a corrente com as mãos dadas durante alguns minutos, no começo das reuniões?

“A corrente é um meio material que não realiza a união entre vocês, caso ela não exista no pensamento; o que é mais útil que tudo isso é unir-se em um pensamento comum, chamando, cada um de seu lado, bons Espíritos. Vocês não sabem tudo o que se poderia obter em um grupo sério, de onde seria banido todo sentimento de orgulho e de temperamento, e onde reinaria um perfeito sentimento de mútua cordialidade.”

16. São preferíveis as evocações em dias e horários fixos?

“Sim, e, se for possível, no mesmo lugar; os Espíritos comparecem ali com maior boa vontade; é o desejo constante que vocês manifestam que ajuda os Espíritos a pôr-se em comunicação consigo. Os Espíritos têm suas ocupações, que não podem deixar *de improviso*, para satisfação pessoal de vocês. Eu digo no mesmo lugar, mas não creiam que seja uma obrigação absoluta, pois os Espíritos vão a toda a parte; eu quero dizer que um lugar consagrado para isso é preferível, porque o recolhimento ali fica mais perfeito.”

17. Possuem certos objetos, tais como medalhas e talismãs, a propriedade de atrair ou repelir os Espíritos, como pretendem alguns?

“Esta questão é inútil, pois vocês bem sabem que a matéria não tem nenhuma ação sobre os Espíritos. Estejam bem certos de que jamais um bom Espírito aconselha tais absurdos; a virtude dos talismãs, qualquer que seja sua natureza, não existiu jamais senão na imaginação das pessoas crédulas.”

18. Que pensar dos Espíritos que assinalam encontros em lugares lúgubres e em horas indevidas?

“São Espíritos que se divertem às custas dos que os ouvem. É sempre inútil e muitas vezes perigoso ceder a tais sugestões; inútil, porque não se ganha absolutamente nada com isso senão ser mistificado; perigoso, não pelo mal que possam praticar os Espíritos, mas pela influência que isso pode exercer sobre os cérebros frágeis.”

19. Existem dias e horas mais propícios às evocações?

“Para os Espíritos, isto é completamente indiferente, como tudo o que é material, e constituiria uma superstição crer na influência dos dias e das horas. Os momentos mais propícios são aqueles em que o evocador se ache menos distraído em suas ocupações habituais; em que seu corpo e sua mente se achem mais calmos.”

20. É a evocação para os Espíritos agradável ou penosa? Comparecem eles de boa vontade quando são chamados?

“Isso depende de seu caráter e do motivo pelo qual são chamados. Quando a finalidade é louvável e quando o ambiente lhes é simpático, constitui para eles uma coisa agradável e mesmo atraente; os Espíritos ficam sempre felizes com a afeição que se lhes testemunha. Existem os que sentem uma grande felicidade ao se comunicarem com os homens e que sofrem com o abandono em que são deixados. Mas, como eu disse, isto depende também de seu caráter; entre os Espíritos, existem também os misantropos que não gostam de ser perturbados, e cujas respostas se ressentem de seu mau humor, sobretudo quando são chamados por pessoas indiferentes, pelas quais eles não se interessam. Um Espírito não tem muitas vezes nenhum motivo para atender ao chamado de um desconhecido que lhe é indiferente, e que é quase sempre movido pela

curiosidade; caso ele venha, em geral não faz senão curtas aparições, a menos que haja um objetivo sério e instrutivo na evocação.”

Observação. A gente vê pessoas que evocam seus parentes apenas para pedirem as coisas mais vulgares da vida material, por exemplo, um para saber se alugará ou venderá sua casa, um outro para saber o lucro que ganhará com sua mercadoria, o lugar onde existe dinheiro depositado, se tal negócio será ou não vantajoso. Nossos parentes de além-túmulo interessam-se por nós tão só em razão da afeição que temos por eles. Caso todo o nosso pensamento se limite a crê-los adivinhos, caso só pensemos neles para lhes pedir informações, eles não podem ter para conosco uma grande simpatia, e não se deve ficar admirado do pouco de benevolência que testemunham.

21. Existe uma diferença entre os bons e os maus Espíritos sob o aspecto do desvelo deles em vir ao nosso chamado?

“Existe uma diferença muito grande; os maus Espíritos não vêm de boa vontade senão quando esperam dominar e ludibriar; mas eles experimentam uma viva contrariedade quando são forçados a vir para confessar suas faltas, e não veem o momento de ir embora, como um escolar que a gente chama para advertir. Eles podem ser constrangidos a isso por Espíritos superiores como castigo, e para instrução dos encarnados. A evocação é penosa para os bons Espíritos quando são chamados inutilmente por motivos fúteis; então, eles não vêm ou bem se retiram.

“Vocês podem dizer que, em princípio, os Espíritos, quaisquer que sejam, não gostam, não mais que vocês, de servir de distração para curiosos. Amiúde vocês não têm outro objetivo, ao evocar um Espírito, que o de saber o que ele lhes dirá, ou que o de interrogá-lo sobre particularidades de sua vida, que ele não se empenha em dar-lhes a conhecer, pois não tem nenhum motivo para dar-lhes a conhecer suas confidências, e creem vocês que ele vai colocar-se na berlinda para seu regalo? Desiludam-se; o que ele não faria quando vivo, menos ainda fará como Espírito.”

Observação. A experiência comprova, de fato, que a evocação é sempre agradável para os Espíritos quando é feita com um objetivo sério e útil; os bons vêm com prazer instruir-nos: os que sofrem acham alívio na simpatia que lhes é testemunhada; os que nós havíamos conhecido ficam satisfeitos com nossa lembrança. Os Espíritos levianos gostam de ser evocados pelas pessoas frívolas, porque isso lhes propicia uma ocasião para se divertirem às custas delas; eles não ficam à vontade com as pessoas austeras.

22. Têm sempre os Espíritos necessidade, para se manifestarem, de serem evocados?

“Não, eles se apresentam muitíssimas vezes sem ser chamados, e isto comprova que vêm de boa vontade.”

23. Quando um Espírito se apresenta por si mesmo, pode-se estar mais certo de sua identidade?

“De modo algum, pois os Espíritos enganadores empregam frequentemente esse meio para melhor ludibriarem.”

24. Quando se evoca pelo pensamento o Espírito de uma pessoa, apresenta-se esse Espírito a nós, mesmo quando não exista manifestação por escrito ou de outro modo?

“A escrita é um meio material para o Espírito atestar sua presença, mas é o pensamento que o atrai e não a realização da escrita.”

25. Quando um Espírito inferior se manifesta, pode-se obrigá-lo a se retirar?

“Sim, não prestando atenção nele. Mas como querem que ele se retire quando vocês se divertem com suas torpezas? Os Espíritos inferiores se apegam aos que os escutam com complacência, como os tolos entre vocês.”

26. Constitui a evocação feita em nome de Deus uma garantia contra a ingerência dos maus Espíritos?

“O nome de Deus não é um freio para todos os Espíritos perversos, mas retém muitos deles; através desse meio, vocês afastam sempre alguns e afastariam muitos mais, se a evocação fosse feita do fundo do coração e não como uma fórmula banal.”

27. Poderiam ser evocados nominalmente muitos Espíritos de uma só vez?

“Não existe nisso nenhuma dificuldade, e, caso vocês tenham três ou quatro mãos para escrever, três ou quatro Espíritos lhes responderiam ao mesmo tempo; é o que sucede quando a gente tem vários médiuns.”

28. Quando vários Espíritos são evocados simultaneamente, e quando se tem um único médium, quem é que responde?

“Um deles responde por todos, e exprime o pensamento coletivo.”

29. Poderia o mesmo Espírito comunicar-se a uma só vez, durante a sessão, através de dois médiuns diferentes?

“Tão facilmente quanto os homens que ditam várias cartas de uma vez.”

Observação. Nós vimos um Espírito responder ao mesmo tempo, através de dois médiuns, às questões que lhe eram endereçadas, a um em inglês e a outro em francês, sendo idênticas as respostas quanto ao sentido; algumas mesmo constituíam a tradução literal uma da outra.

Dois Espíritos evocados simultaneamente por dois médiuns podem estabelecer entre si uma conversação; não lhes sendo necessário tal modo de comunicação, uma vez que eles leem reciprocamente seu pensamento, eles se prestam a isso para nossa instrução. Caso se trate de Espíritos inferiores, como eles se acham ainda imbuídos das paixões terrestres e das ideias corpóreas, pode ocorrer que discutam e que se interpelem através de palavras pesadas, que acusem mutuamente seus defeitos e mesmo que joguem lápis, cestas, pranchetas etc., um contra o outro.

30. Consegue o Espírito que é evocado ao mesmo tempo em vários pontos responder simultaneamente às questões que lhe são endereçadas?

“Sim, caso se trate de um Espírito elevado.”

— Neste caso divide-se o Espírito, ou bem possui o dom da ubiquidade?

“O Sol é um, entretanto, irradia por todo o redor, levando ao longe seus raios sem se subdividir; dá-se o mesmo com os Espíritos. O pensamento do Espírito é como uma centelha que projeta ao longe sua claridade e pode ser percebida de todos os pontos do horizonte. Mais o Espírito é puro, mais seu pensamento *irradia* e se espalha como a luz. Os Espíritos inferiores são demasiado materiais; eles não conseguem responder senão a uma só pessoa de cada vez, e não conseguem vir, caso tenham sido chamados em outro lugar.

“Um Espírito superior chamado ao mesmo tempo em dois pontos diferentes responderá às duas evocações, caso elas sejam sérias e fervorosas tanto uma quanto a outra; caso contrário, ele dá preferência à mais séria.”

Observação. É o que sucede quando um homem, sem mudar de lugar, consegue transmitir seu pensamento através de sinais vistos de diferentes lados.

Em uma sessão da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, em que a questão da ubiquidade havia sido discutida, um Espírito ditou espontaneamente a comunicação seguinte:

“Vocês perguntavam esta noite qual devia ser a hierarquia dos Espíritos para a ubiquidade. Comparem-se a um balão que se eleva a pouco e pouco pelos ares. Enquanto ainda está rasando a terra, só um pequeno círculo pode observá-lo; à medida que vai elevando-se, o círculo se alarga para ele e, quando chega a uma certa altura, aparece a um número ilimitado de pessoas. Assim se dá conosco: um mau Espírito que se acha ainda preso à Terra permanece em um círculo acanhado no meio das pessoas que o veem. Suba ele em graça, melhore-se, e pode conversar com várias pessoas; e quando se tornar Espírito superior, pode irradiar como a luz do Sol, mostrar-se a muitas pessoas e em muitos lugares de uma só vez.” (CHANNING.)

31. Podem ser evocados os puros Espíritos, os que encerraram a série de suas encarnações?

“Sim, mas muito raramente; eles não se comunicam senão aos corações puros e sinceros, não *aos orgulhosos e aos egoístas*; por isso, é preciso desconfiar dos Espíritos inferiores que assumem essa qualidade para atribuírem-se maior importância aos olhos de vocês.”

32. Como entender que o Espírito dos homens mais ilustres vem tão facilmente e tão familiarmente ao chamado dos homens mais obscuros?

“Os homens julgam os Espíritos por si mesmos, e isto constitui um erro; após a morte do corpo, as classes terrestres não existem mais; a distinção entre eles se centraliza na bondade, e os que são bons vão a toda a parte onde exista o bem a praticar.”

33. Quanto tempo após a morte se pode evocar um Espírito?

“Pode-se fazê-lo no instante mesmo da morte; mas, como naquele momento o Espírito se acha ainda perturbado, ele responde tão só imperfeitamente.”

Observação. Sendo o período da perturbação muito variável, não se pode estabelecer um prazo fixo para realizar-se a evocação; é raro, entretanto, que, ao cabo de oito dias, o Espírito não tenha suficiente consciência de si para poder atender; ele pode fazê-lo às vezes muito bem dois ou três dias após a morte; pode-se, em todos os casos, tentar com respeito.

34. É mais penosa para o Espírito a evocação no instante da morte do que é mais tarde?

“Às vezes; é como se arrancassem vocês do sono, antes de estarem completamente despertos. Existem, entretanto, os que não ficam em absoluto contrariados, mesmo porque isso ajuda a sair da perturbação.”

35. Como pode o Espírito de uma criança, morta em tenra idade, responder com conhecimento de causa, uma vez que, em vida, não tinha ainda consciência de si mesma?

“A alma da criança é um Espírito *ainda envolto nas fraldas da matéria*; mas, separado da matéria, ele usufrui suas faculdades de Espírito, pois os Espíritos não têm idade; isto comprova que o Espírito da criança já viveu. Entretanto, até que esteja completamente separado, pode conservar em sua linguagem alguns traços do caráter da criança.”

Observação. A influência corpórea, que se faz sentir durante um tempo mais ou menos longo sobre o Espírito da criança, se faz igualmente às vezes notar sobre o Espírito dos que morreram em estado de loucura. O Espírito, por si mesmo, não é louco absolutamente, mas sabe-se que certos Espíritos creem, durante algum tempo, achar-se ainda neste mundo; não é, pois, espantoso que, no louco, o Espírito se ressinta ainda dos entraves que, durante a vida, se opunham à sua livre manifestação, até que esteja completamente separado. Este efeito varia conforme as causas da loucura, pois existem loucos que recobram toda a lucidez imediatamente após sua morte.

Evocação de animais.

283. 36. Pode-se evocar o Espírito de um animal?

“Após a morte do animal, o princípio inteligente que nele residia fica em um estado latente; ele é logo utilizado por certos Espíritos encarregados desta função para animar de novo seres nos quais continua o trabalho de sua elaboração. Assim, no mundo dos Espíritos, não existem Espíritos de animais errantes, mas somente Espíritos humanos. Isto responde à sua questão.”

— Como entender, então, que certas pessoas, tendo evocado animais, receberam respostas?

“Evoquem um rochedo e ele lhes responderá. Existe sempre uma infinidade de Espíritos preparados para usar a palavra para tudo.”

Observação. É por esta mesma razão que, caso se evoque um mito ou uma personagem alegórica, eles responderão; isto é, responderão por eles, e o Espírito que se apresentar lhes assumirá o caráter e os trejeitos. Alguém teve um dia a ideia de evocar *Tartufo*, e *Tartufo* veio logo; mais ainda, ele falou de Orgon, de Elmira, de Damis e de Valéria, de quem deu notícias; quanto a si, representou o hipócrita com tanta arte como se *Tartufo* fosse uma personagem real. Ele disse, mais tarde, ser o Espírito de um ator que tinha desempenhado tal papel. Os Espíritos levianos tiram proveito sempre da inexperiência dos interrogadores; mas eles se abstêm de se dirigir aos que sabem esclarecidos a ponto de descobrirem suas imposturas e que não depositariam fé em seus contos. Dá-se o mesmo entre os homens.

Um senhor tinha em seu jardim um ninho de pintassilgos, pelos quais se interessava muito; um dia, o ninho desapareceu; tendo-se assegurado de que ninguém da casa era culpado do delito, como ele mesmo é médium, veio-lhe a ideia de evocar a mãe dos pequenos; ela veio e lhe disse em muito bom francês: “Não acuse ninguém e se tranquilize quanto à sorte de meus pequenos; foi o gato que, ao saltar, derrubou o ninho; você o encontrará sob a grama, assim como os pequenos que não foram comidos.” Verificação feita, a informação resultou exata. É preciso concluir disso que foi o pássaro que respondeu? Não, com certeza; mas simplesmente que um Espírito conhecia a história. Isto comprova quanto é preciso desconfiar das aparências e quanto é certa a resposta acima: evoquem um rochedo, e ele lhes responderá. (Ver acima o capítulo *Da mediunidade nos animais*; n.º 234.)

Evocação de pessoas vivas.

284. 37. Constitui a encarnação do Espírito um obstáculo completo para sua evocação?

“Não, mas é preciso que o estado do corpo permita ao Espírito se separar naquele momento. O Espírito encarnado comparece tanto mais facilmente quanto o mundo em que se acha é de uma categoria mais elevada, porque os corpos ali são menos materiais.”

38. Pode-se evocar o Espírito de uma pessoa viva?

“Sim, uma vez que se pode evocar um Espírito encarnado. O Espírito de um vivo pode também, em seus momentos de liberdade, apresentar-se *sem ser evocado*; isto depende da simpatia para com as pessoas com as quais ele se comunica.” (Ver no n.º 116, a *História do homem com a tabaqueira*.)

39. Em que estado fica o corpo da pessoa cujo Espírito é evocado?

“Dorme ou cochila; é então que o Espírito fica livre.”

— Poderia o corpo acordar enquanto o Espírito se acha ausente?

“Não; o Espírito é forçado a *reentrar em casa*; caso, neste momento, ele esteja conversando com vocês, ele os deixa e muitas vezes lhes diz o motivo.”

40. Como é avisado o Espírito ausente do corpo da necessidade de sua presença?

“O Espírito de um corpo vivo não fica jamais completamente separado; seja qual for a distância que transponha, ele se prende por um liame fluídico que serve para chamá-lo de volta quando for necessário; esse liame só se rompe com a morte.”

Observação. Esse liame fluídico tem sido muitas vezes percebido pelos médiuns videntes. Consiste em uma espécie de rastro fosforescente que se perde no espaço e na direção do corpo. Certos Espíritos disseram que é por ele que reconhecem os que pertencem ao mundo corpóreo.

41. Que ocorreria se, durante o sono e na ausência do Espírito, o corpo fosse ferido mortalmente?

“O Espírito seria avisado e reentraria antes que a morte se consumasse.”

— Assim, não poderia ocorrer que o corpo morresse na ausência do Espírito e que este, por sua vez, não pudesse reentrar?

“Não, isso seria contrário à lei que rege a união da alma e do corpo.”

— Mas e se o golpe fosse desferido subitamente e de improviso?

“O Espírito seria prevenido antes que o golpe mortal fosse dado.”

Observação. Interrogado sobre este fato, o Espírito de um vivo respondeu: “Caso o corpo pudesse morrer na ausência do Espírito, este seria um meio bastante cômodo de se cometerem suicídios hipócritas.”

42. É o Espírito de uma pessoa evocada durante o sono tão livre de se comunicar quanto o de uma pessoa morta?

“Não; a matéria sempre o influencia mais ou menos.”

Observação. Uma pessoa neste estado a quem se dirigia tal questão respondeu: *Eu estou sempre acorrentado à bala de canhão que arrasto atrás de mim.*

— Neste estado, poderia o Espírito ser impedido de comparecer, porque se acha em outro lugar?

“Sim, pode ocorrer que o Espírito se ache em um lugar onde lhe apraza ficar, e, então, ele não vem à evocação, sobretudo quando ela é realizada por alguém que não lhe interessa.”

43. É absolutamente impossível evocar o Espírito de uma pessoa acordada?

“Conquanto difícil, isto não é absolutamente impossível, pois, caso a evocação *vingue*, pode acontecer que a pessoa adormeça; mas o Espírito não pode comunicar-se, como Espírito, senão nos momentos em que sua presença não é necessária à atividade inteligente do corpo.”

Observação. A experiência comprova que a evocação realizada durante o estado de vigília pode provocar o sono ou, ao menos, um êxtase vizinho do sono, mas tal efeito não tem como ocorrer senão através de uma vontade muito enérgica e caso existam vínculos de simpatia entre as duas pessoas; caso contrário, a evocação *não vinga*. No caso mesmo em que a evocação poderia provocar o sono, se o momento for inoportuno, não desejando a pessoa adormecer, ela oporá resistência, e, se ela sucumbir, seu Espírito se perturbará com isso e responderá com dificuldades. Resulta daqui que o momento mais favorável para a evocação de uma pessoa viva é o do sono natural, porque, estando seu Espírito livre para vir até quem o chama, ele o faria tão bem quanto seria capaz de ir a qualquer outro lugar.

Quando a evocação é realizada com o consentimento da pessoa e quando esta procura adormecer para esse efeito, pode suceder que tal preocupação retarde o sono e perturbe o Espírito; eis porque o sono não forçado é ainda preferível.

44. Tem a pessoa viva evocada consciência disso ao despertar?

“Não, vocês mesmo o são muito mais vezes do que imaginam. Somente seu Espírito o sabe e pode, às vezes, deixar-lhes uma vaga impressão, como em um sonho.”

— Quem é que pode evocar-nos, se nós somos seres obscuros?

“Em outras existências, vocês poderiam ter sido pessoas conhecidas neste mundo ou em outros; e também seus parentes e seus amigos neste e em outros mundos igualmente. Suponhamos que seu Espírito tenha animado o corpo do pai de uma outra pessoa. Muito bem! Quando essa pessoa evocar seu pai, é o seu Espírito que será evocado e que responderá.”

45. Responde o Espírito evocado de uma pessoa viva como Espírito ou com as ideias do estado de vigília?

“Isto depende de sua elevação, mas ele julga de modo mais correto e com menos preconceitos, precisamente como os sonâmbulos; trata-se de um estado bastante semelhante.”

46. Caso o Espírito de um sonâmbulo em estado de sono magnético fosse evocado, seria mais lúcido do que o de qualquer outra pessoa?

“Ele responderia, sem dúvida, mais facilmente, porque fica mais desligado; tudo depende do grau de independência do Espírito e do corpo.”

— Poderia o Espírito de um sonâmbulo responder a uma pessoa que o evocasse a distância, ao mesmo tempo que estivesse respondendo verbalmente a uma outra pessoa?

“A faculdade de se comunicar simultaneamente em dois pontos diferentes não pertence senão aos Espíritos completamente desprendidos da matéria.”

47. Poder-se-ia modificar as ideias de uma pessoa em estado de vigília, atuando sobre seu Espírito durante o sono?

“Sim, às vezes; o Espírito não se vincula mais à matéria por laços tão íntimos; eis porque ele é mais acessível às impressões morais, e tais impressões podem influir sobre sua maneira de ver no estado normal. Infelizmente, ocorre muitas vezes que, ao despertar, a natureza corpórea o arrebatava e o faz esquecer as boas resoluções que haja podido tomar.”

48. É livre o Espírito de uma pessoa viva para dizer ou para não dizer o que deseja?

“Ele possui suas faculdades de Espírito, e, por conseguinte, seu livre-arbítrio, e, como tem mais perspicácia, fica mesmo mais circunspecto que no estado de vigília.”

49. Poder-se-ia forçar uma pessoa, ao evocá-la, a dizer o que gostaria de calar?

“Eu disse que o Espírito possui seu livre-arbítrio; mas pode ser que, como Espírito, ele dê menos importância a certas coisas que no estado normal; sua consciência pode falar mais livremente. Aliás, caso ela não queira falar, pode sempre escapar às importunações indo embora, pois não se pode reter seu Espírito como se retém seu corpo.”

50. Não poderia o Espírito de uma pessoa viva ser forçado por um outro Espírito a comparecer e a falar, assim como ocorre com os Espíritos errantes?

“Entre os Espíritos, sejam de mortos ou de vivos, não existe supremacia a não ser a da superioridade moral, e vocês devem compenetrar-se de que um Espírito superior não emprestaria jamais seu apoio a uma covarde indiscrição.”

Observação. Tal abuso de confiança seria, com efeito, u’á má ação, mas que não poderia dar resultado, uma vez que não se pode arrancar um segredo que o Espírito desejasse calar, a menos que, dominado por um sentimento de justiça, ele confessasse o que calaria em outras circunstâncias.

Uma pessoa desejou saber, por este meio, de um de seus parentes, se o testamento deste último lhe era favorável. O Espírito respondeu: “Sim, minha querida sobrinha, e você logo terá a prova disso.” A coisa era real, com efeito; mas, poucos dias depois, o parente modificou seu testamento e teve a malícia de fazer que a pessoa soubesse disso, sem que ele soubesse, entretanto, que havia sido evocado. Um sentimento instintivo o levou, sem dúvida, a executar a resolução que seu Espírito havia tomado, após a questão que lhe havia sido feita. Existe covardia em perguntar ao Espírito de um morto ou de um vivo o que não se ousaria perguntar à sua pessoa, e tal covardia nem mesmo apresenta por compensação o resultado que dela se espera.

51. Pode-se evocar um Espírito cujo corpo se acha ainda no seio da mãe?

“Não; vocês bem sabem que, nesse momento, o Espírito se encontra em uma perturbação completa.”

Observação. A encarnação não ocorre definitivamente senão no momento em que a criança respira; mas, desde a concepção, o Espírito designado para animá-lo é tomado por uma perturbação que aumenta com a aproximação do nascimento, e lhe suprime a consciência de si mesmo, e, por conseguinte, a faculdade de responder. (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, no capítulo *Retorno à vida corpórea*, o item: *União da alma e do corpo*, n.º 344.)

52. Poderia um Espírito enganador tomar o lugar de uma pessoa viva que se evocasse?

“Sem dúvida alguma, e isso ocorre muitíssimas vezes, sobretudo quando a intenção do evocador não é pura. De resto, a evocação de pessoas vivas tão só tem interesse como estudo psicológico; convém abster-se dela todas as vezes que não possa trazer um resultado instrutivo.”

Observação. Se a evocação dos Espíritos errantes nem sempre *vinga*, para nos servirmos de sua expressão, isso se dá com muito maior frequência quanto aos que se acham encarnados; é, então, sobretudo, que os Espíritos enganadores assumem seu lugar.

53. Existem inconvenientes em se evocar uma pessoa viva?

“Nem sempre ela se dá sem perigo; isto depende da situação da pessoa, pois, caso ela esteja doente, a gente pode aumentar seus sofrimentos.”

54. Em que caso pode a evocação de uma pessoa viva apresentar mais inconvenientes?

“A gente deve abster-se de evocar as crianças de muito pouca idade e as pessoas gravemente enfermas, os velhos doentes; em suma, ela pode apresentar inconvenientes todas as vezes em que o corpo esteja muito enfraquecido.”

Observação. A brusca suspensão dos atributos intelectuais durante o estado de vigília poderia também oferecer perigo, caso a pessoa julgasse, nesse momento, ter necessidade de sua presença integral como Espírito.

55. Durante a evocação de uma pessoa viva, sente fadiga seu corpo como consequência do trabalho a que se entrega o Espírito, conquanto ausente?

Uma pessoa nesse estado, e que reclamava que seu corpo se cansava, respondeu a essa questão:

“Meu Espírito é como um balão cativo preso a um poste; meu corpo é o poste que é estremecido pelas sacudidas do balão.”

56. Uma vez que a evocação das pessoas vivas pode apresentar inconvenientes quando realizada sem precaução, não existe o perigo quando se evoca um Espírito que não se sabe achar-se encarnado e que poderia não se encontrar em condições favoráveis?

“Não, as circunstâncias não são as mesmas; ele comparecerá apenas caso se ache em condição de fazê-lo; aliás, não lhes disse eu para perguntarem, antes de realizar uma evocação, se ela é possível?”

57. Quando nós experimentamos, nos momentos mais inoportunos, um irresistível desejo de dormir, proviria isto do fato de estarmos sendo evocados em alguma parte?

“Isso pode, sem dúvida, suceder, mas o mais das vezes se trata de um efeito puramente físico, seja porque o corpo tenha necessidade de repouso, seja porque o Espírito tenha necessidade de sua liberdade.”

Observação. Uma senhora de nosso círculo, médium, teve, um dia, a ideia de evocar o Espírito de seu neto, que dormia no mesmo quarto. A identidade foi comprovada através da linguagem, das expressões familiares da criança e do relato bastante exato de várias coisas que lhe tinham ocorrido no internato; mas uma circunstância acabou por confirmá-la. De repente, a mão da médium para no meio de uma frase, sem que fosse possível obter mais nada; naquele momento, a criança meio acordada fez vários movimentos em seu leito; alguns instantes depois, tendo voltado a dormir, a mão avançou de novo, continuando o diálogo interrompido. A evocação de pessoas vivas realizada em boas condições comprova, de maneira a menos contestável, a ação distinta do Espírito e do corpo e, por conseguinte, a existência de um princípio inteligente independente da matéria. (Ver, na *Revista Espírita* de 1860, meses de janeiro e março, diversos exemplos notáveis de evocação de pessoas vivas.)

Telegrafia humana.

285. 58. Poderiam duas pessoas, evocando-se reciprocamente, transmitir-se seus pensamentos e corresponder-se?

“Sim, e *essa telegrafia humana será um dia um meio universal de correspondência.*”

— Por que não seria ela praticada desde já?

“Ela o é por certas pessoas, mas não por todo o mundo; é preciso que os homens se *purifiquem* para que seu Espírito se desprenda da matéria, e essa constitui mais uma razão para realizar a evocação em nome de Deus. Até lá, ela se circunscreve às *almas de eleição* e desmaterializadas, o que se encontra raramente no estado atual dos habitantes da Terra.”

CAPÍTULO XXVI

QUESTÕES QUE SE PODEM DIRIGIR AOS ESPÍRITOS

Observações preliminares. — Questões simpáticas ou antipáticas aos Espíritos. — Questões sobre o futuro. — Sobre as existências passadas e futuras. — Sobre os interesses morais e materiais. — Sobre a sorte dos Espíritos. — Sobre a saúde. — Sobre as invenções e descobertas. — Sobre os tesouros escondidos. — Sobre os outros mundos.

Observações preliminares.

286. Não poderia ser demais qualquer importância que se desse à maneira de dispor as questões e, mais ainda, à natureza das questões. Duas coisas devem ser consideradas nas que se endereçam aos Espíritos: a forma e o conteúdo. Em relação à forma, devem ser redigidas com clareza e precisão, evitando-se as questões complexas. Mas existe um outro ponto não menos importante: é a ordem que deve presidir a seu arranjo. Quando um assunto requer uma série de questões, é essencial que sejam encadeadas com método, de modo que decorram naturalmente umas das outras; os Espíritos respondem a elas muito mais fácil e claramente do que quando são colocadas ao acaso, passando sem transição de um assunto a outro. Eis a razão por que é sempre bom prepará-las previamente, sem prejuízo de intercalar, com a sessão em andamento, as que são

trazidas pelas circunstâncias. Além da redação, que deve ficar melhor por se elaborar com a cabeça descansada, o trabalho preparatório constitui, como nós já dissemos, uma espécie de evocação antecipada à qual o Espírito pode ter assistido, preparando-se para responder. Observar-se-á que muitíssimas vezes o Espírito responde por antecipação a certas perguntas, o que comprova que ele as conhecia previamente.

O conteúdo da questão requer uma atenção ainda mais séria, pois muitas vezes é a natureza da pergunta que provoca uma resposta justa ou falsa; existem aquelas às quais os Espíritos não podem ou não devem responder, por motivos que nos são desconhecidos; é, portanto, inútil insistir; porém, o que se deve evitar acima de tudo são as questões feitas com o fito de colocar sua perspicácia à prova. Quando uma coisa existe, dizem, eles devem sabê-lo; ora, é precisamente porque a coisa é conhecida dos homens, ou porque eles possuem os meios de comprová-la por si mesmos, que eles não se dão ao trabalho de responder; tal suspeita os desgosta e não se obtém nada de satisfatório. Não temos nós todos os dias exemplos disso entre nós? Os homens superiores, e que possuem a consciência de seu valor, agrada-se-iam em responder a todas as tolas questões que visassem a submetê-los a um exame como escolares? O desejo de fazer adepto de tal ou qual pessoa não é, em absoluto, para os Espíritos um motivo para satisfazerem uma vã curiosidade; eles sabem que a convicção chegará cedo ou tarde, e os meios que empregam para trazê-la nem sempre são os que nós imaginamos.

Suponham um homem grave ocupado em coisas úteis e sérias, incessantemente molestado pelas pueris perguntas de uma criança, e terão uma ideia do que devem pensar os Espíritos superiores de todas as ninharias que a gente lhes recita. Não se segue daí em absoluto que não se possam obter da parte dos Espíritos úteis ensinamentos e, sobretudo, muito bons conselhos, mas eles respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem eles mesmos, o interesse que nós merecemos de sua parte, a afeição que eles nos dedicam, e, enfim, conforme o objetivo a que se vise e a utilidade que eles veem para a coisa; mas, se todo o nosso pensamento se limita a crer que eles estejam mais aptos que outros a nos orientar utilmente sobre as coisas deste mundo, eles não podem ter para conosco uma profunda simpatia; a partir daí, realizam apenas aparições muito curtas e, frequentemente, conforme o nível de sua imperfeição, eles testemunham seu mau humor por haverem sido incomodados inutilmente.

287. Certas pessoas pensam que é preferível abster-se de apresentar questões, e que convém esperar pelo ensinamento dos Espíritos sem provocá-lo; trata-se de um erro. Os Espíritos oferecem, sem controvérsia, mensagens espontâneas de um altíssimo alcance, que se andaria errado em menosprezar, mas existem explicações pelas quais se esperaria muitíssimo tempo caso não fossem solicitadas. Sem as questões que nós propusemos, *O Livro dos Espíritos* e *O Livro dos Médiuns* estariam ainda por fazer ou, ao menos, seriam bem menos completos, e uma infinidade de problemas de grande importância estaria ainda sem solução. As questões, longe de apresentarem o menor inconveniente, são de grande utilidade do ponto de vista da instrução, quando se sabe encerrá-las nos limites adequados. Elas apresentam uma outra vantagem: a de ajudar a desmascarar os Espíritos enganadores que, sendo mais vaidosos que sábios, suportam raramente com denodo a prova das questões de uma lógica cerrada, através das quais são expulsos para seus derradeiros redutos. Como os Espíritos verdadeiramente superiores não têm nada que temer de semelhante controle, são os primeiros a provocar explicações sobre os pontos obscuros; os outros, ao contrário, temendo demandar contra uma parte mais forte, têm grande cuidado em evitá-las; por isso recomendam em geral aos médiuns que desejam dominar, e aos quais desejam impingir suas utopias, de se absterem de toda controvérsia a respeito de seus ensinamentos.

Caso se tenha bem compreendido o que nós dissemos até aqui nesta obra, pode-se já fazer uma ideia do círculo no qual convém encerrar as questões que se podem endereçar aos Espíritos; todavia, para maior certeza, nós fornecemos abaixo as respostas que foram elaboradas sobre os principais assuntos sobre os quais as pessoas pouco experientes se acham em geral dispostas a interrogá-los.

Questões simpáticas ou antipáticas aos Espíritos.

288. 1. Respondem os Espíritos de boa vontade às questões que lhes são endereçadas?

“Conforme as questões. Os Espíritos sérios respondem sempre com prazer às que têm por objetivo o bem e os meios de fazer que vocês se adiantem. Eles não ouvem as questões fúteis.”

2. É suficiente que uma questão seja séria para se obter uma resposta séria?

“Não; isto depende do Espírito que responde.”

— Mas não afasta uma questão séria os Espíritos levianos?

“Não é a questão que afasta os Espíritos levianos; é o caráter de quem a faz.”

3. Quais são as questões particularmente antipáticas aos bons Espíritos?

“Todas as que são inúteis ou que são feitas com um fito de curiosidade e de prova; então, eles não respondem e se afastam.”

— Existem questões que sejam antipáticas aos Espíritos imperfeitos?

“Existem apenas as que podem revelar sua ignorância ou sua prestidigitação quando buscam enganar; caso contrário, respondem a tudo sem se preocuparem com a verdade.”

4. Que pensar das pessoas que não veem nas comunicações espíritas senão uma distração e um passatempo, ou um meio de obter revelações sobre o que é de seu interesse?

“Tais pessoas agradam muito aos Espíritos inferiores que, como elas, desejam divertir-se, e ficam contentes quando as hajam mistificado.”

5. Quando os Espíritos não respondem a certas questões, é por efeito de sua vontade ou bem porque uma força superior se opõe a certas revelações?

“Um e outro; existem coisas que não podem ser reveladas, e outras que o próprio Espírito não conhece.”

— Ao se insistir energicamente, acabaria o Espírito por responder?

“Não; o Espírito que não deseja responder possui sempre a facilidade de ir embora. Eis porque é necessário esperar quando se diz a vocês para fazê-lo, e sobretudo não teimar em querer obrigar-nos a responder. Insistir para obter-se uma resposta que não se deseja fornecer-lhes constitui um modo certo de ser enganado.”

6. Estão todos os Espíritos aptos a compreender as questões que lhes são colocadas?

“Bem longe disso; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas questões, o que não os impede de responder a elas bem ou mal, como se passa entre vocês.”

Observação. Em certos casos e quando a coisa é útil, sucede frequentemente que um Espírito mais esclarecido vem em ajuda de um Espírito ignorante, e lhe assopra o que deve dizer. Reconhece-se facilmente o fato pelo contraste de certas respostas e, além disso, porque o Espírito mesmo amiúde o confirma. Isso ocorre apenas quanto aos Espíritos de boa-fé ignorantes, mas jamais quanto aos que exibem um falso saber.

Questões sobre o futuro.

289. 7. Podem os Espíritos dar-nos a conhecer o futuro?

“Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente.

“Eis aqui também um ponto sobre o qual vocês insistem sempre para alcançar uma resposta precisa; trata-se de um grande erro, pois a manifestação dos Espíritos não constitui um meio de adivinhação. Caso vocês desejem intransigentemente uma resposta, ela lhes será fornecida por um Espírito malicioso: nós lhes estamos dizendo isso a cada instante.” (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, o item *Conhecimento do futuro*, n.º 868.)

8. Não existem, entretanto, às vezes, eventos futuros que são anunciados espontaneamente e com veracidade pelos Espíritos?

“Pode suceder que o Espírito preveja coisas que ele julga útil dar a conhecer, ou que ele tem por missão dar a conhecer a vocês: mas é bem mais para desconfiar de Espíritos enganadores que estejam divertindo-se a realizar predições. Apenas o conjunto das circunstâncias é que permite avaliar o nível de confiança que elas merecem.”

9. Qual é o gênero de predições de que se deve mais desconfiar?

“Todas as que não apresentam um objetivo de utilidade *geral*. As predições pessoais podem, quase sempre, ser consideradas como apócrifas.”

10. Qual é o objetivo dos Espíritos que anunciam espontaneamente eventos que não ocorrem?

“O mais das vezes é para se divertirem com a credulidade, com o pavor ou com a alegria que causam, pois eles riem do desapontamento. Tais predições mentirosas apresentam, entretanto, às vezes, um objetivo sério: o de colocar à prova aquele para quem são destinados, a fim de perceber a maneira como eles encaram a coisa e a natureza dos sentimentos, bons ou maus, que tal prova lhe faz nascer.”

Observação. Tal seria, por exemplo, o anúncio do que pode estimular a cupidez ou a ambição, como a morte de uma pessoa, a perspectiva de uma herança etc.

11. Por que os Espíritos sérios, quando dão a pressentir um evento, não lhe fixam de ordinário a data? Trata-se de incapacidade ou de uma decisão deles?

“Uma e outra; eles podem, em certos casos, dar a *pressentir* um evento: trata-se, então, de uma advertência que eles lhes fazem. Quanto a precisar-lhe a época, muitas vezes eles não devem fazê-lo; muitas vezes também eles não podem fazê-lo, porque não sabem. O Espírito tem como prever que uma coisa vá acontecer, mas o momento preciso pode depender de eventos que não se realizaram ainda, e que somente Deus conhece. Os Espíritos levianos, que não têm nenhum escrúpulo em enganar as pessoas, indicam os dias e as horas sem se inquietarem com o acerto. Eis porque toda predição *circunstanciada* deve ser suspeita para vocês.

“Ainda uma vez: nossa missão é fazer que vocês progridam; nós os ajudamos o quanto podemos. Quem pede a sabedoria aos Espíritos superiores não será jamais enganado; mas não creiam que nós perdemos nosso tempo ouvindo todas as suas ninharias e a lhes dizer a sorte; nós deixamos isso aos Espíritos levianos, que se divertem como crianças traquinas.

“A Providência colocou limites às revelações que podem ser feitas ao homem. Os Espíritos sérios guardam silêncio sobre tudo o que lhes é vedado dar a conhecer. Ao insistir para obter uma resposta, a gente se expõe aos embustes dos Espíritos inferiores, sempre prontos a agarrar as ocasiões de preparar armadilhas para sua credulidade.”

Observação. Os Espíritos veem ou pressentem por indução os eventos futuros; eles os veem cumprindo-se em um tempo que não medem como nós; para precisar-lhes a época, precisaria que se identificassem com nossa maneira de calcular a passagem do tempo, o que eles nem sempre julgam necessário; reside muitas vezes aí uma causa de erros aparentes.

12. Não existem homens dotados de uma faculdade especial que os faz entrever o futuro?

“Sim, aqueles cuja alma se desliga da matéria; então, é o Espírito que vê; e, quando é útil, Deus lhes permite revelar certas coisas para o bem; mas existem ainda mais impostores e charlatães. Esta faculdade será mais comum no futuro.”

13. Que pensar dos Espíritos que se comprazem predizendo a alguém sua morte, com dia e hora marcada?

“Trata-se de Espíritos de mau gosto, e de muito mau gosto, que não têm outro objetivo senão o de achar graça no medo que causam. Não existe nada com que se preocupar.”

14. Como entender certas pessoas sejam avisadas através de pressentimento da época de sua morte?

“Trata-se, o mais das vezes, de seu próprio Espírito, que fica sabendo disso em seus momentos de liberdade e que conserva uma intuição do fato ao acordar. Eis porque tais pessoas, estando preparadas para a morte, não se apavoram nem se emocionam. Elas não veem nessa separação do corpo e da alma senão uma troca de situação, ou, se preferirem e para ser mais coloquial, o abandono de uma roupa de lã grosseira por uma roupa de seda. O medo da morte irá diminuindo à medida que se forem divulgando as crenças espíritas.”

Questões sobre as existências passadas e futuras.

290. 15. Podem os Espíritos dar-nos a conhecer nossas existências passadas?

“Deus permite, às vezes, que elas sejam reveladas conforme o objetivo. Caso seja para sua edificação e sua instrução, elas serão verdadeiras e, neste caso, a revelação é quase sempre dada espontaneamente e de um modo de todo imprevisto; mas ele não permite que ela se dê jamais para satisfazer uma vã curiosidade.”

— Por que certos Espíritos não se recusam jamais a esses tipos de revelações?

“São Espíritos zombadores que se divertem às custas de vocês. Em geral, devem vocês reputar falsas ou, ao menos, suspeitas todas as revelações desta natureza que não apresentem um objetivo eminentemente sério e útil. Os Espíritos zombeteiros se comprazem em lisonjear o amor-próprio através de pretensas origens. Existem médiuns e crentes que aceitam por moeda corrente o que lhes é dito sobre este ponto e que não percebem que o estado atual de seu Espírito não justifica em nada a classe que eles pretendem haver ocupado; pequena vaidade com que se divertem os Espíritos zombadores tanto quanto os homens. Seria mais lógico e mais conforme à marcha progressiva dos seres que eles tivessem ascendido em lugar de haver descido, o que seria mais honroso para eles. Para que se pudesse pôr fé nessas espécies de revelações, precisaria que fossem realizadas espontaneamente, através de diversos médiuns estranhos uns aos outros e àquele a quem tivesse sido feita a revelação anteriormente; então, existiria razão evidente para crer.”

— Se a gente não pode conhecer sua individualidade anterior, passa-se o mesmo com o gênero de existência que se teve, com a posição social que se ocupou, com as qualidades e os defeitos que predominaram em nós?

“Não; isso pode ser revelado, porque vocês podem tirar proveito para sua melhoria; mas, por outro lado, ao estudarem seu presente, vocês mesmos podem deduzir seu passado.” (Ver, em *O Livro dos Espíritos*, o item *Esquecimento do passado*, n.º 392.)

16. Pode alguma coisa a respeito de nossas existências futuras ser-nos revelada?

“Não; tudo o que lhes dirão certos Espíritos a esse respeito não passa de brincadeira; e isto se compreende: sua existência futura não pode ser fixada previamente, uma vez que ela será o que você mesmo houver realizado através de sua conduta na Terra e das resoluções que houver tomado quando for Espírito. Menos você tiver que expiar, mais ela será feliz; mas saber onde e como será essa existência, ainda uma vez, é impossível, salvo no caso especial e raro dos Espíritos que não se acham na Terra senão para aí cumprirem u’ a missão importante, porque, então, sua rota se encontra de algum modo traçada por antecipação.”

Questões sobre os interesses morais e materiais.

291. 17. Podem-se pedir conselhos aos Espíritos?

“Sim, com certeza; os bons Espíritos jamais se recusam jamais a ajudar os que os invocam com confiança, principalmente no que toca à alma; mas eles repudiam os hipócritas, *os que parecem pedir a luz e se comprazem nas trevas.*”

18. Podem os Espíritos oferecer conselhos sobre as coisas de interesse privado?

“Às vezes, segundo o motivo. Isto depende também daqueles a quem se dirige. Os avisos concernentes à vida privada são oferecidos com mais correção pelos Espíritos familiares, porque eles se apegam a uma pessoa e se interessam pelo que lhe concerne; trata-se do amigo, do confidente de seus mais secretos pensamentos; mas muitas vezes vocês os fatigam com questões tão ridículas que eles os abandonam. Seria tão absurdo solicitar coisas íntimas a Espíritos que lhes são estranhos, quanto se dirigirem para isso ao primeiro indivíduo que encontrassem no caminho. Vocês não deveriam esquecer que a puerilidade das perguntas é incompatível com a superioridade dos Espíritos. É preciso também levar em conta as qualidades do Espírito familiar, que pode ser bom ou mau, conforme suas simpatias quanto à pessoa a quem se liga. O Espírito familiar de um mau homem é um mau Espírito, cujos conselhos podem ser perniciosos, mas que se afasta e cede o lugar a um Espírito melhor, caso o homem melhore por si mesmo. Aos semelhantes os semelhantes.”

19. Podem os Espíritos familiares favorecer os interesses materiais através das revelações?

“Podem, e o fazem às vezes conforme as circunstâncias, mas fiquem certos de que jamais os bons Espíritos se prestam a servir a cupidez. Os maus fazem refletir a seus olhos mil atrativos para tentá-los e caçoar de vocês em seguida pela decepção. Fiquem sabendo também que, se sua provação é a de sofrer tal ou qual vicissitude, seus Espíritos protetores podem ajudá-los a suportá-la com mais resignação, e a suavizá-la às vezes; mas, no interesse mesmo de seu futuro, não lhes é permitido livrarem-se dela. É assim que um bom pai não dá a seu filho tudo o que este deseja.”

Observação. Nossos Espíritos protetores podem, em diversas circunstâncias, indicar-nos a melhor via, sem, contudo, nos conduzirem pela correia, caso contrário, nós perderíamos toda iniciativa e não ousaríamos dar um passo sem recorrer a eles, e isso em prejuízo de nosso aperfeiçoamento. Para progredir, amiúde o homem tem necessidade de adquirir a experiência às suas custas; eis porque os Espíritos sábios, aconselhando-nos oportunamente, nos entregam a nossas próprias forças, como o faz um instrutor hábil quanto a seus alunos. Nas circunstâncias normais da vida, eles nos aconselham através da inspiração e nos deixam, assim, todo o mérito do bem, como nos deixam toda a responsabilidade pela má escolha.

Seria abusar da condescendência dos Espíritos familiares e equivocar-se quanto a sua missão interrogá-los a cada instante sobre as coisas mais comuns, como fazem certos médiuns. Existem os que, por um sim ou por um não, pegam o lápis e pedem conselhos para o ato mais simples. Esta mania denota pequenez nas ideias; ao mesmo tempo, existe a presunção de crer em que se tem sempre um Espírito às suas ordens, não tendo outra coisa para fazer senão ocupar-se de nós e de nossos pequenos interesses. Por outro lado, isto significa aniquilar seu próprio julgamento e reduzir-se a um papel passivo, sem proveito para a vida presente e, com certeza, prejudicial para o adiantamento futuro. Se existe puerilidade em interrogar os Espíritos quanto às coisas fúteis, não deixa de existir também da parte dos Espíritos que se ocupam espontaneamente do que se pode chamar de pormenores domésticos; eles podem ser bons, mas seguramente são ainda bem terrestres.

20. Se uma pessoa deixa ao morrer negócios enroscados, pode-se pedir a seu Espírito para ajudar a desembaraçá-los? Pode-se também interrogá-lo sobre os haveres reais que deixou, no caso em que tais haveres sejam desconhecidos, se for do interesse da justiça?

“Você está esquecendo-se de que a morte é uma libertação dos cuidados da Terra; crê você, por acaso, que o Espírito que fica feliz com sua liberdade venha de boa vontade repor sua corrente aos pés e ocupar-se de coisas que não lhe dizem mais respeito, para satisfazer a cupidez dos herdeiros, que, talvez, estejam contentes com sua morte, na esperança de que lhes possa ser proveitosa? Você fala de justiça; mas a justiça está na decepção da cobiça deles; e constitui tal decepção o começo das punições que Deus reserva para sua avidez dos bens da Terra. De resto, os embaraços que a morte de uma pessoa às vezes causa fazem parte das provações da vida e não está no poder de nenhum Espírito livrar vocês deles, porque se registram nos decretos de Deus.”

Observação. A resposta acima desapontará sem dúvida os que pensam que os Espíritos não têm nada de melhor para fazer do que nos servirem de coadjuvantes clarividentes para nos guiarem, não para o céu, mas sobre a Terra. Uma outra consideração vem em apoio desta resposta. Caso um homem tenha deixado durante sua vida seus negócios em desordem por incúria, não é verossímil que, após sua morte, ele se encha de preocupações, pois deve ter ficado feliz de se haver livrado das impressões ruins que lhe causavam, e, por pouco elevado que seja, ele lhes ligará menos importância como Espírito que como homem. Quanto aos bens desconhecidos que tenha podido deixar, não existe nenhuma razão para se importar com ávidos herdeiros que não pensariam provavelmente mais nele, se não esperassem obter alguma coisa com isso; caso se ache ainda imbuído de paixões humanas, poderá sentir um maligno prazer com o desapontamento deles.

Se, no interesse da justiça e das pessoas que ama, um Espírito considerar útil realizar revelações deste tipo, ele o fará espontaneamente, e não haverá necessidade para isso de ser médium ou de recorrer a um médium; ele traz o conhecimento das coisas através de circunstâncias fortuitas, mas isso não acontece jamais por causa do pedido que lhe é feito, considerando que tal pedido não pode mudar a natureza das provações que a gente tem que sofrer; aliás, o pedido teria o condão de agravá-las, porque constitui quase sempre um indício de cupidez e comprova ao Espírito que a gente se ocupa dele por interesse. (Ver n.º 295.)

Questões sobre a sorte dos Espíritos.

292. 21. Pode-se pedir aos Espíritos informações sobre sua situação no mundo dos Espíritos?

“Sim, e eles as fornecem de boa vontade quando o pedido é ditado pela simpatia ou pelo desejo de ser útil, e não pela curiosidade.”

22. Podem os Espíritos descrever a natureza de seus sofrimentos ou de sua felicidade?

“Perfeitamente, e esses tipos de revelações constituem um grande ensinamento para vocês, pois elas os iniciam na verdadeira natureza dos castigos e das recompensas futuras; ao destruir as ideias falsas que vocês possuem a respeito, elas tendem a reanimar a fé e sua confiança na bondade de Deus. Os bons Espíritos ficam felizes em lhes descrever a felicidade dos eleitos; os maus podem ser forçados a descrever seus sofrimentos, a fim de provocar neles o arrependimento; eles aí encontram mesmo, às vezes, uma espécie de desafogo: é o infeliz que expressa seu lamento na esperança da compaixão.

“Não se esqueçam de que o objetivo essencial, exclusivo, do espiritismo é o melhoramento de vocês, e é para alcançá-lo que se permite aos Espíritos iniciá-los na vida futura, oferecendo-lhes exemplos de que possam tirar proveito. Quanto mais vocês se identificarem com o mundo que espera por vocês, menos lastimarão esse em que estão agora. Tal é, em suma, o objetivo atual da revelação.”

23. Ao se evocar uma pessoa cuja sorte é desconhecida, pode-se saber dela mesma se está viva ainda?

“Sim, caso a incerteza de sua morte não constitua uma *necessidade* ou uma provação para os que têm interesse em sabê-lo.”

— Se estiver morta, pode dar a conhecer as circunstâncias de sua morte, de forma que se possa averiguá-la?

“Se ela ligar alguma importância a isso, ela o fará; caso contrário, ela pouco se preocupará com isso.”

Observação. A experiência comprova que, neste caso, o Espírito não é de modo algum excitado pelos motivos do interesse que se possa ter em conhecer as circunstâncias de sua morte; se ele se põe a revelá-las, ele o faz por si mesmo, seja através da via medianímica, seja da via das visões ou aparições, e pode, então, fornecer as indicações mais precisas; no caso contrário, um Espírito enganador pode perfeitamente substituí-lo e se divertirá mandando executar buscas inúteis.

Ocorre frequentemente que o desaparecimento de uma pessoa cuja morte não pode ser oficialmente comprovada traz entraves aos negócios familiares. Somente em casos muito raros e muito excepcionais, é que temos visto os Espíritos oferecerem o caminho da verdade após o pedido que lhes é feito; se eles desejassem fazê-lo, eles o poderiam sem dúvida, mas muitas vezes isso não lhes é permitido, caso tais embaraços constituam provações para os que estariam interessados em se livrar delas.

Logo, é cair no engodo de uma esperança quimérica perseguir por tal meio a recuperação de heranças cujo ponto mais positivo é o dinheiro que se despence para esse efeito.

Não faltam Espíritos dispostos a afagar tais esperanças, e que não possuem nenhum escrúpulo em induzir a investigações de que a gente se sente muito feliz de sair quite só com um pouco de ridículo.

Questões sobre a saúde.

293. 24. Podem os Espíritos oferecer conselhos para a saúde?

“A saúde constitui uma condição necessária para o trabalho que se deve realizar na Terra; eis porque se ocupam dela de boa vontade; mas, como existem ignorantes e sábios entre eles, não convém, neste caso, não mais do que quanto às outras coisas, solicitar atendimento ao primeiro que comparecer.”

25. Ao se solicitar atendimento ao Espírito de uma celebridade médica, estaria a gente mais certa de obter um bom conselho?

“As celebridades terrestres não são infalíveis e amiúde apresentam ideias sistemáticas que nem sempre estão corretas, e das quais a morte não as liberta de súbito. A ciência terrestre constitui um nada perto da ciência celeste; os Espíritos superiores são os únicos que possuem esta última ciência; sem terem nomes conhecidos de vocês, eles podem saber muito mais que seus sábios sobre todas as coisas. A ciência sozinha não faz superiores os Espíritos, e vocês ficariam muito espantados com a posição que certos sábios ocupam entre nós. O Espírito de um sábio pode, portanto, não saber mais do que quando se achava na Terra, caso não haja progredido como Espírito.”

26. Reconhece o sábio, tornando-se Espírito, seus erros científicos?

“Caso ele tenha chegado a um nível muito elevado para se desvencilhar de sua vaidade e compreender que seu desenvolvimento não é completo, ele os reconhece e os confessa sem desonra; mas, se ele não estiver assaz desmaterializado, pode conservar alguns dos preconceitos de que estava imbuído na Terra.”

27. Poderia um médico, ao evocar aqueles de seus doentes que morreram, obter esclarecimentos sobre a causa de sua morte, os erros que tenha podido cometer no tratamento, adquirindo, assim, um acréscimo de experiência?

“Ele o pode, e isto lhe seria muito útil, sobretudo se ele se fizesse assistir por Espíritos esclarecidos, que suplementariam a falta de conhecimento de certos doentes. Mas para isto precisaria que ele realizasse tal estudo de um modo sério, assíduo, com um objetivo humanitário, e não como meio de adquirir sem esforço saber e fortuna.”

Questões sobre as invenções e descobertas.

294. 28. Podem os Espíritos guiar as pesquisas científicas e as descobertas?

“A ciência é obra do gênio; ela não deve adquirir-se senão através do trabalho, pois é através do trabalho que o homem avança em sua senda. Que mérito teria ele, caso precisasse apenas interrogar os Espíritos para tudo saber? Qualquer imbecil poderia tornar-se sábio a tal custo. É o mesmo quanto às invenções e às descobertas da indústria. Agora uma outra consideração, a de que cada coisa deve vir a seu tempo e quando as mentes se acharem amadurecidas para recebê-la; se o homem tivesse tal poder, ele subverteria a ordem das coisas, ao fazer brotar os frutos antes da estação.

“Deus disse ao homem: você extrairá seu alimento da terra com o suor de seu rosto; admirável figura que pinta a condição em que ele se acha neste mundo; em tudo ele deve progredir através do esforço do trabalho; caso as coisas todas lhe fossem fornecidas feitas, para que lhe serviria sua inteligência? Ele seria como um escolar cujo dever um outro fizesse.”

29. Não são o sábio e o inventor jamais assistidos em suas pesquisas pelos Espíritos?

“Oh! Isto é bem diferente. Quando a hora de uma descoberta chega, os Espíritos encarregados de dirigir-lhe a marcha buscam o homem capaz de levá-la a bom termo e lhe inspiram as ideias necessárias, de modo a deixar-lhe todo o mérito, pois tais ideias é preciso que ele elabore e execute. É assim com todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os Espíritos deixam cada homem em sua esfera; quem é capaz apenas de cavar a terra eles não tornarão o depositário dos segredos de Deus; mas eles poderão tirar da obscuridade o homem capaz de secundar seus desígnios. Não se deixem, portanto, arrastar pela curiosidade ou pela ambição por uma senda que não constitua o objetivo do espiritismo e que redundaria para vocês nas mais ridículas mistificações.”

Observação. O conhecimento mais esclarecido do espiritismo acalmou a febre das descobertas que, no princípio, a gente pretendia realizar através deste método. Aconteceu até de pedirem aos Espíritos receitas para tingir e fazer crescer os cabelos, curar os calos dos pés etc. Nós vimos muita gente que acreditou estar com a fortuna feita e acabou coligindo apenas processos mais ou menos ridículos. Ocorre o mesmo quando se deseja, com a ajuda dos Espíritos, penetrar os mistérios da origem das coisas; certos Espíritos possuem, sobre tais matérias, seu sistema, que não vale mais do que o dos homens e que é prudente não acolher senão com a maior reserva.

Questões sobre os tesouros escondidos.

295. 30. Podem os Espíritos promover a descoberta dos tesouros escondidos?

“Os Espíritos superiores não se ocupam dessas coisas; mas os Espíritos zombeteiros indicam com frequência tesouros que não existem, ou podem também fazer procurar em um lugar, ao passo que ele se acha do lado oposto; e isto tem sua utilidade para demonstrar que a verdadeira fortuna reside no trabalho. Caso a Providência destine riquezas escondidas a alguém, ele as encontrará naturalmente; caso contrário, não.”

31. Que pensar da crença nos Espíritos guardiães de tesouros escondidos?

“Os Espíritos que não estão desmaterializados se apegam às coisas. Os avaros que esconderam seus tesouros podem ainda velar por eles e guardá-los após sua morte, e a perplexidade em que ficam ao ver que os roubam constitui um de seus castigos, até que compreendam a inutilidade dessas coisas para eles. Existem também os Espíritos da Terra encarregados de dirigir-lhe as transformações interiores, e que, por alegoria, passam por guardiães das riquezas naturais.”

Observação. A questão dos tesouros escondidos é da mesma categoria daquela das heranças desconhecidas; bem louco seria quem contasse com as pretensas revelações que lhe podem ser feitas pelos brincalhões do mundo invisível. Nós dissemos que, quando os Espíritos desejam ou podem fazer tais revelações, eles o fazem espontaneamente, e não têm necessidade de médiuns para isso. Eis aqui um exemplo:

Uma senhora acabava de perder seu marido, após trinta anos de convivência, e se achava em vias de ser expulsa de seu domicílio, sem nenhum recurso, por seus enteados, em relação aos quais tinha assumido o papel de mãe. Seu desespero estava no auge, quando, uma noite, seu marido lhe aparece e lhe diz para segui-lo a seu escritório; lá ele lhe mostra sua secretária, que se achava ainda selada, e, por um efeito de segunda vista, ele faz que veja o interior e lhe indica uma gaveta secreta, que ela não conhecia e cujo mecanismo lhe explica; e acresce: “Eu previ o que está ocorrendo e desejei assegurar sua sorte; nesta gaveta estão minhas últimas disposições; eu lhe cedo o usufruto desta casa e uma renda de...”; depois desapareceu. No dia de tirar os selos, ninguém conseguiu abrir a gaveta; a senhora, então, contou o que lhe havia sucedido. Ela abriu a gaveta, seguindo as instruções de seu marido, e ali se achou o testamento conforme o que lhe havia sido anunciado.

Questões sobre os outros mundos.

296. 32. Qual é o grau de confiança que se pode ter nas descrições que os Espíritos fazem dos diferentes mundos?

“Isso depende do nível de adiantamento *real* dos Espíritos que oferecem essas descrições; pois vocês compreendem que os Espíritos comuns são tão incapazes de informá-los a esse respeito quanto um ignorante entre vocês é incapaz de descrever todos os países da Terra. Vocês amiúde dirigem sobre esses mundos questões científicas que tais Espíritos não conseguem resolver; se são de boa-fé, falam segundo suas ideias pessoais; se são Espíritos levianos, divertem-se em lhes fazer descrições bizarras e fantásticas; ainda mais porque esses Espíritos, que não se acham desprovidos de imaginação na erraticidade não mais do que na Terra, haurem nessa faculdade o relato de muitas coisas que não têm nada de real. Todavia, não creiam na total impossibilidade de obter sobre esses mundos alguns esclarecimentos; os bons Espíritos se comprazem mesmo em lhes descrever aqueles em que habitam, a fim de lhes servir de orientação para vocês melhorarem, e se decidirem a seguir a senda que pode conduzi-los para lá; trata-se de um meio de fixar suas ideias no futuro e de não deixá-los no ar.”

— Qual é o controle que se pode exercer quanto à exatidão dessas descrições?

“O melhor controle reside na concordância que possa existir entre elas; mas lembrem-se de que têm elas por objetivo sua melhoria moral, e de que, por conseguinte, é sobre o estado moral dos habitantes que vocês podem ser melhor informados, e não sobre o estado físico ou geológico desses globos. Com seus conhecimentos atuais, vocês não teriam mesmo como compreendê-los; tal estudo não serviria absolutamente para seu progresso neste mundo, e vocês terão total possibilidade de realizá-lo quando lá estiverem.”

Observação. As questões sobre a constituição física e os elementos astronômicos dos mundos entram na ordem das pesquisas científicas, cujo esforço os Espíritos não devem poupar-nos; sem isto, um astrônomo acharia muito cômodo mandar que fizessem seus cálculos, o que, sem dúvida, ele bem se resguardaria de revelar. Caso os Espíritos pudessem, através da revelação, poupar o trabalho de uma descoberta, é provável que eles o fizessem em favor de um sábio assaz modesto para reconhecer abertamente a fonte, e não em proveito dos orgulhosos que os renegam e os quais eles amiúde poupam, ao contrário, das decepções do amor-próprio.

CAPÍTULO XXVII

DAS CONTRADIÇÕES E DAS MISTIFICAÇÕES

Das contradições.

297. Os adversários do espiritismo costumam objetar que os adeptos não se acham de acordo entre si; que nem todos compartilham as mesmas crenças; em suma, que se contradizem. Se, dizem eles, o ensinamento lhes é ministrado pelos Espíritos, como entender que não seja idêntico? Tão só um estudo sério e aprofundado da ciência pode reduzir este argumento a seu justo valor.

Apressemos-nos a dizer de início que tais contradições, com que certas pessoas fazem um grande estardalhaço, são, em geral, mais aparentes que reais; que se prendem mais à superfície que ao fundo da coisa, e que, por conseguinte, quedam sem importância. As contradições provêm de duas fontes: os homens e os Espíritos.

298. As contradições de origem humana foram suficientemente explicadas no capítulo *Sistemas*, n.º 36, ao qual nos remetemos. Cada qual compreenderá que, no início, quando as observações se achavam ainda incompletas, surgiram opiniões divergentes sobre as causas e as consequências dos fenômenos espíritas, opiniões cujas três quartas partes já caíram ante um estudo mais sério e mais aprofundado. Com bem poucas exceções e à parte algumas pessoas que não se separam facilmente das ideias que acariciaram ou criaram, pode-se dizer que hoje em dia existe unidade entre a imensa maioria dos espíritas, ao menos quanto aos princípios gerais, se isto não se der talvez em relação a alguns detalhes insignificantes.

299. Para compreender a causa e o valor das contradições de origem espírita, é preciso identificar-se com a natureza do mundo invisível e tê-lo estudado em todas as suas faces. Ao primeiro contato, pode causar admiração que nem todos os Espíritos pensem igualmente, mas isto não pode surpreender a quem se tenha dado conta do número infinito de níveis que eles devem percorrer antes de atingir o alto da escala. Imaginar que eles avaliam as coisas de modo uniforme seria imaginá-los todos no mesmo nível; julgar que todos eles devem ver corretamente seria admitir que todos tenham chegado à perfeição, o que não ocorre, e o que não tem como ocorrer, caso se considere que eles outra coisa não são que a humanidade despojada do invólucro corpóreo. Podendo os Espíritos de todas as categorias manifestar-se, resulta daí que suas comunicações trazem o timbre de sua ignorância ou de seu saber, de sua inferioridade ou de sua superioridade moral. É para se distinguir o verdadeiro do falso, o bom do mau, que devem conduzir as instruções que nós fornecemos.

Não se pode esquecer que entre os Espíritos existem, como entre os homens, falsos e meio sábios, orgulhosos, presunçosos e sistemáticos. Como é dado apenas aos Espíritos perfeitos tudo

conhecer, existem para os outros, como para nós, mistérios que explicam à sua maneira, conforme suas ideias, e sobre os quais podem formular opiniões mais ou menos corretas, nas quais colocam seu amor-próprio para fazer que prevaleçam, e que gostam de reproduzir em suas comunicações. O erro de alguns de seus intérpretes está em haverem esposado sem muita reflexão opiniões contrárias ao bom senso e em se constituírem seus editores responsáveis. Assim, as contradições de origem espírita não apresentam outra causa senão a diversidade na inteligência, nos conhecimentos, no julgamento e na moralidade de certos Espíritos que não estão ainda aptos a tudo conhecer e a tudo compreender. (Ver em *O Livro dos Espíritos, Introdução, § XIII; Conclusão, § IX.*)

300. De que serve o ensinamento dos Espíritos, perguntarão algumas pessoas, se não nos oferece mais segurança que o ensinamento humano? A resposta a isto é fácil. Nós não acatamos com igual confiança o ensinamento de todos os homens, e, entre duas doutrinas, nós damos preferência àquela cujo autor nos parece mais esclarecido, mais capaz, mais judicioso, menos acessível às paixões; é preciso agir assim com os Espíritos. Caso, em seu número, existam os que não se acham acima da humanidade, existem muitos que a ultrapassaram, e estes podem fornecer-nos instruções que buscaríamos em vão entre os homens mais instruídos. É em distingui-los da turba dos Espíritos inferiores que é preciso aplicar-se, caso queiramos esclarecer-nos, e é a esta distinção que conduz o conhecimento aprofundado do espiritismo. Mas mesmo tais instruções têm um limite, e, se não é dado aos Espíritos tudo saber, com mais forte razão deve acontecer o mesmo aos homens. Logo, existem coisas sobre os quais os interrogaríamos em vão, quer porque lhes seja proibido revelá-las, quer porque eles mesmos as ignoram, e sobre as quais eles podem apenas fornecer-nos sua opinião pessoal; ora, são essas opiniões pessoais que os Espíritos orgulhosos nos oferecem como verdades absolutas. É sobretudo sobre o que deve permanecer oculto, como o futuro e o princípio das coisas, que eles insistem mais, a fim de dar o ar de estarem de posse dos segredos de Deus; por isso sobre tais pontos é que existem mais contradições. (Ver o capítulo precedente.)

301. Eis aqui as respostas oferecidas pelos Espíritos às questões seguintes relativas às contradições:

1. Comunicando-se o mesmo Espírito em dois centros diferentes, pode transmitir-lhes sobre o mesmo assunto respostas contraditórias?

“Caso os dois centros divirjam entre si quanto às opiniões e aos pensamentos, a resposta poderá chegar-lhes transvestida, porque estão sob a influência de diferentes correntes de Espíritos: não é a resposta que é contraditória; é a maneira pela qual se transmitiu.”

2. Concebe-se que uma resposta possa ser alterada; mas, quando as qualidades do médium excluem toda ideia de má influência, como entender que os Espíritos superiores utilizem uma linguagem diferente e contraditória sobre o mesmo assunto, para pessoas perfeitamente sérias?

“Os Espíritos realmente superiores não se contradizem jamais, e sua linguagem é sempre a mesma *com as mesmas pessoas*. Pode ser diferente conforme as pessoas e os lugares; mas é preciso prestar atenção, porque a contradição com frequência é apenas aparente; ela se situa mais nas palavras que no pensamento, pois, ao se refletir, conclui-se que a ideia fundamental é a mesma. E, depois, o mesmo Espírito pode responder diferentemente sobre a mesma questão, conforme o nível de perfeição dos que o evocam, pois nem sempre é bom que todos obtenham a mesma resposta, uma vez que não são adiantados por igual. É exatamente como se uma criança e um sábio lhe fizessem a mesma questão: com certeza você responderia a um e ao outro de maneira a ser compreendido e a satisfazê-los; a resposta, apesar de diferente, teria, de resto, o mesmo conteúdo.”

3. Com que fito os Espíritos sérios parecem abonar junto a certas pessoas ideias e mesmo preconceitos que combatem junto a outras?

“É preciso que nós nos façamos entender. Caso alguém possua uma convicção bem firme a respeito de uma doutrina, mesmo falsa, é preciso que nós o dissuadamos dessa convicção, mas a pouco e pouco; eis porque nós amiúde nos servimos de seus *termos* e damos o ar de concordar com suas ideias, a fim de que ele não se ofusque de repente e a fim de que não deixe de se instruir junto a nós.

“Aliás, não é bom ferir muito bruscamente os preconceitos; este seria o meio de não ser escutado; eis porque os Espíritos se expressam muitas vezes no sentido da opinião dos que os escutam, a fim de levá-los a pouco e pouco à verdade. Eles tornam sua linguagem adequada às pessoas, como você mesmo o faz, caso seja um orador um pouco hábil; eis porque eles não falarão a um chinês ou a um maometano como falarão a um francês ou a um cristão, pois estariam bem certos de ser rejeitados.

“Não se deve tomar por uma contradição o que não passa muitas vezes de uma etapa da elaboração da verdade. Todos os Espíritos têm sua tarefa assinalada por Deus; eles a cumprem nas condições que julgam convenientes para o bem dos que recebem suas comunicações.”

4. As contradições, ainda que aparentes, podem lançar dúvidas no pensamento de certas pessoas; como manter isso sob controle para se conhecer a verdade?

“Para discernir o erro da verdade, é preciso aprofundar essas respostas e meditar sobre elas seriamente, por bastante tempo; trata-se de um estudo completo por fazer. É preciso de tempo para isso, como para estudar todas as coisas.

“Estudem, comparem, aprofundem-se; nós lhes repetimos sem cessar que o conhecimento da verdade se dá a esse preço. E como desejam vocês chegar à verdade, quando interpretam tudo de acordo com suas ideias estreitas, que tomam por grandes ideias? Mas não está longe o dia em que o ensinamento dos Espíritos por toda a parte será uniforme nos detalhes como nas coisas principais. A missão deles é a de destruir o erro, mas isso não tem como advir senão progressivamente.”

5. Existem pessoas que não possuem nem o tempo nem a aptidão necessária para um estudo sério e aprofundado, e que aceitam o que lhes é ensinado sem exame. Não há para elas o inconveniente de dar crédito a erros?

“Que elas pratiquem o bem e não cometam nenhum mal: eis o essencial; para isso não existem duas doutrinas. O bem é sempre o bem, quer vocês o façam em nome de Alá ou de Jeová, pois existe apenas um mesmo Deus para o universo.”

6. Como os Espíritos, que parecem desenvolvidos em inteligência, podem ter ideias patentemente falsas sobre certas coisas?

“Eles possuem sua doutrina. Os que não são assaz adiantados, e que creem sê-lo, adotam suas ideias como sendo a verdade. É como entre vocês.”

7. Que pensar das doutrinas segundo as quais um único Espírito poderia comunicar-se, Espírito que seria Deus ou Jesus?

“O Espírito que ensina isto é um Espírito que deseja dominar; eis porque deseja fazer crer que é único; mas o infeliz que ousa assumir o nome de Deus expiará caro seu orgulho. Quanto a tais doutrinas, elas se refutam a si mesmas, porque se acham em contradição com os fatos mais comprovados; elas não merecem um exame sério, pois não apresentam raízes.

“A razão lhes diz que o bem procede de uma boa fonte e o mal, de uma ruim; por que pretenderiam vocês que uma boa árvore fornecesse maus frutos? Algum dia colheram vocês a uva de u’a macieira? A diversidade das comunicações é a prova mais patente da diversidade de sua origem. Aliás, os Espíritos que se pretendem os únicos a se comunicar esquecem-se de dizer por que os outros não poderiam fazê-lo. Sua pretensão é a negação do que o espiritismo tem de mais

belo e de mais consolativo: as relações do mundo visível e do mundo invisível, dos homens com os seres que lhes são caros e que ficariam assim perdidos para eles sem remissão. São essas relações que identificam o homem com seu futuro, que o desprendem do mundo material; suprimir essas relações é voltar a mergulhá-lo na dúvida que constitui seu tormento; é fornecer alimento a seu egoísmo. Ao examinar com cuidado a doutrina desses Espíritos, reconhecem-se nelas, a cada passo, contradições injustificáveis e os vestígios de sua ignorância quanto às coisas mais evidentes, e, por conseguinte, os sinais certos de sua inferioridade.” (O ESPÍRITO DE VERDADE.)

8. De todas as contradições que se observam nas comunicações dos Espíritos, uma das mais gritantes é a que se relaciona à reencarnação. Se a reencarnação constitui uma necessidade da vida espírita, como entender que nem todos os Espíritos a ensinam?

“Não sabem vocês que existem Espíritos cujas ideias se limitam ao presente, como se dá com muitos homens da Terra? Eles creem que o que existe para eles deve durar para sempre; eles não veem além do círculo de suas percepções, e não se inquietam nem de onde vêm nem para onde vão, e por isso devem sofrer a lei da necessidade. A reencarnação é para eles uma necessidade na qual pensam apenas quando acontece; eles sabem que o Espírito progride, mas de que maneira? Isso lhes constitui um problema. Então, caso vocês lhes perguntem, eles lhes falarão dos sete céus superpostos como pavimentos; existem mesmo os que lhes falarão da esfera do fogo, da esfera das estrelas, depois da cidade das flores e daquela dos eleitos.”

9. Nós concebemos que os Espíritos pouco adiantados não possam compreender tal questão; mas, então, como entender que Espíritos de uma inferioridade moral e intelectual notórias falem espontaneamente de suas diferentes existências e de seu desejo de se reencarnarem para redimir seu passado?

“Passam-se no mundo dos Espíritos coisas que lhes são bem difíceis de compreender. Não existem entre vocês pessoas muito ignorantes a respeito de certas coisas, e que são esclarecidas a respeito de outras; pessoas que possuem mais juízo que instrução; e outras que possuem mais esperteza que juízo? Não sabem vocês também que certos Espíritos se comprazem em manter os homens na ignorância, fazendo de conta que os instruem, e que tiram proveito da facilidade com que estes depositam fé em suas palavras? Eles conseguem seduzir os que não vão ao fundo das coisas, mas, quando forçamos a mão através do raciocínio, eles não sustentam por muito tempo seu papel.

“É preciso, além disso, ter em conta a prudência que colocam em geral os Espíritos na promulgação da verdade: uma luz muito viva e muito súbita ofusca e não ilumina. Logo, eles podem, em certos casos, julgar conveniente espalhá-la tão só gradualmente, conforme os tempos, os lugares e as pessoas. Moisés não ensinou tudo o que ensinou o Cristo, e mesmo o Cristo disse muitas coisas cujo entendimento se reservava às gerações futuras. Vocês falam da reencarnação e se espantam de que tal princípio não haja sido ensinado em certos países; mas pensem que, em um país onde o preconceito da cor reine soberano, onde a escravidão se ache arraigada nos costumes, se rejeitaria o espiritismo unicamente porque proclama a reencarnação, pois a ideia de que o senhor possa tornar-se escravo, e reciprocamente, teria parecido monstruosa. Não é mais importante fazer que aceitem primeiro o princípio geral, guardando-se para tirar dele mais tarde as consequências? Oh, homens! Quanto é curta sua visão para julgar os desígnios de Deus! Saibam, então, que nada se faz sem sua permissão e sem um fim que amiúde vocês não são capazes de penetrar. Eu lhes disse que se alcançaria a unidade na crença espírita; tenham como certo que ela se alcançará, e que as dissidências, já menos profundas, se desfarão a pouco e pouco, à medida que os homens forem esclarecendo-se, e que desaparecerão completamente, pois essa é a vontade de Deus, contra a qual o erro não tem como prevalecer.” (O ESPÍRITO DE VERDADE.)

10. Não têm por efeito as doutrinas erradas que podem ensinar certos Espíritos retardar o progresso da ciência verdadeira?

“Desejariam vocês tudo alcançar sem esforço; saibam, então, que não existe campo em que não cresça erva daninha, a qual o lavrador tem que extirpar. Tais doutrinas erradas constituem uma consequência da inferioridade de seu mundo; se os homens fossem perfeitos, aceitariam apenas o que é verdadeiro; os erros são como as pedras falsas que unicamente um olho experiente consegue distinguir; vocês estão precisando de um aprendizado para distinguir o verdadeiro do falso. Muito bem! As falsas doutrinas são úteis no sentido de treiná-los para distinguirem a verdade do erro.”

— Os que adotam o erro não ficam atrasados em seu adiantamento?

“Se adotam o erro, é porque não se acham assaz adiantados para compreender a verdade.”

302. Enquanto espera que a unidade se concretize, cada um crê ser possuidor da verdade, e sustenta ser o único verdadeiro; ilusão que os Espíritos enganadores não deixam de alimentar; em que pode o homem imparcial e desinteressado basear-se para realizar um julgamento?

“A luz mais pura não é obscurecida por nenhuma nuvem; o diamante sem jaça é o que possui maior valor; julguem, pois, os Espíritos pela pureza de seu ensinamento. A unidade se dará onde o bem não terá jamais sido misturado com o mal; é desse lado que os homens se unirão pela força das coisas, pois julgarão que ali está a verdade. Observem, de resto, que os princípios fundamentais são por toda a parte os mesmos, e devem uni-los em um pensamento comum: o amor de Deus e a prática do bem. Qualquer que seja o modo de progredir que se imagine para as almas, o objetivo final é o mesmo: praticar o bem; ora, não existem duas maneiras de fazê-lo. Caso se levantem dissidências capitais quanto ao princípio mesmo da doutrina, vocês possuem uma regra segura para avaliá-las; eis a regra: a melhor doutrina é a que satisfaz melhor ao coração e à razão, e que apresente mais elementos para conduzir os homens ao bem; é esta, eu lhes asseguro, a que prevalecerá.” (O ESPÍRITO DE VERDADE.)

Observação. As contradições que se apresentam nas comunicações espíritas podem ligar-se às causas seguintes: à ignorância de certos Espíritos; ao embuste dos Espíritos inferiores que, por malícia ou por maldade, dizem o contrário do que diz em outro lugar o Espírito cujo nome eles usurpam; à vontade do próprio Espírito que fala de acordo com os tempos, os lugares e as pessoas, e pode julgar conveniente não dizer tudo a todo o mundo; à insuficiência da linguagem humana para exprimir as coisas do mundo incorpóreo; à insuficiência dos meios de comunicação que nem sempre permitem ao Espírito expressar todo o seu pensamento; enfim, à interpretação que cada um é capaz de dar a uma palavra ou a uma explicação, segundo suas ideias, seus preconceitos ou o ponto de vista sob o qual ele encara a coisa. O estudo, a observação, a experiência e a abnegação de todo sentimento de amor-próprio é que podem unicamente ensinar a distinguir estas diversas nuances.

Das mistificações.

303. Se é desagradável ser enganado, é ainda mais ser mistificado; constitui este, de resto, um dos inconvenientes de que é mais fácil resguardar-se. Os meios de desfazer as armadilhas dos Espíritos enganadores ressaem de todas as instruções precedentes; eis porque nós falaremos pouca coisa a respeito. Eis aqui as respostas dos Espíritos sobre o tema:

1. As mistificações constituem um dos empecilhos mais desagradáveis do espiritismo prático; existe um meio de se preservar delas?

“Parece-me que vocês podem achar a resposta em tudo o que lhes foi ensinado. Sim, com certeza, existe para isso um meio simples, que é o de pedir ao espiritismo apenas o que ele pode e

deve oferecer-lhes; seu fim é a melhoria moral da humanidade; enquanto vocês não se afastarem disso, vocês não serão jamais enganados, porque não existem duas maneiras de compreender a verdadeira moral, a que pode admitir todo homem de bom senso.

“Os Espíritos vêm instruí-los e guiá-los na rota do bem, e não naquela das honras e da fortuna, ou para servir a suas mesquinhas paixões. Caso não lhes fosse jamais pedido nada de fútil ou algo além de suas atribuições, os Espíritos enganadores não conseguiriam nenhuma presa, donde vocês devem concluir que quem é mistificado não obtém senão o que merece.

“O papel dos Espíritos não é o de ensinar-lhes as coisas deste mundo, mas o de guiá-los com segurança no que lhes pode ser útil para o outro. Quando eles lhes falam das coisas deste mundo é que o julgam necessário, mas isso não se dá por causa de seu pedido. Se vocês estão desejando que os Espíritos sejam suplentes dos adivinhos e dos feiticeiros, é então que vocês serão enganados.

“Caso os homens não tivessem senão que se endereçar aos Espíritos para tudo saber, eles não possuiriam mais seu livre-arbítrio, e sairiam da senda traçada por Deus para a humanidade. O homem tem de agir por si mesmo; Deus não envia os Espíritos para lhes aplainarem a rota material, mas para prepararem a do futuro.”

— Mas existem pessoas que não pedem nada e que são indignamente enganadas por Espíritos que comparecem espontaneamente, sem que sejam evocados.

“Se elas não pedem nada, elas os deixam dizer, o que acaba no mesmo. Se elas acolhessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objeto essencial do espiritismo, os Espíritos levianos não as tornariam tão facilmente ludibrios seus.”

2. Por que permite Deus que pessoas sinceras, e que aceitam o espiritismo de boa-fé, sejam mistificadas; isso não poderia apresentar o inconveniente de abalar sua crença?

“Se isso abalasse sua crença, é que sua fé não seria muito sólida; as pessoas que renunciassem ao espiritismo por um simples desapontamento comprovariam que não o compreendem, e que não se ligam a seu lado sério. Deus permite as mistificações para experimentar a perseverança dos verdadeiros adeptos, e punir os que fazem dele um objeto de diversão.” (O ESPÍRITO DE VERDADE.)

Observação. A esperteza dos Espíritos mistificadores ultrapassa, às vezes, tudo o que se pode imaginar; a arte com a qual eles assestam suas baterias e combinam os meios de persuadir seria uma coisa curiosa, caso fizessem sempre apenas inocentes brincadeiras, mas tais mistificações podem apresentar consequências desagradáveis para os que não ficam atentos; nós muito nos alegramos por termos podido abrir *a tempo* os olhos a muitas pessoas que resolveram pedir nosso conselho, e por tê-las poupado de gestos ridículos e comprometedores. Entre os meios que empregam tais Espíritos, é preciso pôr em primeiro lugar, por serem os mais frequentes, os que buscam tentar a cupidez, como a revelação de pretensos tesouros escondidos, o anúncio de heranças ou outras fontes de fortuna. Deve-se, além disso, considerar como suspeitas, de pronto, as predições com datas determinadas, assim como todas as indicações precisas concernentes a interesses materiais; guardar-se de qualquer providência prescrita ou aconselhada pelos Espíritos, quando o objetivo não for eminentemente racional; não se deixar jamais deslumbrar pelos nomes que tomam os Espíritos, para dar uma aparência de verdade às suas palavras; desconfiar das teorias e sistemas científicos temerários; enfim, de tudo o que se distancie do objetivo moral das manifestações. Nós encheríamos um volume dos mais curiosos com a história de todas as mistificações que têm chegado a nosso conhecimento.

CAPÍTULO XXVIII

CHARLATANISMO E PRESTIDIGITAÇÃO

Médiuns interesseiros. — Fraudes espíritas.

Médiuns interesseiros.

304. Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, não haveria nada de espantar em que se desejasse também explorar os Espíritos; resta saber como eles encarariam a coisa, se alguma vez se tentasse introduzir uma tal especulação. Nós diremos, primeiro, que nada se prestaria mais ao charlatanismo e à prestidigitação do que um semelhante ofício. Se se veem falsos sonâmbulos, ver-se-ão bem mais ainda falsos médiuns, e esta razão sozinha constituiria um motivo fundamentado de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais peremptória que se pode opor aos que veem nos fenômenos apenas uma hábil manobra. Não existe charlatanismo desinteressado; logo, qual seria o fito das pessoas que se utilizassem de fraude sem proveito, com mais forte razão quando sua honorabilidade notória as põe acima de qualquer suspeita?

Se o ganho que um médium retirasse de sua faculdade pode ser objeto de suspeita, isto não constituiria em absoluto uma prova de que tal suspeita seja fundamentada; ele poderia possuir uma aptidão real e agir de muito boa-fé, ao se fazer pagar; vejamos se, neste caso, a gente pode esperar um resultado satisfatório.

305. Caso se tenha compreendido bem o que nós dissemos a respeito das condições necessárias para as pessoas servirem de intérpretes aos bons Espíritos, a respeito das causas numerosas que podem afastá-los, a respeito das circunstâncias independentes de sua vontade que constituem muitas vezes um obstáculo à sua vinda, enfim, a respeito de todas as condições *morais* que podem exercer uma influência sobre a natureza das comunicações, como se poderia supor que um Espírito, mesmo sendo pouco elevado, estivesse, a cada hora do dia, às ordens de um empresário de sessões e submisso às suas exigências, para satisfazer a curiosidade do primeiro que aparecesse? É conhecida a aversão dos Espíritos por tudo o que trescala cupidez e egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais, e se pretenderia que eles ajudassem a traficar sua presença?! Isto repugna o pensamento, e seria preciso conhecer bem pouco a natureza do mundo espírita para crer que pudesse ser assim. Mas, como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e procuram apenas as ocasiões para se divertirem às nossas custas, resulta daí que, se a gente não for mistificada por um falso médium, tem toda a oportunidade de sê-lo por alguns daqueles. Apenas estas reflexões já bastam para dar a medida do grau de confiança que se deveria atribuir a comunicações deste tipo. De resto, para que serviriam hoje em dia médiuns pagos, se se possui por si mesmo tal faculdade e se se pode encontrá-la em sua família, entre seus amigos ou seus conhecidos?

306. Médiuns interesseiros não são unicamente os que poderiam exigir uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela expectativa de um ganho material, mas também pelos desígnios ambiciosos de toda natureza sobre que se podem fundamentar as expectativas pessoais; existe também aí um defeito de que sabem muito bem lançar mão os Espíritos zombeteiros, e de que tiram proveito com uma habilidade, com uma esperteza verdadeiramente notável, embalando em enganosas ilusões os que se põem debaixo de sua dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem, e os bons Espíritos se afastam de qualquer um que pretendesse torná-la um degrau para chegar a seja o que for que não corresponda aos desígnios da Providência. O egoísmo constitui a chaga da sociedade; os bons Espíritos o combatem; logo, não se pode supor que eles venham servi-lo. Isto é tão racional que seria inútil insistir ainda sobre este ponto.

307. Os médiuns de efeitos físicos não estão na mesma categoria; tais efeitos são geralmente produzidos por Espíritos inferiores menos escrupulosos. Nós não diremos que esses Espíritos sejam necessariamente maus por isso: a pessoa pode ser grosseira e também muito honesta; um médium desta categoria que desejasse explorar sua faculdade poderia alcançar quem o assistisse sem excessos de repugnância; mas ainda aqui se apresenta um outro inconveniente. O médium de efeitos físicos, não mais que o de comunicações inteligentes, não recebeu sua faculdade para seu prazer: ela lhe foi concedida com a condição de fazer bom uso dela, e, caso abuse, ela lhe poderá ser retirada, ou bem voltar-se para seu detrimento, porque, decididamente, os Espíritos inferiores se acham sob as ordens dos Espíritos superiores.

Os Espíritos inferiores gostam muito de mistificar, mas não gostam de ser mistificados; se eles se prestam de boa vontade à brincadeira, às coisas que excitam a curiosidade, uma vez que gostam de se divertir, eles não gostam mais que os outros de serem explorados, nem de servir de comparsas para aumentar a receita; e eles comprovam a cada instante que possuem sua vontade, que agem como e quando melhor lhes pareça, o que faz que o médium de efeitos físicos fique ainda menos seguro da regularidade das manifestações do que o médium escrevente. Pretender produzi-las em dias e horários marcados seria dar prova da mais profunda ignorância. O que fazer, então, para ganhar seu dinheiro? Simular os fenômenos; eis o que pode ocorrer não somente aos que fizessem disso um ofício declarado, mas até às pessoas simples em aparência que acham este meio mais fácil e mais cômodo do que trabalhar. Caso o Espírito não apareça, é substituído: a imaginação é tão fecunda quando se trata de ganhar dinheiro! Sendo o interesse um legítimo motivo de suspeita, ele propicia o direito a um exame rigoroso, com o qual não se poderia ofender-se sem justificar as suspeitas. Mas tanto quanto a suspeita é legítima neste caso, é ela ofensiva em face das pessoas honradas e desinteressadas.

308. A faculdade medianímica, mesmo restrita ao limite das manifestações físicas, não foi em absoluto concedida para dar espetáculo nos tablados, e quem quer que pretenda ter às suas ordens Espíritos para exhibi-los em público pode, com justa razão, ser suspeito de charlatanismo ou de prestidigitação mais ou menos hábil. Que se tenha isto por dito todas as vezes que se virem anúncios de pretensas sessões de *espiritismo* ou de *espiritualismo* a tanto por lugar, e que se lembre da prerrogativa que se adquire ao entrar.

De tudo o que precede, nós concluímos que o mais completo desinteresse é a melhor garantia contra o charlatanismo; se nem sempre assegura ele o benefício das comunicações inteligentes, com certeza priva os maus Espíritos de um poderoso meio de ação e fecha a boca a certos detratores.

309. Restaria o que se poderia chamar de prestidigitação de amador, quer dizer, as fraudes inocentes de alguns maus brincalhões. Poder-se-ia, sem dúvida, praticá-la em forma de

passatempo, em reuniões levianas e frívolas, mas não em assembleias sérias onde não são admitidas senão pessoas sérias. A gente bem pode, de resto, dar-se o prazer de uma mistificação passageira; mas seria preciso estar dotado de uma singular paciência para representar esse papel durante meses e anos, e cada vez durante várias horas consecutivas. Unicamente um interesse qualquer pode proporcionar tal perseverança, e o interesse, nós o repetimos, é capaz de tornar tudo suspeito.

310. Dir-se-á, talvez, que um médium que oferece seu tempo ao público no interesse da coisa não pode oferecê-lo por nada, porque é preciso viver. Mas é no interesse da coisa ou *no seu* que ele o oferece? E também não é porque ele entrevê nisso um ofício lucrativo? Encontrar-se-ão sempre pessoas devotadas por esse preço. Existe apenas esta indústria à sua disposição? Não nos esqueçamos de que os Espíritos, seja qual for sua superioridade ou sua inferioridade, são as almas dos mortos, e quando a moral e a religião transformam em dever o respeito a seus despojos, a obrigação de respeitar seu Espírito é ainda maior.

Que se diria de quem tirasse um corpo do túmulo e o exibisse por dinheiro, porque esse corpo seria próprio para acicatar a curiosidade? É menos desrespeitoso exibir o Espírito que o corpo, sob o pretexto de que é curioso ver atuar um Espírito? E observem bem que o preço dos lugares ficará em função dos meneios que poderá realizar e da atração do espetáculo. Certamente, quando vivo, tendo sido um cômico, não suspeitaria de forma alguma de que, após sua morte, iria encontrar um diretor que o fizesse representar a comédia de graça, a proveito dele.

Não se pode esquecer que as manifestações físicas, assim como as manifestações inteligentes, não são permitidas por Deus senão para nossa instrução.

311. Considerações morais à parte, nós não contestamos absolutamente que possam existir médiuns interessados, honestos e conscienciosos, porque existem pessoas honestas em todos os ofícios; nós nos referimos apenas ao abuso; mas convir-se-á, pelos motivos que nós expusemos, que o abuso é mais passível de ocorrer entre os médiuns pagos que entre os que, considerando sua faculdade como um favor, apenas a empregam para prestar serviço.

O nível de confiança ou de desconfiança que se pode aceitar em um médium pago depende, antes de qualquer coisa, da estima que suscitem seu caráter e sua moralidade e, além disso, das circunstâncias. O médium que, com um fito eminentemente sério e proveitoso, fosse impedido de utilizar seu tempo de uma outra maneira e, por esse motivo, fosse *desobrigado* disso, não pode ser confundido com o médium *especulador*, aquele que, com desígnio premeditado, transformasse a mediunidade em uma indústria. Conforme *o motivo e o objetivo*, os Espíritos podem, portanto, condenar, absolver ou mesmo favorecer; eles julgam a intenção de preferência ao fato material.

312. Os sonâmbulos que utilizam sua faculdade de forma lucrativa não estão no mesmo caso. Conquanto tal exploração esteja sujeita a abusos e o desinteresse seja uma enorme garantia de sinceridade, a situação é diferente, considerando que é seu próprio Espírito que atua; ele se acha, por conseguinte, sempre à sua disposição, e, na realidade, eles exploram a si mesmos, porque são livres de dispor de sua pessoa como entenderem, enquanto os médiuns especuladores exploram as almas dos mortos. (Ver n.º 172, *Médiuns sonâmbulos*.)

313. Nós não ignoramos que nossa severidade para com os médiuns interesseiros alvoroça contra nós todos os que exploram ou seriam tentados a explorar esta nova indústria, e faz que sejam nossos inimigos encarniçados, assim como seus amigos, que tomam naturalmente o partido deles; nós nos consolamos pensando que os comerciantes expulsos do templo por Jesus igualmente não deviam vê-lo com bons olhos. Nós temos também contra nós as pessoas que não encaram a coisa com a mesma gravidade; no entanto, nós nos achamos no direito de ter uma

opinião e de emití-la; nós não forçamos ninguém a adotá-la. Se uma imensa maioria se reúne em torno dela, é que aparentemente a acha justa; pois nós não vemos, de fato, como se poderia comprovar que não existe mais oportunidade de haver fraude e abusos na especulação do que no desinteresse. Quanto a nós, se nossos escritos contribuíram para lançar, na França e em outros países, o descrédito sobre a mediunidade interesseira, cremos que não será este um dos menores serviços que terão prestado ao espiritismo *sério*.

Fraudes espíritas.

314. Os que não admitem a realidade das manifestações físicas atribuem geralmente à fraude os efeitos produzidos. Eles se fundamentam no fato de que os prestidigitadores hábeis realizam coisas que parecem prodígios, quando não se conhecem seus segredos; donde concluem que os médiuns mais não são que escamoteadores. Nós já refutamos este argumento, ou antes esta opinião, especificamente nos artigos sobre o Senhor Home, e nos números da *Revista* de janeiro e fevereiro de 1858; nós só diremos, pois, algumas palavras antes de falar de algo mais sério.

Existe, de resto, uma consideração que não escapará a qualquer um que reflita um pouco. Há, sem dúvida, prestidigitadores de uma habilidade prodigiosa, porém, são raros. Se todos os médiuns praticassem a escamoteação, seria preciso convir que esta arte teria feito, em pouco tempo, progressos inauditos, e se teria tornado subitamente bastante comum, uma vez que ocorreria de forma inata entre pessoas que jamais suspeitaram dela, até entre as crianças.

Só porque existem charlatães que vendem drogas nas praças públicas, como também existem médicos que, sem ir à praça pública, burlam a confiança, segue-se que todos os médicos sejam charlatães, e a categoria tenha sido atingida em sua consideração? Só porque existem pessoas que vendem tintura por vinho, segue-se que todos os comerciantes de vinho sejam adulteradores e que não exista vinho puro? Abusa-se de tudo, até das coisas mais respeitáveis, e pode-se dizer que a fraude também possui seu gênio. Mas a fraude tem sempre um objetivo, um interesse material qualquer; lá onde não existe nada a ganhar, não existe nenhum interesse em enganar. Por isso, nós dissemos, a propósito dos médiuns mercenários, que a melhor de todas as garantias é um desinteresse absoluto.

315. De todos os fenômenos espíritas, os que se prestam melhor à fraude são os fenômenos físicos, por motivos que é bom levar em consideração. Primeiro, como se endereçam aos olhos mais que à inteligência, são os que a prestidigitação consegue mais facilmente imitar. Segundo, porque, instigando mais que os outros a curiosidade, são mais adequados para atrair a multidão e, por conseguinte, mais produtivos. Sob este duplo aspecto, os charlatães têm todo o interesse em simular tais tipos de manifestações; os espectadores, em sua maioria alheios à ciência, aí vão geralmente buscar uma distração bem mais que u'a mensagem séria, e se sabe que se paga sempre melhor o que diverte que o que instrui. Mas, deixando isso de lado, existe um outro motivo não menos peremptório. Se a prestidigitação consegue imitar os efeitos materiais, para os quais se precisa apenas de habilidade, nós não lhe reconhecemos, até agora, o dom de improvisação, que requer uma dose de inteligência não muito comum, nem o de produzir os belos e sublimes ditados, frequentemente tão plenos de pertinência, que oferecem os Espíritos em suas comunicações. Isto nos lembra o fato seguinte.

Um homem de letras assaz conhecido veio, um dia, ver-nos, dizendo que era um médium escrevente *intuitivo* muito bom e que se punha à disposição da Sociedade Espírita. Como nós temos por hábito não admitir na Sociedade senão médiuns cujas faculdades conhecemos, nós lhe solicitamos que aceitasse comparecer antes para fazer suas provas em um grupo particular. De fato, ele se apresentou; diversos médiuns experimentados forneceram ora dissertações, ora respostas de uma notável precisão às questões propostas e a temas desconhecidos deles. Quando chegou a vez daquele senhor, ele escreveu algumas palavras insignificantes, disse que estava indisposto naquele dia e depois nós não mais o revimos; ele achou, sem dúvida, que o papel de médium de efeitos inteligentes era mais difícil de desempenhar do que havia julgado.

316. Em todas as coisas, as pessoas mais fáceis de enganar são as que não são do ofício; passa-se o mesmo no espiritismo; os que não o conhecem são facilmente logrados pelas aparências, ao passo que um estudo prévio atento os inicia não somente nas causas dos fenômenos, mas ainda nas condições normais em que podem produzir-se, e lhes fornece, assim, os meios de reconhecer a fraude, caso exista.

317. Os médiuns enganadores se acham estigmatizados, como eles o merecem, na carta seguinte que nós reproduzimos na *Revista* do mês de agosto de 1861.

Paris, 21 de julho de 1861.

“SENHOR,

“A gente pode estar em desacordo sobre certos pontos e estar em perfeito acordo sobre outros. Eu acabo de ler, à página 213 do último número de seu jornal, as reflexões sobre a fraude em matéria de experiências espiritualistas (ou espíritas), às quais me acho feliz de me associar com todas as minhas forças. Ali, toda dissidência em matéria de teorias e de doutrinas desaparece como por encanto.

“Eu não sou, talvez, tão severo quanto o senhor no que toca aos médiuns que, de uma forma digna e conveniente, aceitam uma remuneração como indenização do tempo que consagram às experiências frequentemente longas e fatigantes; mas eu o sou tanto quanto — e não se poderia ser mais — no que toca aos que, em tais casos, suprem, em havendo ensejo, pela trapaça e pela fraude, a ausência ou a insuficiência dos resultados prometidos e aguardados. (Ver n.º 311.)

“Misturar o falso ao verdadeiro, quando se trata de fenômenos obtidos através da intervenção dos Espíritos, é muito simplesmente uma infâmia, e haveria obliteração do senso moral caso o médium acreditasse poder efetuá-lo sem escrúpulo. Assim sendo, como o senhor o deu perfeitamente a observar, *é lançar o descrédito a respeito da coisa na mente dos indecisos, desde que a fraude seja descoberta*. Eu ajuntarei que se trata de comprometer de maneira a mais deplorável os homens honrados que prestam aos médiuns o apoio desinteressado de seus conhecimentos e de suas luzes, que se tornam fiadores de sua boa-fé e os patrocinam de algum modo; isto é cometer para com eles uma verdadeira prevaricação.

“Todo médium que fosse reconhecido culpado de manobras fraudulentas; que fosse apanhado, para me servir de uma expressão um pouco trivial, com a mão na cumbuca, mereceria ser banido por todos os espiritualistas ou espíritas do mundo, para quem constituiria um dever rigoroso desmascará-los ou estigmatizá-los.

“Se lhe convém, Senhor, inserir estas poucas linhas em seu jornal, elas estão à sua disposição.

“Aceite etc., MATEUS.”

318. Nem todos os fenômenos espíritas são igualmente fáceis de imitar, e existem os que desafiam evidentemente toda a habilidade da prestidigitação: tais são notadamente o movimento

dos objetos sem contato, a levitação dos corpos pesados no espaço, as batidas em diferentes lados, as aparições etc., salvo o emprego de truques e da cumplicidade; eis porque nós dizemos que o que é preciso fazer, em tal caso, é observar atentamente as circunstâncias e, sobretudo, ter em conta o caráter e a condição das pessoas, o objetivo e o interesse que elas possam ter em enganar; eis aí a melhor de todas as precauções, pois são tais circunstâncias que removem todo motivo de suspeita. Nós pensamos, portanto, em princípio, que é preciso desconfiar de quem quer que transforme esses fenômenos em um espetáculo ou em um objeto de curiosidade ou de divertimento, e pretenda produzi-los à vontade e oportunamente, conforme nós já o explicamos. Nós não nos cansaremos de repetir: as inteligências ocultas que se manifestam têm suas susceptibilidades e desejam comprovar-nos que possuem também seu livre-arbítrio e não se submetem a nossos caprichos. (N.º 38.)

Ser-nos-á suficiente assinalar alguns subterfúgios empregados, ou que se podem empregar em certos casos, para premunir contra a fraude os observadores de boa-fé. Quanto às pessoas que se obstinam em julgar sem analisar, seria trabalho perdido buscar desenganá-las.

319. Um dos fenômenos mais comuns é o das batidas internas na substância mesma da madeira, com ou sem movimento da mesa ou de outro objeto de que se sirva. Tal efeito é um dos mais fáceis de imitar, seja pelo contato dos pés, seja provocando pequenos estalos no móvel; mas existe uma artimanhazinha especial que é útil revelar. É suficiente posar suas duas mãos com as palmas sobre a mesa e bem próximas para que as unhas dos polegares se apoiem fortemente uma contra a outra; então, por um movimento muscular completamente imperceptível, se faz que elas sofram um atrito que produz um ligeiro ruído seco, com uma grande analogia com os da tiptologia interna. Esse barulho repercute na madeira e produz uma ilusão completa. Nada é mais fácil do que fazer ouvir tantas batidas quantos se peçam, um repicar de tambor etc., para responder a certas questões através de sim ou de não, de algarismos ou mesmo da indicação das letras do alfabeto.

Uma vez prevenido, o meio de reconhecer a fraude é bem simples. Ela não é possível caso as mãos fiquem distantes uma da outra e se esteja seguro de que nenhum outro contato possa produzir o barulho. As batidas reais oferecem, aliás, isto de característico, ou seja, elas mudam de lugar e de timbre à vontade, o que não tem como ocorrer quando são devidas à causa que nós assinalamos ou a qualquer outra parecida; elas saem da mesa para se produzirem em um móvel qualquer que ninguém toca, nas paredes, no teto etc., e respondem, enfim, a questões não previstas. (Ver n.º 41.)

320. A escrita direta é ainda mais fácil de imitar; sem falar dos agentes químicos bem conhecidos para fazer aparecer a escrita em um tempo determinado, em um papel branco, o que se pode frustrar com as precauções mais corriqueiras, poderia ocorrer que, através de uma escamoteação sutil, se substituísse um papel por outro. Poderia ocorrer também que quem desejasse fraudar tivesse a arte de desviar a atenção, enquanto escrevesse habilmente algumas palavras. Alguém nos disse ainda ter visto escrever com um pedaço de grafite disfarçado sob a unha.

321. O fenômeno dos transportes não se presta menos à charlatanice, e se pode facilmente ser ludibriado por um escamoteador mais ou menos hábil, sem que seja preciso que tenha a capacidade de um prestidigitador profissional. No item especial que nós registramos acima (n.º 96), os próprios Espíritos determinaram as condições excepcionais nas quais este fenômeno é capaz de produzir-se, donde se pode concluir que sua obtenção *fácil* e *opcional* pode, ao menos, ser considerada como suspeita. A escrita direta está no mesmo caso.

322. No capítulo sobre os *Médiuns especiais*, nós mencionamos, de acordo com os Espíritos, as aptidões medianímicas comuns e as que são raras. É conveniente, pois, desconfiar dos médiuns que pretendem possuir estas últimas demasiado facilmente, ou que ambicionam a multiplicidade das faculdades, pretensão que não é senão bem raramente justificada.

323. As manifestações inteligentes são, conforme as circunstâncias, as que oferecem maior garantia, no entanto, não se acham ao abrigo da imitação, pelo menos no que concerne às comunicações banais e comuns. A gente crê existir mais segurança com os médiuns mecânicos, não somente em relação à independência das ideias mas também contra as tramoias; é por esta razão que certas pessoas preferem os meios materiais. Pois bem! Trata-se de um erro. A fraude se infiltra por toda a parte, e nós sabemos que, com habilidade, se pode dirigir à vontade mesmo uma cesta ou uma prancheta que escreve, e lhe proporcionar todas as aparências dos movimentos espontâneos. O que acaba com todas as dúvidas são os pensamentos expressos que vêm através de um médium mecânico, intuitivo, audiente, falante ou vidente. Existem comunicações que se situam de tal modo fora do círculo das ideias, dos conhecimentos e mesmo do alcance intelectual do médium, que seria preciso iludir-se ao máximo para lhe fazer a honra delas. Nós reconhecemos no charlatanismo uma grande habilidade e fecundos recursos, mas não lhe conhecemos ainda o dom de fornecer sabedoria a um ignorante, nem sagacidade a quem não tenha.

Em resumo, nós o repetimos, a melhor garantia se acha na moralidade notória do médium e na ausência de todas as causas de interesse material ou de amor-próprio que pudessem estimular nele o exercício das faculdades medianímicas, pois essas mesmas causas podem incitá-lo a simular as que não possui.

CAPÍTULO XXIX

GRUPOS E SOCIEDADES ESPÍRITAS

Dos grupos em geral. — Das sociedades propriamente ditas. — Temas de estudos. —
Rivalidade entre as sociedades.

Dos grupos em geral.

324. Os grupos espíritas podem apresentar imensas vantagens, pelo fato de que permitem que a gente se esclareça através da troca recíproca de pensamentos, das questões e das observações que cada qual pode realizar e de que todo o mundo tira proveito; mas, para se extraírem todos os frutos desejáveis, elas requerem condições especiais que nós vamos examinar,

pois andaria errado quem os comparasse às sociedades comuns. De resto, sendo cada grupo um todo coletivo, o que lhes diz respeito é a consequência natural das instruções precedentes; eles têm de tomar as mesmas precauções e de se preservar dos mesmos percalços que os indivíduos; eis porque nós colocamos este capítulo por último.

Os grupos espíritas apresentam características muito diferentes conforme o objetivo proposto, e sua organização deve, por isso mesmo, diferir também. Segundo sua natureza, eles podem ser *frívolos*, *experimentais* ou *instrutivos*.

325. Os *grupos frívolos* se compõem de pessoas que veem apenas o lado agradável das manifestações, que se divertem com as facécias dos Espíritos levianos, muito entusiastas por esses gêneros de assembleias, onde eles têm toda a liberdade de se apresentar e aonde não faltam. É ali que se pedem todas as espécies de banalidades, que se faz dizer a sorte através dos Espíritos, que se põe sua perspicácia à prova para adivinharem a idade, o que se traz nos bolsos, desvendar segredinhos, e mil outras coisas desta importância.

Tais grupos não têm consequência; mas, como os Espíritos levianos são, às vezes, muito inteligentes e possuem, geralmente, um humor fácil e jovial, aí amiúde se produzem coisas muitíssimo curiosas de que o observador pode tirar seu proveito; quem tivesse visto só isto e julgasse o mundo dos Espíritos de acordo com esta amostra, faria dele uma ideia tão falsa quanto quem julgasse toda a sociedade de uma grande cidade por aquela de certos bairros. O simples bom senso afirma que os Espíritos elevados não podem vir a tais grupos, onde os espectadores não são mais sérios que os atores. Caso se deseje ocupar-se de coisas fúteis, é preciso francamente chamar Espíritos levianos, como se chamariam saltimbancos para divertir uma sociedade, mas haveria profanação em convidar para ele nomes venerados, misturando o sagrado e o profano.

326. Os *grupos experimentais* têm mais especificamente por objeto a produção de manifestações físicas. Para muitas pessoas, constitui um espetáculo mais curioso que instrutivo; os incrédulos saem deles mais admirados que convencidos, quando não viram outra coisa, e todo o seu pensamento se volta para a descoberta de artifícios, pois, não compreendendo nada, imaginam espontaneamente os subterfúgios. Sucede diferentemente com os que estudaram; eles compreendem por antecipação a possibilidade das manifestações, e os fatos, em seguida, determinam ou firmam sua convicção; caso exista algum subterfúgio, eles estarão preparados para descobri-lo.

Não obstante, estas experimentações apresentam uma utilidade que ninguém poderia deixar de reconhecer, pois foram elas que permitiram descobrir as leis que regem o mundo invisível, e, para muitas pessoas, constituem, sem controvérsia, um poderoso motivo de convicção; mas nós afirmamos que sozinhas elas não são capazes de iniciar na ciência espírita, como a vista de um engenhoso mecanismo não é capaz de fazer conhecer a mecânica, caso não se conheçam suas leis; todavia, se forem dirigidas com método e prudência, obter-se-ão com elas bem melhores resultados. Nós retornaremos em breve a este assunto.

327. As *grupos instrutivos* apresentam um outro caráter, e como são aqueles em que se pode haurir o verdadeiro ensinamento, nós insistiremos sobretudo nas condições que devem cumprir.

A primeira de todas é a de permanecer sérios em toda a acepção do vocábulo. É realmente preciso persuadir-se de que os Espíritos aos quais se deseja dirigir-se possuem uma natureza toda especial; que, não podendo o sublime unir-se ao trivial, nem o bem ao mal, caso se deseje obter boas coisas, é preciso dirigir-se a bons Espíritos; mas não é suficiente evocar bons Espíritos; é preciso, como condição expressa, estar em condições propícias para que eles *gostem*

de comparecer; por isso, os Espíritos superiores não comparecerão às assembleias de homens levianos e superficiais, como não compareceriam quando vivos.

Uma sociedade só é verdadeiramente séria na condição de se ocupar de coisas úteis, com a exclusão de todas as outras; se ela aspira a obter fenômenos extraordinários por curiosidade ou por passatempo, os Espíritos que os produzem poderão apresentar-se, mas os outros irão embora. Em suma, qualquer que seja o caráter de um grupo, ele encontrará sempre Espíritos dispostos a acompanhar suas tendências. Um grupo sério se afasta, portanto, de seu objetivo, caso troque o ensinamento pela diversão. As manifestações físicas, como dissemos, têm sua utilidade; que os que desejam observar vão aos grupos experimentais; que os que desejam compreender vão aos grupos de estudo; eis como uns e outros poderão completar sua instrução espírita, como, no estudo da medicina, uns vão aos cursos e outros, à clínica.

328. A instrução espírita não compreende somente o ensino moral oferecido pelos Espíritos, mas ainda o estudo dos fatos; incumbem-lhe a teoria de todos os fenômenos, a pesquisa das causas e, como consequência, a verificação do que é possível e do que não é; em suma, a observação de tudo quanto possa fazer avançar a ciência. Por isso, enganar-se-ia quem crese que os fatos se limitem aos fenômenos extraordinários; que somente os que mais atingem os sentidos sejam dignos de atenção; eles se encontram a cada passo nas comunicações inteligentes, as quais os homens reunidos para o estudo não poderiam negligenciar; tais fatos, que seria impossível enumerar, surgem de uma infinidade de circunstâncias fortuitas; conquanto menos salientes, não são menos do mais alto interesse para o observador, que encontra neles ou a confirmação de um princípio conhecido, ou a revelação de um princípio novo que o faz penetrar mais adiante nos mistérios do mundo invisível; eis também aí a filosofia.

329. Os grupos de estudo são, além disso, de uma imensa utilidade para os médiuns de manifestações inteligentes, para aqueles, sobretudo, que apresentam um desejo sério de se aperfeiçoar e que não se aproximam deles com uma tola presunção de infalibilidade. Dois dos grandes obstáculos da mediunidade são, como nós dissemos, a obsessão e a fascinação; os médiuns podem iludir-se de muito boa-fé quanto ao mérito do que obtêm, e se concebe que os Espíritos enganadores recebam carta branca quando tratam tão só com um cego; eis porque eles afastam seu médium de qualquer controle; eis porque, quando necessário, eles fazem que tenham aversão a qualquer um que possa esclarecê-lo; graças ao isolamento e à fascinação, eles podem facilmente fazê-lo aceitar tudo o que desejam.

Nós jamais nos cansaremos de repetir: ali se acha não somente o obstáculo, mas o perigo; sim, nós o afirmamos, um verdadeiro perigo. O único meio de escapar dele é o controle de pessoas desinteressadas e benévolas que, julgando as comunicações com sangue-frio e imparcialidade, podem abrir-lhe os olhos e lhe dar a perceber o que ele não consegue ver por si mesmo. Ora, todo médium que receia tal julgamento já se acha no caminho da obsessão; quem julga que a luz se dá apenas para ele se acha completamente sob o jugo; caso ele leve a mal as observações, caso as rejeite, caso se irrite com elas, não pode existir dúvida aí quanto à má natureza do Espírito que o assiste.

Nós o dissemos: um médium pode carecer dos conhecimentos necessários para compreender os erros; pode deixar-se lograr pelas grandes palavras e por uma linguagem pretensiosa, ser seduzido por sofismas, e isso com a maior boa-fé do mundo; eis porque, à falta de suas próprias luzes, ele tem de modestamente recorrer às dos outros, conforme estes dois adágios: quatro olhos veem melhor que dois e ninguém é bom juiz em causa própria. É deste ponto de vista que os grupos são para o médium de uma mui grande utilidade, caso seja assaz sensato para escutar os conselhos, porque lá se encontram pessoas mais esclarecidas que ele, que

evidenciarão as nuances muitas vezes sutilíssimas, através das quais o Espírito trai sua inferioridade.

Todo médium que deseja sinceramente não se constituir em joguete da mentira deve, portanto, procurar trabalhar em grupos sérios, e levar para lá o que obtém em particular; aceitar com gratidão, solicitar mesmo o exame crítico das comunicações que recebe; caso se ache assediado por Espíritos enganadores, é esse o mais seguro meio de se desembaraçar deles, comprovando-lhes que não podem lográ-lo. O médium que se irrita com a crítica, de resto, se acha tanto mais desarrazoado quanto seu amor-próprio não está de modo algum engajado nisso, uma vez que o que ele afirma não lhe pertence, e que ele não é mais responsável por isso do que seria caso lesse os versos de um mau poeta.

Nós insistimos neste ponto, porque, se existe aqui um obstáculo para os médiuns, existe também para os grupos, nos quais é importante não confiar levemente em todos os intérpretes dos Espíritos. O concurso de todo médium obsidiado ou fascinado lhes seria mais nocivo que útil; logo, eles não devem aceitá-lo. Nós pensamos ter entrado em desenvolvimentos suficientes para que lhes seja impossível enganar-se quanto às características da obsessão, caso o médium não consiga reconhecê-la por si mesmo; uma das mais salientes se acha, sem controvérsia, na pretensão de ser o único a ter razão contra todo o mundo. Os médiuns obsidiados que não desejam concordar com isso parecem-se a esses doentes que se iludem quanto a sua saúde, e se perdem por falta de se submeter a um regime salutar.

330. O que um grupo sério deve propor é o afastamento dos Espíritos mentirosos; ele incidiria em erro, caso se julgasse abrigado por seu objetivo e pela qualidade de seus médiuns; ele chegará a isto apenas quando ele mesmo estiver em condições favoráveis.

Para bem compreender o que se passa nesta circunstância, nós rogamos ao leitor que concorde em se reportar ao que dissemos acima, no item de n.º 231, sobre a *Influência do meio ambiente*. É preciso representar cada indivíduo como que cercado de um certo número de acólitos invisíveis que se identificam com seu caráter, seus gostos e seus pendores; logo, toda pessoa que entra em um grupo traz consigo os Espíritos que lhe são simpáticos. Conforme seu número e sua natureza, tais acólitos podem exercer sobre a assembleia e sobre as comunicações uma influência boa ou má. Um grupo perfeito seria aquele cujos membros, todos animados por igual amor ao bem, trouxessem consigo apenas bons Espíritos; à falta da perfeição, o melhor será aquele em que o bem prevaleça sobre o mal. Isto é por demais lógico para que seja necessário insistir.

331. Um grupo é um ser coletivo cujas qualidades e propriedades constituem as resultante de todas as de seus membros, e formam como que um feixe; ora, este feixe terá tanto mais força quanto mais for homogêneo. Caso se tenha bem compreendido o que se disse (n.º 282, questão 5) sobre a maneira como os Espíritos são avisados de nosso chamado, compreender-se-á facilmente o poder da associação do pensamento dos assistentes. Se o Espírito for, de alguma forma, alcançado pelo pensamento, como nós o somos pela voz, unindo-se vinte pessoas com uma só intenção, terão necessariamente mais força que uma só; mas, para que todos esses pensamentos concorram para o mesmo objetivo, é preciso que eles vibrem em uníssono; que eles se fundam, por assim dizer, em um só, o que não pode ocorrer sem recolhimento.

Por outro lado, chegando o Espírito a um ambiente completamente simpático, fica ele mais à vontade; não encontrando senão amigos, comparece com mais gosto e mais disposto a responder. Qualquer um que tenha acompanhado com alguma atenção as manifestações espíritas inteligentes pôde certamente convencer-se desta verdade. Caso os pensamentos sejam divergentes, resulta daí um choque de ideias desagradáveis para o Espírito e, por conseguinte, nociva para a manifestação. É o que ocorre a um homem que deve falar em uma assembleia; se ele sente todos os pensamentos lhe serem simpáticos e benevolentes, a impressão que recebe reage

sobre suas próprias ideias e lhe dá mais entusiasmo; a unanimidade dessa afluência exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que decuplica seus expedientes, ao passo que a indiferença ou a hostilidade o perturbam e o paralisam; é assim que os atores ficam eletrizados pelos aplausos; ora, os Espíritos, bem mais impressionáveis que os humanos, devem sofrer bem mais intensamente a influência do ambiente.

Qualquer grupo espírita deve, assim, tender à maior homogeneidade possível; fique bem entendido que nós falamos dos que desejam chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis; caso se deseje simplesmente obter comunicações a despeito de tudo, sem se importar com a qualidade dos que as oferecem, é evidente que todas estas precauções não são necessárias, mas, então, é preciso não se lastimar com a qualidade do produto.

332. Sendo o recolhimento e a comunhão de pensamentos as condições essenciais de todo grupo sério, compreende-se que o número elevado de assistentes deve ser uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não existe, com certeza, nenhum limite absoluto para tal número, e concebe-se que cem pessoas, suficientemente recolhidas e atentas, se acharão em melhores condições que dez pessoas que estivessem distraídas e ruidosas; mas é evidente também que, quanto maior for o número, tanto mais essas condições são difíceis de preencher. Constitui, aliás, um fato comprovado pela experiência que os pequenos círculos íntimos são sempre mais favoráveis às belas comunicações, e isto pelos motivos que nós desenvolvemos.

333. Existe ainda uma outra condição não menos necessária; trata-se da regularidade das reuniões. Em todas, existem sempre Espíritos que se poderiam chamar de *habituais*, e nós não entendemos por essa denominação os Espíritos que se encontram por toda a parte e se misturam em tudo; são ou os Espíritos protetores, ou os que a gente interroga o mais frequentemente. Não se creia que tais Espíritos não tenham outra coisa para fazer além de nos escutar; eles têm suas ocupações e podem, de resto, encontrar-se em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões acontecem em dias e horários fixos, eles se dispõem de conformidade, e é raro que faltem. Existem mesmo os que exageram na pontualidade; eles se melindram com um quarto de hora de atraso, e, caso eles mesmos tenham assinalado o momento de uma reunião, a gente os chamará em vão alguns minutos mais cedo. Acrescentemos, todavia, que, se bem que os Espíritos prefiram a regularidade, os que são verdadeiramente superiores não são meticolosos a tal ponto. A exigência de uma pontualidade rigorosa é um sinal de inferioridade, como tudo o que é pueril. Fora dos horários consagrados, eles podem, sem dúvida, comparecer, e eles comparecem mesmo de boa vontade quando o objetivo é útil; mas nada é mais nocivo às boas comunicações que chamá-los a torto e a direito, quando a fantasia nos arrebatou, e sobretudo sem motivo sério; como não são obrigados a se submeter a nossos caprichos, eles bem poderiam não se incomodar, e é assim sobretudo que outros conseguem tomar seu lugar e seu nome.

Das sociedades propriamente ditas.

334. Tudo o que nós dissemos sobre os médiuns em geral se aplica naturalmente às sociedades regularmente constituídas: estas, no entanto, têm de lutar contra algumas dificuldades específicas que nascem do próprio vínculo que une os membros. Nós resumiremos aqui, em algumas palavras, os conselhos que nos têm sido muitas vezes solicitados a respeito de sua organização.

O espiritismo, que mal está nascendo, é ainda muitíssimo diversamente apreciado, muitíssimo pouco compreendido em sua essência por um grande número de adeptos, para oferecer um vínculo poderoso entre os membros do que se poderia chamar uma associação. Este vínculo somente pode existir entre os que percebem seu objetivo moral, o compreendem e o *aplicam a si mesmos*. Entre os que veem nele apenas os fatos mais ou menos curiosos, ele não poderia possuir um vínculo sério; pondo os fatos acima dos princípios, uma simples divergência na maneira de encará-los pode dividi-los. Não se passa o mesmo em relação aos primeiros, pois a questão moral não pode ser vista de duas maneiras; por isso, é de se notar que, por toda a parte onde eles se encontrem, uma confiança recíproca os atrai uns aos outros; a benevolência mútua que reina entre eles elimina o embaraço e o constrangimento que nascem da susceptibilidade, do orgulho que se exalta com a menor contrariedade, do egoísmo que concentra tudo em si. Uma sociedade em que tais sentimentos reinassem soberanos, onde se reunissem com o fito de vir instruir-se com os ensinamentos dos Espíritos e não na esperança de ver coisas mais ou menos interessantes, ou para fazer prevalecer sua opinião, uma tal sociedade, dizemos nós, seria não somente viável mas indissolúvel. A dificuldade ainda de reunir numerosos elementos homogêneos, segundo este ponto de vista, nos leva a dizer que, no interesse dos estudos e para o bem da coisa mesma, as reuniões espíritas devem visar a se multiplicarem através de pequenos grupos de preferência a buscar constituir-se em grandes aglomerações. Estes grupos, correspondendo-se, visitando-se, transmitindo entre si suas observações, podem desde já formar o núcleo da grande família espírita que reunirá um dia todas as opiniões, e unirá os homens num mesmo sentimento de fraternidade sedimentado na caridade cristã.

335. Nós vimos qual é a importância da uniformidade de sentimentos para a obtenção de bons resultados; esta uniformidade é necessariamente tanto mais difícil de obter quanto maior for o número. Nos pequenos círculos, onde a gente se conhece melhor, fica-se mais seguro dos elementos que ali são introduzidos; o silêncio e o recolhimento ali são mais fáceis e tudo se passa como em família. As grandes assembleias excluem a intimidade através da variedade de elementos de que se compõem; elas exigem locais específicos, recursos pecuniários e um aparato administrativo, tudo isto inútil nos pequenos grupos; a divergência de caracteres, de ideias, de opiniões, ali se desenha melhor e oferece aos Espíritos baderneiros mais facilidade para semear a discórdia. Mais o grupo é numeroso, mais é difícil de contentar a todo o mundo; cada um desejaria que os trabalhos fossem dirigidos a seu talante, que se ocupassem de preferência dos assuntos que lhe interessam mais; alguns creriam que o título de sócio lhes daria o direito de impor sua maneira de ver; daí os conflitos, uma causa de mal-estar que leva cedo ou tarde à desunião, depois à dissolução, destino de todas as sociedades, qualquer que seja seu escopo. Os pequenos círculos não estão sujeitos às mesmas flutuações; a derrocada de uma grande sociedade seria um fracasso aparente para a causa do espiritismo, e seus inimigos não deixariam de se prevalecer disso; a dissolução de um pequeno grupo passa despercebida, e, de resto, se um se dispersa, vinte outros se formam ao lado; ora, vinte grupos de quinze a vinte pessoas obterão mais, e farão mais pela propagação, que uma assembleia de trezentas a quatrocentas pessoas.

Dir-se-á, sem dúvida, que os membros de uma sociedade que agissem como acabamos de dizer não seriam verdadeiros espíritas, uma vez que o primeiro dever que impõe a doutrina é o da caridade e da benevolência. Isso está perfeitamente correto; por isso, os que pensam desta forma são espíritas de nome mais do que de fato; eles não pertencem com certeza à terceira categoria (ver n.º 28); mas quem diz que sejam mesmo espíritas? Aqui se apresenta uma consideração de não pouca importância.

336. Não nos esqueçamos de que o espiritismo possui inimigos interessados em contradizê-lo, e que veem seus êxitos com despeito; os mais perigosos não são os que o atacam

abertamente, mas os que agem na sombra; os que o acariciam com u'a mão e o dilaceram com a outra. Estes seres malfazejos se introduzem por toda a parte onde pretendem praticar o mal; como sabem que a união é uma força, empenham-se em destruí-la, lançando as setas da discórdia. Quem é que vai dizer, portanto, que aqueles que, nos grupos, semeiam a perturbação e a cizânia não são agentes provocadores interessados na desordem? Com certeza, não são nem verdadeiros nem bons espíritas; eles não conseguem nunca praticar o bem e podem praticar muito mal. Compreende-se que tenham infinitamente mais facilidade de se insinuar nos grupos numerosos que nos pequenos círculos em que todo o mundo se conhece; graças a surdas artimanhas que passam despercebidas, semeiam a dúvida, a desconfiança e a malquerença; sob a aparência de um interesse hipócrita pela coisa, criticam tudo, formam conciliábulos e partidos que, cedo, rompem a harmonia do conjunto; eis o que desejam eles. Frente a frente com essas pessoas, realizar apelo aos sentimentos de caridade e de fraternidade é falar a surdos de livre vontade, pois sua meta é precisamente destruir esses sentimentos, os quais constituem o maior obstáculo a suas artimanhas. Este estado de coisas, desagradável em todas as sociedades, o é mais ainda nas sociedades espíritas, porque, se ele não provoca uma ruptura, causa uma preocupação incompatível com o recolhimento e a atenção.

337. Caso o grupo esteja em um caminho ruim, perguntar-se-á, os homens sensatos e bem intencionados não têm o direito de crítica, e devem deixar passar o mal sem nada dizer e aprová-lo através de seu silêncio? Sem nenhuma dúvida, esse é um direito deles: é, mais do que isso, um dever; mas, caso sua intenção seja realmente boa, eles vão emitir seu conselho com decoro e benevolência, às claras e não às escondidas. Se não são atendidos, que se retirem, pois não se conceberia que quem não tivesse nenhuma segunda intenção se obstinasse em permanecer em uma sociedade onde se fariam coisas que não lhe conviriam.

Pode-se, assim, estabelecer como princípio que quem, em um grupo espírita, provoca desordem ou desunião, ostensiva ou sorrateiramente, sejam quais forem os meios, constitui ou um agente provocador, ou, ao menos, um mau espírita, de quem nunca seria cedo demais desembaraçar-se; mas as próprias obrigações que ligam todos os membros constituem muitas vezes um obstáculo para isso; eis porque é conveniente evitar obrigações incontornáveis: os homens de bem se acham sempre bastante empenhados; os mal intencionados o estão sempre em excesso.

338. Além das pessoas notoriamente malévolas que se introduzem nos grupos, existem as que, por caráter, levam a perturbação consigo por toda a parte onde se encontrem: por mais que se seja, nunca se poderia ser demasiado circunspecto quanto aos elementos novos que se introduzem. Os mais importunos, neste caso, não são os ignorantes da matéria, nem mesmo os que não creem; a convicção não se adquire senão pela experiência, e existem pessoas que desejam esclarecer-se de boa-fé. Aqueles, sobretudo, de que se precisa preservar são os que se apresentam com um sistema preconcebido; os incrédulos que duvidam de tudo, mesmo da evidência; os orgulhosos que pretendem ser os únicos a possuírem o saber infuso, que desejam impor por toda a parte sua opinião e que olham com desdém a quem quer que não pense como eles. Não se deixem enganar com seu pretense desejo de se esclarecerem; existe mais de um que ficaria bem irritado por ser forçado a concordar que tenha sido logrado; resguardem-se, sobretudo, dos palestrantes insípidos que desejam sempre ter a última palavra, e dos que não se comprazem senão na contradição; uns e outros fazem perder tempo, sem proveito até para eles mesmos; os Espíritos não gostam dos discursos inúteis.

339. Dada a necessidade de evitar toda causa de perturbação e distração, uma sociedade espírita que se organiza deve voltar toda a sua atenção às medidas adequadas a retirar dos que

promovem desordens os meios de prejudicar, e a proporcionar as maiores facilidades para afastá-los. Os pequenos grupos necessitam apenas de um regulamento disciplinar bastante simples para a ordem das sessões; as sociedades regularmente constituídas exigem uma organização mais completa; a melhor será aquela cujas engrenagens sejam as menos complicadas; uns e outros poderão haurir o que lhes for aplicável, ou que creiam útil, no regulamento da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, que nós fornecemos em seguida.

340. As sociedades pequenas ou grandes e todos os grupos, qualquer que seja sua importância, têm de lutar ainda contra um outro obstáculo. Os que promovem perturbação não se acham somente em seu seio; eles se acham igualmente no mundo invisível. Assim como existem Espíritos protetores para as sociedades, para as cidades e para os povos, Espíritos maléficos se apegam aos grupos como aos indivíduos; eles prejudicam primeiro os mais fracos, os mais acessíveis, que buscam transformar em instrumentos para si, e a pouco e pouco se esforçam para enredar as massas; pois sua alegria malévola está em função do número dos que tenham sob seu jugo. Todas as vezes, portanto, que, em um grupo, uma pessoa cai na armadilha, é preciso dizer que existe um inimigo no campo, um lobo no aprisco, e que se deve ficar prevenido, pois o mais provável é que ele multiplicará suas tentativas; se a gente não desencorajá-lo através de uma resistência enérgica, a obsessão se torna, então, como que um mal contagioso, que se manifesta entre os médiuns através da perturbação da mediunidade, e, entre os outros, da hostilidade dos sentimentos, da perversão do senso moral e da perda da harmonia. Como o mais poderoso antídoto deste veneno é a caridade, é a caridade que eles procuram asfixiar. Logo, não se deve esperar que o mal se torne incurável para lhe administrar o remédio; não se deve mesmo esperar os primeiros sintomas; é preciso, sobretudo, esforçar-se por preveni-lo; para isto, existem dois meios eficazes, caso sejam bem empregados: a prece de coração e o estudo atento dos menores sinais que revelem a presença de Espíritos enganadores; o primeiro atrai os bons Espíritos, que assistem com zelo apenas aos que os auxiliam através de sua confiança em Deus; o outro comprova aos maus que eles estão metendo-se com pessoas assaz clarividentes e assaz sensatas para não se deixarem embair. Caso um dos membros sofra a influência da obsessão, todos os esforços devem tender, desde os primeiros indícios, a lhe descerrar a vista, no receio de que o mal se agrave, a fim de lhe dar a convicção de que foi enganado e o desejo de auxiliar os que querem desenredá-lo.

341. A influência do ambiente se dá em função da natureza dos Espíritos e de seu modo de agir sobre os seres vivos; a partir dessa influência, cada um pode deduzir por si mesmo as condições mais favoráveis para uma sociedade que aspire a conciliar para si a simpatia dos bons Espíritos, e a obter boas comunicações, ao afastar os maus. Tais condições se concentram nas disposições morais dos assistentes; elas se resumem nos pontos seguintes:

Perfeita comunhão de desígnios e de sentimentos;

Benevolência recíproca entre todos os membros;

Abnegação de todo sentimento contrário à verdadeira caridade cristã;

Desejo único de se instruir e de se melhorar através do ensinamento dos bons Espíritos, e do aproveitamento de seus conselhos. Quem se ache convencido de que os Espíritos superiores se manifestam com o fito de nos fazer progredir e não para nosso recreio, compreenderá que eles devem afastar-se dos que se limitam a lhes admirar o estilo, sem retirar daí nenhum fruto, e que não se sentem atraídos às sessões senão pelo maior ou menor interesse que elas lhes oferecem, conforme seus gostos particulares;

Exclusão de tudo o que, nas comunicações requeridas aos Espíritos, apresente tão só um objetivo de curiosidade;

Recolhimento e silêncio respeitosos durante os diálogos com os Espíritos;

União de todos os assistentes, através do pensamento, ao chamado aos Espíritos que se evocam;

Cooperação dos médiuns da assembleia, com abnegação de todo sentimento de orgulho, de amor-próprio e de preeminência, e através do desejo único de se tornarem úteis.

São estas condições tão difíceis de cumprir que não seja possível encontrá-las? Nós não pensamos assim; nós esperamos, ao contrário, que os grupos verdadeiramente sérios, como existem já em diferentes localidades, se multiplicarão, e não hesitamos em dizer que será a eles que o espiritismo deverá seu maior poder de propagação; ao reunir os homens honestos e conscienciosos, eles imporão silêncio à crítica e, mais suas intenções forem puras, mais serão respeitadas, mesmo por seus adversários; *quando o sarcasmo se volta contra o bem, deixa de fazer rir; e se torna desprezível*. É nos grupos deste tipo que um verdadeiro vínculo simpático e uma solidariedade mútua se estabelecerão através da força das coisas, e contribuirão para o progresso geral.

342. Seria errôneo crer que as reuniões em que a gente se ocupa mais especialmente das manifestações físicas se situem fora deste concerto fraternal, e que excluam todo pensamento sério; se elas não requerem condições tão rigorosas, não é impunemente que são assistidas com leviandade, e se enganaria quem pensasse que a cooperação dos assistentes seja aí absolutamente nula; tem-se a prova do contrário no fato de que amiúde as manifestações deste tipo, mesmo provocadas através de poderosos médiuns, não conseguem produzir-se em certos ambientes. Existem, portanto, também por isso, influências contrárias, e tais influências não podem ocorrer senão na divergência ou na hostilidade dos sentimentos que paralisam os esforços dos Espíritos.

As manifestações físicas, como nós dissemos, apresentam uma grande utilidade; elas abrem um vasto campo ao observador, pois é toda uma ordem de fenômenos insólitos que se desenrola a seus olhos e cujas consequências são incalculáveis. Uma assembleia pode, pois, ocupar-se delas com intenções muito sérias, mas não conseguiria alcançar seu objetivo, seja como estudo, seja como meio de convicção, caso não se coloque em condições favoráveis; a primeira de todas é, não a fé dos assistentes, mas seu desejo de se esclarecer, sem segunda intenção, sem a opinião preconcebida de rejeitar até mesmo a evidência; a segunda é a restrição de seu número para evitar a mistura de elementos heterogêneos. Se as manifestações físicas são produzidas em geral pelos Espíritos menos adiantados, nem por isso deixam de ter um objetivo muito oportuno, e os bons Espíritos as favorecem todas as vezes que elas possam apresentar um resultado útil.

Temas de estudos.

343. Quando a gente evoca parentes e amigos ou algumas pessoas célebres para comparar suas opiniões de além-túmulo com as que tinham quando vivos, fica-se muitas vezes embaraçado para alimentar as conversações, a menos que se caia nas banalidades e nas futilidades. Muitas pessoas pensam, além disso, que *O Livro dos Espíritos* esgotou a série de questões de moral e de filosofia; isto constitui um erro; eis porque pode ser útil indicar a fonte em que se conseguem haurir temas de estudo, por assim dizer, ilimitados.

344. Se a evocação dos homens ilustres, dos Espíritos superiores, é eminentemente útil pelo ensinamento que eles nos oferecem, a dos Espíritos comuns não é menos, se bem que eles sejam incapazes de resolver as questões de alta importância; através de sua inferioridade, eles pintam a si mesmos, e, quanto menor seja a distância que os separa de nós, tanto maiores são as

relações com nossa própria situação, sem contar que eles nos oferecem muitas vezes traços característicos do mais alto interesse, conforme nós explicamos acima, no n.º 281, ao falar da utilidade das evocações particulares. Trata-se, pois, de u'a mina inesgotável de observações, ainda que não se tomem senão os homens cuja vida apresente alguma particularidade em relação ao gênero de morte, à idade, às boas ou más qualidades, à sua posição feliz ou infeliz na Terra, aos hábitos, ao estado mental etc.

Com os Espíritos elevados, o quadro dos estudos se alarga; além das questões psicológicas, que apresentam um limite, a gente pode propor-lhes uma infinidade de problemas morais que se estendem ao infinito, sobre todas as situações da vida, sobre a melhor conduta diante de tal ou qual circunstância dada, sobre nossos deveres recíprocos etc. O valor da mensagem que se recebe sobre um assunto qualquer: moral, histórico, filosófico ou científico, depende inteiramente do estado do Espírito que se interroga; compete a nós julgá-lo.

345. Além das evocações propriamente ditas, os ditados espontâneos oferecem temas de estudo ao infinito. Tais ditados se reduzem em aguardar o tema que os Espíritos tratam com satisfação. Muitos médiuns conseguem, neste caso, trabalhar simultaneamente. Às vezes, pode-se chamar um Espírito determinado; o mais das vezes, aguarda-se os que desejam apresentar-se, e isto ocorre muitas vezes de maneira a mais imprevista. Estes ditados podem, em seguida, promover uma infinidade de questões cujo tema se encontra assim de todo preparado. Eles devem ser comentados com cuidado para que se estudem todos os pensamentos que encerram, e julgar se trazem em si um cunho de verdade. Tal exame, feito com serenidade, é, como nós o dissemos, a melhor garantia contra a intrusão de Espíritos enganadores. Por este motivo, tanto como para a instrução de todos, poder-se-á dar conhecimento das comunicações obtidas fora da reunião. Existe aqui, como se percebe, uma fonte perene de elementos eminentemente sérios e instrutivos.

346. Os trabalhos de cada sessão podem ser regulados como segue:

- 1.º) Leitura das comunicações espíritas obtidas na última sessão, passadas a limpo.
- 2.º) *Relatórios diversos*. — Correspondência. — Leitura das comunicações obtidas fora das sessões. — Relação de fatos de interesse do espiritismo.
- 3.º) *Atividades de estudo*. — Ditados espontâneos. — Questões diversas e problemas morais propostos aos Espíritos. — Evocações.
- 4.º) *Conferência*. — Exame crítico e analítico das diversas comunicações. — Discussão sobre os diferentes pontos da ciência espírita.

347. Os grupos em fase de organização ficam, às vezes, paralisados em suas atividades pela falta de médiuns. Os médiuns são, com certeza, um dos elementos essenciais dos grupos espíritas, mas não são o elemento indispensável, e se andaria errado em crer que, em sua falta, não existe nada para fazer. Sem dúvida, os que se reúnem apenas com o objetivo de realizar uma experiência não podem fazê-lo sem médiuns, tanto quanto os músicos nada podem realizar em um concerto, sem instrumentos; mas os que objetivam um estudo sério, têm milhares de assuntos com que se ocupar de modo igualmente útil e proveitoso, e que podem desenvolver por si mesmos. De resto, os grupos que possuem médiuns podem acidentalmente ficar desprovidas deles, e seria lastimável que julgassem, neste caso, não ter senão que fechar as portas. Os Espíritos mesmos podem, de tempos em tempos, colocá-los nesta situação a fim de ensiná-los a passar sem eles. Nós diremos mais, que é necessário, para tirar proveito de seu ensinamento, consagrar um certo tempo para meditar sobre ele. As sociedades científicas nem sempre têm os instrumentos de observação sob os olhos, e, no entanto, elas não ficam embaraçadas para achar temas de discussão; na ausência de poetas e de oradores, as sociedades literárias leem e comentam as obras de autores antigos e modernos; as sociedades religiosas meditam sobre as Escrituras; as sociedades espíritas devem

fazer o mesmo e elas tirarão um grande proveito para seu avanço ao estabelecerem conferências nas quais se leria e se comentaria tudo o que possa ter relação com o espiritismo, pró ou contra. Da discussão, para a qual cada um traz o contributo de suas reflexões, jorram raios de luz que passam despercebidos em uma leitura individual. Ao lado das obras específicas, os jornais fervilham de fatos, de narrativas, de acontecimentos, de arroubos de virtudes ou de vícios que levantam graves problemas morais que só o espiritismo consegue resolver, e este é mais um meio de comprovar que ele se prende a todos os ramos da ordem social. Nós asseveramos que uma sociedade espírita que organizasse seu trabalho neste sentido, apetrechando-se com os materiais necessários, não teria muito tempo para oferecer às comunicações diretas dos Espíritos; eis porque nós chamamos sobre este ponto a atenção dos grupos realmente sérios, dos que se dedicam de coração a se instruir mais do que buscar um passatempo. (Ver n.º 207, no capítulo *Formação dos médiuns.*)

Rivalidade entre as sociedades.

348. Os grupos que se ocupam exclusivamente de comunicações inteligentes e os que se dão ao estudo das manifestações físicas têm cada um sua missão; nem uns nem outros possuiriam o verdadeiro espírito do espiritismo, caso se vissem com maus olhos, e o que jogasse a pedra no outro comprovaria, por esse único fato, a má influência que o domina; todos devem concorrer, conquanto através de caminhos diferentes, para o objetivo comum, que é a busca e a propagação da verdade; seu antagonismo, que mais não seria que um efeito do orgulho sobreexcitado, forneceria armas aos detratores, conseguindo apenas prejudicar a causa que eles pretendem defender.

349. Estas derradeiras reflexões se aplicam igualmente a todos os grupos que possam divergir sobre alguns pontos da doutrina. Como nós dissemos no capítulo *Das contradições*, tais divergências não recaem, na maioria das vezes, senão sobre pontos secundários, muitas vezes mesmo sobre simples palavras; logo, haveria puerilidade em se privar do privilégio, porque não se pensasse exatamente do mesmo jeito. Haveria algo pior do que isso, se os diferentes grupos ou sociedades de u'a mesma cidade se olhassem com inveja. Compreende-se a inveja entre pessoas que se fazem concorrência, e podem causar um prejuízo material; mas, quando não existe especulação, a inveja não passa de uma rivalidade mesquinha de amor-próprio. Como, de uma vez por todas, não existe sociedade que possa reunir em seu seio todos os adeptos, as que se acham animadas de um verdadeiro desejo de propagar a verdade, cujo objetivo é unicamente moral, devem ver com prazer a multiplicação dos grupos e, caso haja concorrência entre eles, deve ser para ver quem praticará mais o bem. Aqueles que pretendessem estar com a verdade com exclusão dos demais deveriam comprová-lo, tomando por divisa: *Amor e caridade*; pois esta é a de todo verdadeiro espírita. Desejam eles prevalecer-se da superioridade dos Espíritos que os assistem? Que o comprovem através da superioridade dos ensinamentos que recebem, e da aplicação que realizam em si mesmos; eis aí um critério infalível para distinguir os que se acham no melhor caminho.

Certos Espíritos, mais presunçosos que lógicos, tentam, às vezes, impor sistemas estranhos e impraticáveis, mercê de nomes venerados com que se adornam. O bom senso trata logo tais utopias como merecem, mas, enquanto se aguarda, elas podem semear a dúvida e a incerteza entre os adeptos; eis aqui, muitas vezes, uma causa de desacordos temporários. Além dos meios

que nós fornecemos para avaliá-los, existe um outro critério que proporciona a medida de seu valor: trata-se do número de partidários que eles recrutam. A razão afirma que o sistema que encontra o maior eco nas massas deve estar mais perto da verdade que aquele que é rejeitado pela maioria e vê suas fileiras menos cerradas; por isso, tenham como certo que os Espíritos que se recusam à discussão de seu ensinamento é porque compreendem a fraqueza deles.

350. Caso o espiritismo deva, como está sendo anunciado, trazer a transformação da humanidade, não poderá ser senão através da melhoria das massas, que chegará gradualmente, a pouco e pouco, apenas através da melhoria dos indivíduos. Que importa crer na existência dos Espíritos, se tal crença não torna a pessoa melhor, mais benevolente e mais indulgente para seus semelhantes, mais humilde, mais paciente na adversidade? De que serve ao avaro ser espírita, se permanece sempre avaro; ao orgulhoso, se permanece sempre cheio de si; ao invejoso, se permanece sempre ciumento? Todos os homens poderiam, assim, crer nas manifestações, e a humanidade manter-se estacionária; mas tais não são os desígnios de Deus. É para o objetivo providencial que devem tender todas as sociedades espíritas sérias, ao agrupar em torno de si todos os que possuem os mesmos sentimentos; então existirá entre elas união, simpatia, fraternidade, e não um oco e pueril antagonismo de amor-próprio, de palavras antes que de coisas; então elas serão fortes e poderosas, porque se apoiarão sobre uma base inabalável: o bem de todos; então elas serão respeitadas e imporão silêncio ao tolo sarcasmo, porque falarão em nome da moral evangélica respeitada por todos.

Tal é o caminho no qual nós nos esforçamos para fazer penetrar o espiritismo. A bandeira que nós arvoramos no alto é a do *espiritismo cristão e humanitário*, em torno da qual é com felicidade que vemos já tantos homens se reunirem em todos os pontos do globo, porque eles compreendem que ali se acha a âncora da salvação, a salvaguarda da ordem pública, o sinal de uma era nova para a humanidade. Nós convidamos todas as sociedades espíritas a concorrerem para esta grande obra; que, de um extremo do mundo ao outro, elas se estendam u'a mão fraterna, e enlaçarão o mal em malhas inextricáveis.

CAPÍTULO XXX

REGULAMENTO

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Fundada a 1.º de abril de 1858,

e autorizada por decreto do Senhor Chefe de Polícia, na data de 13 de abril de 1858, de acordo com o despacho de Sua Ex.^a o Senhor Ministro do Interior e da Segurança Geral.

Nota. — Conquanto este regulamento seja fruto da experiência, nós não o oferecemos de forma alguma como uma lei absoluta, mas unicamente para a facilidade das sociedades que desejariam formar-se, e que poderão haurir nele as disposições que julgarem úteis e aplicáveis às circunstâncias que lhes sejam próprias. Por mais simplificada que seja a organização, ela pode ser ainda bem mais, quando se trata, não de sociedades regularmente constituídas, mas de simples grupos íntimos que não têm necessidade de estabelecer senão medidas de ordem, de precaução e de regularidade nos trabalhos.

Nós o oferecemos igualmente para orientar as pessoas que desejariam relacionar-se com a Sociedade Parisiense, seja como correspondentes, seja a título de membros da Sociedade.

CAPÍTULO PRIMEIRO. — *Objetivo e formação da Sociedade.*

ARTIGO 1.º — A Sociedade tem por objeto o estudo de todos os fenômenos relativos às manifestações espíritas, e sua aplicação às ciências morais, físicas, históricas e psicológicas. As questões políticas, de controvérsia religiosa e de economia social lhe são proibidas.

Ela toma por título: *Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.*

ART. 2.º — A Sociedade se compõe de membros titulares, de sócios livres e de membros correspondentes.

Ela pode conferir o título de membro honorário a pessoas que residam na França ou no exterior que, por sua posição ou seus trabalhos, possam prestar-lhe serviços assinalados.

Os membros honorários são todos os anos submetidos a uma reeleição.

ART. 3.º — A Sociedade admite apenas pessoas que simpatizem com seus princípios e com o objetivo de seus trabalhos; as que se achem já iniciadas nos princípios fundamentais da ciência espírita, ou que se achem seriamente animadas do desejo de se instruir. Em consequência, ela exclui quem quer que possa trazer elementos de perturbação ao seio das reuniões, seja através de um temperamento hostil ou de oposição sistemática, seja através de qualquer outra causa, e fazer assim perder tempo em discussões inúteis.

Todos os membros devem uns aos outros benevolência e bons modos; eles têm, em todas as circunstâncias, de colocar o bem geral acima das questões pessoais e de amor-próprio.

ART. 4.º — Para ser admitido como sócio livre, é preciso endereçar ao Presidente um requerimento escrito, apostilado por dois membros titulares, que se tornam responsáveis pelas intenções do postulante.

O requerimento deve relatar sumariamente: 1.º) se o postulante possui já conhecimentos em matéria de espiritismo; 2.º) o estado de suas convicções sobre os pontos fundamentais da ciência; 3.º) o compromisso de se ajustar em tudo ao regulamento.

O requerimento é submetido à comissão que o examina e propõe, conforme o caso, a admissão, o adiamento ou a rejeição.

O adiamento é de rigor para todo candidato que não possuir nenhum dos elementos da ciência espírita e não simpatizar com os princípios da Sociedade.

Os sócios livres têm o direito de assistir a todas as sessões, de participar dos trabalhos e das discussões que tenham por objeto o estudo, mas, em nenhum caso, terão voto deliberativo no que concerne aos interesses da Sociedade.

Os sócios livres são inscritos apenas para o ano de sua admissão, e sua permanência na Sociedade deve ser ratificada ao final desse primeiro ano.

ART. 5.º — Para ser membro titular, é preciso ter sido, ao menos durante um ano, sócio livre, ter assistido a mais da metade das sessões e ter oferecido, durante esse tempo, provas notórias de seus conhecimentos e de suas convicções em relação ao espiritismo, de sua adesão aos princípios da Sociedade e de sua vontade de agir, em todas as circunstâncias, em relação a seus colegas, conforme os princípios da caridade e da moral espírita.

Os sócios livres que tiverem assistido regularmente, durante seis meses, às sessões da Sociedade poderão ser admitidos como membros titulares, caso, de resto, preencham as outras condições.

A admissão é proposta *ex-officio* pela comissão, com o assentimento do sócio, caso seja, além disso, apoiada por três outros membros titulares. Ela é, em seguida, julgada, se for o caso, pela Sociedade, em escrutínio secreto, após um relatório verbal da comissão.

Unicamente os membros titulares têm voto deliberativo e gozam da faculdade outorgada pelo artigo 25.

ART. 6.º — A Sociedade limitará, se julgar pertinente, o número de sócios livres e dos membros titulares.

ART. 7.º — Os membros correspondentes são os que, não residindo de forma alguma em Paris, estão em contato com a Sociedade e lhe fornecem documentos úteis a seus estudos. Eles podem ser nomeados com a apresentação de um único membro titular.

CAPÍTULO II. — *Administração.*

ART. 8.º — A Sociedade é administrada por um Diretor-presidente, assistido pelos membros da diretoria e da comissão.

ART. 9.º — A diretoria se compõe de:

1 Presidente. — 1 Vice-presidente. — 1 Secretário principal. — 2 Secretários adjuntos. — 1 Tesoureiro.

Poderá, além disso, ser nomeado um ou diversos Presidentes honorários.

Na falta do Presidente e do Vice-presidente, as sessões poderão ser presididas por um dos membros da comissão.

ART. 10.º — O Diretor-presidente deve todos os seus cuidados aos interesses da Sociedade e da ciência espírita. Compete-lhe a direção geral e a alta supervisão da administração, assim como a conservação dos arquivos.

O Presidente é nomeado por três anos, e os outros membros da diretoria, por um ano, podendo reelegerem-se indefinidamente.

ART. 11. — A comissão é composta dos membros da diretoria e de cinco outros membros titulares, escolhidos de preferência entre os que terão oferecido uma contribuição ativa aos trabalhos da Sociedade, prestado serviços à causa do espiritismo, ou dado provas de seu temperamento benévolo e conciliador. Estes cinco membros são, como os membros da diretoria, nomeados por um ano, podendo ser reeleitos.

A comissão é presidida de direito pelo Diretor-presidente ou, em sua falta, pelo Vice-presidente ou aquele de seus membros que será designado para este efeito.

A comissão é encarregada do exame prévio de todas as questões e proposições administrativas e outras a serem submetidas à Sociedade; ele controla as receitas e as despesas da Sociedade e as contas do Tesoureiro; ele autoriza as despesas correntes, e suspende todas as medidas de ordem que forem julgadas necessárias.

Ele examina, além disso, os trabalhos e os temas de estudo propostos pelos diferentes membros, prepara-os ele mesmo, de seu lado, e fixa a ordem das sessões, em harmonia com o Presidente.

Sempre o Presidente pode opor-se a que certos temas sejam tratados e colocados na ordem do dia, competindo-lhe recorrer à Sociedade, que decidirá.

A comissão se reúne regularmente antes da abertura das sessões, para o exame dos temas do dia, e, além disso, a qualquer momento que julgar conveniente.

Os membros da diretoria e da comissão que se ausentarem durante três meses consecutivos, sem terem oferecido explicação, são julgados como havendo desistido de suas funções e será providenciada sua substituição.

ART. 12. — As decisões, quer da Sociedade, quer da comissão, são tomadas pela maioria absoluta dos membros presentes; em caso de empate, o voto do Presidente é preponderante.

A comissão pode deliberar quando quatro de seus membros estejam presentes.

A escrutínio secreto é de direito, caso seja reclamado por cinco membros.

ART. 13. — A cada três meses, seis membros, escolhidos entre os titulares ou os sócios livres, são designados para cumprir as funções de *comissários*.

Os comissários são encarregados de velar pela ordem e pela boa qualidade das sessões e de verificar o direito de entrada de toda pessoa estranha que se apresente para assistir a elas.

Para esse efeito, os membros designados se entenderão para que um deles esteja presente à abertura das sessões.

ART. 14. — O ano social começa a 1.º de abril.

As nomeações para a diretoria e para a comissão dar-se-ão na primeira sessão do mês de maio. Os membros em exercício continuarão em suas funções até tal época.

ART. 15. — Para subvencionar as despesas da Sociedade, é paga uma quota anual de 24 francos pelos titulares e de 20 francos pelos sócios livres.

Os membros titulares, quando de sua admissão, quitam, além disso, uma joia de 10 francos, paga de uma vez.

A quota se paga integralmente para o ano em curso.

Os membros admitidos no ano em curso terão de pagar, para esse primeiro ano, os trimestres a vencer, compreendido aí o de sua admissão.

Quando o marido e a esposa são aprovados como sócios livres ou titulares, é exigida apenas uma quota e meia para os dois.

A cada seis meses, a 1.º de abril e a 1.º de outubro, o Tesoureiro presta conta à comissão do emprego e da situação dos fundos.

Estando os gastos correntes com aluguéis e outras despesas obrigatórias quitados, caso haja um excedente, a Sociedade determinará seu emprego.

ART. 16. — É expedido, para todos os membros aprovados, sócios livres ou titulares, um cartão de admissão constando seu título. Este cartão fica de posse do Tesoureiro, com quem o novo membro pode retirá-lo, ao quitar sua quota e a joia. O novo membro não pode assistir às sessões senão após haver retirado seu cartão. Por falta de retirá-lo, um mês após sua nomeação, é ele tido como demissionário.

Será igualmente considerado demissionário todo membro que não houver quitado sua quota anual no primeiro mês da renovação do ano social, após um aviso do Tesoureiro sem efeito.

CAPÍTULO III. — *Das sessões.*

ART. 17. — As sessões da Sociedade se realizam todas as sextas-feiras, às oito horas da noite, salvo modificação eventual.

As sessões são particulares ou gerais; elas não são jamais públicas.

Toda pessoa que faça parte da Sociedade, a qualquer título, deve, em cada sessão, apor seu nome em uma lista de presença.

ART. 18. — O silêncio e o recolhimento são rigorosamente exigidos durante as sessões e principalmente durante os estudos. Ninguém pode tomar a palavra sem havê-la obtido do Presidente.

Todas as questões endereçadas aos Espíritos devem sê-lo através do Presidente, que pode recusar-se a propô-las, conforme as circunstâncias.

São particularmente proibidas todas as questões fúteis, de interesse pessoal, de pura curiosidade, ou elaboradas com o fito de submeter os Espíritos a provas, como também todas as que não visem a um objetivo de utilidade geral do ponto de vista dos estudos.

São igualmente proibidas todas as discussões que afastariam o tema específico em pauta.

ART. 19. — Todo membro tem o direito de solicitar uma questão de ordem contra qualquer um que se afastar das conveniências durante a discussão, ou que perturbar as sessões de um modo qualquer. A questão é de imediato colocada em votação; caso adotada, é registrada na ata.

Três questões de ordem, no espaço de um ano, desencadeiam o direito de eliminação do membro que nelas houver incorrido, qualquer que seja seu título.

ART. 20. — Nenhuma comunicação espírita obtida fora da Sociedade pode ser lida antes de haver sido submetida seja ao Presidente, seja à comissão, que podem admitir ou recusar sua leitura.

Uma cópia de cada comunicação alheia cuja leitura tenha sido autorizada deve ficar depositada nos arquivos.

Todas as comunicações obtidas durante as sessões pertencem à Sociedade; os médiuns que as escreveram podem fazer uma cópia delas.

ART. 21. — As sessões particulares são reservadas aos membros da Sociedade; elas se realizam na 1.^a, na 3.^a e, se for o caso, na 5.^a sextas-feiras de cada mês.

A Sociedade reserva para as sessões particulares todas as questões concernentes aos interesses administrativos, assim como os temas de estudo que reclamem o máximo de tranquilidade e de concentração, ou que ela julgue oportuno aprofundar antes de lidar com eles diante de pessoas estranhas.

Têm o direito de assistir às sessões particulares, além dos membros titulares e dos sócios livres, os membros correspondentes temporariamente em Paris, e os médiuns que dão sua contribuição à Sociedade.

Nenhuma pessoa estranha à Sociedade é admitida nas sessões particulares, salvo em casos excepcionais e com o assentimento prévio do Presidente.

ART. 22. — As sessões gerais ocorrem na 2.^a e na 4.^a sextas-feiras de cada mês.

Às sessões gerais, a Sociedade autoriza a admissão de ouvintes estranhos, que podem assistir a elas por algum tempo, sem delas fazerem parte. Ela pode retirar essa autorização, quando julgar oportuno.

Ninguém pode assistir às sessões como ouvinte, sem ser apresentado ao Presidente por um membro da Sociedade, que se torna responsável por sua intenção de não causar nem perturbação nem interrupção.

A Sociedade admite como ouvintes apenas as pessoas que aspiram a tornar-se membros ou que tenham simpatia por seus trabalhos e já se achem suficientemente iniciadas na ciência espírita para compreendê-los. A admissão deve ser recusada, de um modo categórico, a qualquer um que fosse atraído por um motivo de curiosidade ou cujas opiniões fossem hostis.

A palavra é proibida aos ouvintes, salvo nos casos excepcionais avaliados pelo Presidente. Quem perturbar a ordem de u'a maneira qualquer, ou manifestar malevolência para com os trabalhos da Sociedade, poderá ser convidado a se retirar e, em todos os casos, será feita u'a menção disso na lista de admissão, e a entrada lhe será proibida no futuro.

Devendo o número de ouvintes limitar-se ao dos lugares disponíveis, os que poderão assistir às sessões deverão estar inscritos antecipadamente no registro destinado a esse fim, com menção de seu endereço e das pessoas que os recomenda. Em consequência, toda solicitação de entrada deverá ser dirigida vários dias antes da sessão ao Presidente, único que concede os cartões de entrada até o fechamento da lista.

Os cartões de entrada servem somente para o dia indicado e para as pessoas designadas.

A entrada não pode ser permitida ao mesmo ouvinte, em mais de duas sessões, salvo com a autorização do Presidente e em casos excepcionais. O mesmo membro não pode apresentar mais de duas pessoas de cada vez. As entradas concedidas através do Presidente não se limitam.

Os ouvintes não são mais admitidos após a abertura da sessão.

CAPÍTULO IV. — *Disposições diversas.*

ART. 23. — Todos os membros da Sociedade lhe devem sua contribuição. Em consequência, eles são convidados a recolher, em seu círculo respectivo de observações, os fatos antigos ou recentes que possam relacionar-se ao espiritismo, e a indicá-los. Eles concordarão, ao mesmo tempo, em averiguar, quanto esteja a seu alcance, a repercussão dos referidos fatos.

Eles são igualmente convidados a indicar para a Sociedade todas as publicações que possam ter uma relação mais ou menos direta com o tema de seus trabalhos.

ART. 24. — A Sociedade executa um exame crítico das diversas obras publicadas a respeito do espiritismo, quando ela o julgar oportuno. Para tal efeito, ela encarrega um de seus membros, sócio livre ou titular, para lhe fazer um comentário que será impresso, se for o caso, na *Revista Espírita*.

ART. 25. — A Sociedade criará uma biblioteca específica composta por obras que lhe forem oferecidas e por aquelas cuja aquisição ela fará.

Os membros titulares poderão frequentar a sede da Sociedade para consultar quer a biblioteca, quer os arquivos, em dias e horários a serem fixados.

ART. 26. — Considerando a Sociedade que sua responsabilidade pode achar-se moralmente envolvida através de publicações particulares de seus membros, ninguém pode valer-se, em qualquer escrito, do título de *membro da Sociedade*, sem estar autorizado para isso por ela, e sem que previamente ela tenha tomado conhecimento do manuscrito. A comissão será encarregada de lhe fazer um comentário sobre o assunto. Caso a Sociedade julgue o escrito incompatível com seus princípios, o autor, após ter sido ouvido, será convidado seja a modificá-lo, seja a renunciar à sua publicação, seja, enfim, a não se definir como membro da Sociedade. Por não se submeter à decisão que for tomada, sua eliminação poderá ser pronunciada.

Todo escrito publicado por um membro da Sociedade sob o véu do anonimato, e sem qualquer menção que possa defini-lo como tal, entra na categoria das publicações ordinárias, cujo direito de avaliação a Sociedade se reserva. Todavia, sem desejar entravar a livre emissão de opiniões pessoais, a Sociedade convida aqueles de seus membros que tiverem a intenção de efetuar publicações desse naipe a requererem previamente seu parecer oficioso, no interesse da ciência.

ART. 27. — Desejando a Sociedade manter em seu seio a unidade de princípios e o espírito de uma benevolência recíproca, poderá pronunciar a eliminação de todo membro que se constituir em uma causa de perturbação, ou que se puser em hostilidade aberta contra ela, através de escritos comprometedores para a doutrina, através de opiniões subversivas, ou através de um modo de agir que ela não pudesse aprovar. A eliminação, todavia, só será pronunciada após advertência prévia sem efeito e após ter ouvido o membro inculcado, caso julgue ele oportuno explicar-se. A decisão será tomada em escrutínio secreto, e por maioria de três quartos dos membros presentes.

ART. 28. — Todo membro que se retirar voluntariamente no curso do ano não pode reclamar a diferença das quotas pagas por ele; tal diferença será reembolsada no caso de eliminação pronunciada pela Sociedade.

ART. 29. — O presente regulamento poderá ser modificado, se for o caso. As propostas de modificação não poderão ser feitas à Sociedade senão pelo representante de seu Presidente, ao qual elas deverão ser transmitidas, e no caso de terem sido admitidas pela comissão.

A Sociedade pode, sem modificar seu regulamento nos pontos essenciais, adotar todas as medidas complementares que ela julgar úteis.

CAPÍTULO XXXI

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

Nós reunimos neste capítulo alguns ditados espontâneos que podem completar e confirmar os princípios contidos nesta obra. Nós poderíamos transcrever um número muito maior, mas nos limitamos aos que mais particularmente se relacionam ao futuro do espiritismo, aos médiuns e aos grupos. Nós os oferecemos a um só tempo como mensagem e como modelos do gênero de comunicações verdadeiramente sérias. Nós terminamos com algumas comunicações apócrifas, seguidas de observações adequadas para dá-las a reconhecer.

Sobre o espiritismo.

I

Tenham confiança na bondade de Deus, e sejam assaz clarividentes para compreender os preparativos da nova vida que ele lhes destina. Não lhes será dado, é verdade, gozá-la nesta existência; mas não serão vocês felizes, caso não voltem a viver neste globo, por apreciar do alto a obra que começaram e que se desenvolverá sob seus olhos? Façam-se revestir de uma fé firme e sem hesitação contra os obstáculos que parecem dever erguer-se contra o edifício cujos fundamentos vocês estão lançando. As bases sobre as quais ele se apoia são sólidas: o Cristo lhe colocou a primeira pedra. Coragem, portanto, arquitetos do divino mestre! Trabalhem, construam; Deus coroará sua obra. Mas compenetrem-se de que o Cristo renega como seus discípulos a quem quer que traga a caridade tão só nos lábios; não é suficiente crer; é preciso, sobretudo, dar o exemplo da bondade, da benevolência e do desinteresse, sem o que sua fé será estéril para vocês.

SANTO AGOSTINHO.

II

O próprio Cristo preside aos trabalhos de toda natureza que estão em vias de realização, para lhes abrir a era de renovação e de aperfeiçoamento a qual lhes predizem seus guias espirituais. Se, de fato, vocês lançarem um olhar, além das manifestações espíritas, sobre os eventos contemporâneos, vocês reconhecerão, sem nenhuma hesitação, os sinais precursores que lhes comprovarão, de um modo irrefragável, que os tempos preditos chegaram. As comunicações se estabelecem entre todos os povos; removidas as barreiras materiais, os obstáculos morais que se opõem à sua união, os preconceitos políticos e religiosos desaparecerão rapidamente, e o reino da fraternidade, enfim, se estabelecerá de um modo sólido e durável. Observem que desde já os

soberanos mesmos, impelidos por u'a mão invisível, tomam, coisa inaudita para vocês, a iniciativa das reformas; e as reformas que partem do alto e espontaneamente são bem mais rápidas e mais duráveis que as procedem de baixo, e são arrancadas à força. Eu tinha, malgrado os preconceitos da infância e da educação, malgrado o culto do passado, pressentido a época atual. Eu estou feliz com isso, e estou mais feliz ainda por vir dizer-lhes: Irmãos, coragem! Trabalhem por vocês e pelo futuro dos seus; trabalhem, sobretudo, por sua melhoria pessoal, e vocês usufruirão, em sua primeira existência, uma felicidade que lhes é tão difícil de imaginar, quanto a mim de fazê-los compreender.

CHATEAUBRIAND.

III

Eu penso que o espiritismo seja um estudo totalmente filosófico das causas secretas, das reações íntimas da alma pouco ou nada definidas até aqui. Ele explica mais ainda do que revela horizontes novos. A reencarnação e as provações sofridas antes de chegar ao objetivo supremo não constituem revelações, mas uma confirmação importante. Eu sou tocado pelas verdades que esse *meio* traz à luz. Eu digo *meio* de propósito, pois, a meu ver, o espiritismo é uma alavanca que remove os escolhos da cegueira. A preocupação com as questões morais está inteiramente por ser criada; discute-se a política que revolve os interesses gerais, discutem-se os interesses privados, apaixonam-se pelo ataque ou pela defesa de personalidades; os sistemas possuem seus partidários e seus detratores; mas as verdades morais, que constituem o pão da alma, o pão da vida, são abandonadas na poeira acumulada pelos séculos. Todos os aperfeiçoamentos são úteis aos olhos da multidão, salvo os da alma; sua educação, sua elevação constituem quimeras no máximo para ocupar o tempo dos sacerdotes, dos poetas, das mulheres, seja como um modismo, seja como uma prescrição.

Se o *espiritismo* ressuscita o *espiritualismo*, ele concederá à sociedade o elã que outorgará a uns a dignidade interior, a outros, a resignação, a todos, a necessidade de elevar-se até o Ser supremo esquecido e ignorado por suas ingratas criaturas.

J. J. ROUSSEAU.

IV

Se Deus envia Espíritos para instruir os homens, é com o fito de esclarecê-los sobre seus deveres, de lhes mostrar a rota que pode abreviar suas provações, e, por isso mesmo, apressar seu avanço; ora, da mesma forma que o fruto chega à maturação, o homem também chegará à perfeição. Mas, ao lado de bons Espíritos que lhes desejam o bem, existem também Espíritos imperfeitos que lhes desejam o mal; enquanto uns os impelem para a frente, outros os puxam para trás; é em distingui-los que vocês devem concentrar toda a sua atenção; o meio é fácil: empenhem-se somente em compreender que nada do que provém de um bom Espírito é capaz de prejudicar a quem quer que seja, e que tudo o que existe de mau não pode provir senão de um mau Espírito. Caso vocês não ouçam os sábios conselhos dos Espíritos que lhes desejam o bem, caso vocês se magoem com as verdades que eles são capazes de lhes dizer, é evidente que são maus Espíritos os que os aconselham; unicamente o orgulho pode impedir que vocês vejam tais quais são; mas, se vocês mesmos não veem, outros o veem por vocês; de sorte que vocês são condenados quer pelos homens que riem de vocês por trás, quer pelos Espíritos.

UM ESPÍRITO FAMILIAR.

V

Sua doutrina é bela e santa; o primeiro marco está plantado e solidamente plantado. Agora vocês têm apenas que avançar; a estrada que está aberta para vocês é grande e majestosa. Bem aventurado é aquele que chegar ao porto: mais ele tiver feito prosélitos, mais será recompensado. Mas, para isso, é preciso não abraçar a doutrina friamente; é preciso colocar-lhe ardor, e este ardor será dobrado, pois Deus está sempre com vocês quando praticam o bem. Todos os que vocês conduzirem serão outras tantas ovelhas de regresso ao redil; pobres ovelhas meio desgarradas! Fiquem sabendo que o mais cético, o mais ateu, o mais incrédulo, enfim, tem sempre um cantinho no coração que desejaria poder esconder a si mesmo. Muito bem! É esse cantinho que é preciso buscar, que é preciso achar; é esse lado vulnerável que é preciso atacar; é uma pequena brecha deixada aberta expressamente por Deus para facilitar à sua criatura o meio de reentrar em seu seio.

SÃO BENEDITO.

VI

Não tenham medo de certos obstáculos, de certas controvérsias.

Não atormentem ninguém através de nenhuma insistência; a persuasão não chegará aos incrédulos senão por seu desinteresse, por sua tolerância e por sua caridade para com todos, sem exceção.

Guardem-se, sobretudo, de forçar a opinião, mesmo através de suas palavras ou de demonstrações públicas. Mais vocês forem modestos, mais vocês alcançarão fazer-se apreciados. Que nenhuma motivação pessoal os faça agir, e vocês encontrarão em suas consciências uma força de atração que somente o bem propicia.

Os Espíritos, por ordem de Deus, trabalham para o progresso de todos, sem exceção; vocês, espíritas, façam o mesmo.

SÃO LUÍS.

VII

Qual é a instituição humana, mesmo divina, que não teve obstáculos a ultrapassar, cismas contra os quais foi preciso lutar? Se vocês tivessem tão somente uma existência triste e agonizante, ninguém os atacaria de forma alguma, sabendo que vocês iriam sucumbir de um momento para outro; mas como sua vitalidade é forte e ativa, como a árvore espírita possui fortes raízes, supõe-se que ela pode viver durante muito tempo, e se experimenta o machado contra ela. Que farão tais invejosos? Eles abaterão, quando muito, alguns ramos, que brotarão com um nova seiva e serão mais fortes do que nunca.

CHANNING.

VIII

Eu vou falar-lhes sobre a firmeza que vocês devem ter em seus trabalhos espíritas. Uma exposição sobre este tema lhes foi feita; eu os aconselho a estudá-la de coração, e de aplicar-lhe o espírito em vocês; pois, do mesmo modo que São Paulo, vocês serão perseguidos, não em carne e osso, mas em espírito; os incrédulos, os fariseus da época irão difamá-los, irão ridicularizá-los; mas não temam nada: essa será uma provação que os fortalecerá, caso saibam entregá-la a Deus, e, mais tarde, vocês verão seus esforços coroados de sucesso; esse será um grande triunfo para vocês à luz da eternidade, sem esquecer que, neste mundo, constitui isto já uma consolação para as pessoas que perderam parentes e amigos; saber que eles estão felizes, que a gente pode comunicar-se com eles, é uma felicidade. Caminhem, pois, para frente; cumpram a missão que Deus lhes atribui, e ela lhes será recompensada no dia em que comparecerem perante o Onipotente.

CHANNING.

IX

Eu venho, seu Salvador e seu juiz; eu venho, como outrora entre os filhos extraviados de Israel; eu venho trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutem-me. O espiritismo, como outrora minha palavra, tem de recordar aos materialistas que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinar a planta e que levanta as ondas. Eu revelei a doutrina divina; como um segador, preendi em feixes o bem esparso na humanidade e disse: Venham a mim, vocês todos que sofrem!

Mas os homens ingratos se afastaram da via direita e larga que conduz ao reino de meu Pai, e eles se perderam nos ásperos atalhos da impiedade. Meu Pai não deseja aniquilar a raça humana; ele deseja, não mais através de profetas, não mais através de apóstolos, ele deseja que, ajudando-se uns aos outros, mortos e vivos, quer dizer, mortos segundo a carne, pois a morte não existe, vocês se socorram, e que a voz dos que não mais estão aí se faça ouvir para lhes clamar: Rezem e creiam; pois a morte é a ressurreição e a vida é a provação escolhida, durante a qual suas virtudes, sendo cultivadas, têm que crescer e desenvolver-se como o cedro!

Creiam nas vozes que lhes respondem: são as almas mesmas dos que vocês evocam. Eu não me comunico senão raramente; meus amigos, os que me deram assistência durante minha vida e à minha morte são os intérpretes divinos das vontades de meu Pai.

Homens frágeis, que creem no engano de suas obscuras inteligências, não afastem o archote que a clemência divina coloca entre suas mãos, para iluminar sua rota e os devolver, filhos perdidos, ao regaço de seu Pai.

Eu lhes digo, em verdade, creiam na diversidade e na *multiplicidade* dos Espíritos que os cercam. Eu estou por demais movido de compaixão por causa de suas misérias, de sua imensa fragilidade, para não estender u'a mão de socorrista aos infelizes extraviados que, vendo o céu, tombam nos abismos do erro. Creiam, amem, compreendam as verdades que lhes estão sendo reveladas; não misturem o joio com o trigo, os sistemas com as verdades.

Espíritas: amem-se; eis o primeiro ensinamento; instruem-se; eis o segundo. Todas as verdades se encontram no cristianismo; os erros que aí criaram raiz são de origem humana; e eis que, do outro lado do túmulo, que vocês acreditavam o nada, vozes lhes clamam: Irmãos, nada perece! Jesus Cristo é o vencedor do mal; sejam os vencedores da impiedade.

Observação. Esta comunicação, obtida por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris, está assinada por um nome que o respeito não nos permite reproduzir senão com todas as reservas, tão grande seria o insigne favor de sua autenticidade e porque muito frequentemente se tem abusado dele em comunicações evidentemente apócrifas; esse nome é o de Jesus de Nazaré. Nós não duvidamos em absoluto

de que ele possa manifestar-se; mas, se os Espíritos verdadeiramente superiores o fazem apenas em circunstâncias excepcionais, a razão nos proíbe de crer que o Espírito puro por excelência responda ao apelo do primeiro que chega; existiria aí, em qualquer caso, profanação em lhe atribuir uma linguagem indigna dele.

É por essas considerações que nós nos abstermos sempre de publicar tudo quanto traga seu nome; e nós cremos que não se poderia ser excessivamente circunspecto nas publicações desse tipo, que têm autenticidade apenas para o amor-próprio, e cujo menor inconveniente é fornecer armas aos adversários do espiritismo.

Como nós afirmamos, mais os Espíritos são elevados na hierarquia, mais seu nome deve ser acolhido com desconfiança; precisaria ser dotado de uma bem grande dose de orgulho para se vangloriar de possuir o privilégio de suas comunicações, e para se crer digno de conversar com eles como seus iguais. Na comunicação acima, nós não constatamos senão uma coisa: a superioridade incontestável da linguagem e dos pensamentos, deixando a cada um o cuidado de julgar se aquele cujo nome ela traz não a desaprovava.

Sobre os médiuns.

X

Todos os homens são médiuns, todos possuem um Espírito que os dirige para o bem, quando eles sabem escutá-lo. Agora, que alguns se comuniquem diretamente com ele através de u'a mediunidade especial, que outros o escutem apenas através da voz do coração e da inteligência, pouco importa, desde que seja seu Espírito familiar quem os aconselha. Chamem-no mente, razão, inteligência, é sempre uma voz que responde à sua alma, e lhes dita boas palavras; ocorre somente que vocês nem sempre as compreendem. Nem todos sabem agir segundo os conselhos da razão, não dessa razão que se arrasta e rasteja mais que avança, dessa razão que se perde no meio dos interesses materiais e grosseiros, mas dessa razão que eleva o homem acima de si mesmo, que o transporta a regiões desconhecidas; flama sagrada que inspira o artista e o poeta, pensamento divino que eleva o filósofo, elã que entusiasma os indivíduos e os povos, razão que o vulgo não é capaz de compreender, mas que eleva o homem e o aproxima de Deus, mais que nenhuma outra criatura, entendimento que alcança conduzi-lo do conhecido ao desconhecido, e o faz executar as coisas mais sublimes. Escutem, portanto, essa voz interior, esse bom gênio que lhes fala sem cessar, e vocês chegarão progressivamente a ouvir seu anjo guardião, que lhes estende a mão do alto do céu; eu o repito: a voz íntima que fala ao coração é a dos bons Espíritos, e é sob este ponto de vista que todos os homens são médiuns.

CHANNING.

XI

O dom da mediunidade é tão antigo quanto o mundo; os profetas eram médiuns; os mistérios de Elêusis eram baseados na mediunidade; os caldeus, os assírios possuíam médiuns; Sócrates era dirigido por um Espírito que lhe inspirava os admiráveis princípios de sua filosofia; ele ouvia sua voz. Todos os povos tiveram seus médiuns, e as inspirações de Joana D'Arc não passavam das vozes dos Espíritos benfeitores que a dirigiam. Esse dom, que agora se espalha, se havia tornado mais raro nos séculos medievais, mas não cessou jamais. Swedenborg e seus adeptos mantiveram uma numerosa escola. A França dos derradeiros séculos, debochada e ocupada com

uma filosofia que, ao desejar destruir os abusos da intolerância religiosa, estagnava sob o ridículo tudo o que houvesse de ideal, a França devia afastar o espiritismo, que não cessava de progredir ao Norte. Deus havia permitido essa luta dos ideais positivos contra os ideais espiritualistas, porque o fanatismo se tornara uma arma para estes últimos; agora, quando os progressos da indústria e das ciências desenvolveram a arte de bem viver a um tal ponto que as tendências materiais se tornaram dominantes, Deus deseja que os Espíritos sejam reconduzidos aos interesses da alma; ele deseja que o aperfeiçoamento do homem moral venha a dar naquilo que deve ser, quer dizer, no fim e no objetivo da vida. O Espírito humano segue u'a marcha necessária, metáfora da graduação sofrida por tudo o que povoa o universo visível e invisível; todo progresso chega em sua hora: a da elevação moral chegou para a humanidade; ela não terá ainda seu cumprimento em seus dias; mas agradeçam ao Senhor por assistir à aurora bendita.

PEDRO JOUTY (pai do médium).

XII

Deus me encarregou de u'a missão para cumprir junto aos crentes que ele favorece com o mediunato. Mais eles recebem graças do Altíssimo, mais eles correm perigos, e tais perigos são tanto maiores porque nascem dos favores mesmos que Deus lhes concede. As faculdades que desfrutam os médiuns lhes atraem os elogios dos homens, as felicitações, as adulações: eis aqui seu escolha. Estes mesmos médiuns, que deveriam sempre ter presente na memória sua incapacidade primitiva, a olvidam; eles fazem mais: o que eles devem apenas a Deus, atribuem a seu próprio mérito. Que acontece, então? Os bons Espíritos os abandonam; eles se tornam o joguete dos maus, e não têm mais bússola para se guiar; mais eles se tornam capazes, mais são impelidos a atribuir-se um mérito que não lhes pertence, até que, enfim, Deus os puna, retirando-lhes uma faculdade que apenas lhes pode ser fatal.

Eu não me cansarei jamais de lembrá-los de que se recomendem a seu anjo guardião, para que ele os ajude a estar sempre em guarda contra seu mais cruel inimigo: o orgulho. Lembrem-se bem, vocês que têm a felicidade de ser os intérpretes entre os Espíritos e os homens, que, sem o apoio de nosso divino mestre, Jesus, vocês seriam punidos mais severamente, porque terão sido mais favorecidos.

Eu espero que esta comunicação trará seus frutos, e eu desejo que ela possa ajudar os médiuns a se manterem em guarda contra o escolha em que viriam a arrebrandar-se; este escolha, eu lhes disse, é o orgulho.

JOANA D'ARC.

XIII

Quando vocês desejarem receber comunicações de bons Espíritos, é importante que se preparem para essa mercê através do recolhimento, das santas intenções e do desejo de praticar o bem tendo em vista o progresso geral; lembrem-se de que o egoísmo é uma causa do atraso de todo progresso. Lembrem-se de que, se Deus permite a alguns de vocês receber o sopro de certos filhos seus, os quais, por sua conduta, puderam merecer a felicidade de compreender sua bondade infinita, é que ele deseja, por solicitação nossa e tendo em vista as boas intenções de vocês, propiciar-lhes os meios de se adiantarem nessa via; assim, médiuns, tirem proveito dessa faculdade que Deus houve por bem conceder-lhes. Tenham fé na mansuetude de nosso mestre Jesus; coloquem a caridade sempre em prática; não deixem jamais de exercer esta sublime virtude,

assim como a tolerância. Que suas ações sempre estejam em harmonia com sua consciência; eis um meio certo de centuplicar sua ventura nesta vida passageira e de preparar para si uma existência mil vezes mais doce ainda.

Que o médium dentre vocês que não se sintam com forças de perseverar no ensino espírita se abstenha: não tirando proveito da luz que o ilumina, ele será menos desculpável que um outro, e deverá expiar sua cegueira.

PASCAL.

XIV

Eu lhes falarei hoje do desinteresse, que deve ser uma das qualidades essenciais dos médiuns, tanto quanto a modéstia e o devotamento. Deus lhes outorgou essa faculdade, a fim de que eles ajudem a propagar a verdade, mas não para torná-la um comércio; e eu não me refiro tão só aos que desejariam explorá-la como o fariam com um talento ordinário, que se dispõem como médiuns, como se se dispõem como dançarino ou cantor, mas a todos os que pretenderiam servir-se dela com quaisquer desígnios interesseiros. É racional crer em que os bons Espíritos, e ainda mais os Espíritos superiores, que condenam a cupidez, consentam em se oferecerem como espetáculo e, na qualidade de figurantes, se ponham à disposição de um agenciador de manifestações espíritas? É ainda menos racional supor que bons Espíritos possam favorecer os desígnios do orgulho e da ambição. Deus lhes permite comunicar-se com os homens para tirá-los do lodaçal terrestre, e não para que sirvam de instrumentos às paixões mundanas. Não se pode, portanto, ver com prazer os que desviam de seu verdadeiro alvo o dom que ele lhes outorgou, e eu lhes asseguro que serão punidos por isso, mesmo neste mundo, através das mais amargas decepções.

DELPHINE DE GIRARDIN.

XV

Todos os médiuns são incontestavelmente chamados a servir à causa do espiritismo, segundo a amplitude de sua faculdade, mas existem bem poucos que não se deixam apanhar no laço do amor-próprio; trata-se de uma pedra de toque que é raro não fazer efeito; por isso, de cem médiuns, se encontrará um, se tanto, por mais modesto que seja, que não se julgava, nos primeiros tempos de sua mediunidade, chamado a obter resultados superiores e predestinado a grandes missões. Os que sucumbem a essa vaidosa esperança, e o número deles é grande, se tornam a presa inevitável de Espíritos obsessores, que não tardam a subjugar-los, afagando seu orgulho e pegando-os através de sua fraqueza; mais eles desejaram elevar-se, mais sua queda é ridícula, quando não lhes é desastrosa. As grandes missões são confiadas apenas aos homens de eleição e Deus os coloca, ele mesmo, sem que eles o saibam, no meio e na posição em que suas contribuições poderão ser eficazes. Eu não me canso de recomendar aos médiuns inexperientes que desconfiem do que certos Espíritos poderão dizer-lhes, no tocante ao pretensão papel que eles são chamados a representar; pois, se tomarem isso a sério, colherão tão só decepção neste mundo e um castigo severo no outro. Que se compenetrem de que, na esfera modesta e obscura em que se encontram, eles podem realizar grandes serviços, ajudando na conversão dos incrédulos ou oferecendo consolações aos aflitos; caso devam sair daí, serão conduzidos por invisível mão, que preparará os caminhos, pondo-os em evidência, por assim dizer, malgrado eles mesmos. Que se lembrem desta máxima: “Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado.”

O ESPÍRITO DE VERDADE.

Sobre os grupos espíritas.

Nota. Das comunicações seguintes, algumas foram ditadas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ou visando a ela; outras, que nos foram transmitidas por diversos médiuns, contêm conselhos gerais sobre os grupos, suas formações e os obstáculos que podem enfrentar.

XVI

Por que não começam vocês suas sessões por uma invocação geral, uma espécie de prece que prepararia o recolhimento? Pois, fiquem sabendo, sem recolhimento, vocês terão apenas comunicações levianas; os bons Espíritos vão tão só aonde a gente os chama com fervor e sinceridade. Eis o que não se acha assaz compreendido; cumpre-lhes, pois, dar o exemplo; a vocês que, se o quiserem, poderão tornar-se uma das colunas do edifício novo. Nós vemos seus trabalhos com prazer e os ajudamos, mas com a condição de nos secundarem de seu lado, e que vocês se mostrem à altura da missão que foram chamados a cumprir. Formem, pois, um feixe, e vocês serão fortes, e os maus Espíritos não prevalecerão contra vocês. Deus ama os simples de inteligência, o que não quer dizer os ingênuos, mas os que abnegam de si mesmos e que vão a ele sem orgulho. Vocês podem transformar-se em um foco de luz para a humanidade; saibam, pois, distinguir a boa semente do joio; semeiem só a boa semente e guardem-se de espalhar o joio, pois o joio impedirá a boa semente de germinar e vocês seriam responsáveis por todo o mal que ele houver praticado; da mesma forma, vocês seriam responsáveis pelas más doutrinas que pudessem propagar. Lembrem-se de que, um dia, o mundo pode voltar a vista para vocês; façam, portanto, que nada possa embaciar o brilho das boas coisas que sairão de seu seio; eis porque nós lhes recomendamos que roguem a Deus que os assista.

SANTO AGOSTINHO.

Santo Agostinho, solicitado a se dispor a ditar uma fórmula de invocação geral, respondeu:

Vocês sabem que não existe fórmula absoluta: Deus é muito grande para atribuir mais importância às palavras que ao pensamento. Por isso, não acreditem que seja suficiente pronunciar umas palavras para afastar os maus Espíritos; guardem-se, sobretudo, de utilizar uma dessas fórmulas banais que se recitam por desengano de consciência; sua eficácia se acha na sinceridade do sentimento que a dita; ela se acha sobretudo na unanimidade da intenção, pois nenhum dos que não se associassem de coração poderia beneficiar-se dela nem beneficiar os outros. Redijam-na, pois, vocês mesmos, e submetam-na a mim, se desejarem; eu os ajudarei.

Nota. A fórmula seguinte de invocação geral foi redigida com o concurso do Espírito, que a completou em muitos pontos.

“Nós rogamos a Deus onipotente que nos envie bons Espíritos para nos assistir, e que afaste os que pudessem induzir-nos em erro; e nos conceda a luz necessária para distinguir a verdade da impostura.

“Afastem também os Espíritos malévolos que pudessem lançar a desunião entre nós, suscitando a inveja, o orgulho e o ciúme. Caso alguns tentem introduzir-se aqui, em nome de Deus, nós os adjuramos que se retirem.

“Bons Espíritos que presidem a nossos trabalhos, dignem-se vir instruir-nos, e tornar-nos dóceis a seus conselhos. Façam que todo sentimento pessoal desapareça em nós, perante o pensamento do bem geral.

“Nós rogamos particularmente a..., nosso protetor especial, que haja por bem propiciar-nos seu concurso nesta data.”

XVII

Meus amigos, deixem-me oferecer-lhes um conselho, pois vocês estão caminhando sobre um terreno novo e, se seguirem a rota que lhes indicamos, não se desgarrarão. Alguém lhes disse uma coisa bem verdadeira, a qual nós desejamos lembrar: que o espiritismo constitui tão só u’a moral e que não deve sair nada ou pouco dos limites da filosofia, se não deseja cair no domínio da curiosidade. Deixem de lado as questões a respeito das ciências: a missão dos Espíritos não é a de resolvê-las, poupando-lhes o esforço das pesquisas, mas a de empenhar-se em torná-los melhores, pois é assim que vocês avançarão realmente.

SÃO LUÍS.

XVIII

Escarneceram das mesas girantes, mas não se escarnecerá jamais da filosofia, da sabedoria e da caridade que brilham nas comunicações sérias. Aquele foi o vestíbulo da ciência; é ali que, ao entrar, se devem deixar os preconceitos, como se deixa o sobretudo. Eu não me cansaria de incitá-los a transformar seus grupos em um centro sério. *Que em outros lugares se façam demonstrações físicas, que em outros lugares se veja, que em outros lugares se ouça, que entre vocês se compreenda e que se ame.* Que pensam vocês representar aos olhos dos Espíritos superiores, quando fazem girar ou erguer-se u’a mesa? Escolares; passa o erudito seu tempo a repassar o á-bê-cê da ciência? Ao vê-los, porém, investigando as comunicações sérias, a gente os considera homens sérios, à procura da verdade.

SÃO LUÍS.

Tendo inquirido a São Luís se ele pretendia com isso reprovar as manifestações físicas, ele respondeu:

“Eu não poderia reprovar as manifestações, uma vez que, se elas acontecem, é com a permissão de Deus e com um fim útil; ao dizer que elas constituíram o vestíbulo da ciência, eu lhes assinalo seu verdadeiro lugar e, com isso, eu abono sua utilidade. Eu reprovoo apenas os que a transformam em um objeto de diversão e de curiosidade, sem extrair-lhes o ensinamento resultante; elas são para a filosofia do espiritismo o que a gramática é para a literatura, e quem houver chegado a determinado nível em uma ciência não perde mais seu tempo em repassar os elementos.”

XIX

Meus amigos e fiéis crentes, eu fico sempre feliz em poder dirigi-los na estrada do bem; é uma doce missão que Deus me propicia e da qual sou fiador, porque ser útil é sempre uma recompensa. Que o sentimento de caridade os reúna, tanto a caridade que dá quanto a que ama.

Mostrem-se pacientes contra as injúrias de seus detratores; sejam firmes no bem, e sobretudo humildes diante de Deus; somente a humildade eleva; é a única grandeza que Deus reconhece. Só então os bons Espíritos virão a vocês, caso contrário, o do mal se apossará de sua alma. Sejam abençoados em nome do Criador e vocês crescerão aos olhos dos homens, ao mesmo tempo que aos de Deus.

SÃO LUÍS.

XX

A união faz a força; sejam unidos para serem fortes. O espiritismo germinou, lançou raízes profundas; ele vai estender sobre a Terra seus ramos benfazejos. É preciso que vocês se tornem invulneráveis contra os dardos envenenados da calúnia e da negra falange dos Espíritos ignorantes, egoístas e hipócritas. Para chegar aí, que uma indulgência e uma benevolência recíprocas presidam suas relações; que seus defeitos passem despercebidos, que só suas qualidades sejam observadas; que o archote da santa amizade reúna, ilumine e aqueça seus corações, e vocês resistirão aos ataques impotentes do mal, como o rochedo inabalável, à vaga furiosa.

SÃO VICENTE DE PAULO.

XXI

Meus amigos, vocês desejam formar um grupo espírita e eu os aprovo, porque os Espíritos não podem ver com prazer os médiuns que permanecem isolados. Deus não lhes outorgou essa sublime faculdade somente para eles, mas para o bem geral. Ao comunicarem-se com outros, eles têm mil ocasiões de se esclarecer quanto ao mérito das comunicações que recebem, ao passo que, sozinhos, eles ficam bem mais sob o império dos Espíritos mentirosos encantados por não se acharem em absoluto sob controle. Eis aqui o que lhes digo, e, caso não estejam dominados pelo orgulho, vocês o compreenderão e tirarão proveito disto. Eis aqui agora o que eu digo para os outros.

Compreendem vocês bem o que deve ser um grupo espírita? Não; pois, em seu zelo, vocês creem que o que existe de melhor a fazer é reunir o maior número de pessoas, a fim de convencê-las. Desiludam-se; menos vocês forem, mais vocês obterão. É sobretudo através do ascendente moral que vocês exercerão, que vocês trarão para si os incrédulos, bem mais do que pelos fenômenos que obtivessem; caso vocês atraíam tão somente através dos fenômenos, a gente virá vê-los por curiosidade e vocês encontrarão curiosos que não acreditarão e rirão de vocês; caso se encontrem entre vocês apenas pessoas dignas de estima, talvez a gente não creia de pronto, mas os respeitará, e o respeito inspira sempre a confiança. Vocês estão convencidos de que o espiritismo deve trazer uma reforma moral; que seu grupo seja o primeiro a proporcionar o exemplo das virtudes cristãs, pois, nestes tempos de egoísmo, é nas sociedades espíritas que a verdadeira caridade deve encontrar um refúgio¹⁴. Tal deve ser, meus amigos, um grupo de verdadeiros espíritas. Uma outra vez, eu lhes oferecerei outros conselhos.

FÉNELON.

¹⁴ Nós conhecemos um senhor que foi aceito para um emprego de confiança, em uma importante casa, porque era espírita sincero, e porque acreditaram encontrar uma garantia de moralidade em suas crenças.

XXII

Vocês me perguntaram se a multiplicidade dos grupos em u'a mesma localidade não poderia engendrar rivalidades desagradáveis para a doutrina. A isto eu lhes responderei que os que se acham imbuídos dos verdadeiros princípios desta doutrina veem irmãos em todos os espíritos, e não rivais; os que vissem outros grupos com um olhar ciumento comprovariam que existe em si uma segunda intenção de interesse ou de amor-próprio, e que não são guiados pelo amor da verdade. Eu lhes asseguro que, se tais pessoas se achassem entre vocês, elas aí semeariam logo a perturbação e a desunião. O verdadeiro espiritismo tem por divisa *benevolência e caridade*; ela exclui qualquer outra rivalidade que a do bem que se pode praticar; todos os grupos que a inscreverem em sua bandeira poderão estender a mão como bons vizinhos, pois não deixam de ser amigos, conquanto não habitem a mesma casa. Os que pretenderem possuir os melhores Espíritos como guias deverão comprová-lo demonstrando os melhores sentimentos; que exista, assim, entre eles uma luta, mas uma luta de grandeza de alma, de abnegação, de bondade e de humildade; quem jogasse uma pedra no outro comprovaria, só por isso, que se acha requisitado por maus Espíritos. A natureza dos sentimentos que dois homens manifestam em relação um ao outro é a pedra de toque que dá a conhecer a natureza dos Espíritos que os assistem.

FÉNELON.

XXIII

O silêncio e o recolhimento são as condições essenciais para todas as comunicações sérias. Vocês não as obterão jamais daqueles que tenham sido atraídos para seus grupos apenas pela curiosidade; convidem, portanto, os curiosos para irem divertir-se em outro lugar, pois sua distração seria uma causa de perturbação.

Vocês não devem tolerar nenhuma conversação, quando os Espíritos estão sendo interrogados. Vocês recebem, às vezes, comunicações que demandam réplicas sérias de sua parte, e respostas não menos sérias da parte dos Espíritos evocados, que experimentam, fiquem sabendo, um descontentamento com os cochichos contínuos de certos assistentes; daí, nada de completo nem de verdadeiramente sério; o médium que escreve experimenta, ele também, distrações muito nocivas a seu ministério.

SÃO LUÍS.

XXIV

Eu lhes falarei da necessidade, em suas sessões, de observar a maior regularidade, quer dizer, de evitar toda confusão, toda divergência de ideias. A divergência favorece a substituição pelos maus Espíritos dos bons, e quase sempre são eles os primeiros que se apossam das questões propostas. Por outro lado, em um grupo composto de elementos diversos e desconhecidos uns dos outros, como evitar as ideias contraditórias, a distração ou, pior ainda: uma vaga e zombeteira indiferença? Este ambiente, eu desejaria encontrá-lo eficaz e correto. Talvez ele o esteja na concentração dos fluidos esparsos em torno dos médiuns. Só eles, e sobretudo os que são amados, retêm os bons Espíritos em uma assembleia; mas sua influência mal é suficiente para dissipar a perturbação dos Espíritos zombeteiros. O trabalho do exame das comunicações é excelente; não se poderia aprofundar mais as questões e, sobretudo, as respostas; errar é fácil mesmo para os Espíritos animados das melhores intenções; a lentidão da escrita, durante a qual o Espírito se

afasta do tema, que ele esgota tão logo o tenha concebido, a mobilidade e a indiferença por certas formas combinadas, todas estas razões e muitas outras tornam para vocês um dever conceder-lhes apenas uma confiança limitada e sempre subordinada ao exame, mesmo quando se trata das comunicações mais autênticas.

JORGE (*Espírito familiar*).

XXV

Com que objetivo, o mais das vezes, pedem vocês comunicações aos Espíritos? Para possuírem belas peças que vocês mostram a seus conhecidos como amostras de nosso talento; vocês as conservam preciosamente em seus álbuns, mas em seu coração não existe lugar para elas. Pensam vocês que nós ficamos mui lisonjeados por vir posar em suas assembleias como em um concurso, rivalizando em eloquência para que possam dizer que a sessão foi bem interessante? Que lhes sobra quando vocês acham uma comunicação admirável? Acreditam que nós viemos procurar seus aplausos? Desiludam-se; nós não gostamos de diverti-los mais de um jeito que do outro; de sua parte, trata-se ainda aí da curiosidade que dissimulam em vão; nosso objetivo é o de torná-los melhores. Por isso, quando nós vemos que nossas palavras não produzem frutos e que tudo se reduz, de seu lado, a uma estéril aprovação, vamos procurar almas mais dóceis; nós deixamos, então, vir em nosso lugar os Espíritos que nada mais pedem senão falar, e desses não há falta. Vocês se espantam por nós deixarmos tomar nosso nome; que lhes importa, uma vez que vocês não ganham nem mais nem menos com isso? Mas fiquem sabendo que nós não o permitiríamos em relação àqueles por quem nós nos interessamos, quer dizer, àqueles com quem não perdemos nosso tempo; estes são nossos preferidos, e os preservamos da mentira. Responsabilizem, pois, apenas a vocês mesmos, caso estejam sendo tão frequentemente enganados; para nós, o homem sério não é o que se abstém de rir, mas aquele cujo coração é tocado por nossas palavras, que nelas medita e tira proveito disso. (Ver n.º 268, questões 19 e 20.)

MASSILLON.

XXVI

O espiritismo deveria ser um escudo contra o sentimento de discórdia e dissensão; mas tal sentimento brandiu o tempo todo seu archote sobre os humanos, porque tem ciúme da felicidade que a paz e a união proporcionam. Espíritas! Ele pode penetrar em suas assembleias e, não duvidem disso, procurará semear aí o desamor, mas será impotente contra os que a verdadeira caridade anima. Mantenham-se, pois, em guarda, e velem sem cessar à porta de seu coração, como à de seus grupos, para aí não deixar penetrar o inimigo. Caso seus esforços sejam impotentes contra aquele de fora, dependerá sempre de vocês proibir-lhe o acesso à sua alma. Caso dissensões se instalarem entre vocês, elas só poderiam ser suscitadas por maus Espíritos; porque os que possuírem no mais alto grau o sentimento dos deveres que lhes impõe a urbanidade tanto quanto o verdadeiro espiritismo, se mostram os mais pacientes, os mais dignos e os mais decentes; os bons Espíritos podem, às vezes, permitir tais contendidas, para oferecer aos bons e aos maus sentimentos a ocasião de se revelarem, a fim de separar a boa semente do joio, e eles permanecerão sempre do lado em que existir mais humildade e verdadeira caridade.

SÃO VICENTE DE PAULO.

XXVII

Rejeitem impiedosamente todos os Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a divisão e o isolamento. Trata-se quase sempre de Espíritos vaidosos e medíocres, que tendem a se impor aos homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhes elogios exagerados, a fim de fasciná-los e mantê-los sob sua dominação. Trata-se geralmente de Espíritos ávidos de poder, que, déspotas públicos ou privados em vida, desejam ter ainda vítimas que tiranizar após sua morte. Em geral, desconfiem das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estrangeirice, ou que prescrevem cerimônias e atos bizarros: existe sempre, então, um motivo legítimo de suspeita.

Por outro lado, fiquem sabendo que, quando uma verdade deve ser revelada à humanidade, ela é, por assim dizer, instantaneamente comunicada, a todos os grupos sérios, que possuam médiuns sérios, e não a tais ou quais, com exclusão de todos os outros. Ninguém é médium perfeito, caso esteja obsidiado, e existe obsessão manifesta quando um médium não está apto senão a receber as comunicações de um Espírito específico, por mais alto que ele busque colocar-se a si mesmo. Em consequência, todo médium, todo grupo que se creiam privilegiados por comunicações que só eles são capazes de receber, e que, por outro lado, estejam sujeitos a práticas que raíam a superstição, se encontram indubitavelmente sob o perigo de uma obsessão das mais bem caracterizadas, sobretudo quando o Espírito dominador se jacta de um nome que todos nós, Espíritos e encarnados, devemos honrar e respeitar e não deixar ser exposto a toda hora.

É incontestável que, ao submeter ao cadinho da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, será fácil rejeitar o absurdo e o erro. Um médium pode achar-se fascinado, um grupo, iludido; mas o controle severo de outros grupos, o conhecimento adquirido e a alta autoridade moral dos responsáveis pelos grupos, e as comunicações dos médiuns mais importantes que recebem uma chancela de lógica e de autenticidade de nossos melhores Espíritos, rapidamente condenarão esses ditados mentirosos e astuciosos emanados de uma turba de Espíritos enganadores e maus.

ERASTO (*discípulo de São Paulo*).

Observação. Um dos caracteres distintivos desses Espíritos que desejam impor-se e fazer aceitar ideias bizarras e sistemáticas é pretender, ainda que sejam os únicos com sua opinião, ter razão contra todo o mundo. Sua tática é a de evitar a discussão, e, quando se veem combatidos vitoriosamente pelas armas irresistíveis da lógica, eles se recusam desdenhosamente a responder, e prescrevem a seus médiuns que se afastem dos centros onde suas ideias não são acolhidas. Esse isolamento é o que existe de mais fatal para os médiuns, porque sofrem, sem contrapeso, o jugo desses Espíritos obsessores, que os conduzem como cegos, e amiúde os levam para estradas perniciosas.

XXVIII

Não se encontram falsos profetas apenas entre os encarnados; eles se acham também, e em bem maior número, entre os Espíritos orgulhosos que, sob falsos semblantes de amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra emancipadora da humanidade, lançando inopinadamente seus sistemas absurdos, os quais fazem que seus médiuns aceitem; e, para mais bem fascinar os que eles desejam iludir, para dar mais peso às suas teorias, eles se adornam, sem escrúpulo, com nomes que os homens só pronunciam com respeito: os de santos com justiça venerados, de Jesus, de Maria, de Deus mesmo.

São estes que semeiam os fermentos do antagonismo entre os grupos, que os incitam a se isolarem uns dos outros, e a se verem com maus olhos. Somente isso já seria suficiente para desmascará-los, pois, ao agirem assim, eles mesmos oferecem o mais formal desmentido ao que pretendem ser. Cegos, pois, são os homens que se deixam pegar em uma armadilha tão grosseira.

Mas existem muitos outros meios de reconhecê-los. Espíritos da ordem a que eles dizem pertencer devem ser não só muito bons, mas, além disso, eminentemente lógicos e racionais. Muito bem! Passem seus sistemas pelo crivo da razão e do bom senso, e vocês verão o que restará daí. Convenham, portanto, comigo, que todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males da humanidade, ou como meios de se alcançar sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas, quando formula um sistema contestado pelas mais comuns noções da ciência, tão só pode ser um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, fiquem sabendo que, se a verdade nem sempre é avaliada pelos indivíduos, ela o é sempre pelo bom senso das massas, e esse também constitui um critério. Caso dois princípios se contradigam, vocês terão a medida de seu valor intrínseco ao acharem o que encontra mais eco e simpatia; Seria ilógico, de fato, admitir que uma doutrina que visse diminuir o número de seus partidários fosse mais verdadeira que a que visse os seus aumentarem. Deus, desejando que a verdade chegue a todos, não a confina em um círculo estreito e restrito: ele a faz surgir em diferentes pontos, a fim de que por toda a parte a luz esteja ao lado das trevas.

ERASTO.

Observação. A melhor garantia de que um princípio é a expressão da verdade é quando é ensinado e revelado por diferentes Espíritos, por médiuns estranhos uns aos outros, e em diferentes lugares, e quando, além do mais, é confirmado pela razão e sancionado pela adesão do maior número. Somente a verdade pode conferir raízes a uma doutrina; um sistema errôneo bem pode arregimentar alguns partidários, mas, como lhe falta a primeira condição de vitalidade, ele terá uma existência efêmera; eis porque não existe motivo para se inquietar: ele se destrói por seus próprios erros, e cairá inevitavelmente diante da arma poderosa da lógica.

Comunicações apócrifas.

São frequentes as comunicações de tal modo absurdas, conquanto assinadas pelos nomes mais respeitáveis, cuja falsidade o bom senso mais comum demonstra; mas existem as em que o erro é dissimulado sob boas coisas que iludem e impedem, às vezes, de perceber o erro à primeira vista, porém, elas não poderiam resistir a um exame sério. Nós citaremos apenas algumas, como amostra.

XXIX

A criação perpétua e incessante de mundos é para Deus como um gozo perpétuo, porque ele vê sem cessar seus raios se tornarem cada dia mais luminosos de felicidade. Não existe número para Deus, como também não existe tempo. Eis aqui porque centenas ou bilhões não significam mais nem menos para ele, um e outro. É um pai cuja felicidade é formada pela felicidade coletiva de seus filhos, e, a cada segundo da criação, ele vê uma nova felicidade vir fundir-se na felicidade geral. Não existe paralisação nem suspensão nesse movimento perpétuo, nessa grande bem-aventurança incessante que fecunda a terra e o céu. Do mundo, a gente não conhece senão uma

tênue fração, e vocês têm irmãos que vivem em latitudes aonde o homem ainda não chegou a penetrar. Que significam esses calores tórridos e esses frios mortais que neutralizam os esforços dos mais audaciosos? Creem vocês simplesmente que ali se ache o limite de seu mundo, quando não podem mais avançar com seus diminutos meios? Vocês poderiam, pois, medir exatamente seu planeta? Não creiam nisso. Existem em seu planeta mais lugares ignorados que lugares conhecidos. Mas como é inútil propagar mais ainda todas as suas instituições ruins, todas as suas leis ruins, ações e existências, existe um limite que os detém aqui e ali, e que os deterá até que vocês tenham como transportar as boas sementes que produziu seu livre-arbítrio. Oh! Não, vocês não conhecem este mundo que chamam de Terra. Vocês verão em sua existência um grande começo de comprovações desta comunicação. Eis que a hora vai soar em que ocorrerá uma outra descoberta que não a última que foi feita; eis que vai alargar o círculo de sua Terra conhecida, e, quando toda a imprensa cantar este hosana em todas as línguas, vocês, pobres crianças que amam a Deus e que procuram sua voz, vocês o terão sabido antes daqueles mesmos que darão seu nome à nova Terra.

VICENTE DE PAULO.

Observação. Do ponto de vista do estilo, esta comunicação não aguenta a crítica; as incorreções, os pleonasmos, os torneios viciosos saltam à vista de qualquer um que seja pouco letrado; mas isto não provaria nada contra o nome com que está assinada, considerando-se que tais imperfeições poderiam ligar-se à insuficiência do médium, como nós o demonstramos. O que corresponde ao Espírito é a ideia; ora, quando ele diz que existem em nosso planeta mais lugares ignorados que lugares conhecidos, que um novo continente vai ser descoberto, significa isso, para um Espírito que se diz superior, comprovar a mais profunda ignorância. Sem dúvida, a gente pode descobrir, além dos gelos, alguns pontos de terra desconhecidos, mas dizer que tais terras são povoadas e que Deus as escondeu dos homens a fim de que eles não levassem para lá suas instituições ruins, é possuir excessiva fé na confiança cega daqueles a quem ele expõem tais absurdos.

XXX

Meus filhos, nosso mundo material e o mundo espiritual, que tão poucos conhecem ainda, formam como que dois pratos da balança perpétua. Até agora nossas religiões, nossas leis, nossos costumes e nossas paixões fizeram de tal modo pender o prato do mal para elevar o do bem que vimos o mal reinar soberano na Terra. Faz séculos que é sempre a mesma queixa que se exala da boca do homem, e a conclusão fatal é a injustiça de Deus. Existem mesmo os que vão até a negação da existência de Deus. Vocês observam tudo aqui e nada lá; vocês observam o supérfluo que contraria a necessidade, o ouro que brilha perto do lodo; todos os contrastes mais chocantes que deveriam comprovar-lhes sua dupla natureza. Onde vem isso? De quem a culpa? Eis aqui o que é preciso buscar com tranquilidade e com imparcialidade; quando se deseja sinceramente achar um bom remédio, a gente o acha. Muito bem! Malgrado esta dominação do mal sobre o bem, por sua própria culpa, não observam vocês que o restante segue direito a linha traçada por Deus? Observam vocês as estações se desarranjarem, os calores e os frios se agredirem sem consideração, a luz do sol esquecer-se de iluminar a Terra, a terra esquecer em seu seio os grãos que o homem aí depositou? Observam vocês a cessação dos milhares de milagres perpétuos que se produzem aos nossos olhos, desde o nascimento do broto da erva até o nascimento da criança, o futuro homem? Mas tudo vai bem do lado de Deus e tudo vai mal do lado do homem. Qual o remédio para isto? É bem simples: aproximar-se de Deus, amar-se, unir-se, entender-se e seguir tranquilamente a rota cujos sulcos a gente observa com os olhos da fé e da consciência.

VICENTE DE PAULO.

Observação. Obteve-se esta comunicação no mesmo círculo; mas quanta diferença da precedente, não apenas quanto às ideias mas ainda quanto ao estilo! Tudo aqui é justo, profundo, sensato; com certeza, São Vicente de Paulo não a desaprovava; eis porque se pode, sem receio, atribuí-la a ele.

XXXI

Vamos, filhos: cerrem suas fileiras, isto é, que sua boa união se transforme em sua força! Vocês que trabalham na fundação do grande edifício, velem e trabalhem sempre para consolidar sua base, e, então, vocês poderão erguê-lo bem alto, bem alto! O progresso é imenso em todo o nosso globo; uma quantidade inumerável de prosélitos se alinha sob nossa bandeira; muitos cétricos e mesmo os mais incrédulos se aproximam, se aproximam também.

Vamos, filhos; marchem de coração elevado, pleno de fé; a rota que vocês percorrem é bela; não desanimem; sigam sempre a linha reta, sirvam de guias aos que vêm atrás de vocês; eles serão felizes, bem felizes!

Marchem, filhos; vocês não precisam da força das baionetas para sustentar sua causa; vocês precisam tão só da fé; a crença, a fraternidade e a união, eis aqui suas armas; com elas, vocês são fortes, mais poderosos que todos os grandes potentados do universo reunidos, malgrado suas forças armadas, suas frotas, seus canhões e sua metralha!

Vocês que combatem pela liberdade dos povos e pela regeneração da grande família humana, avancem, filhos, coragem e perseverança; Deus os ajudará. Boa noite e até logo.

NAPOLÉÃO.

Observação. Napoleão era, quando vivo, um homem austero e sério a mais não poder; todo o mundo conhece seu estilo breve e conciso; ele teria estranhamente degenerado caso, após sua morte, se tornasse verboso e burlesco. Esta comunicação talvez seja de algum militar que se chamava Napoleão.

XXXII

Não, a gente não pode mudar de religião quando não se tem uma que possa, de uma só vez, satisfazer o senso comum e a inteligência que se tem, e que possa, sobretudo, oferecer ao homem consolações presentes. Não, a gente não muda de religião, a gente cai da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade. Vá, vá, nosso pequeno exército! Vá e não tema as balas inimigas; as que devem matá-los não se acham feitas ainda, caso vocês estiverem sempre, do fundo do coração, na estrada de Deus, quer dizer, caso vocês desejarem sempre combater pacificamente e vitoriosamente pela riqueza e pela liberdade.

VICENTE DE PAULO.

Observação. Quem reconheceria São Vicente de Paulo nesta linguagem, nestes pensamentos descosidos e desprovidos de sentido? Que significam estas palavras: Não, a gente não muda de religião, a gente cai da inépcia e da dominação na sabedoria e na liberdade? Com suas balas que não se acham feitas ainda, nós muito suspeitamos que este Espírito seja o mesmo que assinou acima *Napoleão*.

XXXIII

Filhos de minha fé, cristãos de minha doutrina esquecida pelos interesses das ondas da filosofia dos materialistas, sigam-me no caminho da Judeia, sigam a paixão de minha vida,

contemplem meus inimigos agora, observem meus sofrimentos, meus tormentos e meu sangue derramado por minha fé.

Filhos, espiritualistas de minha nova doutrina, estejam prontos para suportar, para enfrentar as ondas da adversidade, os sarcasmos de seus inimigos. A fé marchará sem cessar, seguindo sua estrela, que os conduzirá ao caminho da bem-aventurança eterna, tal qual a estrela conduziu pela fé os magos do Oriente ao presépio. Quaisquer que sejam suas adversidades, quaisquer que sejam suas penas e as lágrimas que terão derramado nesta esfera de exílio, tomem coragem, fiquem persuadidos de que a alegria que os inundará no mundo dos Espíritos ficará bem acima dos tormentos de sua existência passageira. O vale de lágrimas é um vale que deve desaparecer para fazer frente à brilhante morada da alegria, da fraternidade e da união, aonde, por sua boa obediência à santa revelação, vocês chegarão. A vida, meus caros irmãos, desta esfera terrestre, totalmente preparatória, conseqüente durar apenas o tempo necessário para viver-se bem preparado para aquela vida que não poderá jamais findar. Amem-se, amem-se como eu os amei e como eu os amo ainda; irmãos, coragem, irmãos! Eu os abençoo; no céu eu espero por vocês.

JESUS.

Destas brilhantes e luminosas regiões onde o pensamento humano mal consegue atingir, o eco de suas palavras e das deles veio ferir meu coração.

Oh! De quanta alegria eu me sinto inundado observando-os, a vocês, os continuadores de minha doutrina. Não, nada se aproxima do testemunho de seus bons pensamentos! Vocês o observam, filhos: a ideia regeneradora lançada por mim outrora no mundo, perseguida, arrefecida um momento sob a pressão dos tiranos, vai, doravante, sem obstáculos, iluminar os caminhos para a humanidade, tão longo tempo mergulhada nas trevas.

Todo grande e desinteressado sacrifício, meus filhos, cedo ou tarde deu seus frutos. Meu martírio lhes provou isso; meu sangue derramado por minha doutrina salvará a humanidade e apagará as faltas dos grandes culpados!

Sede benditos, vocês que hoje têm lugar na família regenerada! Vão, coragem, filhos!

JESUS.

Observação. Não existe, sem dúvida, nada de mau nestas duas comunicações; mas o Cristo teve algum dia esta linguagem pretenciosa, enfática e pomposa? Comparem-se estas à que nós citamos mais acima, e que leva o mesmo nome, e se verá de que lado está o timbre da autenticidade.

Todas estas comunicações foram obtidas no mesmo círculo. Observa-se, no estilo, um toque familiar, torneios de frases idênticos, as mesmas expressões amiúde reproduzidas, como, por exemplo: *vão, vão, filhos* etc., donde se pode concluir que foi o mesmo Espírito quem ditou a todas sob nomes diferentes. Neste círculo, entretanto, muito consciencioso de resto, mas um pouco crédulo demais, não se realizavam nem evocações nem questões; esperava-se tudo das comunicações espontâneas, e a gente observa que certamente essa não é uma garantia de identidade. Com questões um pouco apuradas e cerradas de lógica, teriam facilmente colocado aquele Espírito em seu lugar, mas ele sabia não ter nada que temer, uma vez que nada lhe era perguntado, e que se aceitava, sem controle e de olhos fechados, tudo o que ele dizia. (Ver n.º 269.)

XXXIV

Quanto a natureza é bela! Quanto a Providência é prudente em sua providência! Mas sua cegueira e suas paixões humanas impedem de alcançar paciência na prudência e na bondade de Deus. Vocês se lamentam da menor nuvem, do menor atraso em suas previsões; fiquem sabendo,

então, impacientes duvidadores, que nada chega sem um motivo sempre previsto, sempre premeditado em proveito de todos. A razão disto que precede é para reduzir a nada, homens de crenças hipócritas, todas as suas previsões de um ano ruim para suas colheitas.

Deus inspira muitas vezes a inquietação pelo futuro aos homens para os incitar à previdência; e vejam quão grandes são os meios para dissolver seus temores de propósito semeados, e que, o mais das vezes, escondem pensamentos ávidos, antes de uma ideia de um prudente aprovisionamento inspirada por um sentimento de humanidade em proveito dos pequenos. Vejam os relacionamentos de nações para nações que daí ressaltarão; vejam quantas transações deverão realizar-se, quantos recursos virão concorrer para evitar seus receios, pois, vocês o sabem, tudo se encadeia; por isso, grandes e pequenos se darão à obra.

Então, não veem vocês agora, em todo este movimento, uma fonte de certo bem-estar para a classe mais laboriosa dos países, classe verdadeiramente interessante, que vocês, os grandes, vocês, os onipotentes desta Terra, consideram como pessoas à mercê para serem talhadas, criadas para suas satisfações?

E depois, o que ocorre após todo este vaivém de um polo a outro? É que, uma vez bem abastecidos, muitas vezes o tempo mudou; o sol, obedecendo ao pensamento de seu criador, amadureceu em alguns dias suas searas; Deus colocou a abundância onde sua cobiça meditava sobre a falta, e, malgrado seu, os pequenos poderão viver; e, sem que suspeitassem, vocês foram, à revelia, a causa de uma abundância.

Não obstante, ocorre — Deus o permite às vezes — que os maus têm sucesso em seus projetos cúpidos, mas, então, se trata de um ensinamento que Deus deseja fornecer a todos; trata-se da previdência humana que ele deseja estimular; trata-se da ordem infinita que reina na natureza; trata-se da coragem contra os acontecimentos que devem imitar, que devem suportar com resignação, os homens.

Quanto aos que, por cálculo, tiram proveito dos desastres, acreditem, serão punidos. Deus deseja que todos os seus seres vivam; o homem não deve brincar com a necessidade nem comerciar com o supérfluo. Justo em seus beneplácitos, grande em sua clemência, boníssimo quanto à nossa ingratidão, Deus, em seus desígnios, é impenetrável.

BOSSUET. ALFREDO DE MARGINAC.

Observação. Esta comunicação não contém com certeza nada de mau; ela apresenta até ideias filosóficas profundas e conselhos muito sábios, que poderiam enganar, quanto à identidade do autor, pessoas pouco versadas em literatura. Havendo o médium que a obteve submetido a mensagem à análise da Sociedade Espírita de Paris, foi unânime a declaração de que ela não podia ser de Bossuet. Consultado, São Luís respondeu: “Esta comunicação, em si mesma, é boa, mas não creiam que tenha sido Bossuet quem a ditou. Um Espírito a escreveu, talvez um pouco sob a inspiração dele, e colocou o nome do grande bispo embaixo para fazê-la aceitar mais facilmente, mas, pela linguagem, vocês devem reconhecer a substituição. Ela é do Espírito que colocou seu nome após o de Bossuet.” Aquele Espírito, interrogado sobre o que o havia motivado a agir, disse: “Eu tinha a ânsia de escrever algo a fim de ser lembrado pelos homens; percebendo que era fraco, desejei colocar aí o prestígio de um grande nome. — Mas não pensou você que se reconheceria que não era de Bossuet? — Quem sabe o que se passa? Vocês poderiam enganar-se. Outros menos esclarecidos a teriam aceitado.”

É, de fato, a facilidade com a qual certas pessoas aceitam o que vem do mundo invisível sob a cobertura de um grande nome que encoraja os Espíritos enganadores. É para desarmar as ciladas destes que é preciso aplicar toda a sua atenção, mas só se pode chegar lá com a ajuda da experiência adquirida através de um estudo sério. Por isso, repetimos sem cessar: Estudem antes de praticar, pois é o único meio de não adquirir a experiência à sua custa.

CAPÍTULO XXXII

VOCABULÁRIO ESPÍRITA

AGÊNERE (do grego: *a* [“`ãããav], privativo, e *geínomai* [gei,ínomai], gerar; que não foi gerado). Variedade de aparição tangível; estado de certos Espíritos que podem revestir temporariamente as formas de uma pessoa viva a ponto de dar uma ilusão completa.

BATEDOR. Qualidade de certos Espíritos. Os Espíritos batedores são os que revelam sua presença através de batidas e de barulhos de diversas naturezas.

ERRATICIDADE. Estado dos Espíritos errantes, quer dizer, desencarnados, durante os intervalos de suas existências corpóreas.

ESPÍRITA. Que tem relação com o espiritismo; partidário do espiritismo; o que crê nas manifestações dos Espíritos. *Um bom, um mau espírita; a doutrina espírita.*

ESPIRITISMO. Doutrina fundada na crença na existência dos Espíritos e em suas manifestações.

ESPIRITISTA. Esta palavra, empregada no princípio para designar os adeptos do espiritismo, não foi consagrada pelo uso; a palavra *espírita* prevaleceu.

ESPÍRITO. No sentido específico da doutrina espírita, *os Espíritos são os seres inteligentes da criação que povoam o universo fora do mundo material e que constituem o mundo invisível*. Não se trata em absoluto de uma criação particular, mas as almas dos que viveram na Terra ou em outras esferas, e que deixaram seu invólucro corpóreo.

ESPIRITUALISMO. Diz-se no sentido oposto ao de materialismo (Academia); crença na existência da alma espiritual e imaterial. *O espiritualismo é a base de todas as religiões.*

ESPIRITUALISTA. Que tem relação com o espiritualismo; partidário do espiritualismo. Qualquer um que creia que nem tudo em nós é matéria é *espiritualista*, o que não implica em absoluto a crença nas manifestações dos Espíritos. Todo *espírita* é necessariamente *espiritualista*; mas pode-se ser *espiritualista* sem ser *espírita*; o materialista não é nem um nem outro. Diz-se: a filosofia *espiritualista*. — Uma obra escrita com as ideias *espiritualistas*. — As manifestações *espíritas* são produzidas pela ação dos Espíritos sobre a matéria. — A moral *espírita* decorre do ensinamento fornecido pelos Espíritos. — Existem *espiritualistas* que ridicularizam as crenças *espíritas*.

Nestes exemplos, a substituição da palavra *espiritualista* pela palavra *espírita* produziria uma confusão evidente.

ESTEREÓTITO (do grego, *stereós* [stereóó,j], sólido). Qualidade das aparições tangíveis.

MEDIANÍMICO. Qualidade do poder dos médiuns. *Faculdade medianímica.*

MEDIANIMIDADE. Faculdade dos médiuns. Sinônimo de *mediunidade*. Estas duas palavras são amiúde empregadas indiferentemente; caso se deseje fazer uma distinção, poder-se-ia dizer que *mediunidade* apresenta um sentido mais geral, e *medianimidade*, um sentido mais restrito. Ele possui o dom de *mediunidade*. *A medianimidade mecânica.*

MÉDIUM (do latim, *medium*, meio, intermediário). Pessoa que pode servir de intermediária entre os Espíritos e os homens.

MEDIUNATO. Missão providencial dos médiuns. Esta palavra foi criada pelos Espíritos. (Ver no capítulo XXXI, a comunicação XII.)

MEDIUNIDADE. (Ver *Medianimidade*.)

PERISPÍRITO (do grego, *perí* [peri,í], em torno). Invólucro semimaterial do Espírito. Entre os encarnados, serve de vínculo ou de intermediário entre o Espírito e a matéria; entre os Espíritos errantes, constitui o corpo fluídico do Espírito.

PNEUMATOFONIA (do grego, *pneûma* [pneu/ma], ar, sopro, vento, espírito, e *phoné* [fwnh,é], som ou voz). Voz dos Espíritos: comunicação oral dos Espíritos, sem a ajuda da voz humana.

PNEUMATOGRAFIA (do grego, *pneûma* [pneu/ma], ar, sopro, vento, espírito, e *grápho* [gra,fw], eu escrevo). Escrita direta dos Espíritos, sem a ajuda da mão do médium.

PSICOFONIA. Comunicação dos Espíritos através da voz de um médium falante.

PSICOGRAFIA. Escrita dos Espíritos através da mão do médium.

PSICÓGRAFO (do grego, *psyké* [yuch,é], borboleta, alma, e *grápho* [gra,fw], eu escrevo). Aquele que realiza a psicografia; médium escrevente.

REENCARNAÇÃO. Retorno do Espírito à vida corpórea, pluralidade de existências.

SEMATOLOGIA (do grego, *sêma* [sh/ma], signo, e *lógos* [lo,goj], discurso). Linguagem dos sinais. Comunicação dos Espíritos através do movimentos de corpos inertes.

TIPTOLOGIA. Linguagem através de batidas; modo de comunicação dos Espíritos. *Tiptologia alfabética*.

TIPTÓLOGO (do grego, *týpto* [tu,ptw], eu bato). Variedade dos médiuns aptos para a tiptologia. *Médium tiptólogo*.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

PRIMEIRA PARTE NOÇÕES PRELIMINARES

CAPÍTULO I. — EXISTEM ESPÍRITOS?

CAPÍTULO II. — O MARAVILHOSO E O SOBRENATURAL

CAPÍTULO III. — MÉTODO

Maneira de proceder com os materialistas; materialistas por sistema e materialistas por falta de coisa melhor. — Incrédulos por ignorância, por má vontade, por interesse e má-fé, por pusilanimidade, por escrúpulos religiosos, por decepções. — Três classes de espíritas: espíritas experimentadores, espíritas imperfeitos, espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas. — Ordem nos estudos espíritas

CAPÍTULO IV. — SISTEMAS

Exame das diferentes maneiras de encarar o espiritismo. — Sistemas negativos: o charlatanismo, a loucura, a alucinação, o músculo estalador, as causas físicas, o reflexo. — Sistemas afirmativos; sistema da alma coletiva; sistema sonambúlico, pessimista, diabólico ou demoníaco, otimista, uniespírita ou monoespírita, multiespírita ou poliespírita; sistema da alma material

SEGUNDA PARTE DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

CAPÍTULO I. — AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA

CAPÍTULO II. — MANIFESTAÇÕES FÍSICAS. — MESAS GIRANTES

CAPÍTULO III. — MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES

CAPÍTULO IV. — TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Movimentos e elevações. — Ruídos. — Aumento e diminuição do peso dos corpos.

CAPÍTULO V. — MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS

Barulhos, balbúrdias e perturbações. — Objetos arremessados. — Fenômeno de transportes.

— Dissertação de um Espírito sobre os transportes

CAPÍTULO VI. — MANIFESTAÇÕES VISUAIS

Questões sobre as aparições. — Ensaio teórico sobre as aparições. — Espíritos glóbulos. — Teoria da alucinação.

CAPÍTULO VII. — BICORPORAIDADE E TRANSFIGURAÇÃO

Aparição dos Espíritos de viventes. — Homens duplos. — Santo Afonso de Ligório e Santo Antônio de Pádua. — Vespasiano. — Transfiguração. — Invisibilidade

CAPÍTULO VIII. — LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

Roupas dos Espíritos. — Formação espontânea de objetos tangíveis. — Modificação das propriedades da matéria. — Ação magnética curativa

CAPÍTULO IX. — DOS LUGARES ASSOMBRADOS

CAPÍTULO X. — NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES

Comunicações grosseiras, frívolas, sérias ou instrutivas

CAPÍTULO XI. — SEMATOLOGIA E TIPTOLOGIA

Linguagem dos sinais e das batidas. — Tiptologia alfabética

CAPÍTULO XII. — PNEUMATOLOGIA OU ESCRITA DIRETA. — PNEUMATOFONIA

CAPÍTULO XIII. — PSICOLOGIA

Psicografia indireta: cestas e pranchetas. — Psicografia direta ou manual

CAPÍTULO XIV. — DOS MÉDIUNS

- Médiuns de efeitos físicos. — Pessoas elétricas. — Médiuns sensitivos ou impressionáveis. — Médiuns audientes. — Médiuns falantes. — Médiuns videntes. — Médiuns sonâmbulos. — Médiuns curadores. — Médiuns pneumatógrafos
- CAPÍTULO XV. — MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS
Médiuns mecânicos; intuitivos; semimecânicos; inspirados ou involuntários; de pressentimentos
- CAPÍTULO XVI. — MÉDIUNS ESPECIAIS
Aptidões especiais dos médiuns. — Quadro sinóptico das diferentes variedades de médiuns
- CAPÍTULO XVII. — FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS
Desenvolvimento da mediunidade. — Mudança de escrita. — Perda e suspensão da mediunidade
- CAPÍTULO XVIII. — INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE
Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde. — Idem sobre o cérebro. — Idem sobre as crianças
- CAPÍTULO XIX. — PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS
Influência do Espírito pessoal do médium. — Sistema dos médiuns inertes. — Aptidão de certos médiuns para as coisas que eles não conhecem: as línguas, a música, o desenho. — Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns
- CAPÍTULO XX. — INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM
Questões diversas. — Dissertação de um Espírito sobre a influência moral
- CAPÍTULO XXI. — INFLUÊNCIA DO MEIO AMBIENTE
- CAPÍTULO XXII. — DA MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS
Dissertação de um Espírito sobre esta questão
- CAPÍTULO XXIII. — DA OBSESSÃO
Obsessão simples. — Fascinação. — Subjugação. — Causas da obsessão. — Meios de combatê-la
- CAPÍTULO XXIV. — IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS
Provas possíveis de identidade. — Distinção dos bons e dos maus Espíritos. — Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos
- CAPÍTULO XXV. — DAS EVOCAÇÕES
Considerações gerais. — Espíritos que se podem evocar. — Linguagem a empregar com os Espíritos. — Utilidade das evocações particulares. — Questões sobre as evocações. — Evocação de animais. — Evocação de pessoas vivas. — Telegrafia humana
- Capítulo XXVI. — QUESTÕES QUE SE PODEM DIRIGIR AOS ESPÍRITOS
Observações preliminares. — Questões simpáticas ou antipáticas aos Espíritos. — Questões sobre o futuro. — Sobre as existências passadas e futuras. — Sobre os interesses morais e materiais. — Sobre a sorte dos Espíritos. — Sobre a saúde. — Sobre as invenções e descobertas. — Sobre os tesouros escondidos. — Sobre os outros mundos
- CAPÍTULO XXVII. — DAS CONTRADIÇÕES E DAS MISTIFICAÇÕES
- CAPÍTULO XXVIII. — CHARLATANISMO E PRESTIDIGITAÇÃO
Médiuns interesseiros. — Fraudes espíritas
- CAPÍTULO XXIX. — GRUPOS E SOCIEDADES ESPÍRITAS
Dos grupos em geral. — Das sociedades propriamente ditas. — Temas de estudos. — Rivalidade entre as sociedades
- CAPÍTULO XXX. — REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS
- CAPÍTULO XXXI. — DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS
Sobre o espiritismo. — Sobre os médiuns. — Sobre os grupos espíritas. — Comunicações apócrifas
- CAPÍTULO XXXII. — VOCABULÁRIO ESPÍRITA